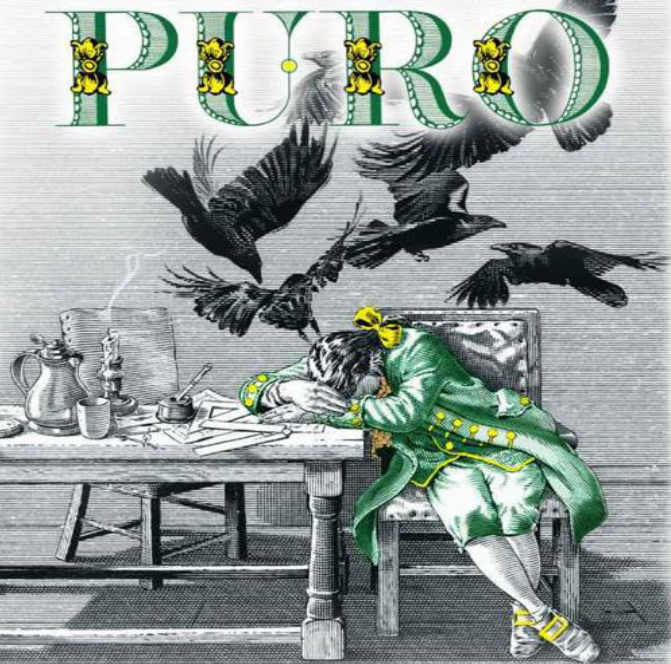


Eleito pelo *The Guardian* um dos 10 melhores romances históricos de todos os tempos.



VENCEDOR DO COSTA BOOK AWARD

BB
BERTRAND BRASIL

ANDREW MILLER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ANDREW MILLER



PURO

Tradução
Regina Lyra

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2013

Copyright © Andrew Miller, 2011.

Título original: *Pure*

Ilustração de capa: © Roy Knipe

Editoração: FA Studio

Texto revisado segundo o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2013

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Cip-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ

Miller, Andrew, 1960-
M592p

Puro [recurso eletrônico] / Andrew Miller ; tradução Regina Lyra. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2013.
recurso digital

Tradução de: *Pure*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-2861-738-2 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês 2. Livros eletrônicos. I. Lyra, Regina. II. Título.

CDD: 823

CDU: 813.111-3

12-2088

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 2º. andar — São Cristóvão

20921-380 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

À memória do meu pai, o dr. Keith Miller,
e dos meus amigos Patrick Warren
e George Lachlan Brown.

CAPÍTULO I

Virá o tempo em que o sol há de brilhar somente sobre os homens livres que não tenham senão a razão como senhor.

Marquês de Condorcet

Um rapaz jovem, porém não *muito* jovem, está sentado na antessala de algum lugar numa ala qualquer do Palácio de Versalhes. Ele aguarda. Aguarda já faz um bom tempo.

Não há lareira no aposento, embora estejamos na terceira semana de outubro e faça tanto frio quanto no mês de fevereiro. Suas pernas e costas parecem duras — por causa do frio e dos três dias de viagem no frio, primeiro com o Primo André, de Bellême a Nogent, depois no coche, superlotado de gente de pele crestada envolta em casacões de inverno, com cestas no colo, embrulhos sob os pés, alguns viajando com cães e um velho que esconde um frango debaixo do casaco. Trinta horas até Paris e a rue aux Ours, onde desceram pisando em cascalho e estrume, e andaram de um lado para outro na porta da agência dos coches como se não se sentissem seguros sobre as próprias pernas. E então, esta manhã, a partida da hospedaria que o alojara na rue... — rue o que mesmo? — bem cedinho, em um cavalo alugado que o trouxe a Versalhes e a este dia, que pode ser o mais importante da sua vida ou coisíssima alguma.

Ele não se encontra sozinho na sala. Um homem quarentão senta-se à sua frente numa poltrona estreita, o casacão abotoado até o queixo, as mãos cruzadas no colo, um anel grande de aparência muito antiga em um dos dedos. De vez em quando o homem suspira, mas, afora isso, permanece em completo silêncio.

Atrás do dorminhoco, tanto de um lado quanto do outro, há espelhos que vão do assoalho até os frisos do teto, cobertos de teias de aranha. O palácio é cheio de espelhos. Para seus moradores deve ser impossível não topar com a própria cara uma centena de vezes ao dia, cada corredor uma fonte de vaidade e incerteza. Os espelhos à sua frente, com a superfície embaçada pela poeira (algum dedo ocioso desenhou um pênis bulboso e, ao lado, uma flor que talvez seja uma rosa), projetam uma claridade esverdeada, como se o prédio todo estivesse submerso, afogado. E ali, como parte dos destroços, seu reflexo amarronzado, o rosto no vidro mofado não nítido o bastante para ser digno de nota ou peculiar. Uma forma oval pálida em um corpo sentado, um corpo metido num

traje marrom — traje este apresentado pelo pai —, o tecido cortado por Gontaut, que as pessoas gostam de chamar de melhor alfaiate de Bellême, mas que, na verdade, é seu único alfaiate, já que Bellême é o tipo de lugar onde um bom traje costuma ser legado como parte dos bens de alguém, juntamente com o ferro para a cama, o arado, a charrua e as selas. Está um pouco apertado na altura dos ombros, um pouco cheio demais nos quadris, um pouco pesado nos punhos, mas todo ele foi bem-confeccionado e, para o estilo, ficou perfeito.

Ele pressiona as coxas, pressiona os ossos dos joelhos e depois baixa o braço para limpar alguma coisa do cano da meia esquerda. Teve todo o cuidado para manter as meias tão limpas quanto possível, mas saiu quando ainda estava escuro, atravessou ruas desconhecidas, e, na ausência de lampiões acesos àquela hora, quem saberia dizer no que pisou? Remove a sujeira com a ponta do polegar. Lama? Tomara. Não cheira o polegar para verificar.

Um cão pequeno adentra o cômodo, as patas derrapando no chão. O animal olha para ele, brevemente, com olhos grandes e baços, antes de ir até o jarro, uma ânfora alta e dourada exposta ou abandonada num dos cantos espelhados do salão. Fareja e ergue a pata. Uma voz — idosa, feminina — arrulha para ele do corredor. Uma sombra passa atrás da porta aberta; o som da barra de seda roçando o assoalho é como o de um começo de chuva. O cão sai afobado atrás dela, enquanto sua urina escorre serpenteando desde o jarro até os calcanhares cruzados do homem adormecido. O mais jovem observa o líquido, o jeito como ele atravessa a superfície irregular do parquet, o jeito como até mesmo o xixi de um cachorro está sujeito às leis inalteráveis da física...

Ele ainda está observando o líquido (nesse dia que pode ser o mais importante da sua vida ou coisíssima alguma) quando a porta do gabinete do ministro se abre com um pequeno ruído que lembra o rompimento daqueles lacres afixados nas portas das casas infectadas. Uma figura — um criado ou secretário — angular, de olhar baço, lhe faz sinal erguendo de leve o queixo. Ele se levanta. O homem mais velho abriu os olhos. Os dois não se falaram, não sabem os nomes um do outro, simplesmente partilharam três horas gélidas de uma manhã de outubro. O homem mais velho sorri. É a expressão mais resignada, mais elegante do mundo; um sorriso que brota como a flor de uma vasta erudição inútil. O mais jovem assente, depois passa, rapidamente, pela porta entreaberta do gabinete por medo de que ela novamente se feche, deixando-o de fora, repentina e eternamente.

— Santo Agostinho — começa o ministro, segurando entre dois dedos um semidevorado *macaron* — nos informa que as homenagens devidas aos mortos se destinam, principalmente, a consolar os vivos. Somente a oração surte efeito. O lugar onde o morto jaz enterrado é irrelevante. — Voltando ao *macaron*, ele o mergulha em um copo de vinho branco e depois o chupa. Algumas migalhas caem sobre os papéis empilhados na enorme escrivaninha. O criado, de pé atrás da cadeira do patrão, olha para as migalhas com uma espécie de tristeza profissional, mas não faz qualquer tentativa de removê-las.

— Ele era africano — prossegue o ministro. — Santo Agostinho. Deve ter visto leões e elefantes. Você já viu um elefante?

— Não, meu senhor.

— Temos um aqui. Em algum lugar. Um grande animal melancólico que vive à base de vinho Burgundy. Foi presente do rei do Sião. Quando chegou, à época do avô de Sua Majestade, todos os cães do palácio passaram um mês escondidos. Depois, eles se habituaram ao bicho, começaram a latir para o elefante, a provocá-lo. Se não o pusessem em local seguro, talvez conseguissem matá-lo. Cinquenta cães poderiam realizar tal façanha. — O ministro olha para o jovem postado em frente à mesa e faz uma pausa, como se o elefante e os cães também fossem figuras numa parábola. — Onde é mesmo que eu estava? — pergunta.

— Santo Agostinho? — diz o jovem.

O ministro assente com a cabeça.

— Foi a Igreja da Idade Média que deu início à prática de sepultar os mortos no interior das igrejas, a fim, é claro, de que estes ficassem perto das relíquias dos santos. Quando uma igreja enchia, os mortos eram enterrados no terreno à volta. Honorius de Autun chama o cemitério de dormitório sagrado, o regaço da Igreja, o *ecclesiae gremium*. A que altura você acha que eles começaram a nos superar numericamente?

— Quem, meu senhor?

— Os mortos.

— Não sei dizer, meu senhor.

— Foi rápido, acho eu. Foi rápido.

O ministro termina de comer o *macaron*. O criado lhe entrega um pano. O ministro limpa os dedos, pouso os óculos de lentes redondas no nariz e lê a folha manuscrita que se encontra no topo da pilha à sua frente. O aposento está mais quente que a antessala, mas apenas um tantinho. Chamas bastante modestas crepitam na lareira e vez por outra deixam entrar uma pluma de fumaça na sala. Afora a escrivaninha, não há muito ali dentro. Um pequeno retrato do rei. Um segundo quadro que aparentemente reproduz os derradeiros momentos da caçada de um javali. Uma mesa com um decantador e alguns copos. Um urinol de porcelana pesada ao lado da lareira. Um guarda-chuva de seda encerrado sob a janela. Do outro lado dessa janela, nada, salvo o céu encapelado por nuvens cinzentas.

— Lestingois — entoa o ministro, lendo o que está escrito na folha. — Você é Jean-Marie Lestingois.

— Não, meu senhor.

— Não? — O ministro volta a olhar para a pilha, de onde tira uma segunda folha de papel. — Baratte, então. Jean-Baptiste Baratte?

— Sim, meu senhor.

— Família antiga?

— A família do meu pai vive na cidade, em Bellême, há várias gerações.

— Seu pai é um luveiro.

— Um mestre-luveiro, meu senhor. E temos umas terrinhas. Pouco mais de quatro hectares.

— Quatro? — O ministro se permite um sorriso. Resquícios de talco da peruca embranqueceram a seda dos ombros do seu traje. O rosto, pensa Jean-Baptiste, caso se estendesse um tantinho mais, formaria uma aresta, lembrando a lâmina de um machado. — O Conde S. diz que você é trabalhador, diligente, asseado. E a sua mãe é protestante.

— Apenas a minha mãe, meu senhor. Meu pai...

O ministro faz um gesto para que ele se cale.

— A forma como seus pais rezam é irrelevante. Você não está sendo entrevistado para o posto de capelão real. — O ministro volta a consultar o papel. — Educado pelos irmãos da Ordem Oratoriana em Nogent, depois do que, graças à generosidade do conde, conseguiu ser admitido na École Royale des Ponts et Chaussées.

— Na época devida, meu senhor, é fato. Tive a honra de ter aulas com Maître Perronet.

— Quem?

— O grande Perronet, meu senhor.

— Entende de geometria, de álgebra. Hidráulica. Diz aqui que você construiu uma ponte.

— Pequena, meu senhor, na propriedade do conde.

— Um adorno?

— De certa forma... Até certo ponto, sim, meu senhor.

— E tem alguma experiência em mineração.

— Passei quase dois anos nas minas, próximo a Valenciennes. O conde tem interesse nas minas.

— Ele tem muitos interesses, Baratte. Ninguém cobre a esposa de diamantes se não tiver interesses.

Talvez o ministro tenha feito uma piada, e alguma coisa divertida, desde que respeitosa, deva ser dita em resposta, mas Jean-Baptiste não está pensando na esposa do conde e em suas joias, nem na amante do conde e em suas joias, mas nos mineiros em Valenciennes. Naquele tipo especial de pobreza, irremediável, sob nuvens de fumaça, em quaisquer circunstâncias da natureza.

— Até você é um dos interesses dele, estou certo?

— Sim, meu senhor.

— Seu pai fazia luvas para o conde?

— Sim, meu senhor.

— Posso lhe encomendar alguns pares para mim.

— Meu pai morreu, meu senhor.

— Ah, sim?

— Alguns anos atrás.

— Morreu de quê?

— De uma doença penosa, meu senhor. Uma lenta e penosa doença.

— Então, sem dúvida, você deseja honrar sua memória.

— Desejo, meu senhor.

— Está pronto para servir ao reino?

— Estou.

— Tenho um trabalho para você, Baratte. Uma empreitada que, levada a cabo com a habilidade necessária, com a discrição necessária, há de assegurar que o progresso que

você vem alcançando não sofra revezes. Uma empreitada que lhe dará fama.

— Fico grato pela confiança de vossa excelência.

— Deixemos para falar de confiança mais tarde. Você conhece o cemitério Les Innocents?

— Um cemitério?

— Junto ao mercado de Les Halles.

— Já ouvi falar, meu senhor.

— Ele vem engolindo os mortos de Paris há mais tempo do que alguém é capaz de se lembrar. Desde os dias da antiguidade mesmo, quando a cidade mal se estendia além das ilhas. Devia ser tolerável, então. Um pedaço de terra com pouco ou nada à sua volta. Mas a cidade cresceu. Construiu-se uma igreja. Construíram-se muros em torno do solo sagrado. E em torno dos muros surgiram casas, lojas, tavernas. Todo tipo de vida. O cemitério ficou famoso, respeitado, um local de peregrinação. A Madre Igreja fez fortuna com as taxas de sepultamento: um tanto para ser admitido na igreja, um pouco menos para ficar nas galerias do lado de fora. As valas coletivas, naturalmente, eram gratuitas. Não se pode pedir a um homem que pague para ter seus restos mortais empilhados sobre os de outros como fatias de bacon. Me disseram que, durante um único surto da peste, cinquenta mil corpos foram enterrados em Les Innocents em menos de um mês. E assim prosseguiu, corpo após corpo, com as carroças mortuárias fazendo fila na rue Saint-Denis. Havia enterros até durante a noite, à luz de tochas. Corpo após corpo. Uma quantidade impossível de calcular. Legiões enormes apinhadas em um pedaço de terra do tamanho de uma plantação de batatas. Mesmo assim, aparentemente ninguém se sentiu incomodado. Não houve protestos nem manifestações de desagrado. Talvez tudo tenha até sido considerado normal. Então, talvez uma geração atrás, começamos a receber reclamações. Alguns vizinhos do cemitério começaram a achar tal proximidade desagradável. A comida estragava. Velas se apagavam como que por obra de dedos invisíveis. Os moradores, ao descer as escadas de manhã, tinham desmaios. E também houve transtornos morais, sobretudo entre os jovens. Rapazes e moças de existência imaculada até então... Criou-se uma comissão para investigar o assunto. Um número imenso de cavalheiros especialistas no tema escreveu um número imenso de palavras sobre isso. Fizeram-se recomendações, elaboraram-se projetos de cemitérios novos e higiênicos que, novamente, seriam construídos fora dos limites da cidade. Mas as recomendações foram ignoradas, os projetos, enrolados e engavetados. Os mortos continuaram a chegar às portas de Les Innocents. Sabe-se lá como, encontrava-se espaço

para eles. E assim teria prosseguido, Baratte. Não duvidemos disso. Teria prosseguido até a Última Trombeta, não fosse por uma primavera com chuvas atipicamente fortes, há cinco anos. Um muro subterrâneo que separava o cemitério do porão de uma casa numa das ruas adjacentes ruuiu. Derramou-se no porão o conteúdo de uma vala comum. Talvez você possa imaginar a inquietação de quem morava acima desse porão, dos seus vizinhos, dos vizinhos dos vizinhos, de todos que, ao se recolherem para dormir, precisavam se deitar pensando no cemitério a imprensar, como o mar voraz, as paredes de seus lares. O cemitério já não era capaz de conter seus mortos. Alguém enterrava lá o pai e podia, depois de um mês, não mais saber seu paradeiro. O próprio rei ficou nervoso. Deu ordem para que Les Innocents fosse fechado. A igreja e o cemitério. Fechados sem demora, seus portões lacrados. Assim é que, a despeito dos pedidos de Sua Graça, o Bispo, o cemitério está fechado desde então. Fechado, vazio, silencioso. Qual é a sua opinião?

— Sobre o quê, meu senhor?

— Um lugar desses pode, simplesmente, ser esquecido?

— É difícil dizer, meu senhor. Talvez não.

— Ele fede.

— Sim, meu senhor.

— Há dias em que acho que posso sentir daqui o fedor.

— Sim, meu senhor.

— Ele está envenenando a cidade. Com o passar do tempo, é capaz de envenenar não só os comerciantes locais, mas o próprio rei. O rei e seus ministros.

— Sim, meu senhor.

— Ele precisa ser removido.

— Removido?

— Destruído. O cemitério e a igreja. O lugar deve ser purificado. Use fogo, use enxofre. Use o que for preciso para livrar-se dele.

— E os... E os ocupantes, meu senhor?

— Que ocupantes?

— Os mortos.

— Livre-se deles. Até o último ossinho. A missão exigirá um homem que não tema um pouco de desconforto. Alguém que não se deixe intimidar pelos latidos dos padres. Nem seja dado a superstições.

— Superstições, meu senhor?

— Você bem pode imaginar que um lugar como Les Innocents tenha suas lendas, não? Afirma-se mesmo que existe uma criatura no ossuário. Algo gerado por um lobo naqueles dias, noites, digamos, em que os lobos ainda visitavam a cidade no inverno. Você teria medo de uma criatura dessas, Baratte?

— Só se eu acreditasse nela, meu senhor.

— Você é um cético, sem dúvida. Um discípulo de Voltaire. Entendo que ele agrade especialmente a jovens da sua classe.

— Eu sou... Ouvi falar, é claro...

— É claro. E ele é lido aqui também. Mais largamente do que você imaginaria. No que tange à argúcia, somos democratas rematados. E um homem que teve tanto dinheiro quanto Voltaire não podia ser de todo mau.

— Não, meu senhor.

— Então, não se assusta com sombras?

— Não, meu senhor.

— O trabalho será ao mesmo tempo delicado e pesado. Sua autoridade será respaldada por este ministério. Você terá dinheiro. Reportar-se-á a mim por meio do meu representante, Monsieur Lafosse.

O ministro olha por cima do ombro de Jean-Baptiste. Jean-Baptiste se vira. Em um tamborete atrás da porta senta-se um homem. Há tempo apenas para o rapaz reparar nos dedos brancos e longos e nas pernas e braços compridos vestidos de preto. Nos olhos também, é claro. Dois pregos negros martelados em um crânio.

— Você manterá Lafosse informado de tudo. Ele tem escritórios em Paris. Irá procurar você no seu lugar de trabalho.

— Sim, meu senhor.

— E você guardará para si a natureza do que faz, na medida do possível. A afeição das pessoas é imprevisível. É possível que exista quem goste até mesmo de um lugar como Les Innocents.

— Meu senhor, quando devo começar o trabalho?

O ministro, porém, ensurdeceu de repente. Perdeu o interesse em Jean-Baptiste. Revira os papéis e estende a mão para pegar os óculos, que o criado, dando a volta na mesa, aproxima de seus dedos estendidos.

Lafosse se levanta do tamborete. Das profundezas do paletó, tira um maço de papéis dobrados e lacrados, e, em seguida, uma bolsa. Entrega as duas coisas a Jean-Baptiste. Jean-Baptiste lhe faz uma reverência. Faz outra, mais elaborada, para o ministro, recua em

direção à porta, vira-se e sai. O homem que aguardava com ele se foi. Seria um engenheiro também? E, se o criado de olhar encardido o tivesse visto antes, caberia a ele agora a missão de destruir um cemitério?

Jean-Baptiste pega o guarda-pó de viagem que deixou dobrado sobre o assento da cadeira. No chão, a urina do cão, tendo exaurido seu ímpeto, escorre lentamente para dentro do assoalho.

Enquanto atravessa um ou dois corredores, uma ala, ele tem certeza de estar refazendo os próprios passos. Passa por janelas grandes o bastante para permitir a passagem de um cavalo, quem sabe mesmo de um elefante. Desce lanço após lanço de degraus curvos, passa por enormes tapeçarias alegóricas que estremecem sob correntes de ar outonal, e provavelmente esgota a capacidade visual de apreciar hordas de mulheres retratadas em cada detalhe, em bordados perfeitos, flores ao pé do Parnaso, flores do campo francês — papoulas, centáureas, esporas, camomila...

O palácio é um tabuleiro de jogo, mas Jean-Baptiste está ficando cansado de jogar. Alguns corredores são escuros como a noite; outros se encontram iluminados por castiçais contendo velas que pingam. Nesses, ele vê grupos de criados que se acotovela, mas quando pede informações é ignorado ou lhe apontam quatro caminhos diferentes. Um deles o chama:

— Siga o seu nariz!

Mas o nariz lhe diz apenas que os excrementos dos poderosos são praticamente iguais aos excrementos dos miseráveis.

E por todo lado, em todos os corredores, há portas. Será que deveria passar por alguma delas? É assim que se escapa do Palácio de Versalhes? Mas as portas de lugares como esse são tão sujeitas às leis da etiqueta quanto o restante. Em algumas, deve-se bater; noutras, o certo é arranhar a madeira com a unha, explicou-lhe o Primo André, o advogado, que, embora seja três anos mais jovem, já domina um mundanismo matreiro, um invejável conhecimento dessas coisas.

Jean-Baptiste se detém diante de uma porta que lhe parece, por algum motivo, mais promissora que as vizinhas. E não é que sente uma corrente de ar frio sob os pés? Procura marcas de arranhões na madeira. Não encontra e bate com delicadeza. Ninguém responde. Gira a maçaneta e entra. Há dois homens sentados a uma mesa pequena e redonda, jogando cartas. Ambos têm olhos grandes e azuis, e usam casacos prateados.

Informam-lhe que são poloneses e que estão no palácio há meses, mal se lembrando de quando ali chegaram.

— Você conhece Madame de M.? — indaga um deles.

— Lamento, mas não conheço.

Os dois suspiram; cada um desvira uma carta. No fundo da sala, uma dupla de gatos afia as garras no estofado de seda de um divã. Jean-Baptiste cumprimenta os homens com uma ligeira reverência e se prepara para sair. Não gostaria de ficar e jogar um pouco? Piquê é um passatempo tão bom quanto qualquer outro. Ele explica que está tentando achar a saída.

Saída? Os dois o encaram e riem.

Novamente no corredor, ele faz uma pausa para observar uma mulher de cabelo roxo amarrado num coque alto sair, carregada, de um aposento. Ela vira a cabeça; os olhos negros o examinam. Ela não é o tipo de pessoa a quem pedir informações. Jean-Baptiste desce até o piso inferior por uma escada de pedra bem estreita. Ali, os soldados descansam em bancos, enquanto garotos de uniforme azul cochilam curvados sobre mesas, debaixo de mesas, em assentos sob janelas, em qualquer lugar onde haja espaço. Correndo em sua direção, Jean-Baptiste vê uma dezena de mocinhas se aproximar encoberta por trouxas de roupa suja. Para evitar ser atropelado, ele entra (sem bater nem arranhar) pela porta mais próxima e se descobre num espaço, um salão grande e espreado, onde arvorezinhas, talvez uma centena delas, o aguardam em enormes vasos de terracota. Embora seja um nortista, um nortista genuíno, ele sabe, por causa do tempo passado a serviço do Conde S., que se trata de limoeiros, limoeiros que foram revestidos de palha e aniação a fim de enfrentar o inverno que se aproxima. O ar é perfumado, suavemente botânico, e a luz penetra, enviesada, por um correr de janelas em arco. Jean-Baptiste força uma delas a se abrir e, subindo num barril de água, salta para o mundo exterior.

Atrás dele, no palácio, inúmeros relógios cantam a hora. Ele tira do bolso o próprio relógio, que lhe foi, assim como o traje, presenteado, nesse caso por Maître Perronet, por ocasião da sua formatura. Na tampa, uma pintura do olho maçônico que tudo vê, embora Jean-Baptiste não seja maçom nem saiba se Maître Perronet o é. Conforme os ponteiros encostam no número dois, o relógio vibra delicadamente na palma da sua mão. Fechando-o, ele o devolve ao bolso.

À frente, um caminho de cascalho pálido se estende entre muros de cerca viva aparada, alta demais para que se possa enxergar o outro lado. Ele segue esse caminho; não há nada

para guiá-lo. Passa por uma fonte com a bacia seca e já repleta de folhas de outono. Está com frio e, repentinamente, cansado. Abriga-se mais no guarda-pó de viagem. O caminho se bifurca. E agora, para que lado? No entroncamento, há um pequeno caramanchão com um banco semicircular e, acima do banco, um cupido de pedra salpicado de líquen, mirando com sua seta quem quer que se sente abaixo dele. Jean-Baptiste se senta. Tira o lacre do papel que lhe deu Lafosse. Ali está o endereço de uma casa onde deverá se hospedar. Abre a bolsa, despeja algumas das moedas pesadas na mão. *Cem livres?* Talvez um pouco mais. Fica grato por isso — aliviado —, pois há meses vem vivendo da sua magra poupança; deve dinheiro à mãe, ao Primo André. Ao mesmo tempo, percebe que a quantia não pretende adulá-lo. Dá a impressão de ter sido estritamente calculada. A remuneração corrente pelo que quer que ele seja agora, um empreiteiro, um mercenário a serviço do estado, um demolidor de cemitérios...

Um *cemitério*! Ele ainda não absorveu totalmente a notícia. Um cemitério no centro de Paris! Um famoso asilo de ossos! Deus sabe que, o que quer que esperasse dessa viagem, qualquer que fosse o projeto que imaginou que lhe pudessem oferecer — quem sabe algum trabalho no próprio palácio —, ele jamais sequer sonhou com isso. Poderia ter recusado? A possibilidade não lhe ocorreu, provavelmente jamais existiu. Quanto a saber se desencavar ossos é uma tarefa compatível com seu status, sua *dignidade* na condição de diplomado pela École Royale des Ponts et Chaussées, terá de descobrir alguma forma de pensar no assunto de forma mais... abstrata. Afinal, ele é um jovem cheio de ideias, de ideais. Não há de ser impossível pensar no seu trabalho como algo digno, sério. Algo para o bem maior. Algo que os autores da Encyclopedie aprovariam.

Diante do banco, uma dezena de pardais se juntou, as penas arrepiadas pelo frio. Ele observa os pássaros, que saltitam sobre as pedras. Num dos bolsos do casaco — um bolso fundo o bastante para enfiar todos os pardais —, ele guardou um pouco do pão que sobrou do café da manhã tomado no escuro, na garupa de um cavalo. Dá uma mordida, mastiga, depois puxa um dos cantos do pão e o esfaca entre o polegar e o indicador. Enquanto comem, os passarinhos parecem dançar entre seus pés.

Na rue de la Lingerie, na cadeira à direita da janela na sala de estar do primeiro andar, Emilie Monnard — que todos chamam de Ziguette — morde delicadamente o lábio inferior e observa a noite cair sobre a rue Saint-Denis, a rue aux Fers e o mercado Les Halles. O mercado, é claro, há muito encerrou o expediente, tendo seu lixo aproveitável sido levado pelos que moram lá. O que resta, aquele amontoado de palha suja, entranhas de peixes, penas manchadas de sangue e folhagens arrancadas de flores trazidas do sul, será carregado pelo vento noite adentro ou espalhado por vassouras e água na aurora do dia seguinte. A vida toda ela observou tudo isso e jamais se cansou dessa visão: o mercado e — mais diretamente à vista — a velha igreja de Les Innocents com seu cemitério, embora no cemitério nada aconteça há anos, salvo as idas e vindas do coveiro e da neta atravessando um dos portões ou, mais raramente, o velho padre com seus óculos azuis, que parece, simplesmente, ter sido esquecido por todos. Que falta ela sente de tudo aquilo! Das lentas procissões serpenteando desde as portas da igreja, os enlutados apoiando a cabeça nos ombros uns dos outros, o dobrar do sino, os caixões balançando entre seus carregadores, o murmúrio das preces rituais e, finalmente — o clímax de todo o processo —, o momento em que o morto — homem, mulher ou criança — era baixado à terra como se no intuito de alimentá-la. E quando os outros partiam e o lugar voltava à quietude habitual, *ela* continuava ali, o rosto colado à janela, vigiando como uma irmã de caridade ou um anjo.

Ela suspira, olha novamente para a rua, para a rue aux Fers, e vê Madame Desproux, a mulher do padeiro, passar diante da fonte italiana e fazer uma pausa para falar com a viúva Aries. E ali, de pé junto à cruz do mercado, está Merda, o bêbado. E acolá, Boubon, o cesteiro, que mora sozinho atrás da sua loja na rue Saint-Denis... E, *mais adiante*, subindo a rue de la Fromagerie, vem aquela mulher em sua capa vermelha. Terá Merda gritado alguma coisa para ela? Provavelmente lhe causa alívio insultar uma criatura inferior a ele, mas a mulher não se detém nem se vira. Está habituada demais aos tipos

como Merda. Como é alta! E como anda ereta! Agora, alguém — um homem — fala com ela, embora se mantenha a distância. Quem é? Decerto não Armand (ou seria mais acertado dizer que é muito provável que seja Armand?). Mas logo eles se separam, e Emilie perde ambos de vista. Quando a noite cair, alguns daqueles homens que à luz do dia a provocam ou insultam irão atrás dela, fecharão um acordo, um *rendez-vous* num quarto em algum lugar. É assim que funciona? E uma vez no quarto... Ah, ela já imaginou a cena, pintou-a com riqueza de detalhes, enrubescceu intensamente ante tais pensamentos, pecados da mente que deveria confessar a Père Poupart em Saint-Eustache e que talvez confessasse, caso Père Poupart não parecesse tanto com um porco escaldado. Por que não existem padres bonitos em Paris? Ninguém se sente propenso a confessar coisa alguma a um homem feio.

— Alguém interessante na rua, meu bem? — pergunta a mãe, entrando na sala, por trás dela, com uma vela na mão rechonchuda.

— Na verdade, não.

— Não?

Madame Monnard fica de pé atrás da filha, acaricia seu cabelo, enroscando automaticamente um dedo naquela maciez tão querida. Na rue aux Fers, um acendedor de lampiões está encostando uma escada no poste em frente à igreja. Em silêncio, as duas o observam em sua escalada precisa e o veem alcançar o globo de vidro com uma vara, fazendo a chama brotar, descer rapidamente depois. Quando Madame e Monsieur Monnard se mudaram para a casa, não havia lampião algum na rue aux Fers e os da rue Saint-Denis eram muito poucos. Paris era mais escura então, embora todos estivessem acostumados a isso.

— Estou com medo — diz Madame — de que o nosso novo hóspede tenha se perdido. Como é do interior, duvido muito que ele consiga encontrar o caminho no meio de tantas ruas.

— Ele pode pedir informações — sugere Zigutte. — Suponho que saiba falar francês.

— Claro que ele sabe falar francês — afirma Madame, com um quê de incerteza.

— Acho — prossegue Zigutte — que ele deve ser muito pequeno e muito peludo.

A mãe ri, cobrindo, com a mão, a boca e os dentinhos encardidos.

— Que ideias bobas você tem — diz ela.

— E ele come — continua Zigutte, que desde a mais tenra infância é dada a devaneios desse tipo, às vezes divertidos, noutras alarmantes — apenas maçãs e pés de porco. E limpa os dedos na barba. Gosto disso.

Está fazendo uma imitação, arranhando o ar com os dedos sob o queixo rosado e bem-feito, quando o ruído de tamancos de madeira no assoalho precede a entrada da criada.

— Você não viu ninguém, viu, Marie? — pergunta Madame.

— Não — responde Marie, parada à sombra junto à porta, o corpo jovem e forte alerta como o de quem espera alguma acusação.

— Seu pai me garantiu que chegaria cedo em casa — diz Madame à filha. — Seria extremamente desagradável se tivéssemos de recebê-lo sozinhas. Marie, Monsieur Monnard não mandou nenhum recado, mandou?

A moça balança a cabeça. Trabalha ali como criada há dezoito meses. O pai foi curtidor no *faubourg* Saint-Antoine e morreu de tifo quando ela era jovem demais para guardar uma lembrança dele. Como todos na casa, Marie padece de sonhos.

O crepúsculo cede lugar às primeiras horas da noite. Madame Monnard acende mais velas. Atiça o fogo na lareira, com cuidado. Queima-se lenha ali, e lenha é artigo caro. Uma tora pequena, nem mais comprida nem mais grossa que o braço de um homem, custa doze *sous*, e são necessárias vinte delas para manter o fogo aceso o dia todo. Ela se senta, pega o exemplar do *Journal des Dames Modernes*, que tanto entreteve a ela e a Ziguette na véspera, e torna a contemplar a ilustração dos selvagens, nobres selvagens — grandes senhores em seus próprios reinos selvagens —, cujos rostos eram fantasticamente ornamentados, do queixo aos olhos, com tatuagens azuis, arabescos e espirais lembrando croquis de jardins elaborados. E se o hóspede chegar com uma cara assim? Que impacto! Melhor ainda que o piano-forte (e que triunfo aquele, o instrumento erguido por uma grua, como uma vaca resgatada de um pântano, e depois forçado a entrar pela janela, com metade da vizinhança assistindo). Pena não ser possível mantê-lo afinado. O que costumava levar quase às lágrimas o professor particular de Ziguette, embora seja preciso admitir que o Signor Bancolari era o tipo de cavalheiro que jamais passava muito tempo sem chorar.

No piso inferior, a porta da rua bate. Uma corrente de ar, encontrando seu caminho escada acima, faz estremecerem as chamas das velas na sala de estar. Logo em seguida Monsieur Monnard aparece. Ainda enverga o avental de couro que veste na loja, o couro escurecido pelo uso e pela idade, embora o motivo que o obriga a usar um avental — tendo em vista que dispõe de não menos que três aprendizes perfeitamente competentes para polir e afiar tudo que deve ser polido e afiado — esteja além, muito além, da

compreensão de Madame Monnard. O marido, porém, é o patrão na própria casa.

Os dois se cumprimentam. Ele cumprimenta a filha, que agora está sentada na banqueta do piano dedilhando notas que podem ou não fazer parte de alguma melodia que conheça. Monsieur Monnard tira a peruca e coça com força o couro cabeludo.

— Nenhum sinal do nosso hóspede ainda? — indaga.

— Ziguette — diz Madame Monnard — anda dizendo as coisas mais ridículas a respeito dele. Acha que por ser da Normandia ele não fala francês.

— Na Bretanha — atalha Monsieur Monnard — fala-se um idioma quase impenetrável. É como se o aprendessem com as gaivotas.

— Afinal, por que ele veio para cá? — pergunta Ziguette. — Não estava satisfeito em casa?

— Presumo — responde o pai — que pretenda fazer fortuna. Não é por isso que todos vêm a Paris?

Marie pergunta se pode trazer a sopa. Monsieur quer saber que sopa irão tomar hoje.

— De ossos — replica Marie.

— Ela quis dizer que foi feita com a vitela de terça-feira — explica Madame Monnard. — À qual juntamos uma série de ingredientes saborosos.

— Como pés de porco — emenda Ziguette, arrancando da mãe uma gargalhada de prazer.

Ele chega no intervalo entre a sopa e um ensopadinho, também feito com as sobras da vitela de terça-feira. Não pretendia chegar tão tarde, nem na escuridão. Sua bagagem, um baú grande, canelado (um dos gomos foi lascado ao ser desembarcado do bagageiro do coche), é levado para dentro por ele e um garoto enorme e mudo, parente das pessoas com quem se hospedou na noite anterior próximo à agência dos coches.

— Estávamos com medo de que tivesse se perdido! — exclama Monsieur Monnard, todo afável, do alto do primeiro lanço de escadas. — Perdido por completo.

— Estive em Versalhes, meu senhor, e depois o cavalo era manco...

— Versalhes! — ecoa Monsieur Monnard, observando enquanto o jovem sobe a escada e depois o convidando a entrar no leve aquecimento da sala de cima. — Monsieur Babette esteve em Versalhes hoje.

— Baratte, meu senhor.

— Hã?

— Baratte. Meu nome, senhor. Baratte.

Sentam-no em frente a Ziguette. Discute-se brevemente se o ensopado deve voltar à cozinha enquanto o recém-chegado toma sua sopa. Será que a sopa está quente o bastante? Monsieur Baratte *quer* sopa?

— E como estava Versalhes hoje? — indaga Monsieur Monnard, como se fosse um frequentador do palácio.

Jean-Baptiste toma uma colherada da sopa tépida e descobre em si uma fome voraz. Se estivesse sozinho, era capaz de tomá-la diretamente do prato e imediatamente encontrar um lugar para adormecer. Mas precisa fazer um esforço para angariar simpatia. Essa gente há de constituir seu círculo social mais íntimo, ao menos durante algum tempo. Não deseja que eles o achem tedioso nem grosseiro, um provinciano mal-educado. Não deseja ser tomado por nada daquilo que em seus momentos de fraqueza acredita ser. Ergue os olhos do prato de sopa. Que boca grande e vermelha tem essa garota! Deve ser a gordura

da sopa que faz com que seus lábios brilhem tanto.

— Versalhes — diz ele, virando-se para o pai dela — é o lugar mais estranho que já vi.

— Uma ótima resposta — aprova Madame Monnard com um gesto decisivo de cabeça. Pede a Marie que sirva um pouco de vinho ao convidado. — E dê mais uma atiçada no fogo, Marie. Nunca vi tanto frio em outubro.

Jean-Baptiste descobre que os Monnard gostam de conversar — uma conversa que soa bem diferente dos ritmos mais deliberados com os quais foi criado em Bellême. Eles também gostam de comer — sopa, ensopado, peixe frito, salada de beterraba, queijo, um bolinho. Tudo, pelo que vê, adequadamente preparado, embora maculado por um paladar estranho, um sabor cuja presença na comida não lhe parece adequada.

Depois do jantar, todos se sentam junto ao fogo. Nas estações frias, o aposento serve como sala de estar e de jantar, o que funciona muito bem, embora a presença do piano-forte implique fazer um pequeno desvio ao cruzar o cômodo. Monsieur Monnard alivia um pouco a tensão do rosto com uma série de caretas. As mulheres Monnard fingem costurar. Ouvem-se arranhões na porta. Um gato é admitido na sala, gato este quase tão grande quanto o cachorro que Jean-Baptiste viu urinar no chão na antessala do gabinete do ministro, um vira-lata negro com um pedaço em forma de meia-lua faltando numa das orelhas. Chama-se Ragoût. Ninguém é capaz de se lembrar quem o batizou nem de entrar num acordo a esse respeito. O bichano se dirige diretamente a Jean-Baptiste e cheira as solas de seus sapatos.

— O que você andou aprontando, seu danadinho? — diz Madame Monnard, pegando o animal do chão com certo esforço e pondo-o no colo. — Não coloco a mão no fogo pelos seus princípios morais — diz ela, rindo satisfeita, para depois acrescentar: — Ragoût e Zigulette são inseparáveis.

Jean-Baptiste lança um olhar para a moça. Parece-lhe que ela olha para o animal com certo desagrado.

— Os rapazinhos que gostam de queijo — comenta Monsieur Monnard — não duram muito nesta casa.

— O que Ragoût não pega — emenda Madame Monnard — meu marido encurrala com suas maquininhas.

— Máquinas? — pergunta Jean-Baptiste, em quem a palavra sempre causou frisson.

— Eu as fabrico e as vendo na loja — começa Monsieur Monnard. — Uma gaiola, uma mola, uma portinhola... — Faz, então, um movimento com a mão. — A criatura é

capturada. Depois, basta jogar a armadilha num balde d'água.

— Marie lhes corta a garganta — diz Ziguette.

— Garanto que ela não faz uma coisa dessas — intervém a mãe. Para o convidado, ela diz: — Meu marido tem uma loja na rue des Trois Mores.

— O senhor vende armadilhas? — indaga Jean-Baptiste.

— Lâminas, monsieur, das simples às rebuscadas. Damos acabamento, afiamos e polimos. Somos famosos pela qualidade. Père Poupart da igreja Saint-Eustache corta sua carne com uma das minhas facas.

— Quando esfria — diz Ziguette —, os ratos entram. Na casa.

— Acontecia o mesmo na minha — observa Jean-Baptiste — nas noites mais frias.

— Na Normandia? — pergunta Madame Monnard, como se a espantasse ouvir que os ratos haviam descoberto lugar tão remoto.

— O senhor deve sentir saudades — diz Ziguette.

— De casa? — Por um instante, em seu cansaço, ele vê corvos, tal qual trapos negros, alcançando voo de um campo ao entardecer; vê a torre solitária de uma igreja provinciana. — Acho que me satisfaz estar onde o meu trabalho me leva.

— Muito viril — aprova Madame Monnard, cutucando o pelo do gato.

— E qual é o seu trabalho aqui? — pergunta Ziguette. Ela parece tão bonita ao fazer a pergunta, tão meiga em seu vestido creme, que ele sente a tentação de lhe contar precisamente o que veio fazer aqui. Pergunta-se o que Lafosse lhes terá dito, que história lhes contou, se é que lhes contou alguma.

— Estou aqui — diz ele, ciente de que os três de repente o escutam com a maior atenção — para fazer um levantamento de Les Innocents.

— Les Innocents? — repete Madame Monnard, depois de uma pausa durante a qual nada se ouviu salvo o ronronar do gato e o crepitar do fogo.

— Sou engenheiro — responde Jean-Baptiste. — Não lhes disseram?

— Quem nos diria? — pergunta Monsieur Monnard.

— A mesma fonte que providenciou a minha hospedagem aqui.

— Não fomos informados de coisa alguma, exceto que um cavalheiro da Normandia precisava de um quarto.

— Com refeições — acrescenta a esposa.

— Isso mesmo — confirma Monsieur Monnard. — Uma refeição pela manhã e outra à noite.

Ziguette diz:

— Uma vez um músico se hospedou conosco.

— Sim, um cavalheiro bastante peculiar — emenda Monsieur Monnard.

— Ruivo — diz Madame.

Ziguette abre a boca, como se prestes a acrescentar algo, mas, passado um átimo de segundo, uma semínima de hesitação, torna a fechá-la.

— Sua vocação — observa Madame, com um sorriso complacente — é muito pragmática. Parabéns.

— Meu professor — diz Jean-Baptiste — na École des Ponts foi Maître Perronet, o maior engenheiro da França.

Acima da cabeça do gato, Madame Monnard aplaude com as pontas dos dedos.

— O senhor já construiu alguma ponte? — indaga Ziguette.

— Uma. Na Normandia.

— Ligando o quê?

— Os cantos de um lago.

— Ninguém imagina que um lago tenha cantos — diz Ziguette.

— É melhor o senhor dizer a Marie se prefere café ou chocolate pela manhã — sugere Madame Monnard.

— O músico gostava de chocolate — informa Ziguette.

— Marie pode levá-lo ao quarto, se preferir — diz Madame. — E água para a sua toalete. Basta determinar a que horas.

— Ele ainda não viu o quarto — intervém Ziguette.

— É verdade — concorda a mãe. — Acho que não viu.

— Então, vou ajudá-lo a subir a escada com o baú — oferece-se Monsieur Monnard, ficando de pé. — É pesado demais, até para Marie.

O quarto fica nos fundos da casa, no piso abaixo do sótão. Os dois homens, arfando um pouco, sobem com o baú os quatro lanços de escada desde o vestibulo. Marie segue à frente, com uma vela na mão.

— Acho que o senhor vai ter tudo de que precisa cá em cima — diz Monsieur Monnard.

— Sim — concorda Jean-Baptiste, cujo olhar registra a cama estreita, um conjunto de mesa e cadeira, o aparador de três pés com a bacia de metal vidrado, a lareira pequena e a janela de veneziana acima da cama.

— O quarto de Ziguette é do outro lado do corredor. Madame Monnard e eu

dormimos no quarto de baixo. Marie, é claro, no sótão. Seu antecessor costumava lhe pedir para tirar os tamancos quando estava no quarto. Tinha um ouvido muito sensível ao barulho.

— O senhor deseja que eu lhe pague o aluguel adiantado?

— Muito profissional da sua parte. Admiro isso num jovem. Então, vejamos. Seis *livres* por semana, acho eu. Sem incluir as velas e a lenha.

Jean-Baptiste, pondo-se ligeiramente de costas para o dono da casa, despeja um punhado de moedas da bolsa sobre a mesa e pega uma moeda de meio-*louis*.

— Duas semanas de aluguel — diz ele.

Monsieur Monnard aceita a moeda, belisca-a e a enfia num dos bolsos do colete.

— Seja bem-vindo — saúda, com a expressão de um homem que acabou de vender uma coleção de boas facas a um padre. — Não deixe de pedir a Marie tudo de que precisar.

Durante um segundo ou dois, o hóspede e a criada se olham nos olhos; então, ela acende o toco de vela sobre a mesa com a vela que tem na mão.

— Se o senhor puder, leve a sua vela lá para baixo de manhã — diz ela — e a deixe na prateleira junto à porta da frente. Tem pederneira e aço lá para acendê-la.

— Mal vai precisar sair — observa Monsieur Monnard, assentindo para as venezianas — para fazer o seu levantamento.

— Dá para ver daqui?

— Ainda não teve a oportunidade de dar uma volta no bairro?

— Não, meu senhor.

— Bem, à luz do dia verá que tenho toda a razão.

Com pequenos gestos de assentimentos e sorrisos, os homens se despedem. Monsieur Monnard e Marie saem do quarto e fecham a porta. De repente, Jean-Baptiste se vê sozinho numa casa estranha numa cidade onde ele não conhece quase ninguém. Por cima da cama, alcança as venezianas, as quais afasta mexendo nas dobradiças emperradas e, então, vendo apenas a si mesmo e a chama da vela no vidro, torna a se inclinar, gira a maçaneta oval e empurra a janela com um leve safanão. Agora nada existe entre ele e o céu noturno, nada entre ele e a igreja de Les Innocents, já que, sem dúvida, aquele maciço vulto negro, mal discernível de encontro ao céu, é Les Innocents. E, logo abaixo, o espaço de escuridão entre a igreja e a rua... Aquele, evidentemente, é — pois o que mais poderia ser? — o cemitério. Se subisse na cama e pulasse pela janela, Jean-Baptiste estaria lá dentro, no lugar que atualmente envenena Paris! Sem dúvida, envenena a rue de la Lingerie

com o fedor que entra pela janela aberta, do qual ele já sentiu uma amostra no hálito de todos os Monnard e no sabor da comida. Terá de se habituar a ele, habituar-se rapidamente ou sair porta afora, pegar o coche de volta para casa, empregar-se com o Conde S., implorar para construir outra ponte...

Fecha a janela e as venezianas. A vela sobre a mesa não há de durar muito mais. Desata as amarras do baú, remexe lá dentro, tira um exemplar da *Histoire Naturelle Volume II*, do Conde de Buffon, além de uma comprida régua de bronze, uma caixinha de utensílios para escrever, uma caixa pequena de madeira rosa contendo um par de compassos de metal. Embrulhada numa camisa de lã, retira ainda sua gravura da Ponte de Rialto, de Canaletto. Procura um prego na parede, encontra-o acima da lareira vazia, pendura o quadro e fica em pé por um instante a examiná-lo.

Põe o relógio em cima da mesa ao lado do livro de Buffon, a bolsa sob o travesseiro, encapita a peruca nas costas da cadeira e se despe, ficando apenas de camisa e meias, as peças que manterá no corpo para se aquecer. Não há água, nada para se lavar. Enfia-se sob as cobertas, pensa brevemente, com desconforto, no músico ruivo que dormiu ali antes dele e depois apaga a vela gotejante e fica deitado numa escuridão tão profunda que sua visão, absolutamente nula, nela desenha formas estranhas, imagens estranhas. Fecha os olhos — escuridão dos dois lados! — e após uma pausa começa a recitar baixinho não uma prece, mas uma ladainha de autoidentidade.

— Quem é você? Jean-Baptiste Baratte. De onde? De Bellême, na Normandia. O que você faz? Sou engenheiro, formado na École des Ponts. Em que acredita? No poder da razão...

Foi um hábito que adquiriu nas semanas seguintes à morte do pai. No início, tinha um quê de desafio, de quase júbilo. *Ele* estava vivo, era jovem e estava vivo. *Ecce homo!* Mais tarde, porém — talvez ao começar a trabalhar nas minas em Valenciennes —, as perguntas passaram a parecer, de fato, perguntas, e perguntas cuja simplicidade dava origem a confusões, a vertigens momentâneas que tornaram a prática — a formulação das perguntas — mais necessária que nunca. Devia abandoná-la, claro. Era infantil. Uma fonte de vergonha íntima, quase um vício. Mas, por ora, esta noite, neste lugar...

— Quem é você? Jean-Baptiste Baratte. De onde? De Bellême, na...

Alguém ou alguma coisa está arranhando a madeira da porta. Ele prende o fôlego, escuta. O gato de moral questionável? Será que seu antecessor deixava a criatura dormir ao pé da cama? Bom, ele não tem objeções, na verdade apreciaria a companhia, mas, no instante em que se senta na cama, os arranhões cessam. Sob a porta, o suave movimento

de uma luz. Depois, nada.

Na igreja de Les Innocents, a claridade de uma manhã parisiense banha as venezianas cinzentas de janelas altas, mas pouco perturba o crepúsculo permanente do prédio. Pilares, negros ou quase, se erguem como resquícios de uma floresta petrificada, seus topos perdidos em caramanchões de sombras. Nas capelas laterais, onde nenhuma vela é acesa há cinco anos, a escuridão se acumulou em bolsões. Santos, madonas, Meninos Jesus, todas as pinturas de gosto duvidoso que retratam martírios, pombas incandescentes pousadas em cabeças de aspecto vagamente italiano, bem como as arcas de tesouro trancadas, contendo relíquias de ossos ou lascas de madeira sagrada, podiam simplesmente jamais ter existido, de tão cuidadosamente escondidos que se encontram agora.

O órgão (três teclados, quarenta registros), de fabricação alemã e muito antigo, fica no extremo da lateral norte, a lateral que dá para a rue aux Fers na altura em que se encontra com a rue Saint-Denis. A porta do sótão — com cerca de um terço da altura de uma porta normal de residência — está aberta. Dela, precedida por um pouco de tosse e pigarro, surge a cabeça de um homem, que hesita, precisamente como faria um cão antes de atravessar algum espaço aberto desconhecido, e depois torna a desaparecer no interior do sótão para ceder lugar, passado um instante, a um par de pernas longas e despidas, um traseiro grande apertado em culotes e, então, o tronco, seguido finalmente pela cabeça, despenteada outra vez.

Não há escada — alguém a usou como lenha —, e o sujeito desce deslizando e se joga da porta do sótão até seus dedos encostarem num degrau improvisado feito de missais, Bíblias com a encadernação rachada, vidas de santos (ele já contou muitas piadas pírias aos amigos sobre subir os degraus da religião para ascender ao céu da música). Quando alcança os lajedos da nave — os pés pisando na tumba do Barão de alguma coisa, da esposa do barão e vários de seus filhos perecidos —, ele se espana, cospe saliva num lenço, veste o casaco e se senta ao teclado. Estala as juntas; um pássaro desbotado leva um

susto e voa para baixo do telhado. Mesmo sob essa claridade, o cabelo do homem tem um brilho levemente acobreado. Ele puxa os registros. *Trompette, tierce, cromorne, voix humaine*. Na estante da partitura, está o *Livre de Musique*, de Gigault, e, ao lado, um livro de cantatas da autoria de Clérambault. Para ler as notas, porém, ele precisaria de velas e não pode se dar ao trabalho de acendê-las. Tem uma vela na cabeça, e toda a luz de que necessita, e começa a tocar de cor uma peça de Couperin para três instrumentos, as costas e o pescoço arqueando-se ligeiramente para trás como se o órgão fosse um coche de seis cavalos e ele estivesse atravessando a toda velocidade o centro de Les Halles, espalhando gansos, repolhos e mulheres idosas à sua passagem.

Não há som, não há nada senão o ruído opaco do teclado e do martelar dos pedais. Nada de ar, embora para Couperin seja preciso mais que ar — o velho órgão, com efeito, não dá mais conta. Para outras peças, menos exigentes em termos de urdidura metálica, ele agora contrata um carregador do mercado para manejar o fole, ou aquele garoto mudo e graúdo que vagueia pela rue Saint-Denis. *Quando isso acontece*, Les Innocents vai quase à loucura, e os estandartes aos frangalhos, os milhões de ossos nas criptas, tudo é obrigado a voltar por alguns minutos a um simulacro de vida. Essa é a sua função — não existe outro motivo para tocar: nenhuma congregação para se reunir, nenhuma missa para acompanhar, nenhum casamento e, decerto, nenhum enterro. Mas, enquanto ele tocar, e enquanto o padre, aquele velho e abatido soldado de Cristo, tiver permissão para assombrar o lugar, a Igreja manterá seu interesse em Les Innocents, interesse do qual, como qualquer outro em qualquer lugar, ela pode abrir mão, se for bem-paga para isso.

Ele salta as oitavas, modulando furiosamente, os dedos muito brancos dançando sobre o teclado em busca do fauno de Couperin, quando ouve — não é possível! — a porta na ala norte ser aberta. O padre, quando sai, o que é raro, tem outros canais para ir e vir, mas, se não é Père Colbert, quem será, então?

Remexe-se no banco, semicerra os olhos na direção do corredor, onde, no arco que se abre para a rue aux Fers, um homem está de pé. Um homem, sim, um jovem, mas o organista, que conhece a maioria dos rostos do bairro, não o reconhece.

— Precisa de ajuda, monsieur?

O intruso para a meio caminho. Vira a cabeça, em busca da origem da voz.

— Está vendo os tubos? Caminhe na direção deles. Logo vai me ver... Um pouquinho mais... Mais... Pronto! Um ser de carne e osso como o senhor. Sou Armand de Saint-Méard. Organista da igreja de Les Innocents.

— Um organista? Aqui?

— Eis o órgão. Eis o organista. Não há realmente causa para espanto.

— Não tive a intenção de...

— E o senhor? Com quem tenho a honra de estar falando?

— Baratte.

— Baratte?

— Sou o engenheiro.

— Ah! O senhor veio consertar o órgão.

— Consertar?

— Ele claudica, musicalmente falando. Faço o que posso, mas...

— Sinto muito, monsieur... Não entendo de órgãos.

— Não? Mas é a única máquina que temos aqui. Eu diria que o senhor veio ao lugar errado, mas vejo que está com uma chave na mão. Foi o bispo quem o mandou?

— O bispo? Não.

— Então, quem foi?

Numa voz baixa, e depois de um instante de hesitação, Jean-Baptiste pronuncia o nome do ministro.

— Quer dizer que eles têm algo em mente para nós, finalmente — diz o organista.

— Estou aqui para fazer uma...

— Shhh!

Bem acima deles, no estreito passadiço do trifório, os dois ouvem passos arrastados. O organista puxa Jean-Baptiste para o abrigo de uma coluna. Eles aguardam. Passado um minuto, o barulho se perde na distância.

— Père Colbert — sussurra o organista. — É improvável que veja com simpatia um engenheiro enviado pelo ministro. É improvável, aliás, que veja com simpatia quem quer que seja.

— Um padre?

— Velho, mas forte como um touro. Foi missionário na China antes que você ou eu nascêssemos. Já ouvi até que sofreu torturas por lá. Ficou com um problema de vista. A claridade o incomoda. Ele usa óculos coloridos. Enxerga através de um vidro baço. Tem um gênio de fúria...

Jean-Baptiste assente, dá uma espiada no cabelo ruivo do outro e diz:

— Era você quem morava na casa dos Monnard?

— Monnard? E como monsieur saberia uma coisa dessas?

— Eles ainda falam de você.

— Você está lá agora? No quartinho com vista para o cemitério?

— Estou.

— Como pensionista?

— É.

— Ora, ora. Ah! Eu diria que faz frio lá em cima.

— Faz.

— Um conselho: quando estiver deitado na cama, olhe para o teto. Você vai notar uma pequena... Ei, cuidado, amigo. Está indisposto?

Ocorre a Jean-Baptiste, ouvindo as batidas pesadas do próprio coração, que, desde que entrou na igreja, vem tentando não respirar. Deixa que o organista o guie até a banquetta do órgão e escuta sua voz, distante, como se viesse do outro lado de uma parede. O outro diz que no início também padecia desse mesmo efeito, que só podia entrar na igreja com um pano embebido em colônia apertado contra o rosto.

— Me espantava o fato de que alguém pudesse morar a meio dia de distância deste lugar. No entanto, como vê, eles moram. São numerosos como abelhas. As pessoas se habituam. Tente respirar pela boca. O gosto é mais fácil de tolerar do que o cheiro.

— Preciso encontrar Manetti — diz Jean-Baptiste.

— O coveiro? Você está mesmo decidido a alguma coisa. Mas não se preocupe. Manetti é o sujeito mais fácil de achar em Paris. Vamos levar você lá para fora. Pague para nós dois um copo de algo fortificante.

Usando como apoio — impossível evitar — o braço do organista, Jean-Baptiste torna a voltar até a porta por onde entrou. Não que possa culpar inteiramente a igreja. Foi uma noite turbulenta, a casa tomada de inquietude, como se varrida por uma ventania, embora não fosse esse o caso. Imaginou ter ouvido mais arranhões na porta e até mesmo, a altas horas, arranhões na janela. Então, pela manhã, topara com Lafosse a aguardá-lo na sala de estar dos Monnard com as chaves de Les Innocents na mão. Impossível encontrar algum consolo *naquele* rosto...

Quando já estão na rua, com a porta da igreja devidamente fechada e trancada, Jean-Baptiste é capaz de confiar novamente nos próprios pés, no próprio equilíbrio. Os dois viram à esquerda, na direção da rue de la Lingerie, e, depois, à direita, na direção do mercado. A cada dez passos, mais ou menos, o organista é saudado por alguém, em geral do sexo feminino. A cada encontro, os olhos da mulher inspecionam, rapidamente, o jovem a seu lado, o novo colega.

— Logo ali — diz o organista, indicando com um movimento do braço — pode-se

comer bem e barato. Naquela esquina, eles consertam roupas sem roubá-las. Ali é a barbearia do Gaudet, que faz uma bela barba e conhece todo mundo. Aqui... Bom, aqui é a rue de la Fromagerie, um lugar onde você vai poder respirar algo diferente do perfume das sepulturas. Vamos lá, encha os pulmões.

Os dois homens entram numa transversal curiosamente apinhada, mais um beco, com efeito, que rua, mais vala que beco. Os pisos superiores dos prédios se inclinam uns para os outros, deixando entrever não mais que uma nesga de céu branco entre eles. Em ambos os lados, uma de cada duas casas é loja, e todas as lojas vendem queijos. Às vezes ovos, às vezes leite e manteiga, mas sempre queijos. Há queijos nas vitrinas, queijos sobre mesas e carrinhos de mão, queijos empilhados sobre palha, queijos pendendo de barbantes ou flutuando em tinas de salmoura. Queijos que precisam ser cortados com uma faca grande o bastante para abater um touro, queijos para raspar com uma colherona de madeira. Vermelhos, verdes, cinzentos, róseos, brancos como a neve. Jean-Baptiste não faz a mínima ideia do tipo ou da origem da maioria, mas reconhece um deles imediatamente, e seu coração se enche de júbilo, como se os olhos tivessem descoberto algum rosto querido da sua terra natal. Pont-l'Évêque! Os campos normandos! O ar normando!

— Quer provar? — pergunta a moça, mas o interesse dele foi desviado para a loja vizinha, onde uma mulher envolta numa capa vermelha compra uma barra de queijo de cabra, as bordas cobertas de cinzas.

— *Aquela* — diz o organista, inclinando-se sobre o ombro de Jean-Baptiste — é a austríaca, assim chamada por causa da semelhança com a nossa amada rainha. E não só no cabelo louro. Olá, Héloïse! Venha conhecer o meu amigo aqui, cujo nome infelizmente esqueci e que veio sabe Deus de onde para virar do avesso as nossas vidas.

A mulher está contando moedas pequenas para pagar o queijo. Dá uma olhada primeiro para Armand e depois para Jean-Baptiste. Ele enrubesce? Talvez tenha franzido a testa para ela. Então, a austríaca desvia o olhar, pega a compra e segue seu rumo em meio à multidão.

— As mulheres daqui a desprezam — explica Armand —, em parte porque os maridos podem comprá-la por uma hora, mas sobretudo porque ela não se encaixa, não pertence ao grupo. Se morasse lá para os lados do Palais Royal, ninguém bateria a pestana para ela. Você já viu o Palais, suponho.

— Ouvi falar, mas nunca...

— Você é mesmo uma figura, homem! Parece um dos persas de Montesquieu. Vou

escrever a seu respeito no jornal. Tenho uma coluna semanal.

Ele sai caminhando a passos largos e, quando os dois passam sob os arcobotantes de Saint-Eustaque, desanda a fazer, em voz alta e afetada, uma espécie de palestra sobre a história do Palais, explicando que o local foi no passado o jardim do Cardeal Richelieu e que o Duque d'Orléans o deu ao filho, que o encheu de cafés, teatros e lojas. Vive sempre cheio e é incrivelmente elegante, além de ser o maior bordel da Europa...

Ainda continua a descrevê-lo quando os dois chegam ao lugar propriamente dito, ou seja, a uma de suas várias entradas, uma passagem que não é mais larga que a rue de la Fromagerie, pela qual dão num pátio em arcada, no meio do qual um espetáculo de marionetes está se encerrando com animadas gargalhadas. Jean-Baptiste tem a impressão de que os bonecos estão fornicando. Quando olha mais de perto, vê que é isso mesmo.

— As patrulhas da polícia nunca vêm aqui — diz o organista. — O duque lhes faz pequenos agrados e os guardas descobrem coisa melhor para ocupá-los. Marionetes obscenas não chegam a ser uma preocupação.

Quem são essas pessoas? Será que ninguém ali tem ofício, ocupação? O jeito como se locomovem, suas roupas, aquela algazarra toda sugerem um carnaval, embora não haja nenhum núcleo óbvio, nenhuma noção de estrutura. Ao que parece, tudo se dá espontaneamente, numa contínua autoinvenção.

— Venha — diz o organista, puxando Jean-Baptiste pela manga do casaco, instando-o a segui-lo na direção da porta de um café mais ou menos no meio de uma das galerias. — Tentemos a sorte aqui.

O movimento do lado de dentro é igual ao do lado de fora, mas o organista, com uma saudação certeira a um dos garçons, logo consegue uma mesinha e duas cadeiras de bambu já bem surradas. Pede café, uma tigela de creme e dois cálices de brandy. A clientela é exclusivamente masculina, em sua maioria jovem. Todos falam aos berros. De vez em quando, alguém lê em voz alta alguma coisa num jornal ou bate na janela para chamar a atenção de um conhecido na rua, quem sabe uma mulher para quem sorrir. Os garçons — homens baixos e atentos — se esgueiram no espaço exíguo e tortuoso entre as costas das cadeiras. Um pedido é gritado e registrado com um assentimento quase imperceptível. Dois cães voam na garganta um do outro, são estapeados por seus donos e presos novamente sob as mesas. Jean-Baptiste despe o casaco (manobra difícil no espaço apertado). O café é o lugar mais quente em que esteve nas últimas semanas. Quente, enfumaçado, levemente úmido. Quando chega o brandy, ele o toma porque está morto de sede.

— Melhorou? — indaga o organista. Seu copo também está vazio. Ele pede mais dois.
— Pode me chamar de Armand. Embora a escolha seja sua.

Agora que os dois estão sentados frente a frente, e agora que se sente sem dúvida melhor, Jean-Baptiste pode começar a estudar o outro, o tal de Armand, sobretudo porque o organista tem o hábito incessante de olhar além dele para todos os outros frequentadores do café. Não usa peruca nem talco no cabelo: talco em um cabelo como aquele pouco adiantaria. As roupas — com aspecto de caras, embora só quando vistas de longe — não se encaixam em moda alguma que Jean-Baptiste reconheça. Calças listradas e justas como uma segunda pele. Um colete com metade do comprimento do seu, um casaco de lapelas tão largas que as pontas quase extrapolam os ombros. Uma gravata de musselina verde, abundante em tecido. Quando ele bebe do copo, é preciso afastá-la da boca, dos lábios grandes e arroxeados.

— Você não esperava encontrar um organista na igreja — comenta Armand, voltando o olhar para Jean-Baptiste. — Na verdade, sou o diretor musical.

— Já está lá há muito tempo?

— Dezoito meses.

— Então, foi nomeado quando a igreja já estava fechada.

— Será que uma igreja pode ser fechada como uma barbearia?

— Se derem essa ordem, suponho que sim.

— Você supõe, é? Bom, sem dúvida tem razão. Meu antecessor bebeu até morrer. Ouso dizer que ele achava a situação... perturbadora.

— E você não?

— Como talvez você também saiba, empregos não surgem com facilidade.

— Mas não há ninguém para ouvir você tocar.

Armand dá de ombros e pega seu segundo cálice de brandy.

— Há, sim. Eu mesmo, Père Colbert, Deus. Agora você. Na verdade, uma boa plateia.

Jean-Baptiste abre um largo sorriso. Embora o incomode o fato de estar sentado em um café tomando brandy em lugar de realizar um levantamento do cemitério, além de incomodá-lo o fato de mal conseguir respirar dentro da igreja, ele não se arrepende de haver descoberto o músico de cabelos de fogo. E afinal, talvez aprenda alguma coisa que o ajude em sua empreitada. A missão que lhe foi confiada não será simplesmente a de desencavar ossos e levá-los para longe. Ele já entendeu que será preciso lidar com os vivos tanto quanto com os mortos.

— Caso eu continue nas boas graças do bispo — prossegue Armand —, talvez um dia

consiga algo melhor. Saint-Eustache, quem sabe.

— Mesmo lá — observa Jean-Baptiste — você há de sentir o cheiro.

— Do cemitério? É como eu disse. A gente se habitua. O que equivale a dizer que a gente nunca se habitua, mas ele se torna suportável. As pessoas se acostumam. Me diga uma coisa: o que você reparou nos Monnard?

— Que eles são... pessoas respeitáveis?

— Ah, sim. Muito respeitáveis. E o que mais?

— Que gostam de falar?

— A única maneira de calá-los seria taxar as palavras. Algo que nossos governantes talvez estejam pensando em fazer. Mas, vamos lá. Seja franco. O que mais?

— O hálito?

— Exatamente. E você provavelmente reparou que o meu não é muito melhor. Não, não precisa ser educado. Qualquer um que passe algum tempo em Les Innocents acaba assim.

— É isso que eu devo esperar?

— Está pensando em se demorar tanto?

— Não sei quanto tempo vou me demorar.

— Você não deseja falar sobre o seu trabalho.

— Garanto que não seria do seu interesse.

— Não? Desconfio que me interessaria muitíssimo, embora eu não vá pressioná-lo a falar dele agora. Falemos de outras coisas. Ziguette Monnard, por exemplo. Você a olhou com atenção?

— Sentei em frente a ela durante o jantar.

— Não ficou impressionado? Ela é uma das moças mais bonitas do bairro.

— Admito que ela é bonita.

— Ah, você admite? Quanta gentileza! Vai ver você tem alguém lá na sua terra. Seja lá onde isso fique.

— Bellême, na Normandia.

— Em Bellême, então. Não, estou vendo que não tem. Bom, muito cuidado, meu amigo. Se ficar por aqui, garanto que vão querer casá-lo com ela.

— Com Ziguette?

— Por que não? Um jovem engenheiro. Confidente do ministro.

— Eu nunca disse que era confidente do ministro.

Na mesa ao lado, um homem com um leque de cicatrizes prateadas em volta do

pescoço levanta os olhos do tabuleiro de gamão, olha para os dois jovens e depois volta a atenção lentamente para o jogo.

— E quanto a você? — pergunta Jean-Baptiste. — Tentaram isso com você?

— Os músicos são menos cobiçados. Pessoas como os Monnard consideram um músico apenas um pouquinho melhor que um ator.

— O pai dela tem uma cutelaria. Será que podem se dar ao luxo de se sentir superiores aos músicos?

— Não custa quase nada desdenhar dos outros. E sim, eles tentaram comigo.

— Você gostava dela?

— Como se gosta da companhia de qualquer mulher atraente. Mas com Ziguette é preciso ter cuidado.

— Como assim?

Armand pega uma colherada de creme na tigela, chupa o dedo, enxuga os lábios.

— Ziguette cresceu naquela casa. Morou ali a vida toda. Naquele ar.

— Isso significa que devo tomar cuidado com ela?

— Casar com Ziguette — responde Armand — seria como casar com o cemitério. Vai além de uma mera questão de hálito. Agora, a garota Marie...

— A criada?

— Não estou falando de casamento, claro.

— Você? E Marie?

— As garotas pobres do *faubourg* Saint-Antoine são independentes. A mente pode ser tão vazia quanto a sepultura do Salvador, mas ela é mais moderna do que os Monnard jamais serão. Mais que você também, talvez. Não se ofenda. De todo jeito, resolvi modernizar você. O projeto acaba de me ocorrer.

— E se eu não achar que preciso de tutoria?

— Da parte de um organista de igreja? É precisamente esse tipo de atitude que teremos de extirpar pela raiz se quisermos atraí-lo para o futuro. O partido do futuro.

— E esse partido existe?

— Ele não tem local de reuniões, não tem quadro de filiados, mas existe tão certamente quanto você ou eu. O partido do futuro. O partido do passado. Talvez não lhe reste muito tempo para decidir de que lado quer ficar. Acho que devemos começar mudando seu figurino. Você tem uma afinidade especial com marrom?

— Está vendo algum defeito na minha roupa?

— Nenhum. Se quiser pertencer ao partido do passado. Vou apresentá-lo a Charvet.

Ele há de saber o que fazer com você. Charvet é moderno.

— Charvet faz o quê? É escritor?

— Alfaiate.

Aborrecido, curioso, embriagado, Jean-Baptiste assume o que espera ser um ar expressivo de desdém, mas o organista já voltou a estudar os outros frequentadores do café. Quando se dá por satisfeito, diz:

— Espero que você não faça objeções a pagar por isto aqui. Depois precisamos encontrar um lugar onde comer. Nada é pior para uma amizade incipiente do que brandy num estômago vazio.

Nas galerias, no pátio, o empurra-empurra, os berros, os cumprimentos com o chapéu e com um erguer de sobrancelhas, a incansável busca de alguma coisa, seja o que for, prosseguem sem um único sinal de que um dia perderá seu ímpeto. Será que *isso* é moderno? E essas pessoas? Pertencerão elas ao partido do futuro ou do passado? Será que as pessoas sabem a qual dos dois pertencem? Pode-se ter tal certeza? Ou será que se trata, pensa o engenheiro, do mesmo que acontece com a religião da mãe — alguns estão fadados à salvação, outros à condenação, e nada existe que aponte inquestionavelmente para uma ou para outra?

Os dois se embrenham na multidão (vez por outra obrigados a avançar de lado, vez por outra obrigados a parar ou mesmo a recuar um pouco) até que Armand agarra novamente Jean-Baptiste pelo paletó e o faz passar com ele pelo portal do *Salon* número 7. No saguão, uma mulher usando um espartilho apertado está empoleirada sobre uma banqueta atrás de uma mesa na qual nada existe, salvo uma latinha e uma sineta.

— Você precisa dar a ela quatro *sous* — avisa Armand. Jean-Baptiste dá quatro *sous* à mulher. Ela toca a sineta. Um homem usando uma peruca tingida de cor-de-rosa aparece, afastando uma cortina cor-de-rosa. Nitidamente, ele conhece Armand muito bem. Os dois se cumprimentam como cortesãos, embora tudo não passe de um ato teatral.

— Por hoje apenas Zulima — diz Armand.

— Como queira — diz o homem.

— Este cavalheiro — informa Armand, fazendo um gesto com o polegar para indicar Jean-Baptiste — é de algum lugar na Normandia. Um dia ele será o maior engenheiro da França.

— Com certeza — ronrona o homem.

Ele os conduz por um corredor suavemente iluminado. De cada lado, cortinas pesadas

escondem o que, presume-se, são entradas para salas, mas a última cortina foi fechada de forma atabalhoada, e Jean-Baptiste, detendo-se por um instante, vislumbra um homem, ou parte de um homem: um braço nu e uma perna nua jogados sobre a roda de uma carroça, um rosto coberto por uma barba cerrada, um olho esbugalhado com expressão ensandecida. Quem é aquele? Damiens? Damiens, que levou um dia para ser morto na Place de Grève por ferir levemente o rei com um canivete? Damiens, que foi torturado, retalhado e teve as feridas queimadas com ácido, aquele a cujos braços e pernas amarraram cavalos para desmembrá-lo, embora os cavalos não tenham conseguido realizar tal façanha — pobres animais inocentes —, obrigando o carrasco a cortar-lhe os músculos com um machado? Dizem que milhares de pessoas assistiram a esse espetáculo dos prédios em torno da praça..

No final do corredor, o guia o aguarda. Ele ergue mais uma cortina. Jean-Baptiste se inclina e passa por baixo do braço do guia.

— Zulima — começa o homem, antes de engatar uma ladainha como se fosse algum tipo de autômato — foi uma princesa persa que morreu como Cleópatra: mordida por uma víbora. Tinha apenas dezessete anos de idade e era infeliz no amor. Sua pureza — mais uma cortina, mais fina, é erguida — e a arte dos sacerdotes persas a preservaram perfeitamente por mais de duzentos anos.

A moça está deitada numa plataforma que é meio cadafalso, meio divã. Há duas velas junto a seus pés e mais duas junto à cabeça. O corpo foi envolto numa mortalha, um sudário de tecido diáfano — tule, organza, quem sabe? Ela é núbil. Perfeita. Os dois jovens ficam cada qual de um lado e contemplam. O guia aguarda próximo aos pés, de cabeça baixa como se rezasse.

— Ela lembra alguém a você? — sussurra Armand.

— Ninguém — responde Jean-Baptiste, mas ele sabe em quem o organista está pensando. Existe, com efeito, no rosto de cera, na figura voluptuosa, uma semelhança acentuada com Ziguette Monnard.

Do Palais, eles partem para uma estalagem próxima à Bolsa para comer. Sentam-se a uma mesa comunitária e se alimentam com a refeição de dez *sous* que consiste de sopa e carne cozida. A lenha arde com entusiasmo nos fundos da sala. Os dois tomam vinho, um vinho tinto que não é bom nem ruim. Bebem e conversam, enquanto seus rostos vão ficando corados. Armand, sem qualquer resquício de constrangimento ou vergonha, confessa ter sido abandonado na roda de bebês enjeitados do lado de fora do Hôpital des

Enfants-Trouvés. Ali, seu talento despertou a atenção dos funcionários, que, por sua vez, o levaram à atenção dos administradores — indivíduos caridosos que gostavam de pescar, entre as crianças sarnentas de cabeça raspada que viviam e morriam naqueles corredores, alguma que valesse a pena salvar.

— Não existem ilusões juvenis num lugar como aquele. Ninguém se engana com a natureza do mundo. Aos sete anos, somos todos tão cínicos quanto abades.

Os dois concordam que a perda da ilusão é um passo indispensável para quem espera ascender no mundo. Na altura da terceira garrafa, ambos confessam que são ambiciosos, loucamente ambiciosos, e que, com sorte e muito trabalho, pretendem morrer como homens famosos.

— E ricos — acrescenta Armand, extraindo um pedaço de carne de entre os dentes. — Não pretendo morrer famoso apenas graças à minha pobreza.

Jean-Baptiste fala de seu ex-benfeitor, o Conde S., dos dois anos como aluno na École des Ponts, de Maître Perronet, das pontes que sonha construir, estruturas leves como o pensamento ligando as margens do Sena, do Orne, do Loire...

O vinho e as profundezas insuspeitas da solidão produziram em Jean-Baptiste uma efusão que, sóbrio, ele não apreciaria nem acharia confiável em alguém. Por muito pouco, muito pouco mesmo, não conta a Armand o que foi fazer em Paris, pois decerto Armand ficaria impressionado e concluiria o que ele próprio (à luz rubi do vinho de taverna) acaba de concluir: que a destruição do cemitério de Les Innocents equivale a varrer de *fato*, não só retoricamente, a influência venenosa do passado! E não é certo que Armand, então, admitiria que ele, Jean-Baptiste Baratte, engenheiro, pertence, inquestionavelmente, ao partido do futuro, na verdade, à sua vanguarda? Ou será que ficaria alarmado? Horrorizado? Furioso? Qual é, exatamente, a relação de Armand Saint-Méard com o bispo? O que terão dito à Sua Graça a respeito dos planos do ministro?

Do lado de fora, os dois fazem xixi contra um muro, abotoam as calças e continuam a navegar pelo que resta da tarde. Continuam a conversar, continuam a tagarelar sobre política, sobre Paris, sobre a dignidade irredutível dos camponeses (*Eu entendo de camponeses*, quer acrescentar Jean-Baptiste, *sou aparentado com dezenas deles*), porém nenhum dos dois escuta mais o que o outro fala e, de todo jeito, ele já está sendo empurrado porta adentro de um lugar — imediatamente se sentindo mais bêbado do lado de dentro do que do lado de fora — e apresentado a um homem, uma espécie de macaco exótico, que, ao que tudo indica, é Charvet, o alfaiate.

A loja, se é que se pode dar a tal espaço um nome tão modesto, mobiliada de forma

sofisticada, ostenta quadros a óleo nas paredes e nem sequer remotamente lembra o ateliê fedido onde o pai de Jean-Baptiste costurava suas luvas. Não há qualquer sinal óbvio de *trabalho* ali, salvo a mesa junto à janela onde uma dupla de rapazes corta, distraída, vários metros de algum material que cintila e estremece como água de nascente.

Charvet não perde tempo. Tudo de que precisa para começar são umas poucas palavras de Armand, um dar de ombros de Baratte. Circula em torno do engenheiro, tocando, puxando, recuando para melhor avaliar o comprimento de uma perna, os ombros levemente roliços, a cintura esbelta. Não é desagradável ser o foco de uma inspeção profissional tão intensa. Jean-Baptiste nem repara que Armand sai de fininho. O próprio dia teve um estranho ímpeto próprio. Ele já desistiu de lutar contra isso. Pensará a respeito depois.

— Acredito, monsieur — diz Charvet —, que seremos capazes de fazer algo muito interessante com o senhor. Sua figura, se me permite dizer, tem o porte necessário para os novos estilos. O senhor não é um daqueles cavalheiros robustos que sou obrigado a disfarçar mais que vestir. O senhor, monsieur, pode ser vestido por nós. Sim. Alguma coisa que flua com os movimentos naturais do corpo. Alguma coisa um tantinho mais informal, embora, é claro, a seu jeito, perfeitamente correta... Precisamos contar uma história. Precisamos contá-la clara e lindamente. Não vou vesti-lo para 1785, mas para 1795. Cédric! Traga para o cavalheiro um copo do Lafitte. Traga a garrafa. E agora, monsieur, se me der a honra de vir comigo...

Duas horas mais tarde, Jean-Baptiste se examina — examina alguém — em um enorme e incrivelmente polido espelho oval. Está vestido numa roupa de seda pistache, com forro de seda listrado de verde e açafrão. O colete, que termina logo acima da coxa, também é pistache, com um discreto bordado em linha dourada. Os punhos do casaco são pequenos; o colarinho, alto. A gravata — igualmente açafrão — é quase tão larga quanto a de Armand. Durante um bom tempo, Charvet e Cédric não fizeram senão tirar alfinetes de entre os lábios e cortar, coser e manuseá-lo com aquela liberdade reservada aos membros desse ofício, aos valetes, cirurgiões e carrascos. Estão quase acabando. Recuam, com cuidado para escapar ao escopo do espelho. Observam Jean-Baptiste observar a si mesmo. Jean-Baptiste tem plena consciência de já ser tarde demais para recusar a roupa e até mesmo para criticá-la. Fazer isso equivaleria a renegar não apenas Charvet, mas o próprio futuro. Impossível! Vai ficar com ela e pagar o que quer que Charvet lhe cobre. O que no final é um bocado de dinheiro. Jean-Baptiste enrubescce. Não tem esse valor com ele. O alfaiate faz um gesto largo com as mãos. Claro, claro. O pagamento pode ser feito

amanhã, sem problema. Há algo mais, porém. O jovem cavalheiro por acaso seria um jovem cavalheiro de tendência *intellectual*? Ah! Bem que desconfiara disso desde o início, mas ninguém deseja parecer impertinente.

O alfaiate se dirige, deslizando, até a escrivaninha de nogueira brilhante, retira de uma das gavetas um pequeno retrato emoldurado e o leva até onde está Jean-Baptiste.

— Voltaire — diz ele, sorrindo para o retrato como se fosse capaz de dizer ao retratado palavras de carinho. — Vê o que ele está usando? A roupa? Chamam de *banyan*. Os intelectuais mal podem viver sem um deles. Tenho um exemplar aqui, em adamascado vermelho. Para a maioria dos meus clientes, eu nem faria tal menção, já que não entenderiam. No seu caso, porém...

— Sim — diz Jean-Baptiste.

— Sim?

— Vou levar.

— E monsieur... O senhor deveria usar seu próprio cabelo. Daqui a cinco anos, as perucas estarão definitivamente extintas. Nesse meio-tempo, tenho uma excelente peruca-saco, toda de cabelo humano, que pode ser alugada por semana...

— Isso também — assente Jean-Baptiste.

— Devo ficar com o seu traje antigo como um depósito, monsieur? Tenho uma loja menor na rue du Bac, que atende aos meus... Bom, aos meus clientes mais conservadores. Talvez eu possa vendê-lo para o senhor lá.

— Como o senhor quiser.

— Como *o senhor* quiser, monsieur.

— Então, faça isso — diz Jean-Baptiste, dando de ombros.

Livre de Charvet e da sua loja, o engenheiro atravessa a praça des Victoires e desce a rue de la Feuillade em direção ao mercado e à casa dos Monnard. O vento aumentou, soprando poeira em seu rosto e lhe causando espirros. O traje novo não é tão quente quanto o velho. O traje novo também não foi presente do pai falecido. Ele aperta contra o peito o *banyan* embrulhado. A cada passo, o fedor do cemitério fica mais forte, mas apesar disso várias vezes é obrigado a relutar, espreitar adiante, olhar sobre o ombro, orientar-se por um portão, uma coluna, uma árvore desnuda, uma gamela de pedra. Será que já viu isso antes? Descobre-se, então, no final da rue de la Fromagerie. As lojinhas estão fechadas, os carrinhos de mão encostados a um canto, o chão molhado de água suja. Vê um mendigo ajoelhado na esquina, mas, afora a sua presença, a rua parece deserta. O mendigo ergue os olhos, baixa o capuz a fim de mostrar suas chagas, mas na

seda fria de seus novos bolsos Jean-Baptiste não tem trocado algum para ele. Ambos resmungam um para o outro (uma desculpa, uma imprecisão).

Ele janta com os Monnard. Será que a família percebe que o hóspede andou bebendo, que passou o dia bebendo? Talvez estejam surpresos demais com a sua aparência para notar. Seda pistache, ao que tudo indica, pode causar algo próximo ao espanto. As mulheres querem tocá-la, mas não ousam. Monsieur Monnard está perplexo. Pensativo, puxa os lóbulos das orelhas como se ordenhasse um par de tetas diminutas.

Todos se sentam à mesa. Jean-Baptiste não tem fome. Bebe alguns copos do vinho de Monsieur Monnard, mas, depois do Lafitte no ateliê de Charvet, o vinho tem o gosto do que é: basicamente água.

Depois do jantar, Madame Monnard o convida para ouvir Ziguette tocar piano-forte.

— Conseguir que o instrumento entrasse aqui quase acabou com os meus nervos, juro ao senhor! E a multidão lá fora? Todos gritaram e aplaudiram quando ele passou pela janela. Falei para o meu marido: “Eles pensam que estão assistindo a um *enforcamento!*”

Jean-Baptiste permanece na sala, banhado pela própria luz verdeclara, enquanto Ziguette tenta tocar uma melodia que ele não reconhece. Será que o piano-forte está afinado? Será que um som como esse pode ser proposital? A moça está usando um vestido decotado de lã verde-limão e estuda o movimento das mãos com um beicinho de concentração, um cacho louro lhe caindo sobre a testa e balançando qual uma mola toda vez que ela ergue a cabeça para consultar a partitura. Ele pensa em Zulima, morta há duzentos anos, e em seus mamilos semelhantes a pêssegos de pedra. A música cessa. Jean-Baptiste aplaude como os outros, é forçado a ouvir uma segunda peça e uma terceira. Madame Monnard lhe sorri radiante e assente com um gesto de cabeça. Antes que comece a quarta peça, ele se põe desajeitadamente de pé, pretexta uma indisposição e implora para ser dispensado.

— Nada sério, espero — comenta Madame.

Ele garante que não.

No quarto, faz tanto frio quanto na noite anterior, o que significa dizer um ou dois graus abaixo da temperatura do mundo lá fora. Ele continua sem lenha. Vai falar com Marie quando ela passar a caminho do sótão, pedir-lhe que tome as providências necessárias, embora ache, com base no que já viu dela, que a moça nada fará. Será esse um sintoma da

sua independência? Ele não tem certeza — embora a ideia imediatamente o envergonhe — de prezar muito a modernidade quando isso implica deixar sua lareira e sua bacia vazias.

Desfaz o embrulho, estende o *banyan* sobre a cama, despe o casaco pistache, dobra-o com cuidado e veste o *banyan*. Como é amplo! A roupa o engole. Poderia, pensa Jean-Baptiste, engolir dois homens iguais a ele. E também tem um chapéu de pano — cortesia de Monsieur Charvet —, um tarbuche, feito do mesmo tecido vermelho. Tirando a peruca, ele põe o chapéu. No espelho, à luz de uma única vela, sua aparência é a de um senador veneziano, embora também lembre uma criança que invadiu o quarto dos pais e vestiu roupas de adulto. Não que o próprio pai um dia tivesse possuído vestimenta como essa. Não haveria de aprová-la, não gostaria nem um pouquinho de ver seu primogênito usando-a e quem sabe até chegasse a zombar dele, a se zangar.

Jean-Baptiste vira as costas à imagem do próprio rosto e contempla a reprodução da Ponte de Rialto que pende do prego sobre a lareira. Se é que vai usar aquela coisa, então precisa vesti-la com pensamentos nobres. Não há de bastar simplesmente *parecer* um filósofo. Precisa ler, trabalhar, refletir. Arrebanha do chão as pregas do *banyan*, mais ou menos como já viu as mulheres fazerem numa rua enlameada, e se senta à mesa. Puxa para si a vela e abre seu exemplar da *Histoire Naturelle Volume II*, de Buffon. Uma tirinha de palha desbotada é seu marcador de livros. Franze a testa enquanto lê. A taxonomia dos peixes. Ótimo. Excelente. Dá conta de um parágrafo inteiro antes que as palavras comecem a se afastar nadando, como um cardume negro, deixando em seu rastro imagens nuas do dia que acabou, daquele vergonhoso e indesculpável desperdício de tempo e de dinheiro. Ele vê o interior de Les Innocents, vê Armand como um grande diabrete empoleirado na banquetta do órgão, vê os dois se escondendo do padre, vê a mulher — a austríaca — comprando seus pedacinhos de queijo e olhando para os dois jovens, olhando durante um instante *diretamente para ele*, essa mulher deslocada, que não pertence àquele lugar. Depois, o Palais, as marionetes com seus lascivos quadris de madeira, a princesa de cera. E Charvet, o sorriso brilhando, cheio de alfinetes...

Ele repõe o fiapo de palha para marcar a página antes de fechar o livro e gira nas mãos a régua de metal. Só Deus sabe onde Marie foi parar. Terá de falar com ela pela manhã. Não pode esperar mais.

Descalça os sapatos e tira o culote cor de pistache. Descobre, interessado e levemente desconcertado, que está com uma ereção, um efeito tardio da bebida, do vinho libidinoso. Agarra o pênis através do tecido da camisa. Será que a vida do corpo é a vida genuína? Será que a mente não passa de uma luz esquisita, como o fogo de santelmo que

os marinheiros veem circundar o topo de seus mastros em pleno Atlântico? Está saboreando essa pequena *pensée* (na qual nem por um instante acredita), segurando o pênis como um lápis que poderia lhe servir para fazer anotações, quando leva um susto com um ruído no corredor, o lento progresso de patas sobre o assoalho de madeira, som este com o qual começa a se familiarizar. Aguarda. Torna a ouvi-lo. Vai até a porta. Ao abri-la, depara-se com Ragoût a fitá-lo com seus olhos amarelos e inescrutáveis, olhos que parecem possuir luminescência própria, como acontece com certas flores ao alvorecer. Abaixa-se, afaga a cabeça da criatura, a orelha aleijada.

— Tudo bem, meu amigo. Mas cuidado para não enfiar essas unhas na minha garganta no meio da noite.

Do outro lado do corredor escuro, um movimento o faz calar-se. Ele franze a testa tentando enxergar. É Ziguette Monnard. Em roupas de dormir. O cabelo está solto, descendo-lhe, escovado, pelos ombros.

— O gato — diz ele.

— Ragoût — diz ela.

— É. — Ele não pode se pôr de pé; ainda está com a ereção. Mesmo sob a luz mortícia seria impossível disfarçar o fato. — Deve ser tarde — observa.

— Espero que o senhor seja feliz aqui — diz a moça.

— Tenho certeza de que serei.

— Já iniciou o seu trabalho?

— Alguns... alguns preparativos.

Ela assente.

— Então, boa-noite, monsieur.

— Boa-noite, mademoiselle.

Ela se vira e entra no próprio quarto. Jean-Baptiste fica de pé, esfrega as costas, baixa o olhar para a marionete absurda, que agora, finalmente, com uma reverência, se retira para seu posto entre as coxas. Ao pé da cama, Ragoût lambe as patas. Jean-Baptiste deixa escorregar dos ombros o *banyan* e o pône, dobrado, sobre as costas da cadeira. Apaga a vela com um sopro, tateia para encontrar o caminho sob a leve umidade dos lençóis. Então...

— Quem é você? Jean-Baptiste Baratte. De onde? De Bellême, na Normandia. O que você faz? Sou engenheiro, formado na École des Ponts...

Algumas noites são mais convincentes que outras.

Uma garota cruza o cemitério de Les Innocents. Numa das mãos, pendendo de um barbante que amarra os pés, ela carrega uma galinha; na outra, leva uma cesta de palha cheia de legumes e verduras, algumas frutas e um pedaço de pão preto. Foi, como sempre, uma das primeiras pessoas a chegar ao mercado, onde sua figura esbelta e o farto cabelo castanho-avermelhado são uma visão familiar aos criados que constituem a maior parte da freguesia nesse horário matutino. Onde quer que ela pare, o dono da barraca jamais tenta enganá-la. Ela não precisa apertar e afogar o produto, nem cheirar ou regatear, como fazem as cozinheiras de dedos gretados ou as matriarcas ossudas com orçamentos apertados que vivem um degrau ou dois acima da penúria. Servem-na rápida e respeitosamente. Talvez lhe perguntem sobre a saúde do avô, sobre suas juntas artríticas, mas ninguém a detém durante muito tempo. Não que não gostem dela. O que existe em Jeanne para não gostar? Mas ela vem do outro lado dos muros do cemitério, um lugar de cuja existência, nesse último quarto do século dezoito, muita gente prefere não se lembrar. Jeanne é meiga, bonita, bem-educada. É também a emissária de cabelo castanho enviada pela morte.

A manhã é fria, incrivelmente luminosa. A sombra da moça com a galinha nas mãos se projeta sobre a grama dura conforme ela segue seu caminho — um caminho sem marcas, salvo as dos seus pés — desde o portão na rue aux Fers até a casa do coveiro quase junto à igreja. Em alguns trechos o solo é irregular, com a grama cheia de buracos rasos onde uma ou outra sepultura afundou. Um visitante descuidado, um visitante que não conhecesse o caminho, talvez mergulhasse num deles, mergulhasse até a cintura ou os ombros, chegando mesmo a sumir por completo. Mas não Jeanne.

Ela se demora junto à cruz do púlpito, a coluna de pedra e ferro onde, no passado, homens de olhar apaixonado provavelmente se encostavam para discursar para a multidão. Junto ao primeiro dos degraus, cresce um tufo de moedas-do-papa, os pistilos reluzindo como prata sob a luz do sol. Ela se inclina para colher algumas, quebra os

caules secos e as põe na cesta. Já não nasce muita coisa em Les Innocents. A terra foi exaurida pelo próprio trabalho, embora o avô, coveiro há cinquenta anos, tenha lhe dito que, ao chegar ali, o cemitério na primavera era como uma pradaria do interior e que, na época de seu antecessor, os padres e os moradores locais alimentavam seus animais com essa grama, que, além de servir de pasto, virava feno.

Jeanne torna a pegar a galinha. Novamente de cabeça para baixo, a ave de imediato volta a seu estupor. A garota toma uma trilha que a deixa, por meros centímetros, fora da sombra pesada da igreja. Ela se demora, ouve o som da cidade do outro lado do muro — Paris dando conta de seus afazeres matinais —, ouve os gansos em seus cercados no mercado, a vendedora de camarões apregoando sua mercadoria, os bebês chorando na casa da ama-seca na rue de la Ferronnerie...

Quando era pequena — tinha nove anos por ocasião do último enterro —, o cemitério produzia seus próprios sons. O tap-tap do pedreiro, o ritmo de uma pá, o dobrar do sino. Agora — pois quanto barulho são capazes de fazer uma mocinha e um velho? —, o lugar é silencioso, salvo quando essa paz é perturbada por algum visitante, do tipo que pula, sem convite, um dos muros à noite. Numa aurora invernal, dois anos antes, um duelo foi travado na esquina com a rue de la Lingerie. Dentro de casa, ela e o avô podiam ouvi-lo nitidamente, o breve tinido das armas, a gritaria que o encerrou. O avô esperou até o dia raiar por completo para sair. Tudo que os duelantes deixaram para trás foi grama pisada e um pedaço ensanguentado de camisa rasgada.

Há também os namorados: Jeanne já viu quase tudo que existe para ver nesse aspecto. Em agosto passado mesmo, sob uma lua amarela e nebulosa, ela flagrou um rapaz — um dos carregadores, a julgar pelo corpo — com uma moça tão bonita quanto uma rainha-duende, e não mais velha que ela. Quando o rapaz fez aquilo, a garota miou como um gato. E não foi uma vez só que os dois fizeram, mas três ou quatro, parando apenas para contemplar vez por outra a lua e beber de uma garrafa que haviam levado e que Jeanne encontrou no dia seguinte encostada ao túmulo Peyron, usado pelos dois como cama. Restavam umas gotinhas de vinho, que ela provou, sentindo-as descer garganta abaixo, antes de esconder a garrafa num buraco sob a sepultura.

Às vezes — raramente —, Jeanne vê o velho padre com seus óculos, um parrudo morcego sem asas ao crepúsculo. E, às vezes, o músico de cabelo vermelho, que sai da igreja para se aliviar e sempre acena quando a vê. Ela gostaria de pôr os olhos nas mãos dele. Devem ser especiais, porque só mãos especiais podem produzir os sons que ele produz, aquela música que uma ou duas vezes por mês vaza dos muros negros da igreja e

faz seu coração bater acelerado.

À porta da casa, Jeanne ergue o rosto para deixar que o sol de outono o banhe. Depois, refeita e confortada por esse toque, ela entra. O avô está na cozinha. Ela vai até lá com a galinha e a segura para que ele enfie os dedos entre suas penas. O avô grunhe sua aprovação e aponta com o queixo o aposento contíguo à cozinha, o escritório do cozeiro, uma sala de paredes caiadas com uma janela estreita em arco, onde quem sabe quantos volumes de registros, cheios de pó e excrementos de rato e cobertos pela pátina da umidade, se encontram enfileirados nas prateleiras claudicantes. Um homem está de pé diante da mesa com um dos volumes aberto diante de si. Estuda-o, vira uma página, aperta um lenço contra o rosto, fecha os olhos, inspira fundo e depois enfia o lenço de volta no bolso do casaco. O casaco está abotoado, e por baixo dele Jeanne pode entrever seu traje, verde como o miolo de uma alface.

A galinha cacareja; o homem se vira na direção da cozinha. Assente de cabeça para Jeanne e, vendo que ela continua calada, diz o próprio nome.

— Estou olhando os registros.

— Posso notar — diz ela.

Novamente ele assente e volta a atenção para o livro.

— Podemos lhe oferecer um copo de vinho, monsieur? — indaga Jeanne. — Também temos um pouco de café.

Ele torna a apertar o lenço contra o rosto e concorda com a cabeça. Jeanne acha o perfume que emana do lenço quase ofensivamente forte. O avô leva a galinha para fora.

— O senhor é estrangeiro? — indaga do estranho.

— Sou da Normandia — responde Jean-Baptiste, que está passando o dedo sobre uma coluna de nomes meticulosamente escritos à tinta. Sete Flaselle faleceram, um após o outro, no outono de 1610. Sete, em menos de um mês.

— Foi o que achei — diz Jeanne.

— Por quê?

— Nunca o vi antes.

— Você conhece todo mundo em Paris?

— No bairro.

— Conhece uma família chamada Flaselle?

— Não — responde Jeanne. — Não há nenhum Flaselle aqui.

— Já houve — diz ele, fechando o livro e aproximando-se dela. Vindo do lado de fora, ouvem-se cacarejos frenéticos seguidos de um silêncio abrupto.

— Seu nome é Jeanne?

— Sim — responde ela, sorrindo ao ouvir o cantar da voz dele.

— Seu avô me disse que você me mostraria o cemitério. Que sabe onde ficam as fossas.

— Fossas?

— As covas coletivas.

— Elas estão por todo lado — explica Jeanne.

— Mas você pode me mostrar?

Ela dá de ombros.

— Se o senhor quiser.

O velho entra com a cabeça da ave numa das mãos, e o corpo, que esperneia debilmente, na outra. Gotas de sangue caem como sementes sobre a pedra do chão da cozinha.

Os dois começam pelo ossuário sul, uma galeria de pedra enegrecida, contígua à rue de la Feronnerie. Algumas arcadas que levam às galerias têm portões de ferro enferrujado da altura de um homem, outras são abertas. Por cima dos arcos — e imediatamente visíveis para quem entra no cemitério, existem sobrados/sótãos que armazenam ossos, alguns tão negros quanto as pedras, atrás de grades de ferro.

Depois de um segundo de hesitação, Jean-Baptiste passa por baixo de um dos arcos. Na pedra sob seus pés há uma inscrição. Ele se agacha, toca as letras com a ponta do dedo. Henri alguma coisa, ceifado, e o filho também, amado fulano, esposa de, falecido, devotado, breve, piedoso, a carne, eternidade, 14 alguma coisa.

Ele se põe de pé e dá alguns passos ao longo da galeria. A luz penetra ali de maneira estranha, mostrando algumas coisas nitidamente e obliterando outras. Vê o traçado delicado de flores de pedra, vê uma mulher de pedra segurando um véu de pedra que lhe cobre o rosto. Degraus estreitos supostamente levam aos sobrados. O sapato chuta um fragmento de alvenaria, e o som é de imediato seguido pela fuga repentina de seres vivos, invisíveis, porém próximos. Jean-Baptiste se vira e se apressa na direção da saída.

Tem com ele um caderno e uma trena de pano. Quando tira medidas, pede a Jeanne para segurar uma ponta da trena; então, munido de uma caneta com ponta de metal e de um tinteiro portátil, escreve e faz esboços no caderno. Tem muitas perguntas. Ela responde a todas, e ele anota as respostas no papel. Às vezes, fecha os olhos e tira o lenço do rosto. Indaga se ela sabe ler.

— Um pouco — responde Jeanne, apontando para a inscrição numa das pedras. — *Hic*

Jacet — recita. — E ali, *Hic Requiescit*. Lá, *Hic est Sepultura*.

O assentimento dele é quase um sorriso.

Ela diz:

— *Você* sabe ler.

— Sou engenheiro. Sabe o que é isso?

— Uma espécie de padre?

— Construimos coisas. Estruturas.

— Muros?

— Pontes.

Ele pergunta onde ficam as covas coletivas mais recentes. Ela o guia até lá. Ele olha para baixo e à volta. Nada de óbvio diferencia o local do caminho que o ladeia.

— Tem certeza?

— Tenho.

— E foram fechadas, lacradas, há cinco anos?

— Isso.

— Você era uma criança na época.

— Sim.

— Mas se lembra?

— Me lembro.

Os dois seguem em frente (ele precisa continuar andando). Cova após cova.

— E esta? É mais antiga que a última?

— Sim.

— E esta?

— Mais antiga ainda.

Ele faz um mapa. Ela observa a maneira como ele é capaz de traçar uma linha mais fina ou mais grossa com um pequeno ajuste no ângulo da pena. E as figuras, e as palavrinhas! Há beleza ali.

— O que é isso? — indaga Jeanne, apontando para um sinal, um dos vários que viu Jean-Baptiste desenhar, uma forma semelhante a um meio crânio.

— Um ponto de interrogação — esclarece ele. — Para quando existe alguma incerteza.

O rosto dela se anuvia:

— Então, você não acredita em mim.

Acredita, sim, explica ele, mas o que há debaixo da terra está escondido. O que está escondido não pode ser conhecido com precisão.

— Não por você — atalha ela. Não há impertinência nessa resposta. Ele parece refletir um instante, depois fecha o caderno e o tinteiro e enxuga a ponta da caneta.

— Encerramos por hoje — diz ele. Enquanto caminham de volta até a casa do coveiro, pergunta: — Você não gostaria de ir embora daqui? De morar em algum outro lugar?

— Eu não conheço nenhum outro lugar — responde Jeanne. — E quem cuidaria deles?

— Deles?

Ela faz um gesto para abranger o solo à volta de ambos.

— Os mortos — responde.

Depois de se despedir da garota e do velho coveiro, Jean-Baptiste entra na igreja. A garota indicou-lhe uma porta, não a grandona pela qual os enlutados provavelmente entravam, mas uma menor, ao lado, cuja altura o obriga a baixar a cabeça. Assim que entra, ele se vê em um vestibulo escuro como o inferno, mas alguns passos depois uma segunda porta lhe permite entrar no corpo da igreja pela ala sul. À frente ele distingue parte de um vitral acima do altar. Não há som nem sinal de outra presença além da sua. Começa a andar com cuidado, da direita para a esquerda, passando atrás das costas dos bancos, por colunas indistintas, atravessa a nave, passa por um túmulo grande e gradeado sobre o qual um homem de armadura está deitado junto à esposa de metal, que, como ele, tem as mãos juntas em oração. Alcança a ala norte e caminha até o órgão. Nada de Armand Saint-Méard hoje. Jean-Baptiste fica meio desapontado, meio aliviado. Talvez fosse agradável ouvir o organista expressar admiração pelo seu novo traje. Talvez também, é claro, pudesse significar apenas o prelúdio de mais um dia desperdiçado bebendo e divagando.

Ele se senta na banquetta do órgão, deixa os dedos se moverem sobre o teclado. À direita e à esquerda há fileiras de registros, puxadores de madeira elegantemente entalhada, alguns com aparência de marfim. Puxa um deles e se inclina para tentar ler o que está pintado ali, mas a escrita é em caracteres góticos elaborados demais e, de todo modo, trata-se de abreviações à semelhança do enunciado de componentes químicos. Ele torna a empurrá-lo. O instrumento é a única coisa em toda a igreja que lhe desperta algum interesse, alguma afeição. Daria para salvá-lo? Desmontá-lo, embalá-lo, armazená-lo e remontá-lo?

Ele se levanta da banquetta, desce pela nave e está tentando, em meio às pedras e placas, entre as sombras consistentes e as inconsistentes, localizar a porta para a rue aux Fers, quando uma voz, voz que por pouco não o esmaga, vem de alguma parte impenetrável da escuridão lá em cima.

— *Você! Quem é você?*

Que horror ser visto dessa maneira! Visto, porém incapaz de ver. Ergue os olhos, assustado, como a esperar ouvir o bater de asas rugosas.

— *Você não é o músico! Conheço os passos dele. Quem é você?*

Ecos, negros rebanhos de ecos sob a abóbada. É impossível localizar sua origem.

— *Responda, vagabundo!*

Ele agora vê a porta, enfia nela a chave, e na terceira tentativa descobre que é a chave da casa dos Monnard. Insere uma segunda na fechadura, gira, puxa a porta..

— *Quem é você? Quem?*

Finalmente a rua, a rue aux Fers. Que não está sendo consumida pelo fogo. Não há monstros saídos das pinturas de Jerônimo Bosch, nem mulheres fantasmagóricas confabulando com demônios ou baleias perdidas que vomitam almas atormentadas. Meia dúzia de donas de casa lava roupa na fonte italiana. À volta delas, o chão brilha. Duas erguem o rosto e o observam — talvez surpresas por verem alguém saindo da igreja, um homem, um homem que jamais viram antes —, mas logo voltam a atenção para o trabalho, os braços frios mergulhados na água fria. A roupa não há de se lavar sozinha.

Está sentado no quarto, envolto em adamacado e contemplando, para além da janela aberta, a igreja. O sol se põe, mas as pedras de Les Innocents pouco refletem seu brilho. As janelas reluzem por um instante, iluminadas por um fogo que mais parece vir de algum holocausto *dentro* da igreja do que de algo tão distante, tão benigno, quanto um sol vermelho de fim de outubro. Então, a luz vacila, recua, e toda a fachada se funde numa escuridão uniforme.

Jean-Baptiste se levanta da cadeira para ver se é possível detectar o brilho da primeira vela noturna na casa do coveiro, mas nada vê, não ainda. Talvez os dois se recolham, como camponeses normandos e os animais desses camponeses, assim que escurece demais para continuar trabalhando.

Será que a garota é retardada? Acha que não, mas quem garante que vai poder depender da descrição que ela fizer do que, sob a grama brava, ele há de encontrar quando começar a cavar? Supõe que não haja alternativa, já que não lhe resta muito mais para guiá-lo. As lembranças do coveiro idoso, registros que serviram de jantar para gerações de ratos...

Vira a cadeira e se senta de frente para a mesa. Remexe no estojo de isca e pederneira, acende a vela e a aproxima da extremidade do caderno em que, de manhã, fez suas anotações. Estuda os esboços, passa um dedo pelos números, tenta encarar a coisa toda como um problema de pura engenharia como os que, na escola, Maître Perronet submetia aos pupilos a caminho do seu gabinete. Tantos metros quadrados de terreno, tantos carrinhos de mão cheios de... escombros. Tantos homens, tantas horas. Um cálculo. Uma equação. *Voilà!* Não pode se esquecer, é claro, de deixar espaço para o inesperado. Perronet sempre insistia nisso, numa certa elasticidade, numa certa flexibilidade de modo que acomode aquele tanto de incerteza que dificulta todo e qualquer projeto e que o praticante ingênuo sempre ignora até ser tarde demais.

Do final do caderno ele arranca com cuidado uma folha de papel liso, abre o tinteiro,

molha a pena e começa a escrever:

Meu senhor,

Conduzi um exame inicial tanto da igreja quanto do cemitério e não vejo motivo para postergar o trabalho que Vossa Senhoria me confiou. Será necessário recrutar no mínimo trinta homens de boa compleição para o cemitério e outros tantos para a igreja, alguns dos quais devem ter experiência na arte da demolição. Além disso, precisarei de cavalos, carroças e um bom suprimento de madeira.

No caso do cemitério, além da remoção dos restos das criptas, sepulturas e fossas coletivas, recomendo que toda a superfície seja escavada até uma profundidade de dois metros e que essa terra seja mandada para fora da cidade, a algum local despovoado, ou mesmo levada até a costa e jogada ao mar.

Se me permite perguntar, algum lugar apropriado já se encontra preparado para receber o material humano? E o que deve ser preservado na igreja, além dos objetos de natureza religiosa, das relíquias etc.? Existe lá, por exemplo, um órgão de origem alemã que poderia, se Vossa Senhoria assim desejar, ser desmontado com vistas à sua preservação.

Estou, senhor, a seu inteiro serviço,

J-B Baratte, engenheiro.

Ele não tem areia onde escorrer a tinta fresca, por isso sopra para secá-la e limpa a pena da caneta. Do piso inferior, vem o som monocórdio da sineta que chama para o jantar. Mais comida de homens mortos. Ele se livra do *banyan*, estende a mão para o casaco pistache e então, antes de descer, faz uma pausa junto à janela com a vela na mão. Não passa de uma fantasia, é claro, de um impulso totalmente estapafúrdio que ele não se daria ao trabalho de explicar para ninguém, mas mesmo assim mexe a vela, de um lado para o outro, como se sinalizasse. Para quem? Quem ou o que poderia estar lá embaixo, naquele terreno escuro, observando? Jeanne? Armand? O padre? Algum vigia de olhos fundos, zelador daquele milhão de mortos? Ou alguma edição futura dele mesmo, habitando o porvir e vendo o bruxulear de uma chama numa janela diretamente acima de onde está? Que quimeras é capaz de criar até mesmo a mente de um homem como ele! Não pode lhe dar corda. Vai acabar acreditando na criatura de que falou o ministro, o cão-lobo do ossuário.



Acima de Paris, as estrelas são fragmentos de uma esfera de vidro atirada para o céu. A temperatura cai. Dentro de uma ou duas horas, as primeiras flores frágeis, crestadas pelo frio, desabrocharão no gramado de passeios públicos, de parques, de jardins reais, de cemitérios. Os lampiões de rua gotejam. Durante a última meia hora eles vêm deixando escapar uma fumaça alaranjada, nada iluminando além de si mesmos.

Nos *faubourgs* dos ricos, vigias anunciam as horas. Nos redutos miseráveis dos pobres, figuras esquivas tentam se esconder no calor umas das outras.

Na casa dos Monnard, no quatinho de guardados sob o telhado, a criada Marie está ajoelhada no escuro. Enrolou o tapete e grudou o olho no buraco acima do quarto de hóspedes. Também costumava observar o músico dessa forma, mas o buraco não foi obra sua. Ela o encontrou com o dedão do pé uma semana depois de começar a trabalhar para a família.

O ar sobe do quarto do hóspede numa espiral quente, levemente enfumaçado, que faz seu olho coçar. Ele acendeu a lareira esta noite, e a lenha continua a queimar, ao menos o suficiente para que ela possa vê-lo, ver seu corpo sob as cobertas, a boca pálida, a maciez em torno dos olhos fechados. Sobre a mesinha de cabeceira está um livro aberto, um pedaço de metal para medir e utensílios para escrever.

O que ela gosta de ver é o momento, o preciso momento, em que eles pegam no sono. Ela é, a seu jeito, uma colecionadora, e, embora garotas mais afortunadas, mais abastadas, possam colecionar dedais ou botões caros, a ela resta colecionar o que for gratuito. Precisa ter cuidado, é claro. O buraquinho não pode denunciá-la. Eles não podem olhar para o alto e ver acima, no teto, o cintilar licoroso de um olho humano.

Este, o novato, o estrangeiro de olhos cinzentos, está deitado de costas, o corpo um pouco virado para a direita, braço e mão esquerdos pendendo estendidos por cima da coberta, a palma da mão para cima, os dedos ligeiramente flexionados. Estarão mesmo tremendo ou é apenas uma ilusão provocada pelas brasas incandescentes? Marie enxuga o olho, torna a olhar. É como se a partir daquela mão aberta, pensa ela, ele se deixasse ir, a mente rolando pelo assoalho como uma bola de lã negra, se desenrolando, se desfazendo...

Dez ruas adiante, num apartamento de segundo andar da rue des Ecoiffes, Armand Saint-Méard está esparramado numa cama grande, com uma mulher grande, sua senhoria e amante, Lisa Saget, mãe viúva de duas crianças vivas e de duas que foram para debaixo da terra antes do quinto aniversário. Mais adormecida que acordada, ela se esgueira da cama,

se acocora sobre um balde, faz xixi, se enxuga com o trapo, volta para a cama. Quando torna a se deitar, a mão do organista passeia, zonzinha, sobre a coxa da mulher, toca um único *arpeggio* demorado no calor da sua pele e depois se aquieta, descansa.

A oeste — oeste em relação ao cemitério e ao mercado, e próximo o bastante à igreja de Saint-Eustache para que as palavras sejam ininteligíveis quando os sinos tocam —, Héloïse Godard, a austríaca, está sentada totalmente vestida na beira da cama lendo *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Johann Wolfgang von Goethe.

O livro, como outros da sua coleção, foi-lhe dado como parte de pagamento por Monsieur Ysbeau, um cavalheiro agradável e erudito que administra dois grandes quiosques de livros na margem do rio. Na primeira terça-feira do mês, ela escolhe um livro nas caixas, enquanto ele se senta no banquinho a seu lado, o culote enroscado nos tornozelos. Quando se vira para ele, exige-se que ela se finja escandalizada, que o repreenda em linguagem chula, após o que ele pede desculpas, sobe o culote e, com meia dúzia de movimentos precisos, embrulha o livro.

Ela aprendeu a ler por cortesia dos pais, estalajadeiros na estrada Orléans—Paris, que pretendiam vê-la exercer a mesma atividade. Mandaram-na, para tanto, obter instrução com um certo *curé* que, debruçando-se sobre a cartilha com ela, se familiarizou com o recheio dos corpetes da menina. Mais tarde, o mesmo tratamento lhe foi dispensado por vários outros frequentadores regulares da estalagem, clientes mais pródigos, muitas vezes sob o olhar dos próprios pais, que pareciam considerar essa atitude uma consequência aceitável do ofício, optando por ignorar as lágrimas da filha, seus silenciosos pedidos de ajuda, até que, afinal, ela aprendeu a não esperar coisa alguma de ambos, a esconder deles e do mundo em geral qualquer demonstração dos próprios sentimentos.

As velas são o seu maior luxo. Ela só lê à noite, na urgência e privacidade da noite. Chega a queimar duas, às vezes até três, velas de cada vez. Não pode aparecer pela manhã com os olhos injetados. Nas estações frias, permanece enrolada na capa dentro do quarto gelido. O pobre Werther está apaixonado. (“Vou vê-la hoje!”, exclamo, quando acordo com o coração cheio de alegria.”) Será que as coisas acabarão mal? Ysbeau não quis lhe dizer, sorrindo apenas, como se o surpreendesse o fato de uma mulher como ela apreciar histórias de amor. Decerto não é uma garota sonhadora, uma ingênua. Sabe tudo sobre os homens e um bocado acerca da natureza do mundo. Mas é difícil, por pior que seja o que se aguentou, abrir mão do amor. É difícil parar de pensar nele como num lar que um dia podemos rever. Mais que difícil.

Lambe um dedo e vira a página.

Dentro da igreja de Les Innocents, na sacristia, Père Colbert também está acordado. Tem uma espécie de cama, um catre com um colchão de retalhos, mas quase sempre dorme sentado na poltrona de madeira, a cabeça grandalhona balançando sobre o peito. Ele baba quando dorme. O pano preto em seu peito amanhece úmido. Não faz diferença. Não há ninguém para vê-lo, e ele não se incomodaria caso houvesse. Em cima da mesa, uma pequena lamparina arde, uma mecha de algodão que flutua no óleo, uma pequena chama (azul, vista por ele através das lentes dos óculos) que um dia já tremeluziu na capela de Saint-Sebastian. À noite, nessa mesma cidade, o Diabo e seus servos andam à solta, e Père Colbert não deseja encontrá-los na escuridão completa e irremediável que se instalaria não fosse a lamparina. Que vá acabar por encontrá-los, que há de precisar fazê-lo, é um fato com o qual já se conformou. Talvez tenha até surpreendido um de seus acólitos rondando o órgão essa manhã. Não é verdade que a igreja toda se desassosseguou? Não é verdade que ele ouviu os adormecidos na cripta deixarem escapar um leve gemido de medo? Em termos de ajuda, ajuda para partilhar o ônus da vigília, ele não nutre esperança alguma de obtê-la (dizem que o bispo tem uma amante e já gerou filhos). Está sozinho em seu posto, tão sozinho quanto na época em que passava os dias na poeira da Província de Hunan, onde, certa manhã, o arrastaram para a praça pública e ele viu, com absoluta nitidez nos rostos na multidão, os olhos do Adversário. Dali em diante nunca mais foi capaz de ver coisa alguma com nitidez...

Vigia as portas, a que vai dar na rua e a outra, que leva à abside atrás do altar. Não passam de vultos, meros vultos, mas ele há de saber se alguém tentar forçá-las, se alguém tentar abri-las...

A cama de Jeanne — onde ela dorme pesadamente — fica junto ao pé de madeira entalhada da cama do avô. Em seu último aniversário, o décimo quarto, ele levou a cama nova escada acima e lhe disse que ela já estava crescida demais para partilhar com decoro o colchão de qualquer homem que não fosse um marido. As palavras a fizeram chorar, soluçar de dor, pois ela dormia ao lado do avô desde bebê, quando, entre um domingo e o seguinte, o pai, a mãe e as duas irmãs morreram de uma febre escaldante. Ser obrigada a dormir sozinha lhe trouxe uma repentina lembrança cega dessa perda, e ao longo de várias noites Jeanne esperou que o avô cedesse, mas isso não aconteceu e ela acabou se habituando ao novo arranjo, ao seu novo status de mulher.

Sonha agora com o cemitério acarpetado de flores brancas, cor-de-rosa, amarelas e carmins. Foi um lindo sonho, rico em promessas, e ela está sorrindo, enquanto, acima dela, acima das vigas rachadas e negras de fumaça, tão velhas quanto a igreja, o gato Ragoût, junto ao calor de uma chaminé, enxuga uma pata dianteira lambida, absorto em meditação, no pelo da orelha aleijada. No cemitério, sob um dos arcos do ossuário sul, alguma coisa chama sua atenção. Ele olha, atento, fica absolutamente imóvel e depois se deita rente aos tijolos.

—O ministro — diz Monsieur Lafosse — acatou os seus pedidos. Você terá os homens de que precisa. O mesmo é válido para os cavalos e a madeira. Esta bolsa, cujo recibo você passará aqui e aqui, contém quinhentos *livres*. E aqui você tem letras de câmbio, que podem ser sacadas com Kellerman, o ourives, na rue Saint-Honoré. Esperamos que preste contas de cada *sou*. Garanto-lhe que o ministro não achará graça, caso, por exemplo, descubra que você gastou cinquenta *livres* para comprar um casaco novo.

Jean-Baptiste enrubesce. Pensa em se defender, mas não consegue, de imediato, atinar com tal defesa. Dizer que estava bêbado e que desejava ser moderno? Ser visto como moderno?

— Quanto às suas perguntas sobre o que deve ser preservado na igreja, a resposta é a mesma que já lhe foi dada antes. Nada.

— E o velho padre?

— Não estamos sugerindo a demolição de um padre.

— O que eu quis dizer foi: ele não vai protestar?

— Por quê? A igreja não lhe pertence.

— Mas ele não terá boa vontade...

— Você não sabe lidar com um padre velho?

— Sei... é claro.

— Então, não existe dificuldade.

— E o músico? O organista da igreja?

— O que tem ele?

— Quando a igreja se for, ele há de perder seu cargo.

— Supõe-se que sim.

— Ouvi dizer que é muito talentoso. Talvez o ministro...

— Você está pedindo que o ministro se preocupe com o destino de um organista de igreja? Logo vai apelar em nome do coveiro.

— Eu imaginei...

— Você parece confuso, Baratte, quanto ao que veio fazer aqui. Comece o seu trabalho o quanto antes. Não permita que obstáculos triviais o detenham. Se não houver começado a trabalhar até o Ano-novo, será substituído por alguém mais eficiente. Fui claro?

— Perfeitamente, monsieur. Posso falar a respeito do que me incumbiram de fazer? A minha presença aqui levanta suspeitas, boatos.

— Explicações não porão fim aos boatos.

— E que destino terão os restos?

— Os ossos? Você logo será informado quanto a esse assunto.

Um momento de silêncio inóspito se instala entre os dois. Os olhinhos de Lafosse examinam o aposento e, por um instante, se detêm no piano-forte. Tal contemplação parece diverti-lo intimamente.

— Seu novo alojamento está a gosto?

Quão difícil é encontrar trinta homens? Não é difícil, numa época dessas. Mas o que dizer de trinta homens satisfatórios, capazes de dar conta do trabalho?

Jean-Baptiste já se decidiu sobre onde procurá-los: nas minas em Valenciennes. Lá, recebendo salários de fome, estão homens habituados ao tipo de trabalho que mataria outros em menos de um mês.

Escreve para Lecoecur. Lecoecur é — ou foi — um dos administradores do veio norte. No período em que Jean-Baptiste trabalhou nas minas, os dois, isolados de toda a sociedade, meio escondidos naquele bolsão úmido e remoto no norte da França, os nervos tensos devido à fumaça, ao barulho das ferramentas, à eventual selvageria do local, forjaram uma espécie de pacto, uma intimidade, embora tudo isso tenha cessado após a partida de Jean-Baptiste.

Era hábito de ambos, sobretudo durante o primeiro inverno interminável, inventar utopias nas quais tudo que lhes ofendia os ouvidos, os olhos e o coração jovem tornava-se bom em sua imaginação. A criação predileta de ambos, a mais detalhada e satisfatória, era Valenciana. Em Valenciana, a economia e a moral, a virtude e o trabalho se entrelaçavam para o bem e o aperfeiçoamento de todos. Havia praças com casinhas simpáticas para as famílias, blocos de dormitórios para os homens solteiros, parques onde o ar era limpo e as crianças podiam brincar como fazem as crianças, brincar e talvez crescer menos malformadas que os próprios pais. Em Valenciana, ninguém menor de doze anos seria obrigada a entrar numa mina. Ninguém com menos de dez anos seria empregado na superfície para empurrar carroças ou desempenhar outras tarefas pesadas, incompatíveis com a sua tenra idade. Haveria escolas geridas por homens bons e instruídos — homens como Jean-Baptiste e Lecoecur. Não existiriam igrejas em Valenciana (assunto que gerou acalorada discussão certa noite), embora nos espaços abertos pudessem figurar estátuas de deidades clássicas, como Atena, Apolo e Prometeu, mas não de Dioniso ou Afrodite. Por insistência de Lecoecur, também não haveria lugar onde os

homens pudessem se reunir para consumir bebida alcoólica. Era mais que um jogo. Os dois chegaram a discutir a possibilidade de apresentar Valenciana ao mundo na forma de um livro e, ao menos durante uma noite, partilharam um sonho quase real de entrarem, os dois, tímidos, porém seguros, nos salões da capital.

Estaria Lecoecur ainda trabalhando nas minas? Teria interesse no Les Innocents? A carta é enviada no coche do meio-dia para Lille, em 7 de novembro de 1785.

Ao indagar sobre cavalos, Jean-Baptiste é discretamente orientado a procurar um jovem oficial, com quem se encontra numa estalagem ao lado da fábrica de porcelana Sèvres, na estrada para Versalhes. O jovem oficial, ao que tudo indica, fornecerá tudo. Não é preciso limitar-se a cavalos.

Em seu casaco azul e culote cor de creme (e como são compridas as suas pernas!), o jovem, que atende pelo nome de Louis Horatio Boyer-Duboisson, dá a impressão de se sentir muito à vontade no mundo. Menciona de passagem o pai, uma propriedade em Burgundy. Parece saber mais sobre o trabalho de Jean-Baptiste do que Jean-Baptiste se recorda de ter lhe contado. Será ligado ao ministro? A Lafosse? Haverá algum arranjo circular que possibilite canalizar os recursos do estado de volta ao estado ou, ao menos, a seus representantes? Os dois combinam um novo encontro para dali a uma semana para que Jean-Baptiste veja uma amostra dos animais. Cumprimentam-se com uma leve reverência, e, embora não aprecie nem ache confiável o soldado, que o faz lembrar-se de um jovem Conde S., o engenheiro não consegue se impedir de desejar um tantinho *ser* o soldado, vestir a vida como uma boa camisa e poder, se o tempo melhorar, cavalgar pelos campos e rios da propriedade do pai em Burgundy.

O tempo não melhora. As nuvens se enroscam nas chaminés de Paris. O vento vem do leste. Lá pelo meio da tarde, na maioria dos dias, já está escuro demais dentro de casa para ler com conforto.

Diariamente Jean-Baptiste se obriga a entrar no cemitério, a caminhar entre seus muros, às vezes sozinho, às vezes na companhia da garota, que fala dos mortos sob os pés de ambos como se falasse de uma grande família estendida, chegando a fingir ser capaz de identificar muitos dos ossos espalhados pelo terreno — o maxilar pertencente a uma Madame Charcot, o fêmur de um Monsieur Mericourt, um veterinário que morreu de gripe.

Da sua parte, Jean-Baptiste prefere não pensar que os ossos têm donos e nomes. Se

começar a tratá-los como ex-pessoas, veterinários, mães, ex-engenheiros talvez, onde achará audácia para enfiar uma pá na terra e separar por toda a eternidade um pé de uma perna, uma cabeça do seu devido pescoço?

Na rue de la Lingerie, suas noites com os Monnard se revelam menos desprovidas de prazer do que ele antecipara de início. Com Monsieur Monnard, ele conversa, de forma vaga e cuidadosa, sobre política. Impostos, escassez, as finanças nacionais. Monsieur Monnard, como seria de esperar, não é um liberal. Fala superficialmente de Voltaire, de Rousseau, de ideias sonhadoras, dos salões, dos tumultos. Mostra-se a favor da ordem. Firmemente imposta, se necessário. Também aborda os negócios, a respeitabilidade dos lojistas. Em resposta, Jean-Baptiste se limita a fazer comentários gerais sobre a conveniência de reformas, o tipo de observação que não perturbaria senão o mais aristocrata dos reacionários; como é preciso, de alguma forma, tornar as coisas melhores e mais justas, embora ele não saiba, na prática, de que maneira fazê-lo, salvo mediante alguma forma de radiação intelectual. Saberá alguém? Quase menciona, numa dada noite, sua velha utopia, Valenciana, mas morde a língua a tempo. Não se pode esperar que um homem como Monnard, que só lê o jornal, entenda, e, de todo modo, as lembranças daquelas noites junto ao calor jamais completamente adequado e provido por carvão na sala de Lecoœur não deixam de soar um tanto constrangedoras. Aquela versão mais jovem, mais loquaz dele próprio, as cabeças de ambos juntas em confabulações em meio às sombras do aposento, a estranha urgência da coisa toda...

Com Madame Monnard, Jean-Baptiste discute os caprichos do tempo. O vento soprou mais forte hoje? Fez mais frio de manhã ou à tarde? O que Monsieur Baratte acha da possibilidade de nevar? Ele *gosta* de neve? De qualquer tipo de neve?

E tem Ziguette. As conversas com Ziguette — às vezes, à mesa, às vezes, no canapé junto à lareira ou sentados próximo à janela que dá para o cemitério — exigem mais esforço. Ele tenta falar de música, mas ela conhece o assunto ainda menos que ele, jamais ouviu o nome de Clérambault ou de alguém da família Couperin. Teatro é outro tópico infrutífero — nenhum dos dois domina suficientemente o tema —, e, quanto a livros, é evidente que a moça não faz mais uso deles que os pais. Ele indaga sobre a história dela; o tópico parece entediá-la. Ela quer saber sobre o trabalho dele, o que o obriga a ser evasivo. Ele se pergunta se ela está apaixonada, não por ele, claro, mas por alguém. Pergunta-se se a deseja. Não tem muita certeza. Seu interesse nela não parece mais marcante do que o seu interesse na criadinha de braços cabeludos que serve o jantar.

Quanto a *casamento*... Será que ele poderia? A filha — a filha muito bonita — de um lojista bem-estabelecido em Paris seria considerada pela maioria um bom partido, um partido que traria vantagens para ambas as partes. Às vezes, enquanto conversa com ela, Jean-Baptiste conduz experimentos reflexivos nos quais os dois estão numa sala, num cabriolé, num leito de dossel, com o hálito dela suavizado depois da erradicação do cemitério promovida por ele e com parte do dinheiro do sogro trancado num baú sob a cama... Esses pensamentos não são desagradáveis, embora as imagens sejam diáfanas como nuvens. Nada disso convence.

A comida dos Monnard continua impalatável como sempre. Até mesmo uma torta de maçã consegue fazê-lo lembrar-se daqueles pequenos cogumelos prateados que crescem nos cantos mais úmidos de um porão. Apesar disso, ele sempre limpa o prato, prática essa que, em parte, lhe foi inculcada na mais tenra infância pelas costas da mão do pai e mais tarde consagrada pelas varas e punições dos irmãos da Ordem Oratoriana em Nogent. Em parte, porém, depois de quase cinco semanas na casa, ele simplesmente vem se habituando, se habituando a tudo. E, quando acaba o jantar, recolhe-se ao quarto, ao *banyan* e a uma ou duas páginas de Buffon. Então, deita-se, apaga a vela e recita o catecismo de sempre. Não se indaga se está feliz ou infeliz. A pergunta é adiada. No céu da boca, tem agora um par de úlceras, que, deitado no escuro, ele explora com a ponta da língua. Será que o *seu* hálito apodreceu? Conseguirá descobrir se tiver acontecido? Não lhe ocorre, por mais que se esforce, uma pessoa com quem possa sanar essa dúvida.

No dia 15, ele volta a se encontrar com Louis Horatio Boyer-Duboisson. Começa a escurecer, e os dois estão num terreno atrás da estalagem onde se viram da última vez. Os cavalos — cinco — perfilam-se sob a chuva fina, suas rédeas seguras por dois soldados que, em seus uniformes malditos, mais parecem duas crianças.

Jean-Baptiste circula em torno dos cavalos e depois pede que os façam circular à sua volta. O pai tinha bom olho para cavalos. Quem sabe o dom não lhe foi passado geneticamente? No entanto, de pé ali sob o chuvisco, ele sente que apenas imita a postura do pai, imita aqueles pequenos movimentos de olho e boca que indicavam avaliação.

— Não vou pagar por nenhum que manque ou esteja doente.

— Naturalmente — concorda o oficial. — Quem pagaria?

— E você vai mantê-los no estábulo até que eu precise deles?

— Estarão à sua espera.

Os jovens soldados são deixados na chuva enquanto Jean-Baptiste e Boyer-Duboisson

se dirigem à estalagem para concluir o negócio. Pedem uma sala privada e são atendidos. Jean-Baptiste dá um sinal de cem *livres*. Pede recibo. O oficial ergue uma sobrancelha e depois sorri como se recordasse com quem está lidando, que classe de homem. Os dois tomam um copo de vinho de sabor indiferente e depois caminham até onde estão os cavalos e os meninos-soldados reunidos, mais parecendo uma única criatura complexa vestindo um casaco de chuva cinzenta.

Chegam duas cartas, que são entregues a Jean-Baptiste por Marie, na escada. Ela tem um pequeno, porém eficaz, leque de expressões faciais, todas elas ligeiramente perturbadoras.

Ele agradece e se retira para o quarto com as cartas. No canto da primeira, vê a impressão de um polegar sujo de fuligem. Rompe o lacre. É de Lecoecur. A caligrafia, salpicada de borrões de tinta e dando a impressão de ter sido feita a toda disparada e sobre o lombo de um cavalo, é parcialmente ilegível, mas o teor é claro o bastante. Que prazer receber notícias do velho amigo! A vida nas minas é tão desagradável quanto sempre foi, só que agora sem o consolo de uma companhia inteligente. Os novos administradores — ninguém dura muito mais de um ano — têm uma instrução reles, estritamente comercial, enquanto os mineiros e suas esposas aterrorizadas continuam a viver como cães semidomados. Quanto a contratá-los, continua a haver o habitual excesso de trabalho e uma extrema dificuldade a envolvê-lo. Trinta homens — ou sessenta — não serão difíceis de obter. Que projeto é esse, tão sedutoramente vago? E ainda por cima em Paris! Acaso Jean-Baptiste não necessitaria também de alguém que conheça os homens, alguém capaz de orientá-los com eficiência em suas tarefas? Alguém consciencioso, discreto? Um colega filósofo, por exemplo?

A outra carta, em bom papel e com uma caligrafia irrepreensível, vem de um tal De Verteuil, da Academia de Ciências. O assunto diz respeito a certos preparativos em curso numa pedreira próxima à Porte d'Enfer, ao sul do rio, para a recepção dos restos retirados da igreja e do cemitério de Les Innocents. Adquiriu-se uma casa na qual as escadas do porão dão acesso ao velho canteiro de obras e que tem no jardim um poço cuja circunferência ultrapassa três metros, e se esvazia também no terreno da pedreira, um local apropriadamente seco e bastante adequado à finalidade pretendida. Quando tudo estiver pronto, o bispo há de consagrar os corredores e câmaras pertinentes. Isso feito, o sr. Engenheiro estará liberado para iniciar os primeiros traslados. O sr. Engenheiro faria a gentileza de enviar sua estimativa sobre o número de ossos que espera encontrar?

Jean-Baptiste dobra a carta e a guarda entre as páginas do caderno. O número de

ossos? Não faz a mínima ideia.

Antes de partir para Valenciennes, ele procura Armand e lhe conta tudo. Não está habituado a guardar segredos, e a verdade não revelada lhe pesa no estômago como uma das estranhas gororobas dos Monnard. Trata-se, ele sabe, da inescapável influência da religião da mãe, aquela ênfase letal sobre a consciência, sobre a incansável prestação de contas moral. Igualmente se trata do desejo de oferecer alguma coisa à única pessoa em Paris que ele tem motivos para considerar amiga, pois os dois se encontraram três ou quatro vezes desde aquele primeiro dia, confirmaram seu interesse um no outro e o prazer que sentem naquilo que os torna diferentes entre si. De qualquer modo, tudo virá à tona em pouco tempo. Melhor agora do que quando trinta mineiros de olhar meio enlouquecido adentrarem a igreja com picaretas e martelos.

Encontra Armand (no meio de uma manhã fria) na rue Saint-Denis, onde o organista discute com uma garota vendedora de camarões e, vez por outra — sem deixar de olhar nos olhos da moça —, estende a mão para pegar um dos bichinhos cor-de-rosa na bandeja sobre a cabeça dela. O músico cumprimenta Jean-Baptiste, pegando-o pelo braço e o levando a andar para cima e para baixo na rua, ouvindo enquanto ele recita seu prefácio desajeitado, interrompendo-o para apontar um casal de cães tristonhos copulando junto à porta de uma chapelaria. Antes que Jean-Baptiste possa continuar sua confissão, Armand o convida para jantar em sua casa.

— Os endiabradinhos da Lisa estarão lá, mas a comida é sempre decente. Sem dúvida, não tem gosto de cemitério. E mais tarde aparecerão algumas visitas.

Os dois combinam de se encontrar junto à fonte italiana às sete em ponto. Jean-Baptiste chega com dez minutos de antecedência e é obrigado a esperar mais quarenta por Armand. Não há pedido de desculpa, não há justificativa. Os dois partem juntos, passando de uma pocinha de luz para outra, enquanto o organista, gesticulando com seus dedos compridos e alvos, ataca um panegírico crivado de termos gregos e latim eclesiástico sobre a beleza, a fantástica *proporção*, dos seios de sua senhoria.

A rue des Ecouffes fica a uma distância de vinte minutos a pé, para os lados da place Royale e da Bastilha. No térreo da casa há uma loja especializada em fabricação e conserto de espelhos, e os dois se detêm um instante diante de um dos objetos na vitrine, embora já esteja escuro demais para ver mais que as silhuetas momentaneamente imóveis de ambos. Sobem três lanços de degraus íngremes de madeira para chegar à porta do apartamento. Lisa Saget e os filhos estão na cozinha. Ali há luz, fogo para aquecer e aroma de comida. Armand saúda sua senhoria com um beijo estalado na testa e afaga o cabelo das crianças. Uma galinha está sendo assada num espeto; a menina tem o encargo de girá-lo. Olha para Jean-Baptiste e sorri para Armand. Afora a falta de seios, a menina é a miniatura perfeita da mãe, de aparência poderosa.

— Monsieur Baratte — diz Armand, a voz abafada pelo armário dentro do qual ele procura copos e uma garrafa —, que está alojado no meu antigo ninho na casa dos Monnard.

É evidente que a mulher já ouviu falar dele. Está sentada à mesa da cozinha fazendo alguma coisa com a parte consumível das entranhas da galinha. Ergue os olhos e examina o engenheiro, esse homem de olhos cinzentos perdido dentro de um casaco verde.

— Ele vai jantar conosco? — indaga.

— É claro — responde Armand. — Ele não faz uma refeição decente desde que chegou a Paris.

Jean-Baptiste senta num banco à mesa. Está de frente para o fogo e a garotinha. O irmão, coçando as costas, a observa, por cima do ombro de Armand, desempenhar seu trabalho invejável junto à comida.

— E os Monnard? — indaga a mulher, ocupada com a faca.

— Acho que vão muito bem — responde Jean-Baptiste, ciente de que não foi exatamente isso que ela perguntou.

— Temos de encontrar outro lugar para alojá-lo — diz Armand —, se é que ele pretende se demorar por aqui.

— E ele pretende? — emenda a mulher.

— Quem sabe? — responde Armand. — Ele não fala muito.

Jean-Baptiste estuda as mangas pistache do casaco, imagina se a mesa estará bem limpa ou se seria aconselhável tirá-lo.

— Devo me demorar por aqui algum tempo. Não sei dizer quanto.

— Eu não conseguiria morar num cemitério — diz a mulher. — Não consigo imaginar que tipo de pessoa é capaz disso, entra ano, sai ano. Já basta ver Armand chegar em casa

fedendo àquele lugar até as entranhas.

— Ela me lava com limão — intervém Armand. — Com um sabão feito de folhas de sálvia e cinzas. Ela me defuma com rosmarinho...

— Não seria bom — atalha Jean-Baptiste — se o lugar fosse removido?

— Removido? — A mulher dá um risinho. — E como se remove um cemitério como Les Innocents? Seria mais fácil remover o rio.

— É possível — diz Jean-Baptiste. — Tanto no caso de um como no caso do outro.

Armand, que até então examinava o couro cabeludo do menino, repartindo os cachos castanhos em busca de piolhos, para e aguça a atenção.

— É nisso que você está envolvido? No cemitério?

— Claro que não será fácil — diz Jean-Baptiste. — Levará muitos meses.

— Você é como o restante dos seus amigos — observa Lisa. — Capaz de garantir que a lua é uma tigela de sopa se achar que consegue convencer alguém.

— Só que para mim — intervém, calmamente, Armand — ele parece totalmente sério.

— Pode ser feito — emenda Jean-Baptiste. — E será feito.

— O cemitério todo? — indaga Armand.

— O cemitério. A igreja.

— A igreja?

— Ela não será tocada durante algum tempo. Talvez não antes de um ano.

— Então — diz Armand baixinho —, chegou a hora.

— Eu gostaria de ter lhe contado antes. Fui instruído para não falar do assunto.

A mulher interrompe seu trabalho.

— E o emprego dele? — indaga. — *Isso* também vai ser removido?

— Eu... Eu já abordei o assunto — responde Jean-Baptiste.

— Com o ministro? — pergunta Armand.

— Com o representante dele.

— E posso ter alguma esperança?

— Voltarei a abordá-lo.

Faz-se um silêncio, então, quebrado finalmente por uma palavra áspera de Lisa para a filha, que, atenta a essa troca interessante entre os adultos, parou de girar a galinha.

— Acho — diz Armand — que devo agradecer a você.

— Agradecer a ele? — indaga a mulher. — Agradecer o quê?

— A igreja, minha doce criatura, está fechada há cinco anos. Não posso continuar indefinidamente a tocar Bach para os morcegos.

— É tudo conversa fiada — diz a mulher, pegando novamente a faca. — Vocês devem ter parado para beber no Djeco no caminho para cá.

— Se não fosse eu — diz Jean-Baptiste —, seria outro a vir para cá. Embora eu não culpe você por... por ficar ressentido.

— Quem falou em ressentimento? — pergunta Armand, estendendo a mão para a garrafa. — Ninguém fica ressentido com o futuro. Nem com os que o promovem. — Ele enche os copos. — Vamos lá. Bebamos àquela terra nebulosa para a qual iremos todos, alguns sobre os próprios pés, outros à força, berrando.

A garotinha ri. Um instante depois, o menino a acompanha. Lisa os ignora.

Todos comem. A comida, sem dúvida, é a melhor que Jean-Baptiste teve o prazer de provar desde que chegou à cidade, embora sua satisfação pudesse ser maior se encontrasse um jeito de conquistar a simpatia da mulher, que o serviu de galinha como se preferisse botá-lo para correr porta afora à ponta do espeto. O tópico do cemitério não volta à baila. Armand está pensativo, meio distante, meio distraído, mas bem-humorado.

Quando terminam de comer, Armand ensina uma canção às crianças, que cantam com doçura. Ele pediu a Jean-Baptiste que lhes ensinasse alguma coisa, um pouco de aritmética, talvez, e durante cerca de meia hora é o que Jean-Baptiste faz. As crianças ouvem; nada entendem. Ele desenha figuras geométricas na ardósia — triângulos dentro de círculos, círculos dentro de quadrados — que são imediatamente admiradas. As crianças se postam uma de cada lado, esperando para ver que novidade inteligente aparecerá sob seus dedos. A menina descansa a mão confortavelmente em seu ombro.

O encanto é quebrado pelo ruído de alguma coisa pequena atirada na janela. Lisa — cujo comportamento com o convidado pouco a pouco se suavizou — levanta-se com um muxoxo de irritação. Pega uma das velas e vai com as crianças para um aposento nos fundos da casa. Armand sai pela outra porta e volta um minuto depois acompanhado de três homens. Os três parecem estudantes, embora sejam velhos demais para isso. Um ostenta uma rosa de seda surrada presa à lapela, o outro traz o pescoço fino envolto numa gola de pele amarelada, enquanto o último usa óculos de aro de arame sobre um nariz destinado à comédia.

— Messieurs Fleur, Renard e De Bergerac — apresenta Armand. Os homens fazem uma reverência zombeteira. — Eu sou Monsieur Orgue e você... Vejamos. Você é... Humm. Monsieur Triangle? Monsieur Normand? Ou Bêche? Sim, Bêche é melhor. Você será batizado em homenagem a uma das pás que vai usar para desenterrar os mortos.

— Vejo que o levou ao Charvet — observa Monsieur Fleur.

—É claro — confirma Armand, devolvendo o risinho do outro.

A conversa dos quatro não é fácil de acompanhar. Parece consistir de mexericos sobre homens e mulheres que também são donos de nomes típicos de personagens numa farsa. Quando o vinho acaba, encontra-se algo mais forte. Ninguém parece ter muita certeza do que se trata. O gosto lembra ligeiramente amêndoa e queima o peito de forma agradável. Os homens riem um pouco. De Bergerac afaga o próprio nariz; Renard mexe num buraco na sola do sapato, com carinho, como se mexesse num buraco no próprio pé.

Será que Lisa Saget foi dormir com os filhos? Jean-Baptiste está à sua espera desejando poder se despedir e voltar para casa. É bastante agradável sentar-se junto ao fogo bebericando, com o gosto da gordura da galinha nos lábios, mas ele já fez o que foi até lá fazer e amanhã precisa empreender a viagem até Valenciennes. Não quer viajar de ressaca.

Flagrando seu olhar para a porta, Armand pouisa uma das mãos em seu braço.

—Nem pense em nos escapar, Monsieur Bêche. Ainda não terminamos.

Consomem as últimas gotas da bebida e se calam, o olhar fixo nas brasas da lareira. A sala começa a esfriar. Nada acontece. Já será meia-noite? Mais que isso? Então, sem aviso, Armand se põe de pé. Sai, mas volta quase imediatamente com dois vasos grandes embrulhados em palha trançada.

—Suponho, cavalheiros — sussurra —, que estejam todos armados.

Das profundezas de seus casacos, Renard, Fleur e De Bergerac produzem pincéis. Depois de mostrá-los, eles os guardam novamente.

Juntos, saem para a rua. Faz muito frio agora. Está frio e úmido, é uma genuína noite de inverno, em nada romântica. Jean-Baptiste abotoa o guarda-pó até o queixo, porém se dá conta, mais uma vez, do quanto gostaria de estar usando seu velho traje por baixo.

Seguindo Armand, os quatro enveredam por ruelas estreitas atrás da rue Saint-Antoine. A cidade lhes pertence — não veem pessoa alguma, não ouvem voz alguma. É aquele período fugaz, a virada da maré da cidade, quando a última das tavernas já expulsou sua freguesia, mas as carroças do mercado ainda não apareceram, as grandes, de seis rodas, com os lampiões balançando nas laterais, nem as filas de burros de carga, animais miseráveis que passaram a noite toda na estrada, vindos das fazendas e dos pomares no campo, as alcofas cheias até a boca.

Percorrem a rue Neuve, a rue de l'Echarpe e passam pelas galerias da place Royale... Seja o que for que estejam fazendo, bêbados, atravessando em disparada a praça com suas latas de tinta, não será fácil explicar, caso toquem com uma patrulha. E se ele — o recém-nomeado engenheiro — tivesse que se explicar a Lafosse? Ao ministro? (*Fiquei*

constrangido, meu senhor. Não me senti à vontade, dadas as circunstâncias, para me recusar a tomar parte no que me pareceu meramente um passeio. Se eu soubesse o que pretendiam esses homens, aos quais havia sido apresentado fazia tão pouco tempo...).

Chegam à rue Saint-Antoine, atravessam para o lado mais ermo, passando pela igreja de Sainte-Marie, onde uma dezena de indigentes se encolhe nas escadas à espera da missa das cinco horas, na esperança de ganhar moedas de alguma viúva pia.

À frente do grupo — a uma distância de uns cento e cinquenta metros — surge a fortaleza da Bastilha, seus muros e torres apenas formas recortadas indistintamente na escuridão. Ela se destaca, imponente, em meio a tudo, mas de alguma forma dá a impressão de estar encurralada, presa, de ser o último dos basiliscos, deixado para trás, amedrontado, cheio de uma força inútil. E, atrás daqueles muros, o que haverá? Montes de miseráveis agrilhoados em celas subterrâneas, enterrados vivos? Ou apenas mais pedra, pedra e muito ar viciado, com uns poucos quartos trancados sendo ocupados por moradores em puro tédio, embora não extremamente mal-acomodados —, cavalheiros escritores que, tendo produzido alguma sátira sobre uma das favoritas do rei, se viram afastados de seus estudos por uma *lettre de cachet*?

O grupo para na entrada de uma oficina. A rua em frente é examinada, chapéus são puxados de forma a encobrir mais os rostos e, mediante uma rápida palavra de ordem de Armand, todos se põem em movimento, correm curvados, passam pela frente da fortaleza e chegam ao portão vizinho, de três arcos: a Porte Saint-Antoine. É ali, na pedra do portão, que o governo manda afixar suas notificações e decretos. Um aumento no imposto sobre o sal, uma nova penalidade pela pesca ilegal no Sena, por esvaziar urinóis de excrementos humanos na rua entre as seis da manhã e as seis da noite; a data de um sermão a ser feito pelo capelão-mor na Sainte-Chapelle; o dia e a hora em que alguém será marcado a fogo ou enforcado.

Pichar essas notificações faz parte do toma lá dá cá entre o governo e o povo. Vez por outra, um infrator persistente leva uma surra do vigia, mas quase nunca uma obscenidade pichada contra a rainha — *la pute autrienne!* — ou algum coletor de impostos notoriamente ávido atrai atenção oficial.

Esta noite, sobre notificações recém-afixadas, é a vez de Renard, Fleur, De Bergerac, Orgue e Bêche produzirem garatujas. Tudo é feito em menos de um minuto. Jean-Baptiste segura uma das latas para Renard, tomado por uma pressa ensandecida, e sente o rosto ser salpicado de tinta. Nem sequer consegue ver o que eles escrevem, ou vê apenas uma única palavra — POVO!. Então, com latas e pincéis, todos se afastam correndo, como

ratos de uma despesa.

De volta à rue des Ecoiffes, Armand, ofegante, convida todos a subir para comemorar a ação noturna. Ele acha que talvez haja outra garrafa daquela bebida de amêndoa em algum lugar, quem sabe debaixo da cama. Jean-Baptiste se despede. A hora avançada, a viagem pela manhã... Cumprimenta de cabeça o grupo, de forma educada, até mesmo amistosa, mas todos já lhe deram as costas, ofendidos talvez pela sua falta de solidariedade e de *esprit de corps*.

Apertando a gola do guarda-pó junto ao pescoço, ele atravessa a rua. Uma bruma se ergue das pedras da rua, bruma que já engoliu pela metade os postes de iluminação e as janelas térreas. Logo sugará as placas das lojas, aquelas amostras de madeira e ferro — uma luva gigante, uma pistola que mais parece um pequeno canhão, um bico de pena comprido como uma espada — que balançam acima da rua pendendo de fios de arame. O engenheiro não se perturba. Conhece bem o caminho, aprendeu a se locomover no bairro, embora talvez tenha se esquecido de que uma cidade à noite não é exatamente a mesma de durante o dia. Ademais, está distraído pelo esforço mental de decidir como se sente em relação a correr pelas ruas carregando uma lata de tinta. Foi excitante? Agora que acabou, Jean-Baptiste pode admitir que sim, um pouco. Excitante, mas também cansativo, absurdo e infantil, pois que mudança há de ser operada por homens que disparam pela cidade pintando slogans nos muros? E, ainda por cima, que homens mais estranhos! Existe algo meio esquisito neles, algo que ele supõe não ser capaz de partilhar, uma espécie de desespero. É espantoso que Armand deseje se envolver com gente assim, embora para Armand talvez eles não sejam senão uma desculpa para passar a noite bebendo. A mulher era interessante, agradável apesar de certa rudeza. As crianças também. Ele gostou da companhia dos pequenos, da atenção carinhosa com que o observaram desenhar figuras geométricas na ardósia.

Ele para e tenta enxergar em meio à bruma. Já deveria estar na rue Saint-Denis, um pouco acima da rue aux Fers. Em vez disso, porém, está... onde? Numa rua que não reconhece em absoluto. Terá perdido o rumo? Procura uma esquina onde virar à esquerda, caminha uns bons quinhentos metros até achá-la, dispõe-se a percorrê-la, mas a cada passo se descobre menos seguro do seu paradeiro, faz uma fantasia de que, em vez de se encontrar no coração de Paris, o que o circunda são os becos de terra batida de Bellême. É quando vê, surgindo acima de sua cabeça, os arcobotantes de uma igreja, de uma igreja imponente. Saint-Eustache? A bruma tornou-se agora espessa como fumaça de lenha. Ele caminha devagar, com cuidado. Se a igreja for, de fato, Saint-Eustache, então —

teoricamente — ele sabe precisamente onde está, mas teme ter se equivocado de novo, teme passar o que resta da noite vagando por ruas inidentificáveis, em meio a prédios que parecem navios encalhados.

Ouve, à sua frente, o repentino barulho de passos. Outra pessoa, como ele, está na rua a essa hora, alguém que, a julgar pela rapidez e firmeza das passadas, se sente totalmente seguro em seu caminho. Nada existe de sinistro nisso, nada óbvio quanto a esse aspecto, mas mesmo assim o medo de Jean-Baptiste aumenta rapidamente. Que tipo de homem estaria na rua a uma hora dessas e numa noite como essa? Será possível que o estejam seguindo? Que o estejam seguindo desde a Porte Saint-Antoine? Remexe nos bolsos em busca de algo para usar em defesa própria, mas nada encontra de mais perigoso que uma das chaves do cemitério. Tarde demais, de todo jeito. A trama da bruma começa a se desfazer. Uma forma, uma sombra, uma sombra envolta numa capa... Uma mulher! Uma mulher perdida em devaneios, já que ela para a apenas um mísero metro de distância dele. Durante três, quatro segundos, os dois congelam numa espécie de vigilância primitiva, antes que a postura de ambos relaxe ligeiramente. Ele a conhece. Não há dúvida. A capa, a altura dela, o olhar firme iluminado pela estranha claridade da bruma, uma luz débil e azulada que se irradia de todo lado e de lugar nenhum. Será que ela se lembra *dele*? Jean-Baptiste não consegue atinar com um motivo que a levasse a isso.

— Eu estava indo para casa — explica baixinho, quase num sussurro. Ela assente, aguarda. Lembrou-se dele! Ou assim ele supõe. — Me perdi.

— Qual é a sua rua? — indaga a mulher, num tom tão suave quanto o dele.

— A rue de la Lingerie.

— Ao lado do cemitério.

— Sim.

— Não é longe daqui — diz ela. — Dá para atravessar o mercado. — Seu olhar, por cima do ombro dele, indica a direção a tomar.

— Já nos vimos antes — observa Jean-Baptiste.

— Já.

— Lembra-se disso?

— Você estava com o músico.

— Você é Héloïse.

— Não me disseram seu nome.

— Béche.

— *Béche*?

— Jean-Baptiste.

Ele dá um passo em sua direção. Então, um átimo depois, mais outro. Os dois ficam ali, isolados dentro da bruma. Erguendo uma das mãos, ele a toca no rosto. Ela permanece impassível.

— Não tem medo de mim? — indaga ele.

— Não — responde ela. — Deveria?

— Não. Não há motivo.

Seus dedos repousam no rosto dela. Ele não sabe dizer o que está fazendo, o que o guia, logo ele, cuja experiência com mulheres é tão parca. Será que o fato de se tratar de uma prostituta lhe permite agir assim? Mas, nessa hora imprevista, palavras como prostituta, engenheiro, Héloïse ou Jean-Baptiste, soam vazias igual a ovos ocos.

— Então viro ali? — pergunta, despertando de súbito e baixando a mão.

— Ali na esquina — responde ela.

Murmurando um agradecimento, ele se afasta. Com facilidade encontra o mercado, uma cidade dentro da cidade, já movimentado, iluminado por lanternas e candeeiros, embora ainda falem umas duas horas para que os primeiros fregueses apareçam. Na outra extremidade, fica a esquina da rue aux Fers, o muro negro do cemitério, as pedras úmidas de bruma da rue de la Lingerie...

Quando abre a porta da casa dos Monnard, algo dispara à sua frente. Ele se atrapalha com os apetrechos que encontra na mesa do corredor, mas finalmente consegue acender uma vela. Ragoût aguarda à porta do porão, o focinho apertado de encontro à nesga de vazio entre a porta e o chão. Encara Jean-Baptiste como se esperasse ajuda. Jean-Baptiste se abaixa, sente o ar passar pela fresta, ar frio, frio como o hálito de um homem nos últimos estágios de uma febre. Pousa a vela na prateleira ao lado da porta. Imediatamente a chama bruxuleia e, antes que ele possa atirá-la, se apaga.

Durante o que resta da noite, ele permanece acordado, o interior da cabeça faiscando com a claridade da insônia e da bebida sem rótulo. Vez após vez, revê o encontro com a mulher, com Héloïse, até que a cena toda se torna impenetrável, cedendo lugar a um outro estado, levemente entorpecido, em que ele vê a porta do porão se abrir devagarinho e, incapaz de resistir, se aproxima daqueles degraus, degraus em que jamais pôs os olhos...

Veste-se logo ao primeiro sinal do alvorecer. Duas vezes limpa o espelho com a mão até se dar conta de que os pontos pretos estão em seu rosto, não no espelho, a recompensa que ganhou por ter segurado a lata de tinta de Monsieur Renard. Não tem água para se lavar. Solta um palavrão e sai de fininho de casa.

É o último a embarcar no coche, na rue aux Ours. Senta-se de frente para um padre de cabeça branca. Ao lado do padre (que, sob a capa preta, apalpa com delicadeza algum desconforto no estômago) viaja um casal estrangeiro. São ingleses, descobre afinal. A mulher, impecável, usa roupa pesada e está bem desconfortável; o homem, corado e grandalhão, parece um velho lutador. O passageiro restante é uma mulher, uma daquelas mulheres elegantes e misteriosamente tristonhas de certa idade, que viaja desacompanhada em veículos públicos e que de imediato se torna o foco de todo tipo de especulação por parte dos demais passageiros. Olha pela janela como se lhe restasse a esperança de que alguém, um cavalheiro como Louis Horatio Boyer-Duboisson, pudesse surgir a cavalo, brotando do que restou da bruma da noite anterior para lhe pedir que fique. Ninguém aparece.

À porta da agência dos coches, o cocheiro toma seu trago matutino. O casal inglês divide um ovo cozido. O padre lê um livrinho, as páginas quase lhe roçando a ponta do nariz. A mulher elegante solta um suspiro. Jean-Baptiste — que nada comeu desde a galinha do jantar de ontem — fecha os olhos e pega num sono tão profundo que o deixa morto para tudo à volta até que, despertando abruptamente três horas mais tarde, vê

passarem do outro lado da janela salpicada de lama os campos inverniais. Paris já ficou há muito para trás. A inglesa sorri para ele, balança a cabeça. O marido e o padre roncam, lado a lado, cada qual no seu ritmo.

Chegam a um morro. Os cavalos emperram. O cocheiro, espiando pela abertura no teto do coche, indaga se os cavalheiros se opõem a subir a pé. Os cavalheiros concordam e saem caminhando com cuidado na lama enquanto tecem comentários sobre a natureza cor de barro que os cerca de um lado e do outro. Voltam ao coche no topo do morro, espalham no chão a lama que grudou em seus sapatos e depois se agarram às correias de apoio enquanto os cavalos empreendem a longa e deslizante descida até a aldeia onde, para alívio geral, todos param para almoçar.

À tarde, depois de terem tomado um bocado de vinho branco para acompanhar a comida, tem lugar uma hora de conversa inofensiva, seguida de uma hora de sesta, enquanto o coche balança qual um navio, e o mundo passa do outro lado das janelas, despercebido e anônimo.

Aportam em Amiens duas horas depois do anoitecer, entrando por um dos velhos portões da cidade e esticando o pescoço para ter um vislumbre da sombra da catedral. Há um grupo de peregrinos hospedado na estalagem. Os recém-chegados são obrigados a se virar como podem no espaço que sobra. Jean-Baptiste divide com o padre uma cama no sótão, e este o convida para uma prece em conjunto. Não lhe apetece rezar, gostaria de anunciar que é um filósofo, um racionalista, um livre-pensador, mas educadamente acrescenta seus améns aos do padre e sente neles o velho conforto de sempre. Os dois trocam um aperto de mão e sopram a chama da vela. A barriga do padre ronca. Ele se desculpa. Jean-Baptiste lhe garante que isso não o incomoda.

De manhã, ele acorda com a cabeça aninhada no ombro do padre. Os dois se sentam na cama e trocam novamente um aperto de mão. Isso é viver; isso é viajar.

Coche novo, cocheiro novo, cavalos novos. Chegam a Douai no início da tarde. Lá, o grupo se divide. O velho padre é recebido por jovens padres do seminário, o casal inglês atravessa o pátio até o coche que aguarda para levá-los a Calais, a mulher elegante e tristonha faz um rápido inquérito sobre o próximo transporte para Bruxelas. Jean-Baptiste, agarrado a uma pequena valise, embarca apressado num coche apinhado com destino a Valenciennes. Duas horas depois, ele desce, rijo de frio, na rue de Paris. O tráfego é sempre intenso entre a cidade e as minas. Por dez *sous*, consegue carona numa carroça que transporta manteiga malcheirosa e que o deixa na entrada da colônia dos mineiros quando a claridade do dia está prestes a se apagar.

Mesmo ao crepúsculo, fica evidente que Lecoeur estava certo e que não houve qualquer mudança importante desde que Baratte aqui esteve por último. O mesmo denso aglomerado de barracões e cabanas, semelhante ao acampamento de um exército sitiador, um exército que finca o pé de má vontade sem a mais ínfima fé na vitória. Montes de pequenas fogueiras ardem, cada qual cercada por um grupo de silhuetas masculinas e femininas. À beira da estrada, as crianças brincam entretidas, algumas se detendo para olhar, cheias de espanto e incúria, a carroça que passa. As estradas foram abertas pela mineradora, as primeiras batizadas com nomes pomposos e plenos de promessas, como avenue de Charbon, avenue de l'Avenir e até avenue de Richesse. As posteriores receberam tão somente números: rue 1, rue 2. No centro de tudo, discerníveis como uma zona mais escura e mais densa de fumaça e alarido abafado, fica o canteiro de obras propriamente dito.

Os administradores possuem um alojamento exclusivo, ligeiramente a leste do canteiro. O vento incessante cobre tudo com uma nuvem de fuligem e pó de pedra. O estilo do alojamento lembra um acampamento provinciano, cada bloco dividido em seis, cada qual o lar de um administrador, quase sempre solteiro. Esse não é um lugar para onde levar uma esposa. Não é um lugar onde se espera encontrar uma. Os administradores graduados moram em Valenciennes. Os proprietários e acionistas estão em Paris, onde as minas talvez figurem em seus pensamentos como buracos na terra de onde se pode, simplesmente, tirar dinheiro às colheradas.

Há horas ameaça nevar. Justo quando o engenheiro entra no alojamento, os flocos começam a cair. Jean-Baptiste se lembra da casa de Lecoeur; foi vizinho dele durante quase um ano, respectivamente a segunda e a terceira divisões do segundo bloco. Na entrada, debaixo da janela da frente, Lecoeur tinha um pequeno jardim, um trecho de terra cultivada onde, no verão, cresciam cebolas e alfaces, além de um punhado de cravos-de-defunto. Não há vestígio de jardim agora.

Ele bate à porta, aguarda, torna a bater. A neve lhe assenta nos ombros, na aba do chapéu. Já vai bater uma terceira vez quando a porta se escancara e lá está Lecoeur, de vela na mão, a chama tremeluzindo.

— Companheiro! — exclama Lecoeur. — Ai, meu companheiro! A espera já estava me enlouquecendo!

A vela se apaga. Os dois atravessam o curto corredor no escuro. Entram na sala. A vela, ao cabo de uma busca pelos apetrechos necessários, é novamente acesa. Lecoeur está de pé no meio do cômodo, triunfante, cômico, meio cambaleante.

— Está lembrado? — indaga. — Hein? Não consegue ver sua antiga pessoa naquela poltrona ali?

— Consgo — diz Jean-Baptiste, registrando o aposento — a poltrona com suas manchas de gordura humana, o foguinho medíocre, os retratos em perfil de mãe e irmã... A constância, a imutabilidade, que, como aquela da colônia de mineiros, não são alvissareiras.

Sobre a mesa, uma refeição. Algumas fatias de cabeça de vitela defumada, batatas sem molho, pão com uma fina camada de manteiga malcheirosa de um carregamento anterior. No centro da mesa, uma garrafa que contém um líquido claro que Lecoeur agora despeja em dois copos, esvaziando o dele imediatamente e depois entregando o outro a Jean-Baptiste. Os dois se sentam cara a cara. Jean-Baptiste corta com dificuldade a fatia de vitela em seu prato (cujo gosto sugere que a coitadinha foi marinada em suas próprias lágrimas). Toma aos golinhos o líquido da garrafa, vê flocos negros de neve colidirem, silenciosamente, com o vidro da janela.

Faz três anos que os dois não se encontram — um abraço apressado sob a garoa na parada do coche em Valenciennes. Desde então, que dificuldades o tempo impôs a esse homem para desgastá-lo tanto? Ele não tem mais de trinta e cinco anos, talvez menos, mas parece cinquentão e doente. Perdeu a maior parte dos dentes. O nariz está inchado, vermelho, crivado de vasos dilatados. Emagreceu de dar dó e se mostra nervoso. Quando desata a falar, não para mais, e o que começou como conversa ligeira se torna, aos poucos, um lamento, depois um queixume amargo, centrado na mina, aquele leviatã, aquele moedor de ossos humanos.

É assim que ele passa as noites? Sozinho com uma garrafa, acusando o ar? Está vestindo um colete grumoso de lã marrom, tricotado talvez por um círculo de parentas solteironas para as quais o jovem Lecoeur, o Lecoeur com dentes, já representou a derradeira grande esperança da família. Quando ele se cala e estende novamente a mão para a garrafa com um suspiro de amante apaixonado, Jean-Baptiste já decidiu que precisa, se puder, levá-lo a Paris. Nesse lugar ele não há de durar mais um inverno. E terá *realmente* perdido todo o seu antigo talento? Toda aquela atividade mental saudável que um dia foi sua? Com o dinheiro do ministro, com a autoridade do ministro, não deve ser impossível arrancá-lo daqui. Existe um risco, é claro. Quão perdido estará? Em sua consciência, porém, Jean-Baptiste não consegue aceitar a ideia de largá-lo assim em Valenciennes.

Está refletindo, tentando montar mentalmente um retrato crível do primeiro dia de

escavações em Les Innocents — ele mesmo em cima de algum tipo de plataforma ou andaime, os homens lá embaixo, enfileirados, com suas ferramentas —, quando Lecoeur de repente pergunta:

— Você se casou?

— Não — responde Jean-Baptiste, em cuja mente, de forma absurda, surge a sombra de Héloïse, a prostituta Héloïse.

— Foi o que achei — diz Lecoeur. — Um homem casado não usa um traje como esse.

— E você? — indaga Jean-Baptiste. — Você está... está envolvido com alguém?

Lecoeur sorri, balança a cabeça, fita o fogo.

— Há muito não sei o que é me envolver com uma mulher.

O toque de despertar soa às três e meia da manhã. O primeiro turno, a primeira descida, é às quatro. Jean-Baptiste acorda no quarto do segundo andar. Olha para a janela, mas não vê sinal de claridade. Levanta-se da cama. O quarto é ridiculamente frio. Ele se lembra perfeitamente de tudo.

Na sala, encontra Lecoeur totalmente vestido, o rosto uma máscara de concentração enquanto usa ambas as mãos para encher um copo com o líquido da garrafa quase vazia agora. Pousa, então, a garrafa e depois encosta a boca na beirada do copo e suga a primeira golada enquanto o copo continua sobre a mesa.

— Quer que eu lhe sirva um copo? — pergunta.

— Mais tarde, talvez — responde Jean-Baptiste.

Os dois conversaram um pouco, na noite anterior, sobre o esquema para Les Innocents, sobre os homens que serão necessários. Lecoeur foi muito profissional. Preparara uma lista de nomes e, passando-os em revista (Everbout, Slabbart, Block, Rape, Cent, Wynthère), forneceu a Jean-Baptiste um breve histórico de cada um, a idade aproximada, tempo de serviço, o caráter moral, na medida em que dele tinha conhecimento, na medida em que tal conhecimento era possível. Nada foi dito quanto a acrescentar seu próprio nome à lista, mas agora, na sala gelida, Jean-Baptiste pergunta se a ideia lhe apetece.

— *Se me apetece?*

Na pressa para apertar as mãos do amigo, Lecoeur esbarra na beirada da mesa com o quadril, quase derrubando a preciosa garrafa.

— Vão batizar praças em nossa homenagem! — grita. — Os homens que purificaram Paris!

Desanda a dançar; não consegue se conter. Jean-Baptiste ri, bate palmas para acompanhar. Salvou uma vida hoje e ainda nem tomou o café da manhã.

Durante quase uma hora, tendo redescoberto a velha retórica entusiasmada e a destreza do embate verbal que caracterizavam a época de Valenciana, os dois discutem os preparativos necessários. O transporte dos homens, alojamento para todos em Paris. Higiene, disciplina, remuneração. Todas as dificuldades imagináveis, do clima inclemente ao medo de fantasmas.

— E o lugar para onde serão levados os restos...? — pergunta Lecoœur.

— Uma velha pedreira.

— Já está tudo pronto?

— Logo estará.

— É seco? Temos usado uma nova bomba aqui, inspirada no modelo inglês. É muito mais rápida do que tudo que já tínhamos usado.

— Minha responsabilidade é o cemitério. Depois que as carroças saírem de Les Innocents...

— A que profundidade teremos que cavar?

— Dizem que algumas covas coletivas têm trinta metros.

— Fundas assim?

— A maioria, espero, nem tanto, mas para os homens o trabalho não será agradável.

— Não pode ser pior — atalha Lecoœur — do que descer às entranhas da terra com uma picareta sem saber quando vamos inalar gás tóxico ou quando o túnel atrás da gente vai desabar. Perdemos três na semana passada. Enterrados vivos. Eles não querem saber de escorar direito os túneis, porque sabem que não serão pagos por isso. Só pelo carvão.

Por trás da janela, o dia não parece estar clareando. Rajadas finas de neve golpeiam novamente o vidro. Jean-Baptiste se apressa. Não pretende ficar preso ali.

— Vou lhe deixar dinheiro. Use o tanto que precisar. E pode mencionar o nome do ministro quando for necessário. Mas tudo precisa ser feito sem demora. Se andarmos devagar, tenho certeza de que não precisarão de nenhum de nós. Eles foram bem claros comigo nesse ponto.

— *Amicus certis in re incerta cernitur* — diz Lecoœur, rindo e esfregando as mãos. — Agora, vamos comer alguma coisa. Umas fatiazinhas da vitela, talvez? — Ele a retira do guarda-comida e nina aquela pobre cabeça como se fosse um bebê querido.

Em Paris também há neve. Neve com cinzas, fuligem, lama, estrume. Nas ruas melhores, do lado de fora de casas melhores, tudo isso foi varrido e amontoado, formando pirâmides cinzentas. No restante da cidade, as rodas das carroças, os cascos dos cavalos e os tamancos liberaram o próprio caminho. No cemitério, a neve jaz nos braços da cruz do púlpito, assenta-se discretamente nos bustos de pedra das *lanternes des morts*, arremata o topo do muro e os telhados sujos do ossuário.

Com uma pá que pegou emprestada na casa do coveiro, Jean-Baptiste futuca o solo, sente sua resistência, ouve um tinido surdo, como se batesse em ferro. Finalmente o fedor do lugar diminuiu bastante. Não lhe desperta náuseas. Nem nojo intenso.

Armand surge da igreja, curvando-se para passar pela porta baixa e atravessando depois o cemitério, seu cabelo a única coisa de cor viva que resta no mundo.

— Vejo — diz ele, assentindo para a pá — que o senhor está fazendo jus a seu nome, Monsieur Bêche.

— Num solo como este — retruca Jean-Baptiste —, melhor seria usar um machado.

— Você sabe que ele pode passar meses congelado — diz Armand, num tom alegre.

— Isso não vai acontecer.

— Porque o ministro não há de permitir? Muito bem. Mas eu não acho que você vá desenterrar osso algum antes do Natal. Volte para casa. Lembre-se de quem você é.

Jean-Baptiste assente, cutuca o solo em torno dos dedões do pé com o lado da pá. Casa. Nada lhe agradaria mais. Ele anseia por isso.

— E você? — pergunta.

— No Natal? Vou passar três dias bêbado. Lisa há de me passar um sermão e me chamar de patife. Depois, vou curar a bebedeira, fazer amor com ela durante horas e levá-la com as crianças para assistir à missa em Saint-Eustache. Terei maus pensamentos com a jovem esposa sentada no banco à minha frente. Talvez encontre um jeito de abordá-la na hora da comunhão.

— E os seus amigos? Renard, Fleur, De Bergerac?

— Ah, você não morreu de amores por eles, não é? Na verdade, não há muito para gostar ali. A propósito, essa tinta na sua bochecha acaba saindo. Nesse ínterim, finja que são sinais. Aliás, por falar nisso...

Jeanne, a garota, envolta num xale pesado, caminha na direção dos dois, vindo da casa do coveiro, e acena para eles com a mãozinha rosada.

— Você voltou — diz ela.

— Voltei — responde Jean-Baptiste.

— Fiquei me perguntando aonde teria ido.

— Precisei tratar de negócios em outro lugar. Viajei.

— Que coisa boa — diz ela. — Foi bom?

— Cumpriu a finalidade prevista.

— E acaso ela sabe — indaga Armand — qual é a finalidade prevista? Ela sabe o que você tem em mente para nós?

Jeanne olha para Armand e depois para Jean-Baptiste.

— Você tem alguma coisa em mente para nós?

— Outros têm — diz Jean-Baptiste. — Pessoas importantes.

— Ah! — exclama ela.

— Ah, mesmo — emenda Armand.

— Você deve estar se perguntando, Jeanne, o que vim fazer aqui. Quando estava me ajudando, deve ter se perguntado.

— Gostei de ajudar você — diz ela. — Ajudo hoje também, se quiser.

— Hoje não vou precisar.

— O cemitério — intervém Armand. — Vou contar a ela, se você não contar. Vão dar cabo do cemitério, Jeanne. Do cemitério e da igreja.

— O assunto foi decidido há muito tempo — diz Jean-Baptiste. — O lugar será remodelado. Purificado. É o desejo do próprio rei.

— Do rei?

— Você não tem nada a temer. Os restos, os ossos, serão levados para um lugar, um lugar consagrado, onde ficarão seguros.

— Todos? — indaga ela.

— Sim.

— E você vai poder fazer isso? — pergunta Jeanne, olhando para a pá.

— Terei gente para me ajudar.

Ela assente várias vezes.

— Se é o que deseja — diz ela baixinho.

— Você e o seu avô... alguém cuidará de vocês. Dou a minha palavra.

— Tome cuidado com o que promete — recomenda Armand.

— O cemitério — prossegue Jean-Baptiste, ignorando o outro — não pode, simplesmente, ser esquecido. Pode?

— Oh, não — diz ela —, não pode.

— E você sabe como as pessoas se queixam dele.

Ela franze a testa.

— O vovô diz que elas se orgulhavam de morar perto de um lugar tão famoso. Que se gabavam disso.

— O olfato das pessoas — diz Armand — vem ficando mais sensível.

Ela assente de novo, com mais ênfase, como se esse ponto estivesse absolutamente comprovado.

— E a casa? — pergunta ela.

— Vocês terão uma nova. Talvez até mesmo aqui, quando o terreno estiver limpo.

— Aqui?

— É.

— O vovô vai ficar bem se eu estiver com ele.

— Claro. Você precisa estar ao lado dele.

Durante um quarto de minuto os três permanecem calados. Olham à volta. Nada veem que sugira que algo será um dia diferente do que é agora.

Uma hora depois, aquecendo-se com brandy e água quente num reservado espelhado no Café de Foy, Armand diz:

— Ela só concorda porque é você. Você deve ter usado algum encantamento normando com ela. Mas será que não a enganou? Depois que começarem a trabalhar, os seus mineiros vão espalhar os ossos por todo lado, como lenha. E a casa que prometeu a ela? Inventou essa história ali mesmo? Você não tem mais poder para lhe dar uma casa do que para me dar o órgão de Saint-Eustache.

— Farei o que puder — garante Jean-Baptiste.

— Você fará o que lhe mandarem fazer — atalha Armand. — Não lhe parece mais realista?

— O ministro...

— Seu grande amigo, o ministro.

— Eu não acredito que ele seja... que ele seja insensível.

— E acha que ele vai sentir alguma coisa por Jeanne? Ou será que é você quem sente?

Entendo que possa parecer atraente enroscar-se numa garota como ela numa noite fria.

— Ela é pouco mais que uma criança.

— Pouco mais já serve. Casaram a nossa querida rainha aos quatorze anos. E ela concordaria em se deitar com você. Você pode levá-la discretamente para o seu quarto na casa dos Monnard, embora, sem dúvida, isso vá desagradar Ziguette.

— Me parece que é você quem está interessado em Ziguette.

— Se quer saber se eu *faria* com ela caso a oportunidade se apresentasse, a resposta é sim. O mesmo, presumo, se aplica a você. O que me leva a pensar que devíamos ir visitar nossa princesa persa. Que tal?

— Hoje não.

— Não? O senhor está se revelando um chato, Monsieur Bèche. Cuidado com a chaticice. Não é moderno. Mas o senhor é quem sabe. Depois que pagar o brandy, eu lhe darei a honra de acompanhá-lo à sua casa.

Próximo ao mercado, quando atravessam o início da rue des Prêcheurs, os dois encontram a austríaca. Ela carrega um pequeno pacote de livros, embrulhado e muito bem-atado com barbante preto. Dá a impressão de se incomodar apenas um pouquinho com o frio, com a neve derretida que escorre entre as pedras do calçamento, com o vento cortante que outros enfrentam de cara feia. Armand a cumprimenta e depois percebe alguma coisa na troca de olhares, que não dura mais que um segundo, entre a prostituta e o engenheiro.

— Ah, não! Ela também? — indaga. E desata a rir.

CAPÍTULO II

Um dia hei de lamentar a perda dos que me são caros, ou eles lamentarão a minha... Ante a ideia da morte, a alma oprimida anseia por se abrir por completo e abarcar os objetos de seu afeto.

J. Girard, *Des Tombeaux, ou l'Influence
des Institutions Funèbres sur les Mœurs*

Apobreza das aldeias é quase pitoresca vista das janelas de um coche que não faz paradas. Quanto terá mudado em duzentos anos? Será que os indivíduos não viviam de forma bem parecida na época de Henrique IV? Talvez vivessem melhor, já que não eram tantos, a terra não se achava tão exaurida, e os senhores, com seus castelos vislumbrados unicamente a distância, existiam em menor número.

Está voltando para casa! Voltando pela primeira vez em onze semanas, embora em seu coração mais pareça que se passaram onze anos, ele na pele de um Ulisses grisalho se esforçando para enxergar a sombra azulada de Ítaca. As estradas, graças a Deus, estão transitáveis. A neve da semana passada derreteu, e as novas temperaturas — e um sol gélido e o ar crepitante da noite — transformaram a lama em rocha.

Jean-Baptiste fez duas baldeações. O cocheiro atual está preocupantemente bêbado, mas os cavalos conhecem o caminho. Pela janela, ele vê um paredão de floresta, sente aflição quando o coche é detido por um bando de gansos que uma garota conduz na estrada. Então, um último morro, uma torre de igreja arroxeadada pela luz do crepúsculo e a voz do cocheiro gritando: “Bellême! Bellême!”

Desembarca na praça do mercado. A mala é desamarrada do maleiro e jogada em seus braços. Como sempre, um pequeno grupo de moradores está reunido por ali, de braços cruzados, observando. Em Bellême, a curiosidade jamais sairá de moda. Um dos observadores, uma viúva que se dedica à cura de dores de dente, paralisia e escaras, o reconhece, e ele fala com ela, sendo informado das mortes de dois ou três cidadãos cujos nomes lhe são familiares, do casamento de uma garota local com um tosquiador de Marners, de que um sujeito foi flagrado invadindo a propriedade do cardeal e enviado para julgamento em Nogent. Aparentemente, ninguém está ganhando dinheiro. Do solo só nascem pedras. Ainda assim, de alguma forma todos vão levando a vida, e o relógio da igreja está sendo consertado, e Deus permitirá que o próximo ano seja melhor, pois não há gente ruim ali e seus pecados não passam de pecadilhos.

— E você? — pergunta ela, tomando fôlego, afinal. — Esteve em algum lugar?

Ainda lhe resta um bom caminho a percorrer. Pendurando a sacola no ombro, ele desce o morro, atravessa o regato por sobre as pedras e cruza, cauteloso, um campo onde um dia foi perseguido por um touro branco. Da mata a seu lado vem o cheiro de fumaça das fogueiras dos queimadores de carvão, aquela gente misteriosa que não se mistura. Depois, ele passa pelo azevinho — carregado de frutos este ano —, por Fairfield, ouve os cães começarem a ladrar e vê a casa, o quintal, os anexos toscos. Todas as pedras e a lama do lar estão precisamente onde deveriam estar, onde têm de estar e, ainda assim, por algum motivo, isso o surpreende. Ele aperta o passo; uma figura surge à porta. Ele ergue o braço, ela também. Durante os últimos minutos de caminhada, ela o observa. Parece que esse olhar é a trilha que ele pisa, que esses olhos cinzentos são o destino final da sua caminhada.

Depois de se abraçarem, ele se senta junto ao fogo, aquece as mãos nesse calor. Por um instante, um breve lapso de segundo, sente uma felicidade simples e eufórica, e nada no mundo é mais complicado que os desenhos num livro infantil. Está em casa! Finalmente em casa! Então, o momento passa.

A mãe se desdobra com ele, lhe traz coisas, faz perguntas, agradece o dinheiro recebido. Jean-Baptiste acha que lhe nasceram algumas rugas junto aos olhos e à boca. E não é que surgiram mais cabelos brancos sob as pregas da touca de linho? Gostaria de perguntar se ela anda bem de saúde, mas a resposta seria apenas um sorriso acompanhado da garantia de que está ótima. O sofrimento é uma graça de Deus, não algo de que se queixar.

A irmã, Henriette, chega, as mãos frias aninhadas sob os braços. Passou o dia na leiteria e cheira como uma ama de leite. Quer saber de tudo, diz. O interesse demonstrado o lisonjeia e ele se ouve, meio atônito, remodelar com fluência o passado recente. Escutando-o, alguém imaginaria que ele e o ministro passam as manhãs juntos, passeando pelos jardins de Versalhes. Os Monnard se transformam numa simples família burguesa, amistosa, irrepreensível, enquanto Armand é precisamente o tipo de companhia que a mãe — que sempre se preocupou com a solidão do filho — escolheria para ele, um amigo sobre o qual jamais recairia a suspeita de que pudesse viver maritalmente com a proprietária do apartamento em que mora ou ter apreço especial por princesas embalsamadas. Quanto ao trabalho em Les Innocents, ele repete tão somente o que já disse nas cartas: que foi encarregado da melhoria sanitária de um bairro populoso e de

algumas alterações estruturais numa igreja ali localizada. Não há motivo para não lhes contar tudo, nada que o proíba, o trabalho não é *indecente*, mas, quando chega a hora, ele se enche de medo de ver algo no rosto das duas, de vislumbrar algum reflexo de nojo imperfeitamente disfarçado.

A irmã quer saber se ele viu a rainha.

— Vi — desembucha ele, a mentira mais descarada até então. Naturalmente, exigem que ele descreva a monarca em detalhes.

— Ela estava a uma certa distância — explica — e cercada pelas damas de companhia.

— Mas você deve ter visto alguma coisa.

Ele descreve Héloïse. Mãe e filha ficam encantadas, sobretudo a jovem.

— Ela não devia estar muito longe — observa a moça —, já que você nos deu uma descrição perfeita.

Uma hora depois, em meio ao barulho de portas batendo e à alegria esfuziante dos cachorros, o irmão, Jean-Jacques, entra de rompante, tão parecido na aparência ao pai falecido quanto Jean-Baptiste se parece com a mãe viva. Encosta o fuzil — o velho mosquete Charleville do pai — na lateral da cômoda e saúda o irmão com uma afeição evidente e máscula, cujo efeito imediato é fortalecer em Jean-Baptiste aquela sensação de estranhamento que só faz crescer desde o momento em que se sentou.

— Acertei um coelho — diz Jean-Jacques. — Um pequenininho, lá perto da vala. Fiz o coitadinho explodir em mil pedaços. Vou dá-lo aos cachorros.

— Para acertar alguma coisa... — observa Jean-Baptiste, assentindo para mosquete.

— O segredo é mirar meio metro à esquerda. Você bem que podia calcular para mim, irmão. Peça ajuda a Euclides.

— Seria mais fácil comprar uma arma nova, com estriamento.

— Eu sentiria saudade da velha — atalha Jean-Jacques, acomodando-se no lado oposto ao fogo, esticando as pernas à frente. — Então, quais são as novidades em Paris, hein?

— Nada de mais.

— Você emagreceu.

— E você ganhou uma pança. Terá de alargar esse colete.

— A pança lhe cai bem — diz Henriette. — Não acha?

Cai mesmo. À perfeição. Como ele se encaixa nesse mundo normando! Ombros largos de tanto trabalhar na fazenda. Um belo colorido nas bochechas e o cabelo escuro preso com um pedaço velho de fita azul. Um camponês bem-apessoado. Um homem adaptado, um homem no seu devido lugar. Não espanta que jamais tenha demonstrado

inveja do sucesso do irmão mais velho, da sua instrução, da proteção com que este contou da parte de homens poderosos. Sua ambição sempre foi de uma natureza diversa — menos extravagante, mais facilmente atingível. E qual dos dois é o mais livre agora? Qual dos dois extrai mais prazer da vida? Qual deles, na avaliação de um juiz isento nessa matéria, parece estar realizado, parece ter chegado aonde queria?

Nessa noite, os irmãos partilham o antigo quarto, são embalados até dormir pelo pio de corujas e acordam juntos sob a luz de uma lua que se retira tardiamente. Na cozinha — o mundo limpo e ordenado onde até a luz dá a impressão de se assentar como musselina alvejada —, a mãe está atizando o fogo, jogando pedaços pequenos de lenha sobre chamas modestas. Escalda cidra. Eles a tomam quente o bastante para fazer doerem os dentes, enchem os bolsos com pão e maçãs e partem no lombo da égua para serrar uma árvore caída, um velho olmo que as tempestades outonais arrancaram da terra pela raiz.

É um trabalho prazeroso, sadio, embora não seja fácil para Jean-Baptiste acompanhar o ritmo do irmão. Os dois suam, riem sem motivo, competem no serrote, sugerem sexo nas histórias que contam e voltam para casa com a garganta seca e a égua carregada de madeira cheirosa.

Uma semana dessa vida, e ele já começa a esquecer os Monnard, Lecoeur, Les Innocents. Descobre em si mesmo um grande apetite para o esquecimento. Deixa o sotaque ficar mais carregado, redescobre o andar pesado dos camponeses, aquela considerável lentidão de movimento e de gestos, marca registrada dos homens em meio aos quais ele cresceu.

Na véspera de Natal, a família assiste à missa em Bellême. Todos envergam suas melhores roupas e cumprimentam uns aos outros. Embora Jean-Baptiste não se envergonhe do traje pistache, no último momento em Paris faltou-lhe coragem para encarar a família envolto na visão do futuro de Monsieur Charvet. Chegou mesmo a pensar, por um instante, em voltar à place des Victoires para ver se seu velho traje continuava por lá (a mãe já perguntou por ele), mas deixou-se intimidar pela expectativa do desdém de Charvet, da sua conclusão não verbalizada de que o jovem engenheiro talvez seja, afinal, uma dessas criaturas tímidas que um dia dão um salto adiante e no outro recuam apressadas. Em vez disso, ele está vestindo um traje emprestado de Monsieur Monnard, algo cor de pombo e respeitável, o tipo de figurino possível de envergar no jantar anual da Associação dos Cuteleiros. Que lhe cai bem, aliás. Talvez melhor do que ele gostaria.

Na igreja, sentam-se no banco de sempre, de frente para a Capela de Saint-Anne.

Todos, com exceção dos moribundos e daqueles que já beberam até o estupor, estão presentes. O padre, Père Bricard, é famoso na cidade pelo tamanho modesto do seu rebanho, pela indiferença incompreensível quanto à maneira como os membros do seu rebanho optem por obter a condenação eterna. Terminada a missa, e depois que os vizinhos já se cansaram de sentir frio do lado de fora da igreja, e as crianças não conseguem mais encontrar gelo para quebrar com o salto das botas e os cães já ficaram roucos de tanto latir, os Baratte voltam para casa atravessando o regato e os campos. Na fazenda, os irmãos verificam o estado dos animais, dão uma espiada no estábulo, conferem se está tudo bem com o gado e os cavalos, e depois entram em casa para beber e mexericar. (Quem era aquele cavalheiro com a família Vadier? Não estaria dando uma atenção especial a Camille Vadier? Que chapéu mais estranho o de Lucile Robin! Sem dúvida ela não teve a intenção de ficar com aquela cara!)

Finalmente, o fogo é apagado, a mesa, arrumada, e a casa vai dormir. Em seu quarto, os irmãos continuam a conversa deitados no escuro, trocando histórias sobre o pai. É um ritual entre os dois, uma coisa que sempre precisa ser feita: resumir a vida e o caráter do falecido numa dezena de episódios escolhidos num estoque compartilhado. Aquele, por exemplo, em que no meio do mercado ele disse ao velho Tissot o que pensava dele, e a noite em que tirou o mascate, meio morto, de dentro do rio e o carregou para casa nas costas, e como, trabalhando na oficina, cercado de ilhoses, agulhas e linha encerada, ele mais parecia um touro montando uma guirlanda de margaridas...

Essas histórias confortam os irmãos. Permitem-lhes evitar outras histórias, como aquelas em que o pai usa e abusa dos punhos ou do cinto, da bengala de freixo, das botas ou de um par de luvas recém-costuradas para espancar os filhos, Henriette ou a esposa até cair de costas, exausto e tremendo. Também não falam do seu último ano de vida, embora seja *nisso* que Jean-Baptiste pensa quando os dois se calam e Jean-Jacques começa a roncar. Como o pai se perdeu dentro da própria cabeça, esqueceu o nome das ferramentas e depois esqueceu como usá-las. Como passou a se dirigir à esposa como se falasse com a própria mãe e a chamar Henriette pelo nome da irmã há muito falecida. Quando o fim se avizinhou, Jean-Baptiste foi chamado de volta da École de Ponts e passava horas junto ao leito do doente falando de Maître Perronet, de estradas e pontes cinzentas, enquanto o pai mantinha a cabeça imóvel no travesseiro, os olhos e os lábios entreabertos. Os lilases brancos desabrochavam. Abelhas e borboletas entravam pela janela estreita e, depois de contornar a cortina, descobriam novamente a saída. Duas vezes na semana o médico vinha de Eperrais cuidar inutilmente do paciente. A família se revezava para satisfazer as

necessidades do luveiro, dando-lhe sopa na boca, sentando-o na beira da cama para que ele usasse o urinol, umedecendo seus lábios, acalmando sua inquietação. Isso durou o verão todo — todo um verão visto através da janela do quarto do doente —, até uma tarde, uma tarde carregada com o prenúncio da última tempestade da estação, em que o pobre homem aflito sentou-se na cama, agarrou nas suas as mãos de Jean-Baptiste, encarou o filho e, com uma voz vinda das profundezas de suas entranhas geladas, disse: “Amo muito você.”

Amor? Nada desse tipo jamais fora dito entre os dois até então. Nenhum dos filhos jamais esperou ouvir tais palavras do pai. Com quem, então, nessa pequena ressurreição, ele imaginava estar falando? Por acaso sabia tratar-se do seu primogênito? Por acaso supunha que fosse Jean-Jacques? Ou talvez pensasse no próprio irmão, Simon, com cuja ausência travara, várias vezes, longas conversas murmuradas. Não houve continuação, nada que pudesse esclarecer coisa alguma. Dois dias depois o luveiro recolheu-se a seu imenso silêncio privado. Duas semanas depois disso morreu como um homem que, aparentemente, não mais sabia o próprio nome.

Na manhã de Natal — e bem cedo, até para costume do campo —, Jean-Baptiste vai com a mãe até a casa no morro, a casa protestante, onde ela e um punhado de outros rezam da maneira como preferem. Os poucos que os veem na estrada fingem não saber para onde os dois se dirigem. Madame Baratte é uma mulher decente, e existe muita gente na Normandia para quem o evangelho de Jesus Cristo não significa coisa alguma. Ela que tenha suas pequenas heresias.

Mãe e filho passam por um pátio asseado e são admitidos assim que mostram o rosto. À esquerda da porta fica uma ampla escadaria, as pedras tão usadas que parecem pertencer ao leito de algum velho rio. Na curva da escada há uma coluna, uma cruz nua plantada na pedra e espaço suficiente para seis ou sete pessoas se reunirem. Uma pequena janela dá para a estrada — vista que já deve ter sido mais necessária no passado. O pastor é um holandês. Fala francês com um sotaque que Jean-Baptiste sempre achou levemente cômico. Está bem-barbeado e tem o olhar de uma criança. Abre a Bíblia. As páginas, de tão manuseadas, desbotaram para um tom de cinza-nada, mas ele não precisa lê-las. Ele recita.

— “Eis que o Senhor vai assolar a terra e devastá-la, porá em confusão a sua superfície e dispersará os seus habitantes...”

Nada de crianças? De estábulos? Nada de pastores e reis itinerantes?

— “A terra será devastada, ela perece; o mundo definha, ele perece; a terra está profanada sob os pés de seus habitantes...”

Ezequiel? Isaías? Os outros não de saber.

— “Na cidade só ficou a desolação, a porta ficou reduzida a ruínas... Aquele que fugir ao grito de pavor cairá na cova, aquele que conseguir subir da cova será apanhado na armadilha...”

Ele não poupa os ouvintes. Não acharia generoso poupá-los. No final — final demorado —, o pastor fecha o livro e à pequena congregação resta examinar a própria consciência em silêncio, enquanto Jean-Baptiste, de chapéu na mão, porém sem baixar a cabeça, olha o sol lá fora e se deixa perder por alguns momentos na beleza e no mistério das coisas mais comuns entre todas. Quando a reunião se encerra, os presentes se abraçam, contrafeitos, solenemente, e depois partem em duplas e se fundem ao dia ensolarado.

Na fazenda, a cozinha já está cheia de parentes. Crianças — um menino e uma menina que Jean-Baptiste reconhece apenas vagamente — sobem nas suas costas assim que ele se senta. O Primo André, claro, está lá, parecendo próspero, maçônico, entretendo as mulheres com histórias de escândalos provincianos. E lá está, também, o mais pobre de todos os parentes, o velho Dudo com a esposa — a mais pura expressão camponesa dos Baratte —, os olhos de ambos indistinguíveis dos olhos dos animais que criam em seu lamacento pedaço de terra normanda. Falam exclusivamente a língua arcaica, não entendem francês e se sentam na extremidade da mesa, roubando fatias de salsichão branco que escondem sob as batas rústicas. Para tanto, sempre se toma o cuidado de botar uma dessas travessas ao lado do casal. Até as crianças já aprenderam a ignorar o que os dois fazem.

Em meio a tudo isso, a essa algaravia amistosa, Jean-Baptiste vai tomando sua sidra. A visita, como todas as que faz à casa materna há tempos, foi um fracasso obscuro. Quando será que nos tornamos incapazes de voltar, de voltar de verdade? Que porta secreta é essa que se fecha? Tendo desejado tanto escapar de Paris, ele agora está ansioso para retornar. Seja qual for o rumo que tome a sua vida — qualquer que seja o destino que o prende agora —, ela será vivida em outro lugar, não aqui, nas florestas e nos campos queridos da sua infância. Esvazia o copo, mastiga alguma coisa que ficou no fundo e estende o braço para a jarra. A irmã está sentada a seu lado. Quando eram mais novos, os dois costumavam brigar, e ela lhe parecia despeitada e orgulhosa. No entanto, agora — sem graça aos vinte e três anos —, ela esbanja bondade e tem uma sabedoria adquirida só Deus

sabe onde, uma sabedoria invejável. Faz mais perguntas sobre Paris, sobre o que anda em moda por lá, sobre aqueles Monnard com quem ele mora. Ele sabe que ela sabe que o irmão não lhe contou sequer a metade da história. O que mais lhe interessa saber é se ele está bem de saúde. Meio cansado, ele responde, dando de ombros. Não tem dormido como costumava dormir. Então se dá conta daquilo a que ela talvez esteja se referindo.

— Você quer dizer que o meu hálito não está tão puro quanto antes?

— Ficamos pensando se seria por causa do ar em Paris, Jean. Ele não é tão bom quanto o daqui.

— Não é — confirma ele. — Não mesmo.

— Então, quando voltar, você se recuperará — garante ela. — Acho até que já melhorou.

Ele agradece à irmã, com um risinho.

— Quando você vai voltar? — indaga ela.

Armand e a amante devem andar ocupados, e talvez Jeanne também. Quando volta a Paris, Jean-Baptiste é apontado na rua ou simplesmente encarado como se em seu pescoço desse para ver, saindo do colarinho do casaco, um pedacinho da asa de um anjo ou, da sua testa, o coto de um chifre. No mercado, na manhã anterior à Festa da Epifania, um velho, um daqueles maltrapilhos meio ensandecidos que assombram qualquer espaço público, acena com um braço murcho na sua direção e o avisa para não mexer com “o campo dos nossos pais sob pena de provocar a ira do Todo-Poderoso...”. Dois dias mais tarde, o dono de um quiosque na rue de la Fromagerie lhe dá de presente um favo de mel e lhe deseja sorte. Ele começa a ouvir uma nova palavra às suas costas: engenheiro. Pergunta-se quantas daquelas pessoas têm uma noção clara do que seja um engenheiro.

Mas, de todas as reações que encontra nos primeiros dias frios do ano novo, nenhuma lhe causa mais perplexidade que a dos Monnard. De volta à casa, Jean-Baptiste sentiu quase prazer ao vê-los, foi bastante específico em seus agradecimentos a Monsieur Monnard pelo empréstimo do traje, assíduo em seu interesse a respeito de como Madame e Mademoiselle Monnard aproveitaram as festas. No entanto, logo no jantar da segunda noite ficou bastante evidente que as coisas não iam bem com eles. Foi Madame Monnard (depois de cuspir um pedaço de cartilagem nas costas da mão fechada) quem trouxe à tona o assunto que nitidamente era a fonte da inquietação geral.

— Monsieur — começa Madame —, é verdade o que ouvimos sobre o cemitério?

— Madame?

— Que ele vai... vai sumir?

Jean-Baptiste pousou a faca e o garfo.

— De certa forma, madame, é. Ele será removido, e a terra será limpa. A igreja, igualmente, será removida no devido tempo.

— Para nós foi um choque — acrescenta Monsieur Monnard. — Nem desconfiávamos disso.

— Lamento, monsieur, mas a igreja e o cemitério estão fechados há cinco anos. Não podem ser deixados...

— É difícil para nós imaginar — prosseguiu Madame com uma estranha estridência na voz.

— Espero que seja para o bem de todos, madame — atalha Jean-Baptiste. — Desta casa não mais se verá um local de enterros, não será mais preciso sofrer as consequências daí advindas.

— Que consequências? — indaga Monsieur Monnard.

Jean-Baptiste contemplou o prato à sua frente, no qual, sob a temperatura gélida do aposento, a comida já começava a congelar. — O senhor acha tudo isso saudável?

— Não lhe parecemos saudáveis, monsieur?

— Ora, claro que sim. Não foi minha intenção sugerir...

— E então?

E Ziguette começou a chorar. Um balido agudo, seguido de um ruído estrangulado e, depois, um soluço brotado das entranhas, tudo isso acompanhado por vigorosas contrações no rosto que levaram Jean-Baptiste a pensar que jamais a vira antes. A moça saiu correndo da sala, enquanto pai e mãe trocavam olhares.

— Se acaso eu... — começou Jean-Baptiste, prestes a levantar-se da cadeira.

— A pobrezinha tem horror a qualquer comoção — explicou Madame, passando em seguida a fazer certas observações, incompreensíveis a princípio, mas que Jean-Baptiste finalmente entendeu se destinarem a explicar que Ziguette estava no início de seu sangramento mensal e, por isso, incomumente sensível.

A continuação dessa cena incômoda teve lugar mais tarde na mesma noite. Jean-Baptiste estava em seu quarto, enrolado no adamascoado vermelho de seu *banyan*. Lia alguns trechos de seu exemplar de Buffon, algo a respeito da forma como certas criaturas não venenosas imitam as características de suas primas venenosas, quando ouviu os conhecidos arranhões na porta e, abrindo-a, preparou-se para dar de cara com o musculoso Ragoût. Em vez disso, porém, deparou-se com Ziguette, branca como um cadáver e usando roupas de dormir. A cada suspiro ficava aparente que não usava corpete.

Ela queria explicar, ou pedir desculpas, ou ambas as coisas ou nenhuma das duas. Depois de alguns sussurros à porta, ele a convidou para entrar e, como havia apenas uma cadeira, ofereceu-a à moça, sentando-se ele mesmo na cama. Ela não pareceu espantada com o *banyan*, não fez qualquer comentário a esse respeito. Jean-Baptiste pôs mais um

pedaço de lenha no fogo e tentou tranquilizá-la.

— Imagine como há de ficar bonito quando o trabalho estiver terminado. Em lugar do que você tem agora, uma linda praça. Jardins, talvez.

Ela assentiu. Dava a impressão de estar tentando seguir o raciocínio dele, mas os olhos novamente se encheram de lágrimas.

— É como — começou após uma pausa — se o senhor quisesse desenterrar a minha infância.

— Infância?

— Meus dias inocentes de menina.

— Vou escavar apenas o cemitério. Terra e ossos velhos. Muitos ossos velhos.

— O senhor não cresceu aqui — prosseguiu Ziguette em tom baixo. — Se tivesse crescido aqui, pensaria de outra forma.

Sentado um pouco abaixo dela, seu olhar, sabe-se lá por quê, descansava no colo da moça. Imaginou uma lenta efusão de sangue, um sangue cor-de-rosa brotando no tecido pálido da camisola e se espalhando por aquelas coxas e depois, talvez, começando a pingar no assoalho, a pingar audivelmente...

— Quando estiver tudo pronto — disse ele erguendo os olhos para ela —, quando estiver tudo acabado, você é que acabará pensando de outra forma. O desconforto inicial há de passar logo. Você vai ficar satisfeita.

Ela não discutiu. Começou, discretamente, a examinar o quarto, a cama, o baú, a mesa com os livros dele, a régua de metal. Então, reprimiu um bocejo, desculpou-se por incomodá-lo e, com um sorriso doce, aquoso, do tipo que se dá a alguém que, mesmo sem ter culpa disso, é incapaz de entender o que deveria ser claro como o dia, despediu-se.

Uma vez fechada a porta, Jean-Baptiste olhou para o teto, para o buraquinho acima da cama, pois uma ou duas vezes durante a conversa ouvira o assoalho ranger acima deles.

Subiu na cama. Nessa posição, o teto ficava confortavelmente ao seu alcance. Espiou dentro do buraco — nada, nada de luz, nadinha. Então, devagar, com cautela, inseriu o indicador da mão esquerda, mais ou menos como o Conde de Buffon faria para investigar o ninho de algum dubio inseto, um inseto que podia ou não estar simplesmente fingindo ser venenoso... Não teve certeza do que sentiu, mas lhe pareceu que alguém soprara de leve o seu dedo e, durante algum tempo, equilibrado sobre a cama, ele o examinou.

Ele tem um encontro com Lafosse. O mês de janeiro se arrasta; nada começou; nem um único osso foi trasladado. Jean-Baptiste se explica, faz um esforço para mostrar-se vítima das circunstâncias, o que, com efeito, acredita de fato ser. Não pode dar início à empreitada sem os mineiros, e os mineiros não chegaram. Vão chegar, vão chegar muito em breve, mas ainda não chegaram. A meio caminho da explicação, das justificativas exageradas para isentar-se de culpa, percebe que Lafosse não se importa, realmente, com umas semanas a mais ou a menos, não vai demiti-lo do cargo, nem mesmo fazer tal ameaça. Quem mais, assim em cima da hora, haveria de assumir um trabalho como esse? Jean-Baptiste faz sua prestação de contas. Não o deixa infeliz o fato de Lafosse estar gripado.

O que é capaz de fazer sozinho ele faz. Com Louis Horatio Boyer-Duboisson consegue lona, estacas de madeira, corda, correntes. Combina com um sujeito desdentado chamado Dejour o fornecimento de lenha e trabalha ao lado deste e seus filhos quando o primeiro carregamento é entregue. Não pode pôr os pés no mercado sem que os comerciantes o assediem com ofertas e promessas, às vezes com avisos sussurrados a respeito de um colega que não passa de um ladrão. A palha para os colchões vem dos estábulos atrás da agência dos coches na rue aux Ours. Ela é seca e razoavelmente limpa. Chegam trinta pás e trinta picaretas, também providenciadas por Louis Horatio Boyer-Duboisson. Em Valenciennes, não se permite aos mineiros serem donos das próprias ferramentas. Um homem dono da própria pá pode começar a pensar que é independente.

No quinto dia de fevereiro, Jean-Baptiste recebe uma mensagem de LecoEUR informando que, finalmente, tudo está pronto, que ele está prestes a partir rumo a Paris com os homens e que espera chegar dentro de uma semana. Como a carta levou dois dias para alcançá-lo, Jean-Baptiste se põe em vigília dois dias mais tarde, de pé, hora após hora, na esquina da rue Saint-Denis com a rue aux Fers, embora não tão perto da fonte italiana a ponto de se tornar alvo da irreverência das lavadeiras.

A temperatura está baixa, mas os dias são bonitos, com gelo pela manhã, mas quase chegando a esquentar por volta do meio do dia. Ele vê os mesmos rostos várias vezes, vê como as ruas têm suas próprias correntezas, suas pequenas marés. Tem um vislumbre de Héloïse afastando-se dele em direção ao *faubourg* Saint-Denis. Vê Père Colbert — não pode ser outra pessoa —, com seus óculos azuis, o preto-esverdeado da batina esticado sobre as costas grandes e curvas. Vê Armand, que lhe diz para contratar um rapaz, mas Jean-Baptiste não deseja depender de um rapaz, dos poderes de concentração de um rapaz, nem deseja, igualmente, sentar-se ocioso na casa dos Monnard aguardando algo que às vezes acha que jamais há de acontecer.

Então, por volta das duas da tarde, precisamente uma semana depois da data que consta na carta de Valenciennes, Lecoecur chega de repente lá das bandas do rio, de forma improvável e conduzindo uma carroça, erguendo o chapéu numa saudação elegante ao pôr os olhos em Jean-Baptiste.

Ali estão, ao todo, três veículos descobertos e com rodas grandes e enlameadas. Quando as carroças param, grupos de residentes, inclusive as lavadeiras, se reúnem para observar os forasteiros, que também os observam, alguns com os olhos esbugalhados e assustados de gado que é tocado, outros simplesmente maravilhados, com a expressão, talvez, dos homens de Hernán Cortés ao entrarem na cidade dourada de Tenochtitlán. Todo o tráfego da rue Saint-Denis cessa. Os cavalos baixam a cabeça. Um se alivia, ruidosa e repulsivamente, no calçamento de pedra. Lecoecur desce do seu posto na boleia da primeira carroça e se dirige, com grandes passadas, até Jean-Baptiste. Numa efusão de alívio mútuo, os dois se apertam as mãos com firmeza.

— Tivemos várias aventuras no caminho — diz Lecoecur. — Não propriamente Circe ou os Ciclopes, mas o suficiente para nos ocupar. Ainda assim, cá estamos, prontos para cumprir suas ordens.

Para um homem que passou um bom tempo na estrada na companhia de trinta mineiros, enfrentando toda a inclemência de um inverno impiedoso, Lecoecur parece maravilhosamente limpo e bem-disposto. Usa uma peruca castanha, está decentemente barbeado e tem um bonito lenço vermelho enrolado no pescoço. No hálito, apenas uma sugestão da bebida forte que qualquer homem que viaja no frio acaba tomando, por profilaxia.

— Trouxe todos eles? — indaga Jean-Baptiste, apontando as carroças com um gesto de cabeça.

— Trinta homens escolhidos a dedo. Acho que você não vai encontrar defeito neles.

— Fico grato a você — diz Jean-Baptiste —, imensamente grato, mas temos que levar as carroças para aquela rua — acrescenta, apontando para a rue aux Fers. — Do contrário, começarão a reclamar conosco. O pessoal daqui não faz cerimônia quanto a demonstrar seus sentimentos.

Em quatro minutos, carroças e cavalos são enfileirados junto à ala norte da igreja. Os homens descem, postam-se em grupos e olham, ora para Lecoeur, ora para Jean-Baptiste, avaliando, silenciosamente, a autoridade de cada um e, também em silêncio, chegando às próprias conclusões.

Jean-Baptiste destranca o portão que dá acesso ao cemitério. Ali terá lugar o primeiro teste. Os homens precisarão entrar no cemitério, um lugar inquietante até mesmo para uma mente esclarecida como a dele. Refugarão? O que fazer, então? Obrigá-los a entrar? Como? À ponta de uma espada? Ele não tem espada.

— É melhor você ir na frente — diz baixinho a Lecoeur. — Eles estão habituados a você.

— Muito bem — concorda Lecoeur, passando pelo portão sem hesitar. Os mineiros arrastam os pés às suas costas. Quando o último entra, Jean-Baptiste o segue, fecha o portão e se junta a Lecoeur.

— É como você disse — observa Lecoeur —, uma impressão meio intensa.

— A gente se habitua — diz Jean-Baptiste —, ao menos um pouco.

— Será uma inspiração para fazermos o trabalho mais rápido — atalha Lecoeur, tentando sorrir.

Há dias uma pilha de lenha para uma grande fogueira aguarda entre a igreja e a cruz do púlpito. Agora, com brasas trazidas da cozinha do cozeiro, os homens a acendem. Espirais de fumaça sobem para o ar parado; no coração da fogueira ouvem-se estalidos; a fumaça se adensa; uma dezena de chamas salta das brasas. Os mineiros fazem um círculo à volta, dando-se as mãos junto ao calor.

Jeanne aparece. Jean-Baptiste a apresenta a Lecoeur. Os homens estão com fome?, ela indaga. Sem dúvida, com muita fome. Se assim for, ela irá até o mercado e trará sopa e pão para todos. Há uma barraca onde vendem sopa saudável às baldadas. Logo estará de volta.

A oferta — seu sentido generoso, pragmático — é rapidamente aceita. Lecoeur escolhe três homens no círculo para ajudar a moça. Jean-Baptiste conta o dinheiro e depois o deposita nas mãos dela.

— Eles são bastante dóceis — informa Lecoeur, indicando os ajudantes. — Diga-lhes o

que quer que façam e eles obedecerão.

Os dois a observam partir com os homens em seus calcanhares.

— Ela será um bem valioso — comenta Lecoœur. — Já posso vê-la tornar-se a virgencinha de todos.

— Depois de matar a fome, eles terão de montar suas barracas — diz Jean-Baptiste. — Acho que devem ser duas fileiras de cinco. Se não tiver nada contra, você dormirá na casa do coveiro. Ele mora sozinho com Jeanne. Acho que você vai se sentir confortável.

— Estou aqui como uma ferramenta — atalha Lecoœur. — Pouca diferença faz o lugar onde me deito à noite.

Jean-Baptiste assente. Está ouvindo os homens falarem em voz baixa e recordando algo de que, inexplicavelmente, se esquecera. Ao menos metade dos mineiros em Valenciennes fala apenas flamengo. Durante seu período de trabalho nas minas, aprendeu umas duas dúzias de palavras nesse idioma, mas há muito não se lembra mais delas.

— Você domina essa língua? — pergunta a Lecoœur.

— Acho que não o suficiente para fazer a corte a uma mulher, mas para as nossas necessidades creio que o que sei seja suficiente.

Passada meia hora, Jeanne volta com os mineiros. Dois deles carregam baldes fumegantes de sopa. Jeanne e o terceiro trazem nos braços uma boa quantidade de pão. Atrás desse grupo vem Armand, que se aproxima, decidido, de Jean-Baptiste e Lecoœur, e, ainda a alguns passos de distância, grita:

— Vi a fumaça. Eu já estava começando a achar que você não passava de um amável sonhador. Doravante, hei de acreditar em tudo que disser.

— Permita-me apresentar — intervém Jean-Baptiste — Monsieur Saint-Méard.

— O senhor faz parte do nosso grupo, monsieur? — indaga Lecoœur.

— Acho que pode me considerar assim — responde Armand, olhando para Jean-Baptiste.

— Monsieur Saint-Méard é o organista da igreja — explica Jean-Baptiste.

— Ex-organista — emenda Armand —, tão logo esses cavalheiros comecem seu trabalho. Mas pretendo participar da minha própria destruição. Não é esse o direito que temos todos?

— Bem, os antigos acreditavam que sim, monsieur — confirma Lecoœur.

— E nós somos os novos antigos, não é mesmo?

— Somos os homens — diz Lecoœur — que vão purificar Paris. Eu disse isso ao meu amigo aqui na última vez que nos encontramos. Será uma espécie de exemplo.

- Descartaremos o passado — acrescenta Armand, num tom entre sério e brincalhão.
- A história vem nos sufocando há tempo demais.
- Aprovo enfaticamente tais sentimentos — diz Lecoecur, baixando o tom.
- Então, vamos brindar a essa aprovação — sugere Armand.
- Daqui a duas horas estará escuro — lembra Jean-Baptiste. — A bebida terá de esperar.
- Ele já está nos tiranizando — intervém Armand.
- Lecoecur parece pouco à vontade.
- Mas ele tem razão, monsieur. Toda a razão. Há muito que providenciar aqui. Vamos precisar da nossa lucidez. Mais tarde, quem sabe?

A sopa e o pão são consumidos sem cerimônia. Os mineiros lambem suas colheres, limpam a barba com as costas da mão, escarram, se coçam e bocejam.

Vendo que todos terminaram, Jean-Baptiste sobe a escada em caracol que leva ao patamar estreito e gradeado no frontão triangular da cruz do púlpito. É seguido por Lecoecur e, totalmente por conta própria, Armand. Para se manterem empoleirados no púlpito, é preciso que se apertem. Com o braço livre, Jean-Baptiste gesticula para os mineiros, que se põem de pé e lentamente se aproximam da cruz. Outra coisa que esqueceu quanto a esses homens: depois de caminharem curvados nos túneis durante anos, muitos ficaram permanentemente corcundas. Eles se reúnem sob a cruz e inclinam a cabeça, de forma estranha, para olhar para cima. Jean-Baptiste diz a Lecoecur:

— Vou dizer umas palavras a eles. Depois, por favor, repita a essência do que eu disser em flamengo, sim?

Pigarreia. Não tem uma voz forte de pregador; quer ser ouvido, mas não pretende gritar com a plateia.

— Sejam bem-vindos — começa. — Talvez eu tenha conhecido alguns de vocês em Valenciennes. Nosso trabalho aqui será muito diferente. Todo este velho cemitério, bem como a igreja ali atrás, terá de ser destruído. Toda a superfície do cemitério será escavada. Todos os ossos, todos os que forem encontrados nos ossuários, todos os que estiverem sob a terra e nas criptas serão removidos e levados para outro lugar. Vocês deverão manuseá-los exatamente como manuseariam os ossos de seus antepassados. Começaremos amanhã pela primeira das covas grandes. Teremos, o tempo todo, fogueiras ardendo para purificar o ar e fazê-lo circular. Os médicos já concluíram que o fogo é a melhor defesa contra quaisquer vapores que a nossa escavação possa liberar. O

pagamento que receberão será de vinte e cinco *sous* por dia de trabalho. Haverá uma refeição quente diária, mais um litro de vinho. Vocês não podem sair do cemitério sem autorização minha ou de Monsieur Lecoeur. A primeira tarefa será montar os abrigos e abrir fossas higiênicas. Ninguém deve conspurcar a terra. Trabalharemos todos os dias. Cada um de vocês será responsável por cuidar das próprias ferramentas.

Então, como adendo, completa:

— Meu nome é Baratte. Sou engenheiro.

— Excelente — sussurra Lecoeur.

— Funcionou bem — diz Armand.

Lecoeur dá início à tradução. Fica evidente que é mais fluente do que admitiu. Enquanto ele fala, Jean-Baptiste estuda o desanimado exército de mineiros. Um deles se destaca: mais alto que a maioria, sem chapéu, seu olhar parece examinar com frieza os rostos do triunvirato sobre o púlpito. Quase dá para adivinhar que ele se diverte como alguém que já viu essa cena, já testemunhou tais momentos com demasiada frequência para deixar de encontrar aí algum indício do disparate. Durante alguns segundos, ele pousa a mão no ombro de um mineiro muito mais velho à sua frente e, embora seja difícil enxergar claramente a vinte metros de distância, a mão com certeza não é exatamente como deveria ser, mas, sim, de alguma forma, deformada.

Quando Lecoeur termina, os três, correndo o risco de tropeçar uns nos outros, descem os degraus em caracol. As estacas e as lonas de Boyer-Duboisson são levadas para o terreno plano no meio do cemitério. Uma vez erguida a primeira barraca e sua construção entendida, as outras rapidamente ficam prontas.

O vendedor de madeira chega com a lenha nova. Dá uma olhada nos mineiros, chupa as gengivas, assente sua aprovação. Fornecer madeira para Les Innocents será o melhor negócio da sua vida: uma vez acesas, as fogueiras arderão ao longo de meses. A madeira nova está estocada bem próximo às barracas e é, ao mesmo tempo, valiosa e roubável. Uma boa quantidade já se foi, passada por cima dos muros à noite.

Jean-Baptiste inspeciona o trabalho nas latrinas e o aprova. Inspeciona cada barraca, puxa suas cordas. Várias vezes é chamado à porta do cemitério para atender um comerciante, missão que vez por outra confia a Armand, que aparentemente aceita de bom grado.

Já na escavação das latrinas e dos fossos para as fogueiras algumas centenas de ossos grandes e inúmeros fragmentos ósseos foram desenterrados, alguns brancos como giz, outros cinzentos, negros ou amarelos como champignons. Jeanne pega um dos crânios

menores, tira com o polegar um grumo de terra da testa e volta a deitá-lo na grama como faria com um filhote de pássaro em seu ninho. Existe nessas ações algo levemente repulsivo, mas é óbvio para Jean-Baptiste que o exemplo da garota causará uma impressão mais forte nos homens do que qualquer palavra sua.

Quando passa por eles no gradual escurecer de cada fim de tarde, o engenheiro tenta fixar na memória seus rostos. Não são muitos os que olham em seus olhos. Quando um deles faz isso, Jean-Baptiste para e pergunta seu nome. Jacques Everbout, Joos Slabbart, Jan Biloo, Pieter Molendino, Jan Block. Jean-Baptiste não encontra o homem em quem reparou lá do alto do púlpito, o homem que o estudou com tão desmedida frieza. Seja quem for, ele aparentemente tem o talento de se tornar invisível quando lhe convém.

Quando construiu a ponte na propriedade do Conde S., contou com cerca de doze homens sob suas ordens — criados da casa e ajudantes de jardineiro, além de uma dupla de pedreiros artesãos e um mestre-pedreiro de Troyes. O mestre-pedreiro, sobretudo, não se esforçava para esconder a impaciência com o “garoto” que comandava o projeto. Os artesãos não eram muito mais gentis, e mesmo os criados da casa iam e vinham ao bel-prazer, e não perdiam a oportunidade de humilhá-lo, do jeito como os criados das grandes mansões são especialistas em fazer. É bom não ser humilhado. É bom não ser patrão apenas no nome. Aqui, em Les Innocents, ele precisa, sabe-se lá como, impor sua vontade, precisa fazer isso, mesmo que no fundo do coração esteja inseguro de si mesmo como estava então. Ainda assim, gostaria que os homens gostassem dele. Ou, ao menos, que não o desprezassem.

Quando já está escuro demais para qualquer atividade útil, os homens se sentam diante da entrada de suas barracas. Já foram alimentados uma segunda vez e tiveram a sede saciada. Jean-Baptiste — que só comeu porque Jeanne insistiu, ficando às suas costas com pão e uma tigela de sopa — faz uma última ronda com Lecoer, e a dupla dá boa-noite aos homens, recebendo em troca algumas respostas guturais. Impossível saber o que eles estão pensando, se a metade pretende fugir durante a noite. Serão confiáveis? Houve, é claro, vez por outra, incidentes nas minas, incidentes violentos. Nem quer imaginar a cara do ministro quando souber que os homens desertaram e estão devastando Paris!

Longe das barracas, Lecoer o tranquiliza.

— Você está lhes pagando consideravelmente mais do que recebiam em Valenciennes. E eles são sujeitos decentes à própria moda, podem se revelar muito boa companhia para alguém.

— Com você a comandá-los — emenda Jean-Baptiste.

— Você, meu caro Baratte, é o nosso comandante. Acho que ficaria bastante imponente no lombo de um cavalo branco.

— Precisaria melhorar meu flamengo.

— Avancem, ataquem. Dez *sous* para cada cabeça inimiga. Isso já bastaria, acho eu.

Estão atravessando a esquina do cemitério em direção à casa do coveiro. Lecoeur carrega uma tocha acesa, embora mal precisem dela. A claridade de lampiões vaza das janelas da casa, além do brilho rubro de chamas avantajadas.

— A minha primeira visão deste lugar — diz Jean-Baptiste — foi da janela do meu quarto, lá em cima. Olhei para baixo à noite e vi uma área de escuridão impenetrável. Agora está quase festivo aqui.

— Festivo? Desculpe, mas acho que um lugar como este jamais poderia parecer festivo.

— O que você está achando do fedor agora?

— Tolerável, no máximo. Não tenho um bom olfato. Deve ser em consequência das minas. Meu crânio está embotado de tanto pó de carvão.

— Dizem que existe um animal — comenta Jean-Baptiste —, metade cão, metade lobo, que mora na área dos ossuários daquele lado. — Ele gesticula indicando o muro sul à frente, os arcos que conduzem às galerias.

— Eu não deixaria essa história circular entre os homens.

— Não, você tem razão — concorda Jean-Baptiste.

— Mas, caso se comprove que isso é mais que uma velha lenda, eu vim preparado. — Lecoeur para e puxa algo do bolso do casaco. — Vê?

— Está carregada? — indaga Jean-Baptiste.

— Tenho pólvora e balas na bagagem. E andei praticando. Posso acertar um balde de carvão a trinta passos de distância.

— Lecoeur e o seu destruidor de lobos — diz Jean-Baptiste. Os dois riem baixinho. Lecoeur apaga a tocha com a lateral da bota, e a dupla entra na casa do coveiro.

O velho está dormindo ao lado do fogão, os cachos prateados de sua barba descansando sobre o peito. Armand está sentado à mesa com Jeanne. Jeanne se põe de pé assim que os outros entram.

— Estávamos esperando os dois — diz ela.

— Fizemos as rondas no acampamento — explica Lecoeur, com o olhar fixo na garrafa de brandy em cima da mesa, ao lado do cotovelo de Armand.

— Como está seu avô? — indaga Jean-Baptiste.

— Cansado — responde Jeanne, sorrindo sobre o topo da cabeça do velho. — Mas feliz, acho eu, de ver o trabalho começar. E ele sabe que estou contente. — Para Lecoœur, ela acrescenta: — Seus homens são muito bons.

Lecoœur faz uma leve reverência.

— Você já se tornou a favorita deles, mademoiselle.

— Agora — intervém Armand —, talvez tenhamos permissão para aquele drinque. Jeanne, vamos precisar de mais dois copos.

Os copos são providenciados, enchidos e erguidos. Até Jeanne toma alguns goles, e suas bochechas ardem com o calor da bebida. Armand volta a enchê-los. Jean-Baptiste põe de lado o próprio copo.

— Começamos a cavar amanhã — diz ele. — Será melhor não passar a noite na companhia da garrafa. Estarei aqui bem cedo, Jeanne. E acredito que Madame Saget também virá, certo?

— Lisa virá — confirma Armand. — Parece que ela fez as pazes com você.

— Vou ao mercado comprar pão assim que clarear — avisa Jeanne. — Você podia ir comigo e, quem sabe, Madame Saget também.

— E eu providenciei para que quinze lindas galinhas se juntem a nós no jantar — diz Armand. — Uma saca de batatas, uma saca de cenouras, o peso de um homem em lentilhas. Cebolas. E tomei a liberdade de encomendar cento e vinte litros de vinho Burgundy. Château Nada-de-Especial. Sugiro que tranquemos o vinho numa das salas da igreja. Duvido que Père Colbert queira bebê-lo.

— Ótimo — diz Jean-Baptiste. — Obrigado.

— Somos uma máquina! — exulta Lecoœur, cujo copo, enxugado duas vezes, sabe-se lá como está cheio de novo. — Deram corda em nós e estamos funcionando!

— Tique, taque, tique, taque — entoia Armand. Jeanne ri.

— Você vem? — pergunta Jean-Baptiste a Armand.

— Acho que vou ficar mais um pouco.

Faz-se uma pausa.

— Muito bem. Então, desejo a todos uma boa noite.

Ele sai, puxando, irritado, a gola do casaco. Será que Armand pretende fazê-lo de bobo? Estará de olho em Jeanne? Só lhe resta esperar que Lisa Saget o mantenha em rédea curta.

No portão da rue aux Fers, ele se volta para olhar para o estranho e reluzente palco que criou. De uma das barracas vem um som de cantoria, um som abafado e repetitivo,

uma balada, talvez um lamento. Ele escuta durante alguns instantes e depois sai para a rua vazia, fecha e tranca o portão. Se Armand pretende ir embora, afinal, que encontre o caminho por dentro da igreja.

Na casa da rue de la Lingerie, ele evita os Monnard, passando com sua vela o mais silenciosamente possível pela sala de estar. Os Monnard, como todo mundo, decerto viram as fogueiras — ninguém teria uma visão melhor que eles — e, considerando a inexplicável oposição que fazem ao seu trabalho, é improvável que isso tenha originado uma comemoração. Caso se sente com eles, há de ser confrontado com silêncios, afrontado com suspiros. Já não faz ideia do que lhes dizer.

Em seu quarto, tira as botas. O brandy lhe arde um pouco no peito. Ele arrota e depois se inclina sobre a cama para olhar pela janela. Uma chuva fina começou a cair. Nada há para ver, salvo a claridade das fogueiras cercada pela escuridão.

Ele fecha as venezianas e se senta à mesa, puxando o caderno para si. Desde a semana passada, vem pensando em começar um diário, um registro da destruição do cemitério, algo técnico, mas também filosófico, espiritual até, que possa um dia dar de presente a Maître Perronet numa pequena cerimônia na escola. Brinca com a caneta, girando-a entre os dedos. Devia ter ficado com os outros, bebido mais brandy, rido um pouco. Isso lhe faria bem, seria melhor do que sentar-se ali sozinho, nesse humor oscilante.

Destampa o tinteiro, molha a pena, escreve no alto de uma nova página a data e, abaixo dela: “Eles chegaram hoje, trinta pobres homens liderados por outro cuja presença talvez me cause arrependimento. O trabalho já me enoja e nem o começamos. Quem dera eu jamais tivesse ouvido falar de Les Innocents.”

Fecha o caderno, empurrando-o para o lado, senta-se ali desanimado como um homem cumprindo uma sentença. Então, puxa novamente o caderno, abre-o, lê o que escreveu, volta a molhar a pena e, metodicamente na página inteira, faz um X sobre cada letra até que as linhas fiquem escondidas, ilegíveis, sepultadas.

*

Um deles fala; os outros escutam. Ainda chove, mas não com intensidade bastante para apagar as fogueiras. Uma claridade vermelha opaca acha caminho pela aba aberta da barraca, iluminando a parte inferior dos corpos, mas deixando os rostos na sombra. O que fala usa uma roupa clara e está sentado num trono de lenha; os demais se encontram agachados ou ajoelhados na palha. Um sermão? Uma história? Qualquer um que não

conheça essa língua, que mesmo falada baixo é como o ruído de xisto contra xisto, apostaria numa espécie de preleção, de uma tranquila emissão de ordens. De vez em quando, os ouvintes expressam uma reação, um assentimento murmurado. O orador mexe com as mãos, unindo-as, afastando-as. O terceiro dedo da mão esquerda lhe falta acima da segunda falange, terminando num toco rombudo de osso e pele enrugada.

Ele faz uma pausa e se abaixa para pegar algo ao lado das botas, erguendo-o como se fosse um ser vivo, capaz de despertar e voar. Trata-se de um pedaço de madeira cortada ou, quem sabe, o caule oco de uma planta — erva-doce, canabrás. Ele inclina a cabeça para o lado e sopra suavemente a base do objeto, em cuja ponta um brilho se transforma em fagulha e depois em chama, uma língua de fogo, sua luz se assentando sobre as feições do homem, sobre seus olhos entrefechados. Os outros, sentados, observam. Alguma coisa é absorvida. Ouvem-se, então, mais palavras, três ou quatro palavras pesadas, que os ouvintes repetem numa voz não mais alta que a chuva. Então, termina; acabou. Todos se levantam da palha, saem da barraca, alguns olhando para a velha igreja, outros para os ossuários. Calados como fantasmas, eles se dirigem às próprias barracas. A noite, em seu invólucro azulado de nuvens plúmbeas, os envolve suavemente. O cemitério se aquieta.

De manhã, quando abre os olhos, já há luz em volta das venezianas. Ele procura o relógio, abre-lhe a tampa (o olho que tudo vê) e o segura próximo a uma das frágeis linhas de luz do dia. Oito e quinze! Abre de chofre a veneziana e olha lá embaixo. As barracas continuam ali. A fogueira enorme arde vivamente, figuras se deslocam entre as latrinas e as barracas. Aquele retalho de cor atravessando a grama úmida é Jeanne, e a mulher de ombros largos a seu lado sem dúvida é Lisa Saget. Lá está Lecoeur, conversando com um dos homens. E Armand! Armand mostrando sua utilidade, enquanto ele, o engenheiro, o comandante, continua na cama!

Não há muito o que vestir; não havia muito o que despir na noite passada. Ele abotoa o colete, enfia as botas, o chapéu e desce a escada de três em três degraus, passa pela porta do porão, uma porta que sempre parece se encontrar atrás de uma fina cortina de sombras...

No cemitério, depara-se com largos sorrisos, sobretudo por parte de Armand, mas ninguém é desagradável a ponto de tecer comentários. Todos estão ocupados, tranquilamente ocupados. Ele fica satisfeito, aliviado, mais agradecido a todos do que ousa expressar. Jeanne põe uma caneca de café em suas mãos, e, antes que ele possa lhe agradecer, ela sai de casa para ajudar o avô e Lisa Saget na construção de uma pequena cozinha anexa — uma fornalha, um fogão, alguns ferros para pendurar panelas, um toldo de lona para manter ao largo a chuva. Ele é quem deveria ter previsto a necessidade disso: não se pode cozinhar para trinta e cinco almas numa cozinha do tamanho da do coveiro. O que mais terá deixado de antever? Toma o café, deixando que o calor quase lhe escale a língua e a garganta.

A sala contígua à cozinha transformou-se nos aposentos de Lecoeur. Jean-Baptiste espia lá dentro, vê que a cama já foi muito bem-feita, seja por Lecoeur ou por Jeanne. Ao pé da cama há uma sacola, não muito grande, e dá para ver que contém alguns livros. O ar no quarto, além do cheiro de mofo que vem dos registros do cemitério, tem um

inconfundível odor de suor alcoólico.

Procura Lecoeur e o encontra junto a um dos velhos túmulos, um daqueles blocos de pedra desgastada excentricamente afundado na terra tal qual os destroços petrificados de um pequeno barco.

— Uma família nobre inteira pode ser encontrada aqui embaixo — diz Lecoeur, com uma palmadinha na pedra úmida —, mas as letras estão tão gastas que mal consigo ler o nome. Você consegue?

Jean-Baptiste olha. Rohan. Rohring. Roche.

— Não — responde. Depois, acrescenta: — Temos de começar agora.

— A cavar?

— É.

— Assim falou nosso Alexandre — entoa Lecoeur, que provavelmente ainda não está de todo sóbrio.

— Se você puder levar os homens até onde a terra está marcada, encontrarei com vocês lá.

Fica ali, pelo que sabe Jean-Baptiste — pelo que Jeanne e o avô foram capazes de lhe informar —, a mais antiga das covas, um quadrado de cerca de sete metros quadrados, delimitado com corda e cravelhas na extremidade noroeste, próximo ao local onde, atrás do muro, a rue aux Fers encontra a rue de la Lingerie. A superfície de grama desbotada e capim nada sugere. Se esse é o local, os que jazem ali não fizeram jus a qualquer homenagem póstuma duradoura.

De pé junto à corda, ele observa a aproximação dos homens. Cumprimenta-os, dizendo que espera que eles tenham passado uma noite tranquila. Em seguida, com a ajuda de Lecoeur, separa-os em três grupos: o que vai escavar, o que vai recolher os ossos e o que vai empilhá-los. Feito isso, os encarregados da escavação são mandados para dentro do cercado de corda.

— A terra — instrui o engenheiro — será amontoada deste lado. Quando a cova estiver vazia, ela será misturada com cal e devolvida ao buraco. Quanto aos ossos, eles serão, no devido tempo, levados de carroça até o novo local de descanso. — Ele faz uma pausa. Alguns homens balançam a cabeça. Os outros apenas o encaram.

O dia está muito quieto, uma quietude invernal. Jeanne e o avô, juntos, se mantêm calados a uma pequena distância da corda. Jean-Baptiste olha na direção dos dois. Sorri, ou tenta sorrir, mas seu rosto está frio. De todo modo, que significado teria tal sorriso? Ele se vira para o mineiro mais próximo, Joos Slabbart ou Jan Biloo. Jan Block, talvez. Faz

um gesto de assentimento. O homem retribui, ergue o cabo da pá. A terra é aberta.

Eles cavam durante três horas, até que Jean-Baptiste pede a Lecoer para fazer o primeiro intervalo. Nessas horas iniciais não viram muita coisa. Aparentemente, os mortos foram reduzidos a cacos, fragmentos, como se a cova os tivesse mastigado como acontece com pão seco na boca de um velho. Estarão cavando no local certo? Será que o coveiro se enganou? Ele e Jeanne já voltaram para a casa, mas, após a pausa, a cova começa a revelar seus tesouros, e cada segunda investida da pá desencava alguma estrutura reconhecível. Uma mandíbula com uma fileira de dentes com jeito de ainda serem capazes de morder. Todo o aparato delicado de um pé, costelas que lembram gomos de um velho barril de madeira. O monturo de ossos se torna um muro ósseo. Não há madeira, nem uma lasca, nada que sugira que os homens e as mulheres enterrados naquela cova contassem com algo mais que o abrigo de suas próprias mortalhas.

O almoço é anunciado por Lisa Saget batendo uma concha contra o fundo de uma frigideira. Qualquer desconforto que os homens possam ter sentido em seu trabalho não parece afetar seus apetites. Jean-Baptiste e Lecoer se demoram junto à cova. Lecoer dá a impressão de não estar bem, tendo puxado o lenço do pescoço para cobrir boca e nariz.

— Vamos acender uma fogueira depois do almoço — diz Jean-Baptiste. — Talvez ajude um pouco.

Lecoer assente.

— Você vai comer? — indaga Jean-Baptiste.

— Primeiro, preciso tomar alguma coisa para acalmar o meu estômago — responde Lecoer, numa voz abafada. Estranha e abafada.

— Está bem — concorda Jean-Baptiste. — Vou pedir a Armand para providenciar mais brandy. Podemos todos tomar um gole antes de recomeçar.

No turno da tarde, três dos cavadores são transferidos para o grupo coletor de ossos. Quase todos que estão dentro do quadrado delimitado se veem, a certa altura, pisando em ossos. Além de ossos, outras coisas começam a ser encontradas e retiradas. Uma cruz de metal esverdeado, deformada. Um broche, quase todo destruído, no formato de uma rosa. Parte de um cavalo de brinquedo feito de lata. Botões. Uma fivela de cinto com aparência de antiguidade. Nada ainda de grande valor. E se algo valioso for encontrado? Quem será seu proprietário legal? O homem que o descobrir? O coveiro? O engenheiro? Talvez seja o ministro.

A intervalos mais ou menos regulares, os homens — todos eles — parecem engolfados por ondas de repulsa. De olhos fechados, eles estremecem, hesitam. Então, alguém cospe

nas costas da mão, uma bota ou tamanco se apoia mais resolutamente sobre a pá e o ritmo é retomado.

Quando os sinos da cidade anunciam que são quatro da tarde, a claridade começa a diminuir, e os homens, cujas cabeças baixas se encontram agora abaixo do nível do solo, dão a impressão, vistos de cima, de sombras escavadoras. Tochas são fixadas às paredes da cova. Agora, com efeito, a cena lembra um espetáculo: um bando de homens dentro de um buraco vermelho, tirando ossos de sob os pés. O muro ósseo margeia todo o comprimento de uma das laterais da fossa e se ergue até a altura dos ombros de um homem. A última hora deu a impressão de durar um dia inteiro. Jean-Baptiste tem a seu lado, sobre a grama, a garrafa de brandy. A intervalos — intervalos cada vez mais curtos —, ele a passa entre os homens, observa-os passarem-na entre si e depois a recebe de volta, mais leve. Às quinze para as seis, ele encerra o turno. Mais à frente, sabe que vai precisar insistir que o trabalho se estenda noite adentro, mas não já. Ele próprio não se acha capaz desse feito; não pode exigí-lo dos outros.

Encontra Lecoeur. Os dois caminham em silêncio até a casa do coveiro e ficam de pé junto ao fogo da cozinha.

Passado um minuto ou dois, Lecoeur, falando para o fogo, diz baixinho:

— Santo Deus.

— Amanhã será mais fácil — diz Jean-Baptiste.

Lecoeur se vira e repentinamente abre um sorriso sombrio:

— Amanhã vai ser de partir o coração.

Segundo dia: o trabalho segue pesado há uma hora, quando a concentração do engenheiro é quebrada por um assovio estridente. Ele se vira e vê Armand, que o chama, com um aceno, à igreja. Armand diz que três homens desejam lhe falar.

— Na igreja?

— Na igreja.

— Você os conhece? — indaga Jean-Baptiste.

— Nunca vi nenhum dos três — responde Armand, acertando o passo com o do engenheiro.

Os homens estão de pé na nave, ao lado de uma coluna da qual os restos de um chapéu com aba larga de cardeal pendem como um prato de sopa santificado. Um dos homens é Lafosse. Os outros dois são desconhecidos.

— Monsieur — diz Jean-Baptiste a Lafosse. Os outros simplesmente ficam parados, sorrindo de leve. Jean-Baptiste apresenta Armand.

— Um organista? — pergunta um dos desconhecidos. — O senhor decerto toca Couperin, não?

— Toco todos eles — responde Armand.

— Eu gostaria de ouvir alguma peça — diz o desconhecido —, antes que o órgão seja desmantelado. *O Parnassus*, talvez.

— Só a música é imortal — observa Armand.

— Esses homens — intervém Lafosse, fixando o olhar em Jean-Baptiste — são médicos. Irão conduzir certas investigações. Você deverá lhes prestar toda a assistência.

— Uma exumação dessa proporção — emenda o admirador de Couperin, um cavalheiro de aparência próspera e elegante, de uns cinquenta anos — é algo extraordinário. Cada estágio de decomposição será aparente, até o derradeiro punhado de terra.

— Historicamente, a jornada do homem — começa seu colega, um sujeito mais

anguloso, de constituição mais leve — tem sido medida do momento do seu nascimento ao momento da sua morte. Do primeiro ao último suspiro. No entanto, graças às lâminas afiadas de nossos anatomistas, temos agora um bom conhecimento daqueles meses em que permanecemos invisíveis dentro de nossas mães. Seu trabalho aqui, monsieur, nos permitirá obter uma visão bastante completa do nosso destino após o acontecimento que chamamos de morte.

— Nosso destino físico — acrescenta o outro num tom divertido, indicando com um gesto o local em que, na penumbra, o altar se destaca.

— É verdade, é verdade — concorda o colega. — Quanto ao restante, temos de confiar na sabedoria da Madre Igreja.

— Providencie um lugar para eles — diz Lafosse. — Um lugar onde possam trabalhar sem serem perturbados.

De um ponto muito acima de suas cabeças vêm alguns ruídos ligeiros, nitidamente de locomoção, que podem não significar outra coisa senão o movimento dos pássaros que fazem ninho ali, mas Jean-Baptiste troca olhares com Armand e rapidamente se oferece para ajudar os médicos com o que precisarem. Não tem a menor vontade de ouvir a voz de Père Colbert trovejar acima de sua cabeça novamente, ouvi-la deixar bem claro quão pequeno é o seu controle aqui.

— Então, esta conversa está encerrada — diz Lafosse, que se vira, inseguro, como a procurar a saída.

— Sou o dr. Thouret — apresenta-se o mais leve dos dois desconhecidos, percebendo, finalmente, que não haverá apresentações por parte do emissário do ministro. — Meu colega aqui — prossegue, indicando o outro desconhecido, que sorri educadamente — é o dr. Guillotin.

Depois do almoço, seguindo instruções de Jean-Baptiste, os homens montam uma grua com três hastes fortes amarradas, uma roda e um pedaço de corrente. Providenciam, ainda, um berço de lona que será preso à extremidade da corrente, e duas escadas com degraus largos e firmes. O fogo é atizado, e o trabalho recomeça.

Com seu fio de prumo, Jean-Baptiste mede a profundidade da cova. Um pouco mais de treze metros. O muro ósseo logo estará alto demais para que seu topo seja alcançado. Tal profusão seria menos perturbadora caso, na noite anterior, ele não tivesse recebido uma comunicação vinda da Porte d'Enfer informando-o da ocorrência de uma enchente provocada por uma nascente não cartografada, o que implica dizer que vai demorar um

pouco para que tudo esteja pronto para aceitar qualquer material de Les Innocents. Nada indica se essa demora será de dias, semanas ou meses. Ainda que sejam apenas algumas semanas, nesse ritmo o cemitério se tornará um labirinto. Os homens se perderão uns dos outros em corredores de ossos.

Os grupos — cavadores, coletores, empilhadores — passam por rodízios a intervalos de uma hora. É evidente que ninguém deve ser deixado mais que duas horas no fundo da cova. Próximo ao fim da tarde — o dia foi daqueles em que a luz briga para se impor, para convencer —, um dos homens, subindo a escada ao final de seu turno, faz uma pausa, perde o equilíbrio no degrau e cai de costas. Felizmente, não desaba sobre a cabeça dos colegas e é içado para a superfície no berço de lona.

— É Block — diz Lecoœur, ajoelhando-se ao lado dele. — Jan Block

A céu aberto, Block desperta, olha à volta e, ainda muito pálido, se põe de pé.

— Deixe que ele vá para a barraca, se quiser — sugere Jean-Baptiste. Já ouviu alguém resmungar a expressão “sufocação por gás”. Todos a conhecem, e, em Valenciennes, todos já viram ou sabem de alguém que viu um homem se asfixiar em algum elemento não detectável. É absurdo, claro, supor que isso possa existir na cova, mas mesmo assim ele decide fazer uma pausa no trabalho e deixar a garrafa passar de mão em mão. Os homens olham para ele, que vê em seus olhares algo que não é capaz de rotular. Passados quinze minutos, ele manda um novo grupo descer.

Entre os objetos encontrados hoje na cova se incluem: uma moeda verde do reinado de Carlos IX; um pedaço de armadura para pescoço, enferrujado, mas reconhecível; um anel com uma cruz gravada — sem valor; mais botões; a lâmina de uma faca — por quê? Para serem usados no outro mundo? Um estranho pedacinho de vidro colorido, em forma de coração, bem bonito.

Este último, o engenheiro limpa na água quando vai lavar as mãos à noite e, por um impulso qualquer, ou simplesmente por não saber que destino lhe dar, ele o presentearia a Jeanne, que o aceita com um sorriso solene nos lábios.

Um homem foge, foge com sua trouxa no meio da noite. Ninguém o viu partir; ninguém o ouviu partir. Mesmo os homens da sua barraca parecem surpresos, desconfortáveis, como se ele pudesse ter sido abduzido, talvez por alguma coisa que despertaram na cova. Lecoeur se oferece para liderar um grupo e ir atrás do fugitivo. O sujeito não pode estar longe e sem dúvida terá dificuldade para se esconder numa cidade que lhe é desconhecida.

— Eles não são prisioneiros — diz Jean-Baptiste. — Não fazem trabalho escravo.

— Os homens esperam autoridade — retruca Lecoeur, que cortou o pescoço de manhã quando se barbeava. — Afinal, por acaso não os resgatamos das minas?

— Não sei — diz Jean-Baptiste mais para si mesmo do que para Lecoeur — quem foi que resgatamos.

Todos os restantes estão presentes, embora o que caiu da escada, Jan Block, se encontre incapacitado para o trabalho. Jean-Baptiste o visita em sua barraca, onde o vê deitado em seu colchão de palha como o Cristo de Holbein. Os olhos seguem a silhueta escura do engenheiro ao entrar na barraca e se postar acima dele à claridade baça.

— Está com dores? Sente-se mal?

Block umedece os lábios com a ponta de uma língua pálida e diz algo. É forçado a repetir para que Jean-Baptiste entenda.

— Está com frio?

— Estou.

— Vamos lhe dar mais cobertores. E uma bebida quente.

Block pisca. O engenheiro sai. Quando encontra Jeanne, pede que ela vá visitar o doente e lhe leve café ou caldo. Será que há um cobertor sobrando? Ele reclama do frio.

Na cova, sob a direção de Lecoeur, os homens já puseram mãos à obra. Fogo, grua, escadas. O ruído oco de ossos atirados sobre ossos. Um mero assovio dos homens lá embaixo avisa os que estão cá em cima que o berço de lona está cheio e pronto para ser içado. Eles estão a uma profundidade suficiente para tornar necessário o uso de luzes

mesmo de manhã, quatro tochas que se projetam das paredes e ardem constantemente. Jean-Baptiste se agacha, tenta avaliar as condições das paredes. Há esgarçamento na terra? Existe risco de desmoronamento? Os homens poderiam sair rapidamente se um lado da cova desmoronasse?

Conclui que precisa descer e ver com os próprios olhos (já é hora de descer), e sem qualquer aviso lança mão da escada mais próxima e começa a descer. Sabe que tanto abaixo quanto acima dele todo o trabalho cessou, que todos o observam. Os pés buscam os degraus. O céu se distancia. O ar se adensa.

Descendo da escada no fundo da cova, ele sente uma tontura momentânea e é obrigado a agarrar o cotovelo do homem a seu lado. Agora que está ali, deveria dizer aos outros para continuar o trabalho, mas o espaço é exíguo demais. Ele os observa, seus rostos compridos iluminados de cima pelo fogo e pela débil luz da manhã. Olha as paredes negras, olha para o que está sob seus pés, olha para cima, para o ponto onde a cabeça e os ombros de Lecoœur se inclinam sobre a boca da cova. Pega uma pá das mãos do homem em quem se apoiou, pressiona a lâmina de encontro à parede de terra e a faz girar. Vê, então, um naco úmido de terra se soltar da parede. Testa a parede oposta da mesma maneira e com o mesmo resultado. Devolve a ferramenta, firma o pé calçado de bota no último degrau da escada e é assaltado por uma onda de náusea, que, graças a Deus, consegue controlar até que passe. Sobe a escada, alcança o topo, recobra o prumo na grama.

Para Lecoœur, que se aproximou e se postou a seu lado, ele diz em voz rouca:

— Vamos fazer escoras. Escoras para sustentar as paredes. Traga os homens para cima.

Não há escassez de madeira adequada: Monsieur Dejour deve ter abocanhado metade da madeira à venda em Paris. Eles talham traves e escoras, improvisam barrotes e calços. É agradável trabalhar com a madeira, e, quando os homens descem depois do almoço, dá a impressão de que o fazem com o coração ligeiramente mais leve. No meio da tarde, a linha de prumo registra uma profundidade de quase dezessete metros. O berço agora traz mais terra que ossos. Ao escurecer eles terão terminado! Terão esvaziado uma das covas de Les Innocents!

O último turno dos escavadores emerge às seis e meia. Uma lua invernal brilha em seus rostos, brilha no muro ósseo que agora parece menos o que é, o remanescente macabro e deplorável de inúmeras vidas, e mais uma bela colheita, obtida com esforço. Jean-Baptiste tira o chapéu, esfrega o cabelo, seu próprio cabelo, que chegou a um

comprimento quase respeitável, exatamente como sugeriu Charvet. Os mineiros se afastam dele, alguns com as pás sobre os ombros, como mosquetes. Um dia bom. Uma pequena vitória pelo trabalho obstinado e duro, por manter os nervos sob controle. Em silêncio, ao lado da cova, ele e Lecoeur se parabenizam. Estendem os braços e se cumprimentam.

Ele está menos satisfeito com o mundo na manhã seguinte. Dormiu mal outra vez, acordando em algum momento inútil da madrugada com o coração disparado. Daí em diante, ficou acordado, mentalmente escavando cova após cova, até enjoar disso, levantar da cama e se vestir no escuro.

No cemitério, examinado sob a luz de um lampião, Jan Block está nitidamente pior. Há um lustro em sua pele semelhante ao que se vê num queijo estragado. A respiração é difícil, sem proveito. Talvez esteja morrendo, talvez seja concebível, altamente concebível, que esteja morrendo de alguma infecção que os outros possam contrair, levando, em semanas, ao fechamento do lugar por inteiro, o último homem vivo tendo de rolar o último morto para dentro da cova vazia...

Uma hora depois, ele encontra um dos médicos, o dr. Guillotin, inspecionando o muro ósseo. Vê quando ele tira da pilha um fragmento e o guarda no bolso do casaco.

— Espero que não faça objeção — diz o médico, quando o engenheiro se aproxima. — Uma vértebra com uma deformação intrigante. Achei que podia pegá-la antes que Thouret a pegasse para ele.

Jean-Baptiste lhe fala do doente, descreve o acidente e pergunta se o médico faria a gentileza de examiná-lo.

— Se for uma infecção... alguma coisa que possa...

O médico concorda. O homem está por perto? Sim. Os dois caminham juntos até a barraca, baixam a cabeça para entrar. Tem mais alguém lá dentro. O mineiro da mão aleijada. Durante um momento, os recém-chegados são mantidos ao largo pelo olhar calmo do mineiro. Depois, ele sai, calado e sem pressa.

— Uma figura curiosa, esse sujeito — comenta o médico. — Olhos cor de violeta, você reparou? Algo muito raro. — Ele se vira para o homem deitado na palha. — Como é o seu nome?

— Este é o Block — responde Jean-Baptiste.

— Block? Bom-dia, Block. Você sofreu uma queda, certo? Está se sentindo mal?

Jan Block parece assustado.

O médico sorri:

— Não precisa ter medo de mim. — Para Jean-Baptiste, acrescenta: — Pode virá-lo? É mais fácil examinar as costas de um homem quando ele está de bruços.

Jean-Baptiste pega o mineiro pelos ombros e começa a mudá-lo de posição. O doente não protesta, embora o corpo trema. Não é fácil botá-lo de bruços. Isso feito, o médico diz:

— Levante a camisa dele.

A pele da parte superior das costas de Jan Block foi perfurada de um lado e do outro da coluna, e, embora sejam pequenas, as marcas estão rodeadas por halos vermelhos de inflamação.

Guillotin se aproxima. Olha, mas, como a maioria dos colegas de profissão, reluta em tocar no paciente. Assente.

— Pode descer a camisa. Obrigado, Monsieur Block. Vamos descobrir alguma coisa para aliviá-lo, está bem?

Depois de se afastarem alguns passos da barraca, o médico diz:

— Ele foi contaminado pelo que quer que tenha penetrado em seu organismo na queda. Os ferimentos precisam ser imediatamente limpos com uma solução de enxofre. Quanto à febre, ele deve tomar pó de cinchona, diluído em um pouco de brandy. Não sou, contudo, favorável a suprimir por completo a febre. A febre não é uma inimiga, é o fogo que serve de combustão para a doença. — O médico faz uma pausa e depois encara diretamente Jean-Baptiste. — Ainda que em perfeita saúde, somos refeitos continuamente no calor que nós mesmos geramos. O senhor conhece a teoria do flogisto?

— Superficialmente.

— O termo “flogisto” vem do grego “incendiar”. O elemento combustível presente em todas as coisas. O fogo latente. O fogo potencial. Passivo, até ser despertado.

— Por uma fagulha?

— Ou por algum choque ou fricção. Ou simplesmente pelo acréscimo gradual de calor.

— Há a possibilidade — indaga Jean-Baptiste — de que a infecção de Block tenha sido causada por alguma doença que continua presente nos ossos? É possível que os ossos ainda contenham um resíduo da doença que um dia os afligiu, ou melhor, que um dia afligiu seus donos?

— Que jeito pitoresco de encarar a questão! — diz Guillotin. — Você fala como se os nossos ossos fossem meros bens materiais, como um cavalo ou um relógio. Mas, respondendo à sua pergunta, acho improvável que alguma doença pudesse sobreviver

tanto tempo à sua vítima. Não sugiro, porém, que você ou os seus homens permitam o contato dos ossos com qualquer ferida aberta. Recomendo que usem vinagre como desinfetante. E álcool purificado. Etanol. É muito eficaz. Mas tenha cuidado quanto a armazená-lo, pois é extremamente tóxico. E altamente inflamável. Até mesmo o seu vapor. Sobre tudo o vapor.

— E onde posso encontrar etanol?

— Quer que eu providencie?

— Eu ficaria imensamente grato. E quanto ao enxofre e à cinchona?

— Vou escrever um bilhete para o boticário — diz Guillotin, com uma palmadinha no ombro de Jean-Baptiste. — Agora, vamos juntos até a casa do coveiro para ver se aquela mocinha gentil nos serve um café, certo?

À mesa da cozinha, Jeanne, Lisa Saget e os dois filhos de Lisa se ocupam descascando legumes. Uma cadeira é puxada para o médico, mas ele prefere ficar de pé junto ao fogo. Tem muita energia e bom humor. Diz coisas agradáveis e lisonjeiras para as mulheres e as crianças. Jean-Baptiste explica que os dois foram visitar o mineiro doente, que o homem sem dúvida está pior hoje, mas que o médico prescreveu alguns remédios.

— Natalie irá buscá-los — intervém Lisa, inclinando a cabeça na direção da menina. — Enxugue as mãos, Natalie, e vista o casaco.

— Podemos arrumar espaço para ele aqui em casa — diz Jeanne. — Posso pôr uma cama no corredor lá em cima. Ele terá mais conforto aqui.

— Você já se ocupa da cozinha e de muitos outros afazeres — retruca Jean-Baptiste.

— Uma boa enfermagem — emenda Guillotin — costuma ser a diferença entre a recuperação e a morte de um paciente.

— Então, é o que vamos fazer — afirma Jeanne, encarando Jean-Baptiste com os olhos bem abertos.

— Ele não pode ir para o hospital? — pergunta Jean-Baptiste.

As narinas do médico estremecem.

— Hospitais são lugares muito perigosos. Sobre tudo para quem já se encontra enfraquecido pela doença.

Depois de abotoar o casaco, Natalie está pronta para cumprir sua missão. No escritório em que Lecoeur dorme há material para escrever. O médico elabora uma listinha, a qual relê, assina, dobra e entrega à menina.

— Acrescentei uma coisinha para você — diz a Jean-Baptiste. — *Lachryma papaveris*.

Lágrimas de papoula. Há de ajudá-lo a repousar. Avaliei corretamente a situação?

— Procure Monsieur Boustanquoi — diz Lisa à filha. — Vá num pé e volte noutro.

A menina assente, sorri, coquete, para o médico e sai.

— Crianças — ronrona o médico. Dá um tapinha com o dedo na tampa do bule de café. — Podemos abusar da hospitalidade, mademoiselle?

A cova vazia é preenchida com a terra negra, fermentada com cal. O vento aumentou, zunindo e uivando entre os muros do cemitério. As roupas, as mãos e os rostos dos homens estão cobertos por uma película de cal. Olhos ardem, narizes escorrem, mas encher uma cova é melhor do que esvaziá-la. Também é mais rápido. No início da tarde, a cova número um é riscada por uma linha precisa no caderno de Jean-Baptiste. O fogo se extingue. A grua e o berço, a madeira para as escoras, as ferramentas e os homens são deslocados quinze passadas para o sul. Lecoeur e Jean-Baptiste delimitam o diâmetro de uma nova cova com cavilhas e cordas. Jeanne e o coveiro são chamados para confirmar a posição. Depois de andar de um lado para o outro mais ou menos como um cão em busca de um canto para dormir, o coveiro conclui que o quadrado marcado pela corda deve abarcar mais cinco passadas na direção do muro sul. As cavilhas são arrancadas e novamente marteladas. O coveiro aprova com um gesto de cabeça. Prepara-se uma nova fogueira, que é acesa. O grupo encarregado de cavar passa para dentro do cercado de corda; os encarregados de empilhar os ossos ficam a postos. A coisa toda recomeça, aquele som monócórdio de pás batendo na terra, depois o som dos ossos, o jeito como, quando batem uns nos outros, tilintam tal qual vasos de argila.

A dificuldade do dia pode ser medida pelo volume de bebida alcoólica necessário para enfrentá-la. Hoje é um dia de três garrafas. Uma por metro escavado. Um décimo de garrafa por homem por metro escavado. Será essa a equação? O engenheiro não a aprendeu na École des Ponts. Depois de encerrado o trabalho, e tendo os mineiros se dispersado para voltar a suas barracas ou se reunir em torno do calor da grande fogueira junto à cruz do púlpito, Jean-Baptiste e Lecoeur lavam as mãos no balde colocado junto à porta da casa do coveiro.

— O que será que eles fazem ali? — indaga Lecoeur, sacudindo água dos dedos e indicando com a cabeça a nova oficina dos médicos, uma estrutura pequena e sem janelas, feita de lona e encostada ao muro da igreja.

— Só Deus sabe — responde Jean-Baptiste, que mais cedo flagrou duas mesas de cavalete sendo levadas para dentro, juntamente com uma pesada bolsa de couro que

chacoalhava com o movimento.

Na cozinha encontram apenas o coveiro adormecido em sua cadeira, mas, passados alguns momentos, Jeanne surge ao pé da escada, o rosto radioso como se tivesse acabado de banhá-lo em água fresca e cristalina.

— Ele está descansando — diz ela — e já tomou todos os remédios.

— Block? — indaga Jean-Baptiste.

Ela assente e acrescenta:

— O médico disse que virá visitá-lo de novo amanhã, se puder.

— Ótimo. Obrigado, Jeanne. Fico muito grato a você.

— E o seu remédio está em cima da lareira — diz ela. — Ali.

— Seu remédio? — pergunta Lecoecur.

— Bem, o dr. Guillotin parece achar que eu preciso de ajuda para dormir.

— Ah, dormir! — exclama Lecoecur. — Morfeu não tem se mostrado meu amigo ultimamente. Passo a noite toda inquieto como uma lebre.

— Então, fique com a metade — sugere Jean-Baptiste, examinando o frasco grosso e marrom, tapado e sem rótulo. — Deve haver o bastante para nós dois aqui dentro.

Deixando Lecoecur com Jeanne e o avô, ele volta para a rue de la Lingerie, com o frasco pela metade no bolso do casaco. Deveria tentar fazer alguns cálculos antes de dormir e amanhã sacar mais algum dinheiro com o ourives na rue Saint-Honoré. Tem de pagar os fornecedores. E os homens, é claro, além de querer comprar algo bonito para Lecoecur, para Jeanne e o avô, para Armand e Lisa Saget. Está devendo um mês de aluguel a Monsieur Monnard. Não gosta de atrasar o pagamento, de dar mais um motivo a Monsieur Monnard para ver defeitos no inquilino. Na escada para a sala de estar, cruza com Marie, que está descendo com uma bandeja cheia de pratos. Os pratos estão cheios de ossinhos. Ela lhe faz uma careta, uma expressão que talvez tenha significado específico no *faubourg* Saint-Antoine. Ele pergunta, mantendo um tom baixo, como vai Ziguette.

— Ah, coitadinha da Ziggi! — responde Marie, numa imitação razoável de Madame Monnard. Depois passa por ele, roçando coxa com coxa, ombro com ombro.

Jean-Baptiste sobe para o quarto, senta-se à luz da vela, põe sobre a mesa o frasco de remédio, cruza os braços e o contempla. Quantas gotas deve tomar? O dr. Guillotin chegou a dizer? Lembra-se de que o pai, próximo ao fim, tinha um remédio desses. O que era mesmo que lhe davam na boca com a colher? Dez gotas? Vinte? Decide, então, simplesmente, tomar *um pouco*. Não vai se preocupar em contar; está cansado de contar. Tomará *um pouco* para ver o que acontece e depois fará seus ajustes de acordo.

É tarde. Tarde ou cedo. Jeanne, despertada por algo que ouviu em sonho, sai do quarto que partilha com o avô e dá uma espiada em Jan Block, cujo rosto está iluminado pelo luar que penetra pela estreita janela em arco na extremidade do corredor. Ela leva alguns instantes — depois de acordar de um sono profundo — para se dar conta de que os olhos do mineiro estão abertos. Sorri para o homem e depois se ajoelha a seu lado para que ele possa vê-la com mais clareza. O mineiro ergue a mão. Jeanne a pega antes que a mão torne a baixar e a segura um momento, deixando-a repousar, então, sobre o peito que respira com esforço. Lentamente ele fecha os olhos. Existe alguma coisa tão resignada, tão decisiva, nesse fechar de olhos que ela duvida que eles voltem a se abrir. A respiração do doente se interrompe por um momento, um longo momento, um momento que talvez se estenda à eternidade. Então, com um pequeno espasmo no peito, uma espécie de soluço, o homem volta a respirar, com mais facilidade.

Nos degraus, a madeira estala. Surge uma cabeça, saindo da escuridão da escada para a luz prateada do corredor. Uma cabeça raspada, olhos que cintilam.

— Não tenha medo — diz a cabeça, bem baixinho. — É só Lecoeur.

— Ele acordou — diz Jeanne. — Mas está dormindo agora.

— Você é uma boa garota — observa Lecoeur. — Acho que sonhei com você.

— Já é de manhã? — indaga ela.

— Não — responde ele, sem muita certeza. — Acho que não.

Héloïse Godard, leitora, mulher de aluguel, filha de estalajadeiros da estrada Orléans—Paris, uma jovem recém-entrada em seu vigésimo quinto ano de vida, embora ainda não de todo quite com seu longo projeto de degradação, se levanta com as seis badaladas matinais do sino de Saint-Eustache, veste-se por tato (das meias brancas à fita verde amarrada ao pescoço), acende a vela para uma breve inspeção final do resultado, torna a apagá-la e desce a escada de madeira em caracol até o mundo público da rue du Jour.

É sempre um pequeno choque estar novamente ali fora, sempre um retesamento do que quer que seja que, ao longo da noite, enquanto ela dormia sozinha em sua cama, se suavizou, cedeu... Fecha mais a capa para se aquecer, põe o capuz, inspira o ar frio.

Marcou um encontro com Boubon, o cesteiro, em sua oficina no extremo oposto do mercado. Boubon é viúvo e um homem que, como Ysbeau, o livreiro, e Thibault, o alfaiate, não se encaixa — como acontece com ela — facilmente entre os vizinhos. Esta será sua oitava visita a ele. Os homens que ela visita — não são muitos —, ela visita regularmente, nos dias marcados, nos horários marcados. Seu comércio não é de varejo. Toda aquela conversa de que ela vai com qualquer um que acene com uma moeda debaixo do seu nariz não passa de mentira. Na maioria dos casos, não foi ela quem abordou os cavalheiros, e mesmo então nada foi explicitamente dito. Aprendeu a ser muito profissional, embora sem jamais tocar especificamente no assunto. Em sua opinião, esse é o principal motivo para gostarem dela: sua disposição para jamais confrontá-los com o que estão fazendo, o que estão comprando, com as suas necessidades. E aquilo de que eles precisam não é exatamente o que excita a imaginação vulgar do bairro. No caso de Boubon, por exemplo, ela se sentará em seu joelho em meio a freixos e hastes de salgueiro. Ele lhe falará do seu ofício, reclamará das dores nas costas, nas coxas. Ela ouvirá, com toda a atenção e ternura, antes de dar algum conselho e algum consolo, como faria uma esposa. Mais tarde, ele há de admirar a parte de cima de suas meias, correndo um dedo rombudo e calejado pelas ligas de lã enquanto ela pergunta de novo qual é a

diferença entre trançar e tecer, e exatamente qual é a distinção entre arremate e sutache. Nada disso é especialmente desagradável. Sem dúvida é tolerável. Quase sempre. Então, quando vestido, corpete e combinação tiverem voltado a seus devidos lugares, os dois tomarão café preparado no fogão da oficina e ela pegará o dinheiro que lhe foi deixado no nicho junto à porta (não é uma daquelas assanhadas do Palais Royal que nada fazem ou dizem sem receber primeiro o pagamento) e sairá porta afora, rápida e silenciosamente, deixando ambos aliviados por não terem de pensar mais no assunto até a semana seguinte.

Mas, antes de Boubon, ela precisa comer. Não se pode atravessar o mercado de manhã sem parar para desjejuar. Apenas o ar — apesar dos pesares — já basta para despertar a vontade. Por isso, ela para na barraca de Madame Forges (a mesma Madame Forges que tingiu o cabelo da cor de um pano de açougueiro), compra uma broa pequena e quente como sangue e vai arrancando pedacinhos da casca enquanto caminha. A essa hora da manhã, mal é notada, e muito raramente ofendida. Até Merda, o bêbado, escarrapachado num degrau devorando uma cebola, não faz mais que lhe lançar um olhar brando. Para poupar alguns minutos, ela corta caminho por dentro de um armazém de peixes e vê o velho padre com seus óculos azuis discutindo com uma vendedora o preço de uma cabeça de bacalhau. A mãe da garota talvez oferecesse a mercadoria de graça a um pobre padre — a avó, com toda certeza —, mas os tempos mudaram. Ninguém precisa mais reverenciar padres. Atualmente, um bocado de gente se dispõe a zombar de coisas como Céu e Inferno e anjos e demônios. E não são apenas os intelectuais no Café de Foy ou no Procópe que fazem isso. Muita gente comum também. Gente como a menina peixeira, talvez. Gente como a própria Héloïse.

Ela segue o padre na direção da saída do armazém, perde-o de vista na primeira multidão do dia, toma o rumo da rue de la Fromagerie, atravessa o extremo sul do mercado e chega à esquina da rue aux Fers. Acima dos muros do cemitério — como sempre nos dias que correm, nos dias e nas noites, aliás — vê as espirais de fumaça das fogueiras. Hoje, porém, há algo mais para ser visto, algo novo. Letras negras no muro do cemitério. Altas, denteadas, impossíveis de ignorar. Letras que se estendem da porta do cemitério até quase a rue de la Lingerie: “REI GORDO RAINHA VADIA CUIDADO! BECHE ESTÁ CAVANDO UM BURACO GRANDE O BASTANTE PARA ENTERRAR VERSALHES INTEIRO!”

No meio da rua, homens e mulheres olham, discutem, tentam entrar num acordo sobre o que está escrito ali. Eles entendem “rei” e “rainha”, “vadia” e “Versalhes”. Quanto

ao restante, há menos certeza. Ela poderia lhes dizer, é claro, mas ninguém haveria de querer escutá-la, uma mulher, *aquela* mulher.

Todos partem (ainda discutindo), e ela está prestes a fazer o mesmo (não pretende deixar Boubon ansioso; ansiedade ele já tem de sobra), quando vê, saindo da rue de la Lingerie, o jovem engenheiro, aquele que em meio à bruma chamou a si mesmo com aquele nome rabiscado no muro. Aquele que tocou seu rosto. Ele a vê. Então, um segundo depois, vê as letras negras, lê, se retesa visivelmente e, com o rosto afogueado, se aproxima dela e diz:

— Não sei do que se trata.

Ela assente, depois parte um pedaço do pão e estende a mão para entregá-lo a ele, que o aceita, quase o arrancando dela, enfiando-o rapidamente num dos bolsos do casaco e se afastando apressado.

Quando fica sozinho com Armand, os dois frente a frente junto a uma das entradas da galeria do ossuário sul e com um sótão cheio de ossos sobre suas cabeças, o organista mostra os dedos de ambas as mãos para comprovar que eles não ostentam nem mesmo um salpico de tinta.

— Fleur ou Renard — diz ele. — De Bergerac, num impulso. Excesso de entusiasmo. Vou falar com eles. Mas acho que você devia se sentir lisonjeado.

— *Lisonjeado?*

— Provavelmente causou nos três uma impressão considerável. Posso garantir que eles jamais escreveram uma palavra a meu respeito, e eu os conheço desde o orfanato.

— Eles foram enjeitados?

— Foram e são.

— Eu não sabia.

— Não. Você preferiu não gostar deles. Desdenhá-los.

— Mas eu preciso trabalhar aqui! Isso não significa nada para eles?

— E quem faria a ligação? Suponho que você não tenha mencionado seu *nom de guerre* a ninguém.

— Não. Claro. Não.

— Não?

— Não!

— Então?

— Não vou... Não sou...

O engenheiro hesita, olha à volta como se, entre as lápides, nas quinas das pedras, pudesse descobrir aonde não vai ou aquilo que não é. Fica evidente que devia ter tomado uma dose maior do remédio de Guillotin. Mais uma noite de insônia o deixou idiota, com os pensamentos apartados uns dos outros por terrenos baldios mentais. Raciocínio e coerência de repente lhe parecem dons finitos que ele pode, esta manhã, hoje à noite, na

semana que vem, ver desaparecerem abruptamente. E aquele encontro estranho, espantoso, com a austríaca! Estaria a mulher esperando por ele? Esperando-o para lhe dar um pedaço do seu pão? Por que faria isso?

— Sua política — diz Armand, que talvez já esteja falando há algum tempo — é a política de conclusões inconclusivas. Pateticamente comum.

— Como assim?

— Você vê como são as coisas. Já leu a respeito, já ponderou, mas se recusa a chegar às conclusões óbvias.

— Que são...

— Que são aquelas a que homens com capacidade muito inferior há muito já chegaram. Homens como Fleur, Renard e De Bergerac.

— Talvez a minha dificuldade, então, seja o fato de eu saber o nome dos meus pais.

— Tudo que o ofendeu foi que a pintura na parede pode refletir sobre a sua condição *profissional*. Você é totalmente egocêntrico. Vê a si mesmo como um homem de pensamentos nobres, de tendência liberal, mas seu único ideal genuíno é a própria ambição.

— Você abriu mão da sua? O órgão de Saint-Eustache?

— Posso ver além das minhas ambições. Não sou limitado por elas. Essa é a diferença.

Com impertinência, os dois dão as costas um para o outro. Jean-Baptiste, de braços cruzados sobre o peito, lança um olhar para além das pedras enegrecidas da galeria e vê Lecoeur caminhando sobre a grama em direção a eles. Seu andar é inquieto, as pernas, rijas, o corpo, inclinado para a frente, o rosto, sombreado pelo chapéu...

— Um motim — diz ele, entrando abruptamente na galeria, sem se preocupar com cumprimentos. — Os homens se amotinaram! — Olha para os outros dois, parece imensamente satisfeito com a visão de suas expressões atônitas e, então, acrescenta: — Pode não ser correto dizer que se amotinaram, por enquanto. Mas estão infelizes. Muito infelizes. Não vão trabalhar.

— E o motivo?

— Querem cachimbos.

— Cachimbos?

— Para fumar. Não voltarão ao trabalho sem eles. Estão convencidos de que o tabaco é uma proteção essencial contra infecções.

— Que infecções?

— Infecções que eles podem contrair nas covas, claro.

— Eles querem fumar?

— Insistem em fumar. Todos eles. E não se dê ao trabalho de buscar a origem de tal ideia. Eles acordam um dia com elas e pronto. Tais noções podem mesmo ser autógenas.

Armand estala a língua.

— Isso é mais positivo que negativo. É uma exigência muito barata de satisfazer. E terão você em alta conta por isso. Serão apaziguados.

Enquanto falavam, os três deixaram para trás o ossuário. Os mineiros estão reunidos junto à fogueira, observando.

— Há uma loja na rue aux Ours — prossegue Armand —, em frente à agência dos coches. Ela tem várias centenas de cachimbos no estoque. Tabaco suficiente para satisfazer a Marinha toda. Eu recomendo.

— Então — diz Jean-Baptiste —, você talvez queira providenciar o que for necessário, não?

— Devo abrir uma conta? — indaga Armand, voltando sem qualquer esforço aparente ao seu papel de Escaramuche, Arlequim, Puck — Preços especiais? Pagamento mensal?

— E, se Monsieur Saint-Méard não fizer objeções — emenda Lecoecur rapidamente —, posso acompanhá-lo.

Armand assente, com uma reverência. Lecoecur responde na mesma moeda.

— Como está o doente hoje? — pergunta Jean-Baptiste.

— Block? Ah, um anjo caridoso cuida dele — responde Lecoecur.

— Ele morreu? — exclama Jean-Baptiste, ainda concentrado nos homens, na turbulência do raciocínio de todos eles.

— Eu me referi a Jeanne — responde Lecoecur. — Ela cuida dele. Não devíamos nos preocupar com Block. Block sobreviverá a todos nós.

A julgar pelos sinos de Saint-Eustache e pelos inquietos ponteiros do relógio de Jean-Baptiste, passam-se quase duas horas até que Armand e Lecoecur retornem ao cemitério. O engenheiro já se amaldiçoou pela loucura de permitir que os dois fossem juntos, embora não saiba ao certo se poderia tê-los impedido, se dispõe de tal autoridade, tal direito, bem como da necessária força moral para tanto.

Fica óbvio que ambos estão bêbados a uma distância de muitos metros, mas parecem capazes de andar sem vacilar, e o embrulho nos braços de Lecoecur sugere que não se esqueceram do propósito original da expedição.

— Você viu o muro? — sibila Lecoecur, a boca tão próxima à bochecha do engenheiro

que quase lhe dá um beijo. — Saint-Méard diz que o conhece. O tal de Bêche. Aparentemente, um homem que ninguém acusaria de radicalismo. De aparência bastante comum, mas, por baixo, um sujeito frio como gelo. Mata sem pestanejar. Saint-Méard o chama de vingador do povo. Isso não soa meio lírico?

— Esses são os cachimbos? — indaga Jean-Baptiste.

— Comprei todos que havia na loja. Depenei o estoque. Há vários sem dono. Talvez você queira ficar com um. Posso escolher? — Ele ri, começa a remexer no embrulho. Parece feliz, simplesmente feliz, pela primeira vez em muitos dias.

Quando, afinal, os homens se juntam e recomeçam o trabalho na cova, não há entre eles um só sem uma haste de barro entre os dentes. O que, aparentemente, não os incapacita para cavar, coletar e empilhar. Lecoœur se posta perigosamente próximo à beira da cova. Parece um sonâmbulo. Os médicos chegam. Guillotin se posiciona ao lado de Jean-Baptiste e, depois de observar a labuta durante um tempo, diz:

— Você viu a pichação no muro?

Jean-Baptiste assente.

— Existem forças em ação — diz Guillotin — que nossos patrões ignoram por sua conta e risco.

Jean-Baptiste vira-se para encarar aqueles olhos serenos, castanhos, no rosto grande e corado. Será que Guillotin pertence ao partido do futuro? Será que, juntamente com Renard, Fleur, De Bergerac e Armand, conhece as conclusões a serem tiradas? Os dois se encaram um instante até que o ruído de uma pá batendo na madeira, lascando-a, atrai a atenção de ambos de volta para a cova.

O engenheiro se agacha.

— Um caixão? — exclama.

O mineiro ergue os olhos e, em resposta, numa confirmação, tira o cachimbo da boca.

Eles o retiram da terra, transferindo-o para o berço, e, depois de içá-lo, depositam-no na grama.

— Suponho que devamos abri-lo — diz Jean-Baptiste baixinho, como se falasse consigo mesmo. Olha para o homem mais próximo. Guido Brun ou, se não Brun, aquele que se parece muito com Brun. Qualquer coisa Agast. Englebert Agast? O homem enfia a lâmina da pá sob a tampa do caixão, força, força com mais vontade até que a madeira, com um pequeno estalido, cede, e boa parte do caixão imediatamente se desintegra. No interior há um esqueleto, os resíduos de um homem, seus ossos ligados por retalhos de tendões

ressecados. Fios de cabelo negro, ásperos como grama esturricada, brotam das laterais do crânio. Dentes grandes e marrons estão à mostra.

Lecoeur, agora acordado e muito sóbrio, faz o sinal da cruz, no que é acompanhado por vários mineiros.

— Para retirar os ossos — observa o dr. Thouret —, para separá-los para que fiquem como vocês querem, será preciso fervê-los.

— Ferver o cadáver? — pergunta Jean-Baptiste.

— Este é um procedimento perfeitamente normal — assegura o dr. Guillotin, de forma tranquilizadora. — Nada de obsceno aí. Fale com o coveiro. Esses cavalheiros conhecem seu ofício.

O caixão içado em seguida contém apenas um punhado de ossos, o que faz com que, ao ser retirado do berço e balançado, ele chacoalhe como um brinquedo de criança. O seguinte, exceto por um pouco de poeira, está vazio.

— Ao menos um escapou — comenta Guillotin, dirigindo-se ao grupo. — Há esperança para todos nós.

A observação supostamente pretendia aliviar a tensão, mas os homens olham para o médico com expressão pétrea, e apenas Lecoeur, com certa coragem derivada das boas maneiras, consegue esboçar um sorriso em resposta.

Um novo sistema surge, uma nova rotina. A madeira dos caixões é queimada na fogueira, onde provoca breves explosões de chamas de cores estranhas. Os corpos ainda teimosamente unidos por ligamentos e tendões são deixados dentro do ossuário, onde, a partir do meio da tarde, Manetti, ajudado por um dos mineiros, os recolhe num carrinho de mão e os leva até o local onde montou recipiente de fervura, uma banheira de cobre usada durante cem anos para arrematar o trabalho iniciado pela terra de Les Innocents e que agora foi trazida de um canto do cemitério onde havia muito desfrutava da sua aposentadoria.

De início, tanto nos homens lá embaixo na cova quanto nos homens cá em cima, encarregados de abrir os caixões, percebe-se uma tensão palpável. Todos se preparam para algum tipo de horror, algo abruptamente revelado, que possa, lá de dentro, *encará-los*. Junto com a garrafa de brandy, também o pote de tabaco é passado de mão em mão. Felizmente, isso basta para manter todos ocupados. No fim do dia, quando o último caixão é içado à luz da fogueira, tudo dá a bizarra impressão de tolerável, como se o trabalho, apesar de suas peculiaridades, não passe, afinal, de trabalho apenas, uma tarefa à qual alguém se dedica em troca de remuneração, uma coisa que se faz porque a

inquietação humana precisa ser dirigida a algum propósito para não se retroalimentar.

* * *

Ele janta com os Monnard. Não há como evitá-los para sempre. Senta-se com eles — com Madame e Monsieur — ruminando garfadas de carne e feijão-manteiga. O fogo na lareira está mais vivo que de hábito: Jean-Baptiste providenciou uma remessa de lenha do cemitério, onde há de sobra. As chamas marulham no flanco polido do piano-forte. Ninguém comenta a ausência de Zigette, embora de vez em quando a mãe lance olhares para a cadeira vazia, para os utensílios sem uso sobre a mesa.

Numa conversa espasmódica, os três já exauriram os assuntos rotineiros: o tempo, os méritos da carne, o preço alto dos grãos. Isso feito, cada um se voltou para os próprios pensamentos e para a mastigação incessante, até que Madame Monnard, depois de pigarrear, pergunta:

— É verdade, monsieur, o que Marie nos contou sobre as coisas escandalosas escritas no muro do cemitério?

— Marie? Achei que ela não soubesse ler.

— E não sabe, monsieur. Nem o próprio nome — esclarece Monsieur Monnard. — Mas ela escuta. Escuta melhor do que uma coruja.

Instantaneamente — espontânea e perfeita —, a imagem de Marie com orelhas empenachadas, empoleirada num galho sob o luar, brota na imaginação do engenheiro.

— Disseram a ela, monsieur — esclarece madame. — Ela soube.

— E não foi só essa — emenda Monsieur Monnard. — Monsieur Gobel esteve na loja hoje à tarde e me contou que viu algo muito parecido no muro em frente à Bolsa.

— Deve haver centenas — observa Madame. — Pode haver centenas?

— Essa outra — indaga Jean-Baptiste, gesticulando com o garfo —, a da Bolsa... usaram o mesmo nome?

— Bêche — responde Monsieur Monnard, atacando com a faca o último pedaço de carne em seu prato. — E todo tipo de ameaças ao rei e seus ministros. Minha esposa ficou muito perturbada, monsieur.

— Tenho medo — atalha Madame, que, com efeito, parece de súbito muito perturbada — de que nos assassinem em nossas camas. Que cortem nossas gargantas.

— Tenho certeza de que é pura falta do que fazer — afirma Jean-Baptiste. — Não passa de... não passa de brincadeira.

— *Brincadeira?* Para o senhor, talvez, monsieur. Sei que quer me tranquilizar, sendo o jovem atencioso que é, mas garanto que vou sonhar com esse Bêche escalando o muro para entrar pela janela do nosso quarto. O senhor viria, monsieur, se nós pedíssemos socorro? O senhor tem uma espada?

— Não, madame.

— Achei que tinha uma espada.

— Sou engenheiro, madame. Tenho uma régua de metal.

— Ouso dizer que talvez sirva — diz Madame Monnard, pensativa. — Se for das grandes.

Marie entra para retirar os pratos. A conversa cessa. Os pratos são recolhidos, empilhados. Ela tem mãos fortes e vermelhas como as de um homem, de um operário. E aquele cabelo preto! Aquele bigode feminino lustroso, que decerto não é um defeito. Para Jean-Baptiste, Marie parece dona de um vigor que ninguém mais na sala possui, como se suas raízes estivessem fincadas num solo mais rico, mais fecundo, que nenhum deles é capaz de atingir.

Quando ela sai, fechando a porta com o pé, Madame e Monsieur trocam olhares e depois voltam a encarar o engenheiro, como se alguma explicação — explicação para todas as coisas ruins e perturbadoras ocorridas após a sua chegada à rue de la Lingerie — fosse devida por ele.

— Eu gostaria de saber — começa Jean-Baptiste —, de perguntar, quero dizer, como vai indo sua filha, madame.

— Ziggi? Ah, monsieur, é muito difícil ter filhos. Ela dá a impressão de haver se derretido. O senhor deveria lhe fazer uma visita. Meu marido e eu estamos perdidos. Desde... por favor, nos desculpe, mas, desde que o seu trabalho começou, não há o que a console. É como se ela sentisse os golpes de pá na própria carne.

— Lamento muito — diz Jean-Baptiste. — De verdade. Mas o trabalho não pode ser evitado. Estou tentando, madame... *Estamos* tentando fazer o que é certo, o que é...

O fogo estala; uma fagulha voa. Jean-Baptiste, pondo-se rapidamente de pé, apaga-a com o dedão da bota.

— A lenha está verde — rosna Monsieur Monnard, encarando, raivoso, o fogo, como se a lenha verde fosse o cerne verde de tudo que o acabrunha.

No andar de cima, protegendo a vela de dezenas de correntes de ar que habitam o socavão no alto da casa, à semelhança de correntezas secretas, invisíveis, o engenheiro se detém do

lado de fora do quarto de Ziguette e baixa os olhos para a linha de luz que vaza por baixo da porta. É tarde, mas ele está curioso para vê-la, para ver a garota derretida. E para lhe infundir, se possível, alguma tranquilidade. Como hóspede — uma espécie de hóspede — na casa, sem dúvida lhe compete demonstrar solidariedade à moça, e ele já está prestes a bater de leve, quando a porta é aberta por Marie, que tem no rosto um esboço de sorriso. Durante alguns segundos os dois ficam parados, encarando-se ostensivamente. Depois, ela recua para deixá-lo entrar.

Duas velas (além da dele) iluminam o aposento: uma sobre a penteadeira e a outra em um pequeno castiçal de porcelana pintada na mesinha de cabeceira. O quarto é espaçoso, no mínimo três vezes maior que o dele, e com uma enorme janela com venezianas que se abre para a rua silenciosa. Devidamente arrumado, seria um lugar agradável, talvez o mais agradável da casa, mas nada ali está em ordem. O cômodo parece ter sido assolado por uma tormenta particular, tormenta que fez rodopiar cada vestido e corpete, cada lençinho de linho, avental bordado e espartilho, as toucas rendadas e os chapéus de palha, os frufus, as franjas e os babados que o amor paterno de um cuteleiro possa ofertar à filha única, tormenta que lançou tudo para o ar e depois, cessando de súbito, deixou que chovessem em desalinho. No meio de toda essa balbúrdia e parcialmente encoberta por ela, encontra-se a própria Ziguette, o corpo vagamente esculpido por um lençol de linho, o rosto afoguetado por um calor cuja fonte é decerto interior (o quarto não conta senão com um modesto crepitar de chamas na lareira), o cabelo — sem grampos, sem touca, sem trato — derramado sobre o travesseiro num pesado emaranhado louro. Ela ergue os olhos inchados para o engenheiro e, na alvura macia do seu pescoço, ele vê nitidamente o pulsar do sangue.

— Espero que não seja tarde demais para lhe fazer uma visita.

Ela não responde. Ele se vira para Marie, parada às suas costas com os dedos entrelaçados à frente do corpo e, agora, com uma expressão de total indiferença.

— Sua mãe — prossegue Jean-Baptiste, voltando a falar com Ziguette — achou que você não se oporia. Acabo de jantar com ela. Seu pai também, é claro. — Ele gesticula, indicando, lá fora, lá embaixo, a sala de estar. — Sinto muito vê-la indisposta. Lamento se, involuntariamente, causei...

A garota faz um gesto frenético. Marie pega embaixo da cama um enorme urinol. Ziguette vomita. Não produz grande coisa — presume-se que seu estômago esteja quase vazio —, mas o barulho, amplificado pelo urinol, impressiona. Marie segura a cabeça da moça, seus dedos vermelhos mergulhados no cabelo louro, puxando-o com força.

O engenheiro sai para o corredor, fecha a porta devagar e segue apressado para o próprio quarto. Senta-se na beirada da cama, o ouvido atento a mais barulhos do quarto da doente, e recebe alguns indícios débeis. Depois, a casa se aquieta, liberta por um momento até mesmo de seus leves estalos e estrilos.

Acender a lareira? Por que se dar ao trabalho?

Puxa o *banyan* para o colo como se fosse um cobertor, olha para o frasco de remédio sobre a capa do exemplar da *Histoire Naturelle Volume II*, de Buffon, pergunta-se se deveria oferecer a Ziguette um pouco do líquido, uma generosa colherada marrom, e de repente fica de pé, vai até o guarda-pó que usou de manhã, remexe num bolso, remexe no outro, e dele tira o pedaço de pão que Héloïse lhe deu junto ao muro do cemitério. Está seco, tem quase a consistência de um biscoito, mas ele o morde, com cuidado, deixa que amoleça na língua e sorri ante a lembrança daquele gesto da mulher, tão gracioso, tão espontâneo, tão simples. É quando ouve vindo de fora, lá de baixo, lá — sem dúvida — do cemitério, a estridência de uma gargalhada feminina. Destranca a janela, escancarando-a, e põe a cabeça para fora. Não há coisa alguma para ver, nada óbvio. Talvez a fogueira ao lado da cruz esteja ardendo com mais brilho do que deveria a essas horas, mas afora isso... Debruça-se mais, quase até a cintura, ajusta o foco da visão. Delineadas pela luz rubra do fogo, sombras se movem. Torna, então, a ouvir aquela gargalhada desenfreada, erguendo-se acima dos muros, tão cristalina quanto o sino de um mascate no silêncio frio e fedorento da noite.

Sete da manhã. Geou nos tijolos do ossuário. Um sol branco se espreme entre duas casas da rue Saint-Denis.

— Ovi mulheres rindo — diz ele a Lecoœur. — Uma, pelo menos.

— Hummm — responde Lecoœur, que hoje está usando seu colete grosso de tricô. — É. Não podemos esquecer que o nosso patrão tem uma visão perfeita da gente e pode nos espionar a seu bel-prazer.

— Eu não estava espionando — atalha Jean-Baptiste. — Não tenho o hábito de espionar.

— Não? Como você gostaria que chamássemos o que você faz olhando para cá do alto do seu cantinho no céu?

— O que eu gostaria era de não encontrar você bêbado já de manhã.

— Bêbado? Está bem. Agora você resolveu me difamar. E se eu estivesse... se eu estivesse bêbado, como você diz? Acaso não seria compreensível? Você escapa toda noite, enquanto eu preciso continuar cercado de covas e ossos. É intolerável!

— Preferia estar em Valenciennes?

— Já queimei todas as minhas pontes por lá, monsieur. E em seu benefício. Para que você possa alimentar os cisnes em Versalhes na companhia dos poderosos!

— Eu não alimento cisne algum! E jamais vou a Versalhes. Vou para aquela casa ali. E dali não passo. Na companhia de gente que não consigo entender.

O tom de ambos cresceu quase a ponto de virar uma gritaria. Cada um está levemente ciente de ser observado, ouvido.

— Mas sinto muito — desculpa-se Jean-Baptiste, alarmado de se ver, de repente, à beira das lágrimas. — Sinto muito por você achar isto aqui... intolerável. Mas sempre foi livre para ir e vir. Sabe que na casa do coveiro há chaves para todas as portas. Se quiser, saia agora mesmo. Dê uma volta pela cidade. Posso dar conta de tudo por aqui. E... você podia ir jantar comigo na casa dos Monnard. Eu estava mesmo para lhe fazer esse convite. Garanto que o meu senhorio terá muito prazer em conhecê-lo. Venha esta noite, se

quiser.

— Esta noite? — Lecoeur dá um passo adiante, resmungando algo acerca de perdão, acerca do doce bálsamo da amizade. Tenta abraçar Jean-Baptiste, mas o engenheiro, que não tem o menor desejo de ser abraçado por Lecoeur, recua, e, durante alguns instantes, enquanto um avança e o outro tenta se esquivar, a dupla parece dançar.

— Você ainda não me falou sobre as mulheres — observa Jean-Baptiste, levando ambos a se deterem junto à beirada da segunda cova.

— As mulheres? Meia dúzia de teteias, das mais ousadas destas bandas. Subiram no muro com a ajuda de uma escada. Nossos homens providenciaram os meios para que descessem deste lado. Não interferi. Em consequência, você vai ver que o moral deles melhorou muito. Os cemitérios já foram, é claro, muito frequentados por esse tipo de mulher.

— Você as viu?

— Os vultos. A uma certa distância.

— E nenhuma delas... nenhuma delas pareceu se destacar de alguma forma?

— Eu diria que todas eram do mesmo tipo. Assíduo. Imemorável.

— Jeanne as viu?

— Nós as vimos juntos. O espetáculo, aparentemente, a deixou animada.

— Talvez ela as conheça.

— Saiba seus nomes, você quis dizer?

— É.

— Não faço ideia.

— Isso não pode acontecer todas as noites — avisa Jean-Baptiste. — Deve haver... deve haver regras. Elas podem vir numa noite estipulada. Aos sábados, por exemplo. Vão entrar pela porta. Não precisarão de escadas.

— Mas como iremos comunicar esse arranjo? Pelo pregoeiro da cidade?

— Por Monsieur Saint-Méard. Ele há de conhecer ao menos uma delas. Uma já basta.

— Será um novo papel para nós — diz Lecoeur.

— Papel?

— Existe um nome para isso, não é mesmo? Para quem toma esse tipo de providência.

Com um rápido aperto de mão os dois se despedem — Lecoeur toma a direção das latrinas, Jean-Baptiste, a da casa do coveiro, onde Jeanne, Lisa Saget e a menina, Natalie, estão ocupadas à mesa da cozinha. Devem ter assistido, da janela, ao seu estranho encontro com Lecoeur, mas nada comentam. Ele anseia por perguntar a Jeanne sobre as

mulheres, as teteias, sobre a altura delas e a cor do cabelo, embora já tenha, mentalmente, imaginado Héloïse subindo por uma escada encostada ao muro do cemitério. Descartou essa imagem, contudo, por não considerá-la mais provável do que a da moça abrindo a capa e alçando voo por sobre o muro.

Junto ao fogo, na cozinha, há agora duas cadeiras. A do cozeiro está vazia; a outra, ocupada por Jan Block, os ombros curvados sob um cobertor, os olhos encovados e opacos. Mas dá para perceber que se trata de um homem no início da convalescença. Jean-Baptiste lhe dá os parabéns. Block assente, lança um olhar na direção de Jeanne e torna a olhar para as chamas ondulantes.

— Muito bem — diz o engenheiro, falando consigo mesmo, com o ar, com quem quer que se dê ao trabalho de ouvir. — Agora vamos em frente.

Na mesma noite — embora no fundo seja a última coisa que ele deseje —, Jean-Baptiste retorna à rue de la Lingerie acompanhado de Lecoeur e o apresenta aos Monnard. Mais um lugar é posto à mesa. Lecoeur se senta em frente à Madame. Jean-Baptiste alertou-o, no caminho, para não mencionar as obras no cemitério, já que os Monnard são pessoas peculiarmente sensíveis a mudanças, tumultos. Lecoeur prometeu atender seu pedido e está cumprindo a promessa, embora fale de tudo o mais, fluente e incessantemente, como se as palavras há semanas se amontoassem dentro dele e não precisassem de mais nada além de um clima cortês e da presença de um piano-forte para sair voando de sua boca.

Monsieur Monnard, contudo, parece genuinamente interessado nas minas em Valenciennes, nos detalhes técnicos de bombas e equipamentos, enquanto Madame se mostra tocada pela descrição que o convidado faz da morte da mãe, vitimada pela hidropisia anos antes e atendida no final da agonia por Lecoeur e a irmã, Violette.

— Então, o senhor e Monsieur Baratte se entendem muito bem — observa madame. — Monsieur Baratte teve a má sorte de perder o pai numa idade em que seria de esperar ainda contar com ele. E quem pode dizer que perda é mais sofrida, se a do pai ou a da mãe? E os dois são jovens muito sensíveis, não é mesmo?

— Acredito que sim, madame — confirma Lecoeur. — A nossa amizade se baseia nos pilares gêmeos de sensibilidade e filosofia. Conhecemos os pensamentos um do outro, madame.

— Eu diria que o mesmo acontece entre mim e minha filha, monsieur. Precisamente como o senhor descreveu.

— A senhora tem uma *filha*? Presumi que *a senhora* fosse a filha — diz ele, fazendo um

floreio com a mão. O punho duplo do casaco acerta a borda do copo. Marie é chamada. Ela se ajoelha e recolhe o copo quebrado com o avental.

Depois do jantar, os amigos sobem ao quarto de Jean-Baptiste. Jean-Baptiste acende o fogo na lareira. Oferece a cadeira a Lecoeur e se senta na cama, satisfeito por mostrar a Lecoeur a simplicidade de seus aposentos. Seu quarto, em tamanho e mobília, não difere muito daquele em que Lecoeur dorme na casa do coveiro. Faz alusão ao fato, alusão que é ignorada.

— Não vim para cá de mãos vazias — diz Lecoeur, tirando de dentro da camisa um embrulho amassado, o qual põe na mesa entre os dois e alisa para desamassar. O embrulho está atado com uma fita vermelha. Ele o abre e levanta a folha branca de papel que está por cima. Sob a folha há uma imagem, um diagrama complicado numa tinta desbotada, cheio de anotações. Lecoeur sorri e o entrega a Jean-Baptiste, que o examina e assente:

— Valenciana.

— Isso mesmo, Valenciana.

— Nossos velhos esboços. Você guardou tudo.

— Por acaso achou que eu poria no fogo? Agora que somos mais velhos, mais versados nas questões mundanas, devíamos revisá-los. *Destilá-los*.

— Devíamos?

— Veja! — exclama Lecoeur, pegando a régua de metal na mesa, segurando-a horizontalmente e a erguendo acima da cabeça, como um padre celebrando a Eucaristia. — Valenciana ressurgue das cinzas!

Durante uma hora e meia — até que a vela, quase gasta, ameaça deixá-los sentados no escuro — eles trocam entre si folhas e pedaços de papel em que a mera caligrafia, por vezes de Jean-Baptiste, por vezes de Lecoeur, evoca a euforia daquelas noites inverniais nas minas, seis anos antes. Há cabeçalhos que dizem “Sobre a Educação Feminina”, “Sobre Combustão”, “A Esposa Ideal”, “Uma Investigação a Respeito da Religião Racional”, “Alguns Figurinos Femininos”, “A Pureza das Formas”, “Um Transporte para Mulheres”, “Projeto de uma Ponte”.

— Olhe! — diz Lecoeur. — Tínhamos até um estudo sobre o descarte de cadáveres.

— Nem me lembrava — observa Jean-Baptiste. — Não me lembrava de muita coisa.

— Foi precisamente por isso que eu trouxe — explica Lecoeur. — As primeiras ambições são as melhores. Mais tarde ficamos menos corajosos, não acha?

— Ou será que simplesmente mudamos?

— Quer dizer que amadurecemos?

— Maduros. Mudados.

— Mas esta noite tudo está como antes. Mente falando com mente, coração com coração. A fonte da juventude em nosso peito... fervilhando! Sabe o que diferencia um homem de outro? A vontade de um deles de manter-se imaculado enquanto o outro, devido a uma espécie de ócio, permite que a sua boca se encha de terra. Terra de túmulos.

Jean-Baptiste assente, indicando a vela.

— Vou acompanhar você até lá embaixo.

— Quem sabe eu fico por aqui? — diz Lecoecur.

— Acho — responde Jean-Baptiste — que seria incômodo para nós dois.

Despedem-se à porta. Trocam apertos de mão. Lecoecur, de pé na rua como a sombra de si mesmo, um espírito ao qual se exige que volte ao Hades, demora-se e suspira, antes de finalmente se virar para partir com uma relutância de dar pena.

Jean-Baptiste fecha a porta, passa a tranca e depois fica de pé um tempo no corredor, na escuridão entre a porta da frente e a da cozinha. Fez seu dever, não fez? Estendeu a mão do companheirismo, revisitou o passado, um entusiasmo ainda mais remoto do que poderia ter previsto. O que mais se poderia esperar que fizesse? Ainda assim, enquanto tateia para achar o caminho da escada, o que lhe pesa no peito inequivocamente é um sentimento de traição. Não o examina. Entrega-se à escuridão à volta e, com cuidado, sobe a escada.

Por volta da hora do almoço do dia seguinte, a segunda cova, esvaziada e preenchida, pode ser riscada da lista, e, embora não seja fácil mensurar o moral num lugar como Les Innocents, na opinião de Jean-Baptiste os homens recuperaram alguma coisa, receberam, na companhia das mulheres alegres, uma espécie de transfusão de energia. A terceira cova é delimitada a oeste da segunda, e à uma da tarde, sob uma garoa intermitente que logo se transforma em chuva constante, os homens (alguns dos quais descobriram um jeito de fumar seus cachimbos com os forninhos virados para baixo) rasgam a terra.

Novamente os médicos estão presentes. Portam guarda-chuvas possantes para se proteger da chuva. Parecem bem confortáveis, como uma dupla de cavalheiros pescadores à beira de um lago, na expectativa de pescar um belo peixe para o jantar, embora, na verdade, tenha havido pouca coisa no cemitério para atizar seu interesse profissional. Remexem nos ossos, passam, vez por outra, uma hora na companhia do Coveiro e de seu caldeirão, elaboram esboços, tiram medidas e esquadrinham meticulosamente os

ossuários, embora pudessem muito bem fazer o mesmo em qualquer cemitério antigo — Saint-Séverin ou Saint-Gervais, por exemplo. Então, pouco depois das três horas, dois caixões são içados e pousados lado a lado na grama molhada. À primeira vista, nada de óbvio os diferencia dos quarenta outros içados desde a hora do almoço. A madeira talvez esteja um tantinho menos podre, mas não há, com efeito, tempo hábil para gastar numa inspeção mais cuidadosa. Dois mineiros atacam a tampa com suas pás. Quase todos agora são especialistas nessa tarefa, a de abrir caixões como se fossem ostras. Então, ambos recuam. Um deles deixa cair a pá, que desaba, silenciosamente, na grama úmida. Dentro dos caixões estão duas jovens. Pele, cabelo, lábios, unhas, *cílios*. Tudo, mesmo as mortalhas de lã que as envolvem, parece apenas precisar de lavagem, algum lustro e um pouco de linha para ser restaurado.

Durante vários segundos ninguém se mexe. A chuva cai sobre os rostos das moças mortas. Então, os médicos se ajoelham e, com os guarda-chuvas a abrigá-los, de pescadores passam, de repente, a pretendentes. Conduzem seus exames preliminares. Thouret toca o cabelo cor de feno de uma delas; Guillotin, com delicadeza, afasta os lábios da outra com a ponta de um cravo de metal, um palito de prata, talvez. Os dois confabulam. Guillotin manda que os caixões sejam fechados e levados imediatamente para a oficina.

— Uma forma de mumificação — explica a Jean-Baptiste. — Uma coisa notável. Notável! Como um par de flores secas...

O carrinho de mão de Manetti é usado. Os médicos, andando cada qual de um lado, acompanham os caixões em sua viagem até a igreja e a oficina. O trabalho cessou por completo. Os homens enchem seus cachimbos. A tarde é quieta e cheira a chuva. Agora que a morte tanto se pareceu com a vida, não deveria haver alguma cerimônia para tornar decente o momento? Não seria recomendável pedir a Père Colbert para sair da igreja e fazer uma prece, espargir água benta? Mas Colbert, ainda que conseguissem encontrá-lo, surgiria no meio deles como João Batista com uma dor de dentes lancinante. Provavelmente atiraria alguém na cova — o jovem engenheiro, por exemplo.

Lecoeur, com a chuva escorrendo da aba do chapéu, olha para Jean-Baptiste. Jean-Baptiste assente. Lecoeur dá ordem para prosseguirem, no que mais parece um latido. Sem uma palavra, os homens obedecem.

Depois que escurece, Armand, Lecoeur e Jean-Baptiste são convidados por Guillotin para contemplar as mulheres preservadas, ou melhor, contemplar uma delas, pois a outra já

foi examinada pelos médicos e, em consequência, está menos contemplável. Lecoœur segura uma vela, o dr. Guillotin, um lampião de óleo de baleia, que não produz fumaça. O caixão se encontra sobre a mesa de cavalete na oficina improvisada com lonas. A tampa é retirada e todos contemplam a morta.

— Eu a batizei de Charlotte — diz Guillotin —, em homenagem a uma sobrinha que mora em Lyon, com a qual acho que ela devia se parecer em vida.

— Ela é jovem — observa Armand numa voz, como a do médico, quase reduzida a um sussurro.

— Jovem e velha ao mesmo tempo — diz o médico. — Calculo que tenha morrido com cerca de vinte anos e sido entregue à terra há uns cinquenta. Nosso bom coveiro afirma se lembrar do enterro de duas jovens, mais ou menos na época em que veio trabalhar aqui. Uma dupla de beldades locais, solteiras. Um evento que gerou, aparentemente, grande comoção.

— Então elas morreram virgens — diz Lecoœur, com algo próximo a reverência na voz.

— Poucas beldades locais morrem virgens — atalha Armand.

— Talvez seja fato — diz o médico. — Ainda não verifiquei se Charlotte morreu *intacta*. Quanto à outra, porém, o dr. Thouret e eu acreditamos que haja indícios de ter concebido.

— Havia um bebê nela? — indaga Jean-Baptiste.

— Não posso afirmar com certeza. Os órgãos internos assumiram a consistência de polpa de madeira ou papel machê. Existem, contudo, indícios.

— O que faremos com ela? — pergunta Armand. — Com a sua Charlotte? Abri-la como foi feito com a outra?

— Acho — responde o dr. Guillotin — que prefiro me esforçar para preservá-la como está. Podemos construir uma vitrine de vidro para ela, exibi-la na academia.

— E ela vai se manter assim, agora que está exposta novamente ao ar? — indaga Jean-Baptiste.

Os outros se viram. Jeanne se encontra de pé na entrada da oficina. Com exceção do dr. Guillotin, os homens parecem momentaneamente constrangidos, como se tivessem sido flagrados no auge de algum entusiasmo impróprio.

— Eu queria saber se desejam alguma coisa — diz Jeanne, que não chega a entrar, não se aproxima do caixão. Passado um tempo, Guillotin e Lecoœur, com cuidado, repõem a tampa.

A nova cova não revela mais nenhuma beldade local. Quando chegam ao fundo (ela é mais funda que todas as outras: vinte e dois metros, na última medição da linha de prumo), os caixões estão em sua maioria quebrados, seus ocupantes misturados aos vizinhos, remexidos. Ao longo da semana, os homens trabalham até as oito ou nove da noite, cavando, içando e amontoando ossos sob a iluminação de tochas, lampiões e fogueiras. Então, no sábado — com a claridade serena de algum planeta luzindo no céu do cair da noite —, o trabalho chega ao fim. Os homens lá embaixo olham para cima; os que estão em cima olham para baixo. O engenheiro dá a ordem de encerrar a jornada. Pede a Lecoeur para reunir os operários junto à cruz do púlpito, antes de subir a escada em espiral com Lecoeur e anunciar sua decisão: toda vez que uma cova for esvaziada, toda vez que o trabalho numa delas se encerrar, cada homem receberá um bônus de trinta *sous*. Ele fez os cálculos na noite anterior, deslocando cifras entre colunas cuidadosamente riscadas até encontrar o dinheiro necessário.

— E tem mais — prossegue, buscando um tom que combine indulgência paternal e algo mais informal e mundano. — Amanhã, os portões do cemitério serão abertos e vocês estarão livres para sair e ficar fora até o pôr do sol, quando os portões serão novamente trancados. Hoje à noite, os portões podem permanecer abertos durante uma hora, caso alguma de nossas amigas deseje nos visitar.

Lecoeur aplaude. Talvez pretenda que os outros se juntem a ele numa demonstração de agradecimento, mas ouvem-se apenas alguns murmúrios e o ruído de botas na terra conforme aqui e ali alguém alterna o peso de uma perna para outra. Será que os homens entenderam seu recado? Ele olha para Lecoeur, mas, antes que possa lhe pedir um conselho, pedir-lhe, quem sabe, para resumir sua fala em um arremedo de flamengo, Lisa Saget começa a bater na frigideira, e os homens se encaminham para suas barracas a fim de pegar facas e tigelas.

— É muito bom deixar que eles saiam — observa Lecoeur, quando os dois descem do

púlpito. — O ânimo deles melhorou um bocado.

— Você acha?

— Percebi nitidamente.

Jean-Baptiste assente. O que *ele* pode ver nitidamente é a si mesmo na segunda-feira de manhã sem um único mineiro ou com meia dúzia deles extenuados de tanto beber e de terem sido roubados de tudo, com exceção das próprias camisas. Podem ser fortes como janízaros, mas não hão de resistir às apalpadelas das mãos ágeis das mulheres locais. Ainda assim, se ele tentar confiná-los por mais tempo, terá de lidar com uma revolta, revolta que não será aplacada com cachimbos de barro e tabaco. Em Valenciennes — embora nunca tenha visto com os próprios olhos — corriam histórias de homens que, enlouquecidos, quebravam equipamentos, incendiavam construções da mineradora, chegando mesmo a sitiar o bloco dos administradores até serem contidos pela milícia. A maioria era oriunda do norte, como ele. Díficeis de tirar do sério, mas uma vez atizados...

Uma hora depois da refeição, as mulheres chegam, cautelosas no início, o rosto das mais ousadas espiando pelo portão entreaberto na rue aux Fers. Então, o portão é escancarado e elas entram, chamando, usando expressões carinhosas, acenando com os braços.

Lecoeur, Armand, Jeanne, Lisa Saget e Jean-Baptiste observam tudo protegidos pela sombra da noite ao pé do muro da igreja. Não é fácil contá-las. Lecoeur calcula serem doze. Armand lhe diz que ele se esqueceu de computar uma, depois nomeia um punhado — Simone, Marie-Anne e aquela magricela que vem por último e que tem o apelido de La Pouce. A mais jovem não parece mais velha que Jeanne, enquanto a mais velha — uma criatura grandalhona, espalhafatosa, com a voz de um sargento-instrutor — mais parece uma avó e se locomove com expressão carrancuda e decidida.

Os mineiros aguardam como a tripulação de um navio enfeitado. As mulheres chegam como uma onda e os engolfam. Uma festa tem início à luz da fogueira. Os homens passam de mão em mão suas garrafas, as canecas de metal cheias de brandy. As mulheres bebem, assumem uma postura profissionalmente alegre, escolhem seus pares, fazem seu preço. Os primeiros casais se afastam no escuro, de braços dados, como fazem os amantes em qualquer lugar. Os observadores ao pé da igreja, que até agora se mantiveram calados (e mais ou menos com a expressão de exploradores assistindo às cerimônias de nativos numa praia sob o Cruzeiro do Sul), dirigem-se à casa do coveiro. Block e Manetti estão sentados junto ao fogo. O coveiro dorme, a cabeça descansando no encosto da cadeira, Jan Block, acordado, mais meio zonzo, leva um pequeno susto com a chegada dos

demais e responde ao cumprimento de Jean-Baptiste com uma espécie estranha de assentimento reverente.

Todos se sentam à mesa da cozinha. Também ali há brandy (brandy é o que não falta, pensa Jean-Baptiste. Vou acabar mandando os ossos até a Porte d'Enfer flutuando nessa bebida). Todos conversam, mas a conversa é entremeada pelas gargalhadas irreverentes vindas de fora. Os pensamentos se dispersam. Um magnetismo carnal se insinua pelas frestas da casa como farripas de névoa azul.

— Precisamos de música — diz Lisa Saget, começando imediatamente a cantar numa voz comum, mas agradável, leve, jovem, bem diferente da voz com que fala. Armand se junta a ela. De forma canhestra mas entusiasmada, Lecoecur acompanha o ritmo batendo as mãos na mesa. O coveiro acorda, olha à volta, está perdido na própria casa. Jeanne o tranquiliza acariciando as costas das mãos enrugadas e morenas do avô.

Armand estende o braço para pegar o casaco.

— Teremos música, afinal — diz ele. — Faremos uma investida na loja de velas do velho Colbert. Vocês dois — instrui, apontando para Jean-Baptiste e Lecoecur — vão manejar os foles. As senhoras se sentarão comportadas e eu, o diretor musical, tocarei para deleite de todos.

Enquanto Jean-Baptiste procura alguma objeção para levantar contra esse plano ridículo (entrar na igreja agora? Tocar órgão?), os outros já estão tratando de abotoar seus casacos. Os olhares se voltam para ele: é difícil resistir a tais olhares. Ele dá de ombros e se põe de pé. Já que não pode impedi-los, ao menos poderá evitar excessos, embora a expectativa repentina disso — excessos! — lhe desperte uma espécie de ansiedade vívida, que o faz seguir o grupo porta afora com disposição suficiente, avidamente até.

Entram pela porta que se abre para o transepto sul. Armand segue na dianteira, segurando acima da cabeça uma lamparina que projeta uma claridade diáfana nas paredes cobertas por citações em latim, datas, boas obras e brasões. O grupo caminha devagar, arrastando os pés, em fila. Seus sussurros alçam voo acima de suas cabeças. Objetos surgem subitamente do escuro e, por um instante, parecem investir sobre eles. A asa manchada de dourado de um arcanjo balança quando eles passam. Uma Virgem com o rosto encardido repleto de uma ironia secreta os observa de cima de uma coluna...

Numa das capelas, Armand rouba velas de uma caixa de ferro, distribuindo-as pelo restante do grupo. Todos se juntam para acendê-las umas nas outras. Conforme a claridade aumenta, Jean-Baptiste vê, enfileirados no outro lado da capela, meia dúzia de recipientes grandes — jarros de vidro esverdeado em invólucros de palha — contendo um

líquido transparente. Presos aos gargalos há rótulos que pendem de arames trançados. Ele se inclina com a vela para ler um deles.

Etanol.

Recua tão rapidamente que sua vela se apaga.

— Você botou isso aqui? — sibila para Armand.

— Isso? As jarras chegaram na semana passada. Encomenda para nossos amigos médicos.

— É etanol! Álcool puro. Basta aproximar uma chama e a igreja toda pode ir pelos ares.

— Calma — atalha Armand. — Estão bem-tampados. Lacrados com cera. Não há nada a temer. E por acaso faria diferença se a igreja pegasse fogo? Não nos pouparia um bocado de trabalho?

O engenheiro os apressa a sair da capela, tranquilizando-se apenas depois que todos atravessam a nave e se reúnem em torno do órgão. De cada lado dos teclados do instrumento veem-se aros de metal na forma de delicadas guirlandas, e quatro velas são enfiadas neles. Armand se posiciona. Jean-Baptiste e Lecoeur dão a volta para alcançar o fole, um metro de madeira priápica da grossura de um remo.

— O exercício vai ser bom para mim — sussurra Lecoeur, seu bafo saindo num vapor prateado. — Este lugar é frio como a lua.

— Mais frio — emenda Jean-Baptiste.

As mulheres sentam-se coxa com coxa no banco mais próximo, segurando suas velas diante do peito, qual penitentes.

— Comecem! — ordena Armand.

E eles começam. Para baixo, para cima. Para baixo, para cima. Em suas entranhas, no lado oposto, o instrumento estala e chia. Para Jean-Baptiste, a sensação é de estarem os dois girando uma manivela para erguer a máquina toda do chão, fisicamente, ou então, ressuscitando algum leviatã desmaiado, algo semelhante ao elefante que o ministro comentou ter assustado tanto os cães em Versalhes. É quando, das entranhas da coisa, vem um longo suspiro, o derradeiro suspiro do mundo, e, em seguida, com a delicadeza de gotas de chuva, a música começa. *Voix celeste, voix humaine, trompette, cromorne, tierce* — os sons crescem em camadas, quebram-se em ondas. Lecoeur grita alguma coisa. Jean-Baptiste responde com uma careta, mas não consegue entender, não consegue ouvir o que ele diz. As notas graves reverberam em toda a arquitetura do seu peito; as agudas operam algo similar em sua alma. Cristo Jesus! Parecem soar dentro dela. E todo esse esforço!

Para cima, para baixo. Para cima, para baixo. Ao que parece, a beleza deriva do trabalho pesado, e ele começa a imaginar um artefato, um fole automático, movido a vapor, perfeitamente factível — e já quase montou mentalmente o mecanismo todo, azeitou seus componentes, quando a música cessa, no meio de um acorde.

Largando o fole, ele se dirige até a parte frontal do órgão. Nos bancos atrás de Jeanne e Lisa Saget, banhado pela luz débil das velas, vê um punhado de figuras fantasmagóricas já sentadas, enquanto outras vão, em silêncio, ocupando seus lugares. Os mineiros e suas prostitutas. As prostitutas com seus mineiros. Homens e mulheres sob um encantamento.

— Finalmente, você tem sua plateia — diz Jean-Baptiste. Armand os observa pelo espelhinho acima do descanso da partitura. Vira uma página da partitura manuscrita, alisa o papel, ordena a Jean-Baptiste que retorne a seu posto.

A música recomeça: uma introdução tão delicada quanto a última (faz lembrar bordadeiras, faz pensar em nascentes), e então, sem qualquer gradação, arrojadamente potente (faz lembrar coches-postais, faz pensar em canhonadas), e então... então, algo muito parecido com uma briga, um tumulto. O engenheiro e Lecoœur abandonam o remo. Uma voz — voz que já assaltou Jean-Baptiste noutra ocasião — tropeja na escuridão diretamente acima deles. Mísseis, livrinhos pretos — missais? — voam na direção de suas cabeças, ora acertando um mineiro, ora acertando uma prostituta, batendo de repente — que mira estupenda! — na bochecha corada do próprio organista.

Entre os que estão reunidos nos bancos, há um momento de puro pânico. Então, as mulheres — as moças e as velhas — se organizam e reagem abrindo fogo, a fúria do padre contra elas enfrentada com um contundente escárnio, com zombaria, um desdém tão repleto de indignação histórica que é difícil crer que o padre não comece em pouco tempo a cagar as próprias entranhas. Se o pegarem, elas podem arrastá-lo lá de cima do seu poleiro, e a noite acabará em derramamento de sangue. Em homicídio, talvez.

De braços abertos, Jean-Baptiste tenta tocar as mulheres para fora, mas algumas estão plantadas como aqueles postes parrudos plantados dos dois lados nas ruas movimentadas, para proteger pedestres. É Jeanne quem salva a pele do padre. Pegando pela mão a prostituta mais avantajada, a comandante do grupo, ela a conduz delicadamente para fora. As outras a seguem, seus gritos agora sem resposta, ou respondidos apenas pelos próprios ecos. Na altura em que todos já saíram da igreja para o cemitério, o clima é de calma. As mulheres assediam Armand, bolinando-o, até que Lisa Saget as repreende com termos que todas entendem.

A festa revive: a sedução, a formação dos casais que partem de braços dados na escuridão. O engenheiro observa durante algum tempo e depois, trêmulo e repentinamente exausto (e se perguntando quantas velas terão sido deixadas acesas dentro da igreja, que alarmes poderão soar no meio da noite), troca discretos cumprimentos de cabeça com Lecoœur, afasta-se das fimbrias do grupo e toma, calado, o rumo do portão que dá para a rue aux Fers. Está sozinho — acredita estar sozinho —, mas ao chegar ao portão vê que Jeanne caminha a seu lado. Os dois param. Ele diz o nome dela. Ela sorri. O coração dele se aperta.

— Eles não vão incomodar você? — indaga, gesticulando na direção da fogueira, onde o grupo vai ficando mais animado.

— Eles não me farão mal — responde ela.

— Não — concorda Jean-Baptiste. — Não posso acreditar que alguém lhe fizesse mal.

— Não sou santa — retruca ela.

— Santa? Claro que não.

— Eu não contaria a ninguém se você me beijasse — diz ela, pousando uma das mãos na manga do casaco do engenheiro muito de leve. Leve como um pardal.

— Tenho o dobro da sua idade — argumenta ele. — Não é verdade?

— Não — responde Jeanne. — Você tem vinte e oito anos e eu, quatorze.

— Então, tenho exatamente o dobro da sua idade.

— Você tem namorada? — indaga ela, recolhendo a mão. — Está enamorado de Ziguette Monnard?

— Ziguette?

— Ela é muito bonita.

— Não estou... não tenho interesse em Ziguette Monnard.

— Boa-noite — diz ela.

— Sim — retruca ele, e ela aguarda para ver se “sim” é tudo, como se “sim” ainda pudesse levar a algo mais.

Ele olha por cima de Jeanne. A noite agora está mais fria, mais clara. As estrelas brilham azuladas acima de telhados azuis. No cemitério, os muros de ossos empilhados cintilam como as armaduras de algum velho exército derrotado.

— Você pode pedir a Lecoœur para se assegurar de que o portão seja trancado quando as mulheres saírem? Elas não devem se demorar muito mais.

Ela nada diz enquanto se afasta. Ele assente na direção das costas da moça, incapaz, a princípio, de arredar o pé de onde está; então, abre o portão e sai para a rua, obriga as

pernas a darem grandes passadas, como se esperasse ultrapassar o próprio constrangimento. Deus do céu, será que iria matá-lo tê-la beijado? Ter baixado a cabeça um pouquinho até que os lábios de ambos se tocassem? Armand faria isso num segundo e Jeanne teria voltado para casa feliz, em lugar de furiosa e magoada. E o que foi que o deteve? Um apego ridículo a uma mulher cujos favores já poderia ter comprado pelo preço de um chapéu novo? Será que não consegue, de uma vez por todas, pôr a própria vida nos trilhos de forma decente, racional? Amanhã — amanhã sem falta! — precisa botar no papel alguma coisa, um esquema, como costumava fazer no passado. Um plano de ação pelo qual se pautar, um esquema racional esboçado pela melhor parte dele mesmo, pela parte mais nobre. Fazer isso, não aquilo. Assim se alcança o sucesso, assim, a mediocridade... será que jamais passará de um mero *corpo*? De uma réplica por um instante ativa daquilo que eles içam diariamente do solo de Les Innocents? Era assim que vivia Voltaire? Foi assim que o grande Perronet passou a vida, sentado entre maquetes e máquinas em seu escritório na École des Ponts, uma sala — ao menos em sua lembrança — onde jamais faltou o esplendor da luz matutina?

Quando, afinal, abre a porta da casa dos Monnard, já se sente mais calmo, mais inteiro, mais dono de si mesmo. Na mesa do corredor, ele procura a vela e os apetrechos para acendê-la, atrita sílex e aço e faz surgir a chama. O gato passa bamboleando pela porta da cozinha e o segue escada acima, parecendo temporariamente tentado a entrar no quarto de Ziguette, mas afinal seguindo o engenheiro até o dele. Jean-Baptiste pousa a vela na mesa, despe do casaco e as botas, e se enrola no *banyan*. Já é meia-noite? Mais que isso? O relógio está num dos bolsos, mas ele não se dá ao trabalho de pescá-lo. Prepara seu remédio — trinta gotas, mais ou menos, numa golada de vinho azedo e frio como o quarto — e depois se despe sob o *banyan*. Quando termina, apaga a vela, abre a janela e espia lá embaixo.

Será que as mulheres já foram? Não dá para vê-las nem ouvi-las. Devem ter ido para as barracas terminar o serviço. Ao menos a igreja não está em chamas, e o cemitério parece em ordem, embora uma luz ainda brilhe na cozinha da casa do coveiro. Se tivesse óculos de alcance como o dos marinheiros, seria capaz de ver alguma coisa lá dentro, de ver Jeanne sentada à mesa. Ver suas lágrimas? Fecha a janela, puxa a veneziana, desliza para debaixo das cobertas e aninha os pés sob o calor do gato. Escuridão. Escuridão e nada para ouvir senão o troar do próprio sangue. A droga está agindo rapidamente. Num minuto ou dois, a primeira quimera da noite vai se desenhar no interior das pálpebras fechadas. Antes disso, porém, antes que o sono e a seiva de papoula o tomem de assalto,

ele emite um sussurro débil:

— Quem é você? Jean-Baptiste Baratte. De onde? De Bellême, na Normandia. O que você faz? Sou engenheiro, formado na École des Ponts. Em que acredita... No quê... você... Eu... Eu... Eu...

Ninguém jamais pôde dizer com certeza quando, precisamente quando, teve lugar a agressão. Em algum momento entre muito tarde e muito cedo, em algum bolsão profundo e aveludado de uma noite invernal. Ele estava sonhando, pressionado pelo peso da droga, e, então, seus olhos se abriram, e havia luz no quarto, uma ondulante luz prateada. Atrás da luz, a silhueta de uma mulher ao lado da mesinha de escrever segurava numa das mãos uma vela e, na outra, algo diverso. Estava totalmente nua, com a luz brilhando inquieta em sua pele, cintilando em seu cabelo, reluzindo nos cachos louros que lhe cobriam o sexo. Ela não falou. Ele ouviu a própria voz vindo em sua direção, porém muito lentamente. Ela se aproximou da cama e olhou para ele. O rosto, inclinado sobre a luz da vela, parecia calmo e quase terno, um anjo *chiaroscuro* curvado sobre a cama de algum eremita enfermo. Os dois podem até, por um instante, ter sorrido um para o outro. Então, o braço dela se ergueu, tornou a descer, e o mundo todo se partiu de encontro ao crânio dele numa onda de dor terminal. Por um instante, ele se deu conta de um ruído, de uma espécie de engasgo, que tanto podia vir dela quanto dele. Então, felizmente, não houve mais nada.

Não fosse por Marie e sua bisbilhotice, ele teria sangrado até morrer. Ela o vira apagar a vela com um sopro, enfiara-se na própria cama, rezara em disparada uma ave-maria, se esfregara um pouco entre as pernas e cochilara um minuto, ou durante uma ou duas horas, antes de abrir os olhos e perceber um foco de luz no chão. Totalmente desperta de imediato, escorregou para o chão, rastejou pelo assoalho frio e grudou um olho no buraco. O que ele estaria pretendendo ao acender novamente a vela no meio da noite? Marie tinha certeza de que isso jamais acontecera antes. Então — mais estranho ainda, *excitantemente* estranho —, viu que ele dormia, sem dúvida alguma dormia, e a luz vinha de uma vela empunhada por outra pessoa, alguém que ela ainda não conseguia ver. Durante o que pareceu um século, embora na verdade possa não ter passado de meio minuto, nada aconteceu — nada! —, e Marie já estava quase fora de si de frustração. E se quem quer que estivesse lá simplesmente saísse e ela jamais descobrisse, jamais visse esse indivíduo? Jamais a visse, aliás, pois estava convencida de que o observador secreto — o outro observador secreto — era uma mulher. No entanto — Jesus, Maria e José! —, o que poderia tê-la preparado para o choque de ver Ziguette, nua em pelo, adentrar tranquilamente seu campo visual? Se houvesse mais que apenas um ou dois goles de vinho roubado em sua bexiga, ela teria alagado o assoalho. Ziguette e seus grandes melões rosados! Ziguette e seu grande traseiro rosado! Numa das mãos a moça segurava uma vela e, com a outra, ela pegou algo na mesa do hóspede, alguma coisa que refletiu a luz e fez, ao bater de encontro a outro objeto na mesa, um barulhinho metálico que o sujeito adormecido deve ter ouvido, pois começou a mexer-se. Era aquela coisa de metal que ele usava para medir. Será que Ziguette pretendia medi-lo? Medir o quê? O pescoço, os pés, o cocoricó?

Para a última cena, bem curta, Marie podia jurar que ele já se encontrava desperto e alerta à presença de Ziguette, embora nenhum dos dois tenha proferido uma única palavra. Mentalmente, Marie parecia já estar assistindo ao que viria a seguir — as cobertas

lançadas longe, os amantes apertadinhos no abraço mútuo, os beijos e arrulhos, os “ohs” e “ahs”, e acima de tudo os movimentos rítmicos na cama. Mas não foi o que aconteceu. O objeto de metal, a régua, cortou o ar e golpeou a cabeça do hóspede, matando-o. A própria Marie deve ter feito algum ruído, emitido um gritinho agudo, já que Zigquette de repente olhou para cima, o rosto totalmente sombrio, mais parecendo uma máscara. Diante *disso*, dessa visão, não foi possível à criada impedir que finalmente algumas gotas do vinho dos Monnard molhassem o chão.

Furtiva como um gato, ela se afastou do buraco e se agachou junto à cama, tentando ouvir o barulho de passos na escada. Então, quando não houve barulho, quando não houve ranger de portas, quando nenhuma patroa nua surgiu com uma régua de metal ensanguentada na mão, Marie teve vontade de voltar para a cama e dormir, pensando que se assim fizesse acordaria de manhã e nada do que vira teria acontecido. E talvez assim agisse, caso não tivesse escutado um ruído vindo do hóspede, uma espécie de ronco, um som terrível, como o de alguém preso num pesadelo do qual não consegue acordar. Aguçou o ouvido. Seu medo diminuiu. Se a tola da Zigquette entrasse em seu quarto, ela simplesmente quebraria sua cabeça com um dos tamancos. Isso daria conta dela. Garotas dos pardieiros de Saint-Antoine não têm motivos para temer meninas mimadas de Les Halles.

Vestiu-se. A escuridão era total, mas ela estava mais que habituada a vestir-se no escuro. Encontrou seu caminho tateando com o pé calçado só com a meia, desceu a escada e parou no corredor do segundo andar. Viu que havia luz vazando por baixo da porta do quarto de Zigquette, mas não ouviu barulho de passos ou de choro, ou de o que quer que faça uma moça depois de tentar abrir a cabeça de um homem. Numa inspeção mais atenta, percebeu que a porta não estava totalmente fechada e que um empurrãozinho à toa seria capaz de escancará-la. Lá estava a patroa, aconchegada na cama, inocente como um cordeirinho, a régua no pé da cama, a vela sobre a mesinha de cabeceira. Marie entrou, pegou a vela e foi até o quarto do pensionista. Ao abrir a porta, Ragoût passou como uma flecha por ela e mergulhou de cabeça escada abaixo. A vela tremelicou em sua mão, por pouco não caiu. Marie recuperou o fôlego, foi em frente, dirigiu-se diretamente até a cama e contemplou o homem, como fizera Zigquette. E como ele estava mal! Recordou-se de algo que vira na infância, um tio, uma espécie de tio, que metera uma bala na cabeça numa tarde escaldante de domingo. Sangue, sangue, sangue. Poças de sangue. O hóspede, porém, ao contrário do tio dela, ainda respirava, e não ruidosamente como antes, mas em tragos curtos de ar, como faz uma criança depois de muito chorar. “Para

estancar o sangue de um ferimento, cobrir o local com teias de aranha.” Ouvira isso em algum lugar. Mas onde encontrar teias de aranha? Não havia — como boa empregada que era — varrido todas elas? Foi até o baú do hóspede e o abriu. Logo em cima estava o traje de seda verde que ela achara tão curioso e bonito na primeira vez que o viu. Remexendo um pouco, tirou algumas peças de roupa de banho e voltou para junto da cama. Segurou a vela acima da cabeça do rapaz, tocou o corte, suas beiradas polposas. Ele gemeu, estremeceu, como se prestes a ter uma convulsão.

— Mal encostei a mão — sussurrou Marie.

Então, com rapidez e precisão, pressionou um quadrado de pano dobrado de encontro à ferida (um trapo usado pelo rapaz para se enxugar após a toalete) e amarrou-o no local com um lenço de pescoço. Depois, para garantir, tirou uma das próprias meias, ainda quente, passou-a por baixo do queixo do doente, prendendo o pano que já começava a escurecer. Sentou-se na cama e observou o infeliz. De vez em quando as pálpebras adejavam, mas jamais se abriam. Ela lhe afagou o pulso, sem vontade de abrir mão da posse dessa maravilhosa catástrofe, mas a ideia de anunciar aos semiadormecidos Monnard o que a filha acabara de fazer era por demais tentadora, e, pegando a vela, Marie desceu até o quarto deles (com uma perna nua e a outra calçada) e lhes contou tudo no tom mais frio imaginável, acrescentando no final — não conseguiu se refrear: “Nossa, madame, é bem possível que ela seja enforcada.”

No cemitério de Les Innocents, à luz perolada das oito da manhã, os mineiros estão reunidos no portão que dá para a rue aux Fers. A maioria, talvez encorajada pelas prostitutas, se esforçou para melhorar a aparência, para parecer mais com súditos de Luís XVI e menos com homens que içam da terra ossos, caixões e moças miraculosamente preservadas. Paletós foram escovados, e a lama, sacudida das botas. Alguns chegaram a se lavar e desembaraçar as barbas. Três dos mais jovens — de pé, eles formam o grupo mais próximo ao portão — montaram guirlandas de grama trançada para ornamentar a aba dos chapéus. Outros, vistos de perto, ostentam objetos usados, no passado, para enfeitar os mortos, berloques pescados na terra úmida ou permutados à noite na privacidade das barracas. Um sujeito de olhar cristalino e tranquilo, as costas mais eretas que as dos demais, ostenta um par de anéis sugestivos: *Respice finem*, numa das mãos, *Mens videt astra*, na outra, o metal esverdeado envolvendo a primeira falange de um dedo que só tem duas.

Há muito todos já comeram seu pão e tomaram seu café. Empilharam lenha no local da fogueira, junto à cruz do púlpito, fogueira essa que será alimentada por outros durante a sua ausência. Estão prontos agora. Estão inquietos.

Do lado de fora da casa do coveiro, Lecoeur consulta o relógio, faz caretas e resmunga baixinho. Justo nessa manhã particularmente inconveniente Baratte resolveu dormir além da hora. Claro que no conforto de seus aposentos deve ser muito fácil esquecer os companheiros, aqueles que moram *cá embaixo*. Os homens, porém, decerto não hão de gostar dessa perda de tempo. Ele mesmo não há de gostar, aliás. Cinquenta gotas do remédio ontem à noite! Ao menos cinquenta, e Deus sabe quanta bebida para acompanhar, mas, ao contrário de prover uma noite de sono restaurador, a droga serviu apenas para torná-lo um estranho para si mesmo. Foi como — de que maneira descrever? — se ele, Lecoeur, não passasse do corpo de Lecoeur, um invólucro de carne, e uma outra coisa, uma inteligência invasora, estivesse enraizada em seu âmago, animando-o,

orientando suas ações. Será que o *verdadeiro* Lecoecur tomara a decisão de sair no meio da noite? Será? Não acreditava nisso, mas, ainda assim, saíra, vestido apenas com a camisa de dormir, tomara o rumo da oficina dos médicos e lá abriu a tampa do caixão e contemplara Charlotte, à luz de uma vela acesa surgida como que por mágica em sua mão. Uma excitação tremenda! Uma enorme tensão no coração. E aparentemente nos dentes também, pois, a julgar pela dor nas mandíbulas, ele passara horas trincando-os com furor...

Ouve passos atrás de si, passos leves. Vira-se e vê Jeanne, com um xale em volta dos ombros, saindo da casa para juntar-se a ele. Ela sorri, bonita como sempre, mas não está hoje corada como de hábito, com sua costureira *vivacidade*.

— Estranho ele não ter aparecido — observa a moça.

— Talvez tenha bebido além da conta ontem à noite — replica Lecoecur.

— Não acho isso provável — diz ela, com certa rispidez.

— Não, não — insiste Lecoecur. — Provavelmente surgiu algum imprevisto profissional. Um encontro com o tal de Lafosse, quem sabe. O representante do ministro.

Ela assente.

— Você também vai sair hoje?

— Acredito que sim — responde Lecoecur. — Monsieur Saint-Méard me convidou para ir com ele e alguns amigos numa espécie de excursão. Não me disse exatamente do que se trata.

— Vai ser agradável, garanto — diz ela. — Você está com a chave?

Ele mostra uma velha chave que tem na mão.

— Acho que Monsieur Baratte gostaria que você os deixasse sair — observa Jeanne.

— Você acha?

— Por que não?

— Creio que você tem razão. — Ele olha para os homens, abre um meio sorriso e depois torna a olhar para a moça. — Vamos fazer isso juntos? — indaga.

CAPÍTULO III

Logo os vizinhos despertam e correm para ver a cena, que não mais é de morte, mas de romance.

Cadet de Vaux, *Mémoire Historique et Physique
sur le Cimetière des Innocents*

A princípio, a escuridão não permite ver ou entender o que o cerca. Não há senão a descida, a sensação dos degraus sob os pés. Então, uma luz suave e rósea, um corredor estreito, uma mesa onde há uma latinha e uma sineta. Uma mulher se senta atrás da mesa. Ela não o encara, mas sabe que ele está lá. Toca a sineta e, embora não se ouça qualquer som discernível, a cortina no final do corredor é imediatamente afastada. Um homem sorri para ele, faz sinal com a cabeça para que se aproxime...

Estão em um corredor. De cada lado, cortinas drapeadas escondem o que supostamente são entradas para quartos. Diante de um deles — cuja cortina foi imperfeitamente fechada — ele para e espia, embora talvez não seja, com efeito, um quarto. As paredes parecem feitas de terra negra prensada. As dimensões são incertas, assim como o número de pessoas lá dentro, homens, mulheres e crianças, sentados, agachados, deitados. Todos se viram para olhá-lo. Há alguma coisa ardente nesses olhares. Ardente, atônita, indiferente. Ele lhes dá as costas. Tem medo de que um deles comece a falar, lhe dirija a palavra, saiba seu nome...

O guia aguarda no final do corredor. Mais uma cortina. Gestos delicados que sugerem um convite. Ele entra, o guia logo atrás. O que quer que aconteça, acontecerá ali e agora. Os dois se encontram, ao que tudo indica, no quarto dele na casa dos Monnard, ou num lugar semelhante, pois não há janelas e as paredes são nuas. A luz vem de uma única vela grande sobre a mesa. Um homem está deitado na cama. Veste apenas uma camisa, cujas fraldas lhe chegam aos joelhos. Os olhos estão abertos, mas os lábios foram desajeitadamente costurados com linha preta.

O guia pega a vela na mesa e se aproxima da cama. Não leva mais que um instante, diz ele. Temos de liberar o flogisto, o agente de transformação. O destruidor de impurezas.

Ele se inclina e, como se derramasse algo precioso no ouvido do homem na cama, encosta o pavio da vela em seu cabelo, que imediatamente se inflama, queimando como grama seca. Então, as chamas se espalham pelo rosto do homem, lhe envolvem a garganta, descem até a pele do peito, do torso. Como é possível um corpo arder assim? Um homem não deveria queimar

como papel! O que foi feito? Que método é esse?

Em seu invólucro de chamas, o corpo começa a se mexer. Um braço, uma perna. O torso se ergue — flutua! — dos lençóis que ardem. A linha que unia os lábios foi rompida. A boca se abre. Urra, urra...

—Mantenham-no quieto — ordena Guillotin, inclinado sobre a cama. Um filete de linha preta atravessa o rosto do paciente como uma rachadura. Marie segura firme as pernas que chutam. É uma garota forte, boa na arte de segurar firme. O médico põe mãos à obra.

Durante as primeiras quarenta e oito horas há perigo, um sério perigo. Se o cérebro estiver sangrando... bem, alguma coisa precisa ser feita — existe um cirurgião na rue Saint-Honoré que maneja um bisturi moderno, mas poderá ser chamado a tempo? O paciente é observado com constância. Marie, Jeanne, Lisa Saget, Armand, Lecoœur. Guillotin faz uma visita toda manhã e mais outra à tardinha. Examina o paciente, pondera os riscos e depois olha pela janela para a igreja de Les Innocents, mergulha em grandes reflexões sobre os homens, suas cabeças, seus corações, sobre como é o mundo. O velho mundo e o mundo que talvez esteja para surgir.

* * *

A despeito da sucessão de enfermeiros vigilantes, quando finalmente abre os olhos, o engenheiro pode jurar que o quarto está vazio. No travesseiro, sua cabeça é um peso morto, um pedaço de cartilagem viva costurado no toco do seu pescoço. A dor não está na superfície, mas nas profundezas ocas do cérebro. Seu ritmo é o ritmo do seu sangue. A cada batida do coração, ele faz uma careta. A porta se move. Madame Monnard espia lá dentro. Quando vê os olhos do doente abertos, quando vê que ele, aparentemente, a olha, ela foge.

— Quem sou eu?

— Você? Você é o médico.

— Meu nome?

- Guillotin.
- Ótimo. E você?
- Baratte.
- E o nome do nosso rei?
- Luís.
- Você se lembra do que lhe aconteceu?
- Em parte.
- Em parte?
- O suficiente.

— Monsieur Lafosse nos fez uma visita — diz Lecoeur. (Quantas horas se passaram? Quantos dias?) — Acho que o dr. Guillotin lhe contou sobre... sobre o seu infortúnio. Ele me mandou apressar o trabalho. Disse que não seria bom deixar os homens ociosos. Que tempo é dinheiro.

— Ziguette? — murmura Jean-Baptiste, mas muito baixinho.

— E tem mais — prossegue Lecoeur —, Jeanne mandou um remédio. Ervas, eu acho. — Ele mostra o frasco ao doente. Em suas mãos, há teimosos salpicos pretos, de tinta preta.

— Provavelmente uma poção do amor — observa Armand, que também está no quarto, embora não no campo visual do engenheiro.

— Que dia é hoje? — indaga o paciente.

— Dia? — indaga Lecoeur. — Quarta-feira. Quarta-feira de manhã.

Marie está sentada numa cadeira ao lado da cama, fazendo alguma coisa com o fogo na lareira. Ele não quer mexer a cabeça para ver o que é. Qualquer movimento brusco de cabeça faz o mundo dar cambalhotas.

— Ziguette? — pergunta.

— Por quê? — indaga Marie. — Tem medo de que ela torne a visitá-lo? — Então, quando não há resposta, acrescenta: — Fui eu que salvei você.

A luz é um lençol branco na janela, um lençol branco e opaco que diariamente é dobrado e depois outra vez pendurado na aurora seguinte. Já não o vigiam todo o tempo. Sem ser visto, ele escapa da cama, se senta dez minutos na cadeira, grudado no assento. No dia seguinte, senta-se durante meia hora. Sentar-se vira um treinamento. Às vezes, quando é

varrido por ondas de piedade — dele mesmo, do pai opressor, das vidas assombradas de estranhos, dos ossos frios do cemitério —, ele faz movimentos estranhos com a boca, uma espécie de choro seco. Noutras, fica indiferente, calmo e totalmente indiferente, até que a crueza do mundo, sua própria respiração, as arestas do ar tornem a despertá-lo. Examina as mãos, olha para o fogo, contempla, indagador, a gravura da ponte. Ergue os olhos para a janela: as nuvens são da cor do mar em Dieppe. Quem é você?, pergunta o médico. Ele é Adão, sozinho no jardim. É Lázaro arrancado do seu sepulcro, uma vida apartada da outra por uma pausa na escuridão.

Guillotin aparece para sangrá-lo; a flebotomia é uma precaução comum nesses casos. Primeiro, ele conduz o exame habitual do ferimento.

— Vocês, normandos, têm belas cabeças duras — diz ele. — Você não se incomodaria de me deixar sua cabeça, não é?

— O que o faz pensar que vai sobreviver a mim?

— Seu gosto em matéria de mulheres — diz o médico, voltando a atenção para o braço direito do engenheiro e fazendo um corte junto ao cotovelo. O sangue escorre para uma tigela de estanho. — Não se preocupe. Não vai demorar.

— Onde ela está?

— Sua agressora?

— Ninguém me diz onde ela está.

— Estava aqui até dois dias atrás, na casa. Agora foi mandada embora. Parentes idosos em Dauphiné. Gente com uma religião muito severa. Espero que você não faça objeção, mas avalizei o esquema. Não pode haver cura mais eficaz para o ardor de uma jovem do que um ou dois anos recitando novenas numa casa fria de uma província remota. Concluí que você não haveria de querer processá-la. Um homem não conseguiria senão cair no ridículo processando uma mulher em tais circunstâncias. Se você tivesse morrido, é claro, o assunto estaria além de uma decisão puramente privada. Vocês eram amantes?

— Não.

— Acredito em você — diz o médico, pressionando o corte com um pedaço de pano limpo, antes de dobrar com cuidado o braço do paciente. — Mas, se não foi amor, ciúme ou desejo, o que você imagina que a tenha feito entrar no seu quarto e tentar partir sua cabeça?

— Les Innocents.

— O cemitério? Para impedir você de destruí-lo? Ela pode ser mais louca do que

pensei. Esperemos que não retalhe os parentes em Dauphiné. A responsabilidade pesaria um pouco.

— Quanto tempo faz?

— A agressão? Duas semanas. Um pouco mais.

— Preciso voltar ao trabalho.

— Um mês ao ar puro da Normandia seria uma receita melhor.

— Estou bem.

— Você levou um golpe considerável na cabeça. Os efeitos de um golpe desses são, ao mesmo tempo, imprevisíveis e de longa duração. Tem percebido algo fora do comum? Alucinações? Lapsos de memória?

— Nada — mente Jean-Baptiste.

O médico enxuga a lâmina do bisturi.

— Nesse caso, que tal se nos dispusermos a levar você até a sala de estar amanhã? Os Monnard sem dúvida estarão ansiosos para lhe prover todo o conforto. — Ele ri. — Enquanto isso, você tem o Conde de Buffon para lhe fazer companhia — acrescenta, pegando o livro na mesa e o pousando sobre as cobertas. — Você sabe, suponho, que existem mais trinta volumes disto, não?

Depois da saída do médico, Jean-Baptiste olha para o livro e, passado um momento, o abre. Não é essa a primeira tentativa que faz desde o ataque. Fecha os olhos, torna a abri-los, concentra-se, apela para o poder da concentração que no passado tanto serviço lhe prestou. Põe um dedo no alto do lado esquerdo da página esquerda. As primeiras duas palavras não apresentam dificuldade: “Consideremos agora...” A palavra seguinte ele não consegue ler. A seguinte a essa é, supõe, “exemplo”. A que vem depois não passa de uma forma, tão sem sentido quanto uma mancha de tinta. O mesmo ocorre com sua vizinha e a vizinha desta. E não são apenas as palavras em um livro que se foram, mas também as palavras em sua cabeça. Nomes de coisas, coisas bastante comuns, objetos cujo nome qualquer criança sabe. Como e .

E se isso — essa cegueira — se tornar pública? Se Lafosse e depois o ministro descobrirem? Quem nessa vida haveria de empregar um homem assim para destruir um cemitério?

Fecha o livro e o joga no chão. Levanta-se da cama, tenta permanecer em pé, espera que o sangue se rearrume e depois dá passinhos curtos até o espelho. Está usando uma touca de dormir, com uma espécie de atadura por baixo. Parece — o quê? — tolo e santo,

e levemente assustador. Passa os dedos pela barba que cobre o queixo, toca o crânio como se fosse um ovo cru e qualquer movimento pudesse quebrá-lo, fazer um buraco por onde se esvair a gema do cérebro...

Leva vinte minutos para tirar a touca e depois a bandagem que tem a parte inferior rósea e úmida. O cabelo foi cortado, tosquiaram-no de qualquer maneira, mas seja como for que examine a cabeça, praticamente nada consegue ver do ferimento, salvo um feio pedaço de pele descorada e, destacando-se daí como um único pelo grosso, um fio de linha preta.

Procura as roupas, o traje de trabalho que usou no dia em que Ziguette Monnard apareceu à noite para matá-lo. Não o encontra. Foi guardado ou levado embora. Estragado? Manchado com seu próprio sangue, com sangue da arma, aquela coisa, aquela coisa de metal, cujo nome (uma fagulha de pânico brota em seu peito) ele também perdeu? Como se espera que um homem pense, afinal, se não tem as palavras com as quais pensar? O que pode orientá-lo se não as palavras?

Vai até o baú e levanta a tampa. O choque da cor, da luminosidade da cor, o obriga a piscar, mas ele sente alívio ao ouvir a palavra “verde” na cabeça e “seda”, e até mesmo “pistache”. Leva o traje até a cama, deita-o ali, contempla-o durante algum tempo e depois se mete dentro dele. Que seja essa a resposta, então. Ele simplesmente seguirá o mundo. O mundo e as coisas do mundo serão seus mestres. Fará o que sugerirem. Não importa se pode ou não lhes dar nomes. Será como uma criança correndo atrás de uma bola que quica escada abaixo. Talvez sempre tenha feito isso. Não consegue se lembrar direito.

Quando já está vestido, procura o *banyan*, o tarbuche, a peruca alugada, o papel em que tudo isso estava embrulhado, torna a embrulhar tudo num pacote grande e desajeitado. Calça os sapatos e veste o guarda-pó. Com os dentes trincados, acomoda o chapéu na cabeça como se o ferimento pudesse ser esmagado por uma mera sombra. Desce a escada. Ninguém o vê. A porta da cozinha está aberta, mas o cômodo, vazio. Ele olha para a porta do porão, resiste ao impulso de tentar abri-la, abre a porta da frente, entrefecha os olhos contra a claridade, fica um minuto inteiro encostado ao muro da casa, reunindo energia, coragem, o que quer que lhe seja necessário para seguir em frente. Calcula que alguma versão da história já esteja circulando, que ele não seja agora apenas o engenheiro, mas o homem que a garota Monnard atacou, o homem que deve, de alguma forma, tê-la provocado. Observa dois meninos subirem a rua chutando um brinquedo, um grande anel de madeira. Deixa os garotos passarem e depois se afasta de chofre do muro; então, toma fôlego e desanda a caminhar.

Na barbearia Gaudet, lhe fazem a barba. É o único freguês. Quando entra, o barbeiro está sentado na cadeira lendo o *Mercure de France* e roendo uma unha. O ato de ser barbeado lhe dá um prazer sensual. O ferimento, claro, não é mencionado, embora Gaudet tenham tempo de sobra para examiná-lo. Em vez disso, o sujeito fala da cidade, do bairro, do preço das coisas, das greves recentes. Nada disso requer qualquer comentário da parte de Jean-Baptiste, que deixa o homem tagarelar, que o deixa trabalhar, e lhe fica grato.

— Andei doente — fala, afinal.

— Mas já está bom de novo — retruca Gaudet, escovando os cabelos castanhos e os poucos grisalhos dos ombros do engenheiro. — Logo o senhor será novamente o mesmo.

— Você acha?

O barbeiro abre um amplo sorriso para o espelho, dá de ombros com elegância e depois fecha aquela coisa afiada, brilhante, embutindo-a no cabo curvo.

Com o embrulho nos braços, sentindo o ar frio nas bochechas e no queixo barbeados, ele passa pela Companhia das Índias e pela rue des Bons-Enfants para chegar à place des Victoires. Depois de convalescer duas semanas na cama, a caminhada deveria tê-lo exaurido, mas, em vez disso, aparentemente, o restaura um pouco. Ele não encontra dificuldade para se lembrar do endereço que deseja. Abre a porta com uma ombrada. Uma campainha toca. Charvet, usando pantufas de veludo para pisar no assoalho lustroso, atravessa a loja. Para, ergue as sobranceiras finas, inclina o torso e se retesa.

— O cavalheiro engenheiro, não?

Há uma cadeira junto à porta. Jean-Baptiste ali deposita seu embrulho. O embrulho começa a se desfazer, como se contivesse algo vivo.

— Eu gostaria de recuperar meu velho traje — diz ele. — Aquele que eu estava usando quando vim aqui com Saint-Méard.

Charvet olha para o assistente e depois novamente para o engenheiro.

— Seu velho traje? Mas ele foi vendido, monsieur. Para um comerciante, creio eu. Não foi isso, Cédric?

O assistente confirma com um gesto de cabeça.

Jean-Baptiste assente, deixa que seu olhar percorra a loja. Num dos manequins de madeira (um torso ajustável sobre uma coluna de madeira) vê um traje de lã preta bem-cortado. Aproxima-se, acaricia o tecido, avalia o tamanho.

— Este, então. Há de servir.

— Nisso — atalha Charvet, falando agora como se explicasse alguma coisa a uma criança, não uma criança esperta, mas uma criança boba — o senhor vai parecer um pastor calvinista. Nós o temos aqui porque é preciso expor um leque de estilos. Um leque amplo, se me entende. Mas para o senhor, monsieur, não há de...

— E para isto — intervém Jean-Baptiste, desabotoando o casaco e deixando entrever uma nesga de seda verde — não tenho mais serventia.

Charvet se empertiga de forma curiosa, estica o pescoço, pisca exageradamente.

— Ainda assim me lembro, monsieur, de como o senhor o apreciou quando comprou.

— O senhor se lembra? — pergunta Jean-Baptiste com uma curiosidade genuína.

— Queria estar mais *à la mode*.

— Mais moderno?

— Precisamente. O senhor... o senhor não se recorda?

— Eu me recordo de estar bêbado, me recordo das lisonjas.

— Continua sendo um traje excelente.

— Um traje que não quero mais. E eu também vim devolver o *banyan* — emenda Jean-Baptiste. — E o restante. Está ali, na cadeira.

Charvet e o assistente olham para a cadeira, para o embrulho, para a língua de adamascado vermelho saindo do papel.

Os dois ajustam o traje preto no engenheiro. Com uns poucos puxões, ele lhe cai surpreendentemente bem, a cor lhe assentando serena, embora seja verdade que lhe dê a aparência de um pastor calvinista. Charvet deixa as alterações a cargo do assistente e se afasta um pouco, cruzando os braços. De vez em quando olha, com certa repulsa, para a cabeça estropiada do engenheiro.

— Esse traje — observa, afinal — pode ser simples, mas não é barato. E o outro foi muito usado. Tem, inclusive, algumas manchas na manga. Manchas de gordura, se não me engano. Gordura ou algo pior. Serei obrigado a vendê-lo com desconto. E considerável...

— O meu antigo que ficou com o senhor — diz Jean-Baptiste, tornando a vestir com cuidado o guarda-pó e abotoando-o —, aquele que foi vendido para um comerciante, valia mais que todo o estoque da sua loja. *Disso* eu me lembro perfeitamente.

Encara Charvet até ele desviar o olhar. Dirige-se, então, à porta. O assistente se apressa em abri-la para o cliente, por pura força do hábito.

No bolso do casaco está a chave do cemitério, a chave do portão da rue aux Fers. Com as mãos nos bolsos, ele segura bem apertado a chave e atravessa o mercado. Pergunta-se

se está com fome — nada comeu além de sopa no café da manhã, um caldo medicinal quando ainda estava praticamente escuro. Detém-se na entrada de um dos armazéns de peixe. O mercado lhe parece, de certa forma, diferente, embora ele não saiba dizer precisamente em quê. Tem a aparência de sempre — as mesmas barracas, os mesmos comerciantes de rosto vermelho e dedos calejados, os mesmos berros roucos, a mesma imundície. Ele entra no armazém de peixes, fica parado em meio às sombras que escorrem para dentro de poças d'água em que cintilam escamas de peixe e respira fundo. No interior das narinas há uma sensação de frio, de umidade, mas nada que se possa chamar de cheiro, de fedor. Então, isso também se foi! Ao menos esse é um sintoma que ele pode, sem risco de repercussão, confessar ao dr. Guillotin...

E então se vê na rue aux Fers, onde a fumaça marrom serpenteia acima do muro do cemitério e as letras negras — ainda parecendo recém-pichadas — o aguardam: “REI GORDO RAINHA VADIA CUIDADO! BECHE ESTÁ CAVANDO UM BURACO GRANDE O BASTANTE PARA ENTERRAR VERSALHES INTEIRO!”

Estará mesmo lendo ou apenas se lembrando? Não tem certeza. O que sabe, o que não precisa questionar, é que, quando viu aquilo pela primeira vez, *ela* estava ali — quase exatamente onde ele está agora —, segurando uma broa, da qual um pedaço ofereceu a ele, que dela o arrancou como faria um pássaro grande, desajeitado, uma gaivota grande de olho amarelo. E depois, no ossuário com Armand, a quem pretendia repreender, acusar de frívolo, rebaixar, ele próprio se viu acusado, ouviu que se preocupava exclusivamente com seu lado profissional, que a sua política era a política de “conclusões inconclusivas”.

Teria entendido o que Armand quis dizer com essa expressão? Não houve muitas oportunidades para refletir a respeito. Primeiro, a questão dos cachimbos dos operários, depois Lecoœur e Armand voltando bêbados da rua. Isso e uma centena de outras preocupações. Mas, sim, entendera direitinho. Sentira que era justo. Ressentira-se...

O portão do cemitério se abre. Um homem — um homem muito magro com uma basta barba loura de aparência mais jovem, mais vigorosa, que o rosto do seu dono — sai para a rua. Quando vê o engenheiro, o sujeito para, se retesa, encara.

— Block? — exclama Jean-Baptiste, chegando mais perto. — Block?

Block assente. Debaixo do braço carrega duas sacas enroladas, sacas de pão, a julgar pelo pó de farinha que as cobre.

— Você vai fazer compras?

Block assente de novo.

— Foi Jeanne quem mandou?

— Foi.

— Você recuperou sua saúde.

— Sim.

Os dois se encaram um instante, estampando no rosto uma faísca de reconhecimento da experiência compartilhada, a experiência de ruir e voltar a se erguer, das incertezas que o processo envolve. Então, roçando ombro com ombro, um passa pelo outro.

Dentro do cemitério, os homens estão reunidos em torno de uma cova no muro norte. Cova oito? Nove? Um deles, no processo de erguer uma grumosa pelve cor de cogumelo para empilhá-la no muro ósseo, o vê primeiro. Interrompe o que está fazendo e se empertiga (tanto quanto é possível para um mineiro). Lecoeur segue o olhar do homem, deixa escapar um grito de satisfação e corre, falando de um jeito tão rápido, tão confuso, que as palavras parecem atropelar umas as outras. Serão lágrimas o que ele tem nos olhos? Da fumaça, talvez. Da fumaça, nada mais.

Os homens que trabalham na superfície estão atônitos. Um diz uma palavra, que cai como um seixo sobre os companheiros lá embaixo. O engenheiro os cumprimenta. Não tem dificuldade para se recordar dos seus nomes. Agast, Everbout, Cloët, Pondt, Jan Biloo, Jacques Hooft, Louis Cent, Elay Wyntère... Fica satisfeito, surpreso, ao ver a pura satisfação que lhe dá vê-los novamente. Pede-lhes que continuem o trabalho. Eles aquiescem.

— Não fizemos — diz Lecoeur confidencialmente — todo o progresso que eu gostaria de ter feito. Terminamos duas na semana passada — continua, com um gesto na direção de onde os homens cavaram — e teríamos terminado esta se um dos lados não desmoronasse. Felizmente, foi durante a folga. Cheguei a temer pelo muro do cemitério.

— Vocês estavam usando a... as formas... de madeira... As formas que seguram as paredes?

— As escoras de madeira? Tive a esperança de que não fosse necessário. O tempo andava razoavelmente seco. Erro meu, é claro. Lamento por isso.

— Não é grave. Podemos escorar a parede com a terra. Uma rampa de terra. Depois colocamos as escoras de madeira.

— Sim, será melhor.

— Os homens já almoçaram?

— Faz algumas horas. Acho que já passa das três.

— Eu não tinha me dado conta.

— *Tempus fugit* — observa Lecoeur alegremente. Nos cantos da boca ele tem algumas

casquinhas brancas. Os lábios, rachados pelo vento, parecem feridos. — Você está totalmente recuperado?

— Me disseram que tenho uma cabeça dura — responde Jean-Baptiste. — E você?

— Recuperado?

— Você está bem?

— Ah, não se apoquente por minha causa. Nós, os Lecoecur, temos o couro duro. — Ele ri. — Ouso dizer que posso dar conta de um urso. Se a necessidade se apresentar.

— Ou de um elefante?

— Um elefante?

— Surgiu na minha cabeça. Um elefante. Não sei por quê. Por acaso falamos de elefantes anteriormente?

— Eu não...

— Não é importante.

Por quase uma hora, Jean-Baptiste comanda, de pé, o trabalho; então, as pernas começam a tremer ligeiramente, e ele pede licença e se dirige até a casa do coeiro.

Jeanne está de pé junto à mesa fatiando linguiça curtida, apoiando todo o seu peso em cima da faca. Armand está sentado na cadeira de Manetti com um livro de música no colo, grandes páginas cor de creme, bastões negros, milhares de notas dançantes. Tem a testa franzida em concentração, e os dedos tamborilam os ossos dos joelhos. Ergue os olhos para Jean-Baptiste e abre um sorriso.

— Ora, ora, ora.

— Você precisa se sentar — diz Jeanne, largando a faca e puxando um banco de sob a mesa. Jean-Baptiste se senta pesadamente, fecha os olhos um instante e depois tira o chapéu devagar.

— Você ainda está muito pálido — observa ela.

— Ele sempre foi pálido — diz Armand.

— Você devia estar em casa — emenda Jeanne, dirigindo-se rapidamente até o fogão, onde um bule de café repousa sobre um tijolo junto ao fogo.

— Foi em casa — atalha Armand — que lhe partiram a cabeça. Não espanta que se sinta mais seguro num cemitério.

O café está apenas morno e, sem seu aroma, não tem gosto algum, mas Jean-Baptiste toma-o de um só gole e estende a caneca para ser servido novamente.

— E o seu avô? — indaga.

— Está descansando — responde Jeanne, os olhos castanhos piscando tímidos para os

olhos cinzentos do engenheiro. Ele se pergunta o que a moça estará pensando. A última coisa de que se lembra com relação a ela, a todos, aliás, é da entrada na igreja para ouvir Armand tocar órgão. Terá sido aquela a noite da agressão? A véspera? Uma semana antes?

— Todo esse trabalho de ferver nossos amigos exumados — explica Armand — exauriu o pobre velho. Fico exausto só de pensar nisso.

— Essa linguiça está boa para comer? — pergunta Jean-Baptiste, pegando um pedaço e botando-o na boca. Porco e gordura de porco, tudo duro como o vil metal.

Armand fecha o livro de música. Vira a cadeira e observa o engenheiro, observa-o mastigar e, por fim, engolir.

— Você me acha interessante? — pergunta Jean-Baptiste.

— Interessante? Você sabe muito bem que é isso que acho desde o instante em que entrou na minha igreja. Confesso que estou curioso para ver o que o seu cirurgião aprontou.

— Está falando de Guillotin?

— Estou falando de Ziguette Monnard. Achei que ela havia conseguido dar cabo de você.

Em toda a extensão do ferimento de Jean-Baptiste, os pontos se retesam por um momento.

— Era essa a intenção dela — diz ele.

— Ah, meu amigo, mas você estava precisando de alguma coisa. Ainda não havia saído da casca do ovo... E esse traje não é novo? Viu isso, Jeanne? Negro como a meia-noite! Bravo! Afinal ele se revela o bom calvinista que sempre desconfie que fosse. Sabia que a mãe dele pertence a essa religião?

— Minha mãe... — começa Jean-Baptiste, falando para o chão de pedra entre seus pés. — Minha mãe...

Então se cala. Não está com disposição para os joguinhos de Armand, não está em condições de jogá-los. Termina a segunda caneca de café, levanta-se e sobe para dar uma espiada em Manetti, senta-se um tempo ao lado do homem adormecido e, depois, descendo a escada, tem uma leve tonteira e por pouco evita rolar escada abaixo agarrando-se ao corrimão.

— Você já fez o bastante por ora — diz Armand, pegando-o com firmeza pelo braço e o levando até lá fora. — O cemitério ainda é seu. O pobre Lecoeur entrou em pânico sem você.

— Eu devia falar com ele... — insiste Jean-Baptiste.

— Amanhã.

— Virei cedinho.

— Não duvido — diz Armand.

— E vestindo meu traje de trabalho, se conseguir encontrá-lo.

— Estaremos prontos para recebê-lo. Vou até tentar não implicar com você durante um ou dois dias — completa Armand sorrindo.

— Quando tudo aconteceu — diz Jean-Baptiste, falando depressa e baixinho, e olhando por cima do ombro de Armand para os arcos do ossuário sul —, quando ela me atacou... depois, quero dizer, demorou um pouco até eu perder a consciência. Muito pouco, suponho, mas o suficiente. Eu queria... queria me apegar a alguma coisa. A alguma ideia. Achei que estivesse morrendo, sabe? Desejei alguma coisa que tornasse o momento possível.

— E o que encontrou?

— Nada. Absolutamente nada.

* * *

Rue aux Fers. Claridade cinzenta, pedras cinzentas; as formas negras de pássaros nos telhados íngremes. À esquerda, a esquina da rue de la Lingerie, à direita, a rue Saint-Denis. Junto à fonte, um cão, pele e osso e despelado, bebe água avidamente numa poça. Sentindo-se observado, o animal ergue os olhos, com água escorrendo do focinho, depois se vira, entra mancando na rue Saint-Denis e se detém por um instante, como a decidir que metade do mundo mais o atrai, antes de tomar a direção do *faubourg*.

O engenheiro segue atrás dele, penetra o fluxo da rua, para sem jeito no meio do caminho, imediatamente atrapalhando a todos. Já não dá para ver o cão, mas não é preciso. Ele já sabe o que fazer agora, embora, para um homem que sempre se orgulhou de possuir uma mente treinada e cristalina, a sensação, desconfortável, equivalha a um mergulho em rituais de magia. Subirá a rue Saint-Denis. Dará a volta para chegar à igreja de Saint-Eustache. Repetirá, tanto quanto lhe seja possível, o caminho que fez na noite em que saiu para pichar muros com Armand e seus companheiros enfeitados, na noite em que se viu sozinho em meio à bruma com Héloïse. Seguirá esse caminho e, assim, tornará a encontrá-la e passará sua mensagem — qualquer que ela seja. Não a vestiu ainda em palavras, mas com certeza, uma vez que a veja diante de si, elas brotarão da sua boca tal qual o Espírito Santo.

Atravessa uma nuvem de costureiras, moças ruidosas, coradas, que se dirigem ao rio depois de passar doze horas sentadas em bancos enfiando linha em agulhas. Na rue Saint-Denis, essa é a melhor hora do dia, quando o trabalho é temporariamente suspenso e surge uma chance de olhar para o céu e extrair um pequeno prazer do crepúsculo invernal. A taberna do Djeco já está cheia. Uma dupla de carregadores descansa encostada ao muro lá fora como valentes espanhóis na Era de Ouro. Funileiros, vendedoras de flores, engraxates, mendigos, rabequistas, escritores de aluguel — se alguém nesse grupo reparou no engenheiro, na intensidade pálida e doentia do seu rosto, e se sentiu, por meio segundo, curioso ou perturbado, nem por isso demorou a embarcar em novas distrações. Ele, sem dúvida, muito pouco vê, ou nada vê em absoluto, salvo por uma ou outra trombada recebida de homens e mulheres que avançam no contrafluxo. Olha apenas em frente, tão longe quanto consegue enxergar, procurando e tentando não ceder à crescente desconfiança de que tudo isso — o que está fazendo ali — não passe de um daqueles efeitos, imprevisíveis e de longa duração, sobre os quais o alertou Guillotin. Então, tendo caminhado não mais que trezentos metros desde a fonte, um borrão vermelho — quase roxo sob essa luz — o imobiliza, antes de pô-lo novamente em movimento a passo mais rápido.

Estranho tê-la encontrado com tamanha facilidade! Não lhe ser dado tempo para recuperar a sobriedade com a caminhada, para se recompor. Estranho pensar que a magia possa funcionar...

Ela está distante demais para ouvir se ele a chamar e caminha na mesma direção. Durante um minuto inteiro, ele a perde de vista quando uma dupla de burros de carga se põe entre ambos. Então, volta a vislumbrá-la parada diante da vitrine de uma loja, o rosto quase colado ao vidro. Ele conhece aquele lugar, já passou por ali várias vezes. Ali se vendem aquelas coisas, aquelas... — Cristo Jesus, ele está com uma delas na própria cabeça! —, mas as que são feitas para mulheres, para mulheres e meninas. Fitas e o resto, conchas, penas coloridas...

— Héloïse!

Chamou cedo demais; a voz não chegou longe, embora a mulher às suas costas, uma daquelas mulheres do mercado que envelheceram cedo demais, com um corpo que mais parece um barril de arenque, tenha ouvido claramente o seu chamado e imite muito bem o seu tom suplicante, rouco: “Oh, HÉLO-ÏSE!”

Ele se vira para olhá-la, mais confuso que zangado. Quem é ela? Será que a conhece?

— Ei, majestade! — grita outra, uma criatura-gêmea da primeira. — Não está vendo que

o cavalheiro aqui a deseja?

Mas ela continua sem ouvi-los, continua a olhar a vitrine, indiferente à cena que se desenrola às suas costas.

— Ela não quer provocar ciúme no cesteiro — diz uma terceira. — Ou no velho livreiro. Ou no seu marido!

— Se o meu marido sequer olhar para ela, eu sirvo os colhões dele no jantar.

Agora ela se vira, observa o grupo, impõe-se diante da sua aproximação. Seja o que for que sinta — raiva, medo, espanto —, tem cuidado para manter qualquer sinal de percepção ausente do rosto. O engenheiro para a um metro e meio, talvez dois, de distância.

— Ele perdeu a língua — diz a primeira mulher.

— Não é da língua que ele vai precisar — emenda a segunda, rindo da própria piada.

— É *ele* — exclama uma voz masculina, uma cabeça careca debruçada na janela de um cômodo às escuras na casa vizinha à loja. — O sujeito que está cavando em Les Innocents.

— Tem certeza?

— Claro. Certeza absoluta. Basta olhar para ele.

— Deve querer o mesmo que os operários que chefia — diz outra voz feminina, mais jovem que as demais.

— Eu estava à sua procura — explica Jean-Baptiste a Héloïse. — Queria... eu queria falar com você. — À menção do verbo falar, a plateia irrompe em gargalhadas.

— Precisa mostrar a ela a cor do seu dinheiro, meu bem. Cruzes! Ele deve ser novato nisso tudo.

— E a garota Monnard? — indaga a voz mais jovem. — Largou dela, foi?

Héloïse, que nem sequer uma vez permitiu que seu olhar fosse atraído por qualquer outro indivíduo que não o engenheiro, concede-lhe agora quatro ou cinco segundos para consertar tudo. Ele toma fôlego, franze a testa, abre a boca:

— Chapéus — diz afinal. — Como eu posso ter esquecido dos chapéus?

Ela assente quase de modo imperceptível. Depois, com imensa calma, como se nada disso tivesse a ver com ela, como se não passasse de uma mera tolice com a qual se deparara e na qual agora perdera todo e qualquer interesse, ela lhe dá as costas e continua a caminhar.

O homem na janela se debruça mais.

— Chapéus! — grita. — Vocês ouviram o que ele disse? Ele disse “Chapéus!”.

Apenas um passo ou dois separa Jean-Baptiste da janela. Ele se aproxima, se posta

rapidamente na frente do homem, que não tem chance alguma de reagir. Pega um chumaço do cabelo do homem, puxa-lhe a cabeça de encontro ao parapeito estreito. Na outra mão, segura a chave do portão do cemitério, com cuja ponta pressiona um local macio na garganta do sujeito, logo abaixo da mandíbula.

— O que eu lhe pareço? — indaga, num tom tranquilo, quase de conversa. — O que eu pareço a você?

No futuro — quando haverá motivos para falar de tais coisas — o homem dirá que viu um ódio homicida naqueles olhos cinzentos, insistirá nesse ponto e será ouvido. Seja o que for que ele vê ali, é suficiente para fazê-lo calar-se. Até as mulheres ficam desconcertadas. O espetáculo acabou. Todas se dispersam, cada qual para cuidar de sua vida medíocre. Passado um minuto, o engenheiro se vê totalmente sozinho.

No encontro seguinte com Monsieur Lafosse — três dias depois dos acontecimentos na rue Saint-Denis —, Jean-Baptiste apresenta seu pedido de demissão. É bastante claro a esse respeito. Não deseja mais ser o mestre de obras no cemitério Les Innocents. Não quer ter mais nada a ver com Les Innocents. Quer ir para outro lugar, fazer alguma coisa diferente. Afinal, é engenheiro: esse tanto ele sabe. Vai tentar encontrar um emprego mais compatível.

Lafosse, que jamais se senta durante esses encontros na sala de estar dos Monnard, espera que o homem mais jovem termine o que tem para dizer, responde que demissão é um caminho aberto a pessoas de uma certa importância no mundo e que ele, o engenheiro, não é uma delas. Ele, o engenheiro, é de fato uma espécie de criado, nem mesmo um tipo graduado de criado. Um criado que foi empregado ao bel-prazer do ministro. Um criado que será despedido quando não tiver mais serventia para o ministro. Esses são os termos. Infringí-los equivaleria a destruir por completo qualquer esperança de progresso futuro. Talvez seja mais patético do que curioso que o engenheiro não tenha entendido tudo isso.

— Então, preciso continuar aqui? Não tenho alternativa?

— Bravo, monsieur. O senhor captou o fato essencial. E agora permita-me prosseguir com o assunto que me dei ao trabalho de trazer aqui para discutir.

O assunto que Lafosse tem para discutir com o engenheiro — embora entre ambos jamais tenha lugar, seja o que for que possa ser equivocadamente interpretado como conversa — é a notícia de que a pedreira em Porte d'Enfer está finalmente pronta para receber a primeira remessa do cemitério. Sua Graça o Bispo já aspergiu água benta nas câmaras e galerias onde serão armazenados os ossos. As carroças viajarão à noite, acompanhadas de padres do seminário em Saint-Louis. Ao longo de toda a viagem, os padres rezarão em alto e bom som. Haverá incenso, tochas empapadas em breu, veludo negro. Tudo há de refletir a preocupação, a decência católica do ministro...

— Posso informar ao ministro — conclui Lafosse — que a sua saúde foi recuperada? Que não haverá repetições de tais aventuras?

Ele não comenta a respeito do novo casaco preto do engenheiro, um tom ou dois mais escuro que o seu.

Jantar com os Monnard. Repolho recheado com alcaparras. Rim de vitela cozido no vinho. Torta de abóbora.

Monsieur e Madame comem num clima de desconforto ímpar. O engenheiro, para quem toda e qualquer comida tornou-se agora simplesmente uma questão de volume, massa, elasticidade, textura superficial e graus de aridez, apenas come. Marie viceja.

Na noite de 9 de março, logo após as onze horas, de acordo com o relógio do engenheiro, um comboio de carroças — veículos sólidos, espaçosos, construídos para transportar pedras — está pronto para partir em direção a Pont Neuf e à pedreira. Foram gastas mais de três horas para carregá-las, embora no cemitério o muro ósseo não pareça muito diferente de antes. As criptas e os sobrados de ossos acima das galerias nem sequer foram tocados.

Os cavalos aguardam, impacientes. De vez em quando um deles arranha com a pata o chão de pedra. Os padres são pálidos, ensaiados, jovens, competitivamente pios. Seguram com firmeza seus archotes, olham para seus vizinhos, olham para as carroças com suas cargas envoltas em veludo.

— Esperemos que as botas desses sujeitos sejam boas — comenta Armand. — Quando tudo isso acabar, eles terão ido até a lua e voltado.

Vinte, trinta curiosos se reuniram na extremidade da rue de la Ferronnerie. Até agora não houve grande coisa para ver. A fumaça das fogueiras, a aparição semanal dos mineiros, à semelhança de marinheiros de folga num porto estrangeiro, os olhos repletos de astúcia incômoda. Mas agora há isto: uma procissão com carroças e tochas e padres em suas batinas compridas com botões de metal. A primeira prova irrefutável do fim de Les Innocents! A primeira remoção. Não há — não houve — protestos, lamentações. Qualquer que seja a lealdade que os indivíduos ainda possam nutrir por esse pedaço de terra impura, ninguém, com exceção de Ziguette Monnard, se deu ao trabalho de erguer um dedo para salvá-lo.

No último momento, quando tudo está pronto e o show, prestes a começar, surge Père Colbert. Ele irrompe cemitério adentro, força a passagem com seu corpanzil entre Armand e Jean-Baptiste, olha-os, raivoso, através dos óculos escuros, e também para os jovens padres. Das mãos de um deles arranca um archote e então se encaminha para a dianteira da procissão, e ali se posta.

O engenheiro dá o sinal ao carroceiro. O carroceiro assovia para os cavalos. Ouve-se um ruído áspero, o som dos aros de ferro das rodas comprimindo as pedras e, vindo da caçamba das carroças, o chacoalhar abafado dos ossos que se acomodam sob as cobertas.

Os padres começam a entoar um salmo — *Miserere Mei, Deus* —, mas o ritmo de seus passos, do canto, se embaralha com o ruído das botas de Colbert marchando num ritmo próprio. Ele conduz a todos em direção ao rio, o rosto vermelho projetado à frente, como se preparado para descer ao inferno e resgatar os justos.

A fossa junto ao muro do cemitério foi esvaziada e enchida de terra. Mais duas são abertas. O engenheiro vem refinando seus métodos. Pressiona mais os homens, aumenta a jornada diária, conforme as noites encurtam lentamente com a proximidade da primavera. Um segundo mineiro deserta, e volta dois dias depois, calado e faminto. Quanto aos outros, quem sabe? Pelo que se pode ver, parecem conformados com o trabalho, com a natureza dele, calejados. Jean-Baptiste adoraria saber sobre o que conversam quando estão sozinhos. Admira-os, admira sua coragem, aquele ar de independência que ostentam. Não é que parecem menos submissos que ele? Mais livres? Um deles em especial lhe chama a atenção, atíça sua imaginação: o mineiro do dedo aleijado e olhos cor de violeta, que vai e vem como uma aparição. Os outros demonstram reverência discreta pelo colega, gravitam à sua volta como uma constelação respeitosa. Lecoœur — fonte segura de informações sobre os demais — pouco tem a dizer a seu respeito, salvo que o sujeito se juntou ao grupo pouco antes que partissem de Valenciennes, em substituição a um mineiro que se declarou incapaz de viajar. Chamava-se Hoornweder. Provavelmente Hoornweder. Hoornweder ou Tant, ou talvez Moemus. Eles muitas vezes simplesmente inventam nomes para si mesmos. Por acaso o engenheiro tem motivos para estar insatisfeito com o sujeito? Não, não, responde Jean-Baptiste. Não existe motivo algum, trata-se apenas de mera curiosidade.

Em meados do mês, cinco procissões semanais estão tomando o rumo da Porte d'Enfer, e por algum tempo tais procissões — os padres entoando suas ladainhas, os círios, as carroças com sua carga macabra — entram para a lista de entretenimentos da cidade. O *Mercure de France* publica um pequeno guia com os horários das procissões e os locais de onde se pode apreciá-las melhor (recomenda-se enfaticamente a travessia do rio). Casais jovens, sobretudo os que pertencem às classes ociosas, permitem-se excitar por tal visão. Os moralistas, sombriamente entretidos, observam de braços cruzados. Turistas estrangeiros escrevem cartas para casa, buscam metáforas, buscam ver a França

toda nessa comprida caravana de ossos. Logo, porém, a cidade dá de ombros coletivamente e procura outras formas de distração. Os cafés. A política. Uma nova insurreição, talvez.

Armand se convida para ir à casa dos Monnard tocar o pianoforte de Ziguette. Contrata, às expensas dos Monnard, um sujeito imaculadamente cego munido de ferramentas, como um boticão, que resmunga, faz caretas e entra no instrumento até conseguir afiná-lo.

Quando se senta para tocar, Armand parece infundir sons nas teclas a partir dos próprios dedos. Quando tropeja o primeiro acorde, Ragoût se esconde debaixo do sofá e depois sai dali, enfiando, num frenesi, as garras no trançado do tapete.

— Você está matando o meu órgão — grita Armand acima do som que ele mesmo produz —, mas, como me deu isto aqui, eu o perdoo.

— Eu não o dei a você — atalha Jean-Baptiste.

— O conceito de propriedade — diz Armand — em breve será muito mais flexível.

Jean-Baptiste padece de dores de cabeça. Padecerá de dores de cabeça pelo resto da vida. Ao longo das piores, o mundo se cobre de uma membrana roxa, como se visto pelo buraco em sua cabeça. É preciso ficar totalmente imóvel. A dor cresce até ser aliviada por acessos de vômito copioso. Outros episódios são menos intensos e podem ser controlados — por sugestão de Guillotin — com a ingestão de três ou quatro xícaras de café forte.

Algumas palavras perdidas — como pombos de volta ao ninho — ressurgem. Ele as anota, em tinta preta, nas costas do diário.

Navalha

Argola

Régua

Escora

Chapéu...

Ainda não consegue ler até o fim uma única página de Buffon, não lembra quando nem por que comprou o livro. Pergunta-se quanto da vida de um homem conta a história que ele conta a si mesmo. Pergunta-se quanto da própria história ele perdeu. Pergunta-se se isso faz diferença.

Em termos de ganhos, ele já não é mais perturbado por sonhos. Dorme profundamente. O frasco de remédio, a viscosa *lachryma papaveris*, fica em cima da lareira, em seu quarto, mas não é tocado desde a agressão, nem mesmo naquelas noites em que, deitado e acordado, ele pensa nas centenas de coisas que poderia ter dito a ela, à austríaca, naquele fim de madrugada na rue Saint-Denis.

No fundo da décima fossa, os restos mortais de umas trinta ou quarenta crianças. Não há tempo, realmente, para calcular o número exato. Guillotin e Thouret concordam que as crianças tinham entre quatro e dez anos de idade à época do falecimento. Manetti, consultado, assente. Uma epidemia no orfanato em Plessy — 1740? Talvez 1741. Ele não pode jurar. As crianças foram enterradas pés com cabeças, mais ou menos como deviam dormir no orfanato. Os homens ficam perturbados; fumam seus cachimbos, acariciam seus amuletos. Os médicos recolhem alguns crânios, empilhando-os como repolhos ou nabos numa das cestas de palha de Jeanne, e os levam para a oficina.

Neva durante os últimos dias de março. A neve gruda como cera derretida nos muros negros da igreja e se assenta, quebradiça e reluzente, sobre os ossos empilhados. Depois congela. As pás mais raspam que cavam, tinindo de encontro à terra. Para abrir a décima primeira cova, é preciso manter uma fogueira acesa sobre ela a noite inteira. É a última investida do inverno.

Durante toda a semana seguinte, o solo degela, vira lama, melação. Quando um caixão, um crânio, é içado, o som é anfibio, estranhamente sexual. Casacos são desabotoados, chapéus afastados do rosto. Mesmo em Les Innocents — e mesmo para aqueles cujo olfato se encontra tão comprometido quanto o do engenheiro —, o ar está mudado e, a intervalos imprevisíveis, é de uma pureza enervante, que faz com que todos, homens e mulheres, mineiros e seus patrões, se imaginem em algum outro lugar, quem sabe num longo passeio pelo campo, numa caminhada à beira de algum rio margeado de salgueiros.

Numa dada manhã, logo após a chegada do engenheiro ao cemitério, Jeanne o chama, o rosto brilhando de excitação. Ela o conduz até a extremidade do cemitério, próximo ao local onde a primeira das fossas coletivas foi escavada.

— Está vendo? — indaga, apontando para um punhado de florezinhas amarelas e

folhas mosqueadas e, bem pertinho, uma moita de plantas mais altas com flores carmim.
— As sementes estavam enterradas — explica. — A escavação fez com que revivessem.

Ele contempla as flores amarelas, as flores carmins. Nada diz. Está totalmente desconcertado.

Ele não a vê, não a escuta aproximar-se até que ela esteja a seu lado. Cai a tarde, e ele está prestes a entrar na casa dos Monnard. Uma carroça grande — M. Hulot et Fils, Déménageurs à la Noblesse — chacoalha descendo a rua na direção da rue Saint-Honoré. Espantado, ele a encara de um jeito que imagina ser bastante cômico.

— Você queria falar comigo? — indaga a mulher.

— Isso faz semanas — responde ele.

— Então, não quer mais falar comigo?

— Quero. Sim.

— Sim?

— Sim, eu quero.

— Muito bem. — Ela aguarda. Olha-o diretamente nos olhos. Não está usando a capa vermelha hoje, mas sim um xale ou echarpe de tecido leve que lhe cobre o cabelo. O rosto parece tenso, os lábios, selados.

— Tenho pensado em você — diz ele, abrindo a boca e deixando que as palavras escorram ao bel-prazer. É tarde demais para circunspeção, para ponderar com cuidado o resultado. — Tenho pensado em você. Com muita frequência.

Ela assente. O gesto não o ajuda.

— Podíamos entrar — sugere ele. — Conversar lá dentro.

— Na casa dos Monnard?

— Eles não vão se opor. Não estão em condições de se opor aos meus desejos.

— Por causa da filha?

— É.

— Do que ela fez?

— É.

— Ela era sua amiga?

— Não no sentido que você diz.

— E que sentido é esse?

— Você sabe qual é.

— Não faria diferença.

— Não?

— Por que deveria fazer?

— Não — diz ele. — Sei lá.

Os dois se calam, como se a mente de cada um subitamente se visse zonza pela absoluta falta de sentido da conversa, pelo fato de ela estar acontecendo. É Héloïse quem se recupera primeiro.

— E o que era que você queria dizer? Que tem pensado em mim?

— Isso não é tudo.

— E o resto?

— Tenho me perguntado se você poderia... se poderia vir aqui.

— Visitá-lo?

— Se você poderia ficar aqui. Se gostaria de ficar aqui.

— Na casa?

— É.

— Sejam os claros — diz ela.

— Achei que estava sendo — diz ele.

— Você quer me tomar como amante?

— Quero que você fique comigo.

— O que significa esse *ficar*? Morar com você?

— Sim.

Agora, pensa ele, agora ela vai jogar a cabeça para trás e soltar uma gargalhada. Vai acusá-lo, numa voz cheia de desprezo, de não saber o que está dizendo. E é verdade. Ele não sabe. Era essa a sua mensagem? Venha morar comigo? Ou simplesmente ele disse a coisa mais extravagante que lhe ocorreu? Prepara-se para disfarçar a própria humilhação, mas, quando ela volta a falar, a voz é serena, séria. Em nada hostil.

— Você já morou com alguma mulher? — pergunta ela.

— Não — responde o engenheiro. E acrescenta: — Essa é uma pergunta de ordem prática? Você tem medo de que eu não saiba me comportar?

— Não nos conhecemos — insiste Héloïse.

— Não nos conhecemos bem — corrige ele.

— Se me conhecer melhor, talvez você me ache desagradável. Ou o mesmo aconteça

comigo.

— Você não quer morar comigo?

— Eu não disse isso. Apenas não acredito que você tenha pensado... que tenha pensado o suficiente. Direito.

— Você se engana.

— Ou é você quem se engana.

— Não estou enganado.

— Ah! Você não gosta de ser contrariado.

Ela faz um movimento com a boca, posicionando os lábios como faria se estivesse no mercado confrontando algum vendedor astuto, persistente. Então, baixa os olhos e raspa lentamente a ponta de um dos sapatos no calçamento de pedra.

— Você gosta de mim — diz a ele.

— Sim.

— Por quê?

— *Por quê?*

— Você deve saber — insiste ela.

— É claro — diz ele, embora na verdade jamais lhe tenha ocorrido precisar de um motivo para gostar dela. — Você olhou para mim.

— Reparei em você?

— Isso.

— É verdade — confirma ela. — Eu reparei em você.

— Você estava comprando queijo.

Ela assente.

— E você parecia perdido.

— Você também.

— Perdida?

— Deslocada.

— Se eu aceitar sua proposta — diz ela, após mais uma daquelas pausas em que aparentemente pondera com cuidado o peso de cada uma das palavras dele —, vou precisar ter liberdade para ir e vir quando quiser. Também sou velha demais para aceitar ordens de você ou de qualquer outra pessoa.

— Você seria livre.

— E, se você um dia me bater...

— Eu jamais faria isso.

— Ouvi dizer que você encostou uma faca no pescoço de um homem. Aquela noite na rue Saint-Denis.

— Era uma chave, não uma faca.

— Uma chave?

— É.

— Porque ele me ofendeu?

— Sim.

— Ele não será o último.

— Então, brigarei com todos.

— Usando uma chave?

— Venha logo — diz ele. — Você tem muita bagagem?

— Umhas roupas, uns livros.

— Livros?

— Achou que eu não sabia ler?

— Não — diz ele. — Não achei.

— Eu gostaria de ter mais livros. As boas edições. Não esses de quinze *sous* que se desmancham na mão quando a gente abre.

— Não esses, não.

— E o teatro... faz muito tempo que não vou ao teatro.

— Teatro — repete Jean-Baptiste. — Isso me agradaria também.

Durante um tempo os dois ficam calados, em paz. Até a rua entrou num daqueles períodos de azáfama eventual, praticamente sem uma alma à vista. É provável, pensa Jean-Baptiste, que de uma dessas janelas os dois estejam sendo observados por alguém que saiba quem ambos são. Não faz a menor diferença para ele.

— É você? — pergunta Héloïse, virando-se para olhar, em diagonal, para o outro lado da rua, onde, nas venezianas do armarinho, tinta preta anuncia mais uma das ameaças de Monsieur Bêche aos poderosos. Essa diz respeito ao destino que aguarda o diretor da Bastilha. Surgiu faz uma semana e ainda não foi apagada.

— Você sabe o meu nome — responde ele.

— Sei os dois — diz ela, sorrindo abertamente para ele pela primeira vez.

Ela se recusa a lhe dar qualquer garantia. Vai pensar no assunto. É um grande passo. Vai pensar nisso e lhe mandar um recado. Seria bom, sugere, que ele fizesse o mesmo enquanto isso. Que pensasse se de fato quis dizer o que disse. De verdade.

Durante quase uma semana, ele se vê num estado de intensa incerteza. No quinto dia — na quinta noite —, de repente lhe brota a certeza de que não há de acontecer. Esse é o seu instinto, seu momento de estalo. Não vai acontecer, não pode acontecer. O mais provável é que ela ouça semanalmente meia dúzia de homens lhe proporem morar com eles, homens que confundem luxúria com algo mais terno, algo que nada tem a ver com a atividade que ela pratica. Ela é dura, precisa ser: racionalmente, tal conclusão se impõe. Ela é dura, oca. Ou é boa, infinitamente generosa, e não aceitará a proposta para o bem dele. Um homem instruído, um profissional que evidentemente busca ascender no mundo, para o qual se unir a uma mulher como ela equivaleria a ser condenado publicamente ao ridículo, à ignomínia. Um aristocrata como o Conde S. poderia se dar a esse luxo, como também alguém de menor importância, alguém que já alcançou tudo que é capaz de alcançar e pouco tem a perder com a falta do próprio nome. Para ele, porém — que nem é grande nem pequeno —, trata-se de uma impossibilidade. E ela entendeu e optou, em detrimento do próprio conforto, por protegê-lo da própria loucura.

Ele anseia poder conversar com alguém. Jamais se sentiu tão estranho a si mesmo, como se a vida fosse uma sala onde todos os objetos familiares tivessem sido substituídos por meras imitações. Deve falar com Armand? Mas Armand será veemente demais, demasiado contrário ou a favor, frívolo demais. Guillotin? Guillotin há de escutar, há de, com a experiência de tantos anos, olhar para o assunto com uma visão abrangente. Uma visão médica? Não é improvável. Talvez seja a visão correta. Ele não está bem! Não está bem nem é ele mesmo. Não como deveria.

Encontra o médico no meio de uma manhã amena sentado num tamborete na oficina dos médicos, polindo um dos crânios dos órfãos. Ao ver aquele pobre objeto luzidio na

palma da mão do médico, a ideia da confissão imediatamente se evapora. Em vez disso, os dois falam sobre os ossos da cabeça. Frontal, parietal, occipital. De como, nas crianças e nos adultos jovens, os vários ossos ainda não se fundiram e de como isso é necessário no momento do nascimento, quando o crânio se sujeita a uma enorme pressão ao passar pelo canal de parto.

— Eles são perfeitos — diz o médico, passando o crânio para Jean-Baptiste. — Não se partem como melões. Não se quebram como bolas de vidro.

Ele se levanta para examinar o ferimento do engenheiro, afastando com cuidado o cabelo recém-crescido, e se declara satisfeito com a aparência da cicatriz.

— Você continua sem apresentar outros sintomas, além das dores de cabeça?

— Eu... — começa Jean-Baptiste, mas depois dá de ombros. — Estou como o senhor vê. E gostaria, finalmente, de saber seus honorários. Pelos seus serviços. Pela generosidade de cuidar de mim. Jamais lhe agradei como devia.

O médico descarta a proposta com um gesto.

— A menos, meu caro engenheiro, que tenha mudado de ideia quanto a me deixar sua famosa cabeça.

Está voltando do cemitério ao final da tardinha quando um rapaz, cuja sombra se inclina de encontro à sombra do muro do cemitério, dá um passo e lhe corta o caminho. É o rapaz mudo, o que o ajudou a carregar seu baú na noite em que se mudou para a casa dos Monnard. Está com a mão estendida, e, no primeiro momento, Jean-Baptiste acha que é para lhe pedir alguma coisa, que ele se inclinou para esmolar, mas, na verdade, o rapaz quer lhe entregar alguma coisa, um pedaço de papel dobrado. A claridade — desde que se vá até o meio da rua — é suficiente apenas para ler o bilhete contido no papel. É muito curto. “Aceito a proposta se ainda for válida.”

Ele não tem nada em que escrever. Ao rapaz ele diz:

— Você pode se fazer entender por sinais?

O garoto assente.

— Então, volte até a mulher que lhe deu isso. Diga que ela venha amanhã. Às três da tarde. Agora me mostre como vai fazer.

O rapaz lhe mostra. Para Jean-Baptiste, a mensagem parece totalmente clara. Ele dá uma moeda ao garoto.

— Vá. Encontre-a ainda esta noite.

Durante o tempo que leva para voltar a pé para casa e subir a escada até o quarto, ele se imagina o homem mais feliz de Paris. Não acende sequer uma vela — senta-se na cama na quase escuridão fria como se embrulhado nas pétalas roxas de uma flor. Como tudo é simples! Como somos idiotas, tornando a vida tão difícil! Parece até que *queremos* ser infelizes ou que temos medo de que a realização de nossos desejos seja capaz de nos fazer explodir! Por um instante — o velho reflexo —, sente vontade de examinar os próprios sentimentos, dar nome a suas partes, saber que tipo de máquina é essa, essa nova alegria; depois se deita na cama, rindo de mansinho, e assim se aproxima do sono, antes de sentar-se com um susto, de volta à velha incerteza. O que exatamente terá ela querido dizer com aquela mensagem? Haveria ali alguma ambiguidade? Será que se equivocou na leitura, já que agora, para ele, as palavras se tornaram criados tão pouco confiáveis? E por que ele achou de mandar um rapaz mudo com a resposta, quando, com um pouquinho de sobriedade, um pouquinho de paciência, poderia ter ido com o rapaz até em casa e escrito um recado simples e explícito?

Põe-se de pé, anda de um lado para o outro no quartinho, detém-se junto à porta, olha para o cômodo — onde agora todos os objetos não passam de silhuetas mal discerníveis — e percebe que, se ela aparecer amanhã (e *por que* às três horas?), os dois não poderão ficar ali, permanecer ali, morar nem uma noite juntos ali dentro.

Desce apressado a escada, passa pela porta da sala de jantar, pega uma vela acesa na mesa do corredor e volta — subindo dois degraus de cada vez — para o andar superior. Do lado de fora do quarto de Ziguette, ele se pega de ouvido colado à porta, recrimina-se num sussurro, abre a porta e entra.

Não esteve ali depois da noite em que a visitou para descobrir a aparência de uma moça derretida e encontrou tanto a moça quanto o quarto em avançado estado de desalinho. Está bem arrumado agora, um pouco úmido por não ter sido arejado, mas isso é fácil de solucionar. Ergue a vela, registra o guarda-roupa pintado, a lareira, a

penteadeira com seu espelho oval (no qual a chama da vela agora reluz). A cama é grande o bastante para dois. Será que o quarto ainda cheira à sua dona? Ele não sabe dizer; não é capaz. Vai até a janela desguarnecida de veneziana e a escancara, sentindo o ar noturno fluir por entre os dedos. O surto de dúvida passou, mas com ele se foi a euforia, aqueles maravilhosos minutos de felicidade cega. Está com fome. Muita fome. Desce para juntar-se aos Monnard no jantar. O casal já está terminando a sopa, mas a terrina continua sobre a mesa. É este o momento para contar a Monsieur e Madame o que pretende, contar-lhes quem, amanhã — se a mímica de um rapaz mudo for compreendida —, irá morar na casa deles. Levando uma colherada de sopa à boca, ele tenta descobrir uma forma elegante e decisiva de falar tudo de uma vez, mas, antes que consiga dizer uma palavra sequer, começa a rir. A sopa, num filete marrom, volta dos seus lábios para o prato. Ele enxuga a boca, pigarreia e pede desculpas.

* * *

Raia o dia. Ele veste o traje preto e sai à procura de Marie. Encontra-a na cozinha. Ela está inclinada junto à mesa, balançando um pedaço de carne assada na boca para o gato pular e abocanhar.

— É um jogo — explica.

Ele assente e depois lhe pede para retirar todas as roupas de Ziguette, todos os bibelôs de porcelana, as aquarelas de amadora, as conchas, os dedais pintados, os leques floreados — tudo, enfim — do quarto da moça e transferi-los para o dele, onde, por enquanto, deverão ficar convenientemente armazenados.

— Por quê? — indaga Marie.

— Quero usá-lo.

— O quarto dela?

— É.

— Para o senhor?

— Para mim, sim. Para mim e... mais uma pessoa. Uma mulher.

— Uma mulher?

— Sim, uma mulher. Isso é tão extraordinário?

— Ela é sua esposa?

— É... é um arranjo. Entre nós. Os homens e as mulheres que vivem juntos no *faubourg* Saint-Antoine são sempre casados?

— Não.

— Então, seremos como eles.

— O senhor há de querer que eu lhe sirva — diz Marie. — E a ela.

— Vou lhe pagar um extra para tanto. A metade do que lhe paga Monsieur Monnard.

— Quando ela chega?

— Hoje, acho eu. Talvez esta tarde.

— Então, o senhor vai me pagar hoje?

— Vou lhe dar alguma coisa quando o quarto estiver pronto. Você vai ter tempo de sobra... de suas outras obrigações?

Ela assente, sorri timidamente, animada. Ao longo de toda a conversa, o gato não desgrudou os olhos da boca da criada.

Às duas da tarde, tendo contado uma série de mentiras a Lecoecur sobre precisar sacar recursos no ourives da rue Saint-Honoré, Jean-Baptiste volta para casa. Quando abre a porta do quarto de Ziguette, vê com alívio o armário aberto e vazio, a penteadeira onde não resta um único grampo, as paredes nuas. A eficiente Marie! Fará com que ela ganhe algo de valor por isso, o suficiente para um vestido novo, de boa qualidade, algo para exibir quando visitar sua casa, se é que tem casa, um lugar para chamar de lar.

Será que ela trocou a roupa de cama? Ele puxa a colcha, examina o travesseiro em busca de cabelos louros e depois, num impulso, olha embaixo da cama, onde encontra uma coisinha pequena, diáfana, que pega e gira entre as mãos. Cetim roxo. Um objeto de cetim roxo arrematado com uma fita roxa. Uma espécie de sapato, uma espécie macia de... que diferença faz que nome tenha? Não há tempo para isso agora. Ele o dobra, põe num dos bolsos, se empoleira num dos cantos da cama, mas imediatamente fica de pé e vai até a janela, se debruça, varre a rua com o olhar, resmunga um comentário frívolo sobre mulheres e pontualidade, volta até a cama, vai ao espelho, exhibe e examina os dentes, tira do bolso o relógio, vê que ainda faltam quinze minutos para as três, senta-se de novo na cama, olha para a terra em seu sapato, terra do cemitério, talvez o húmus de homens e mulheres mortos, e se descobre pensando na Charlotte de Guillotin, a moça preservada com seus longos cílios brotando de pálpebras cinzentas e murchas, pálpebras que lembram moedas velhas. Por que precisa pensar nela agora? Será que não pode se livrar deles nem por uma ou duas horas? Salvo o pai, ele jamais costumava pensar neles...

E que rosto velho é aquele olhando para ele da janela do outro lado da rua? Então, gosta de espiar, hein? Muito bem. Ele se põe de pé e encara também, com os braços

cruzados sobre o peito e um risinho zombeteiro nos lábios, até que começa a desconfiar de que não se trata de um rosto, mas de algo suspenso, talvez mesmo a luz suave de um espelho pequeno. É quando ouve o trote animado de cavalos, o ritmo sincopado das rodas. Os cabriolés têm sua própria música, e este é, sem dúvida, um deles. Corre para a janela, olha para baixo, vê o veículo parar à porta da casa e o velho cocheiro sair de seu posto e dar a volta para abrir a porta do passageiro. Um momento depois, vê o alto da cabeça de Héloïse. Da sua rainha.

— Então é isto! — exclama, a voz soando no vazio recém-criado do quarto como se fosse a de um ator, tão falsa e tão estranha quanto a de um ator. Ele desce a escada em desabalada e ruidosa carreira. Madame Monnard sai da sala e se posta no corredor esfregando as mãos, ansiosa.

— A casa está pegando fogo? — grita, quando o engenheiro passa correndo por ela. — Monsieur! Monsieur!

As primeiras horas que os dois passam juntos são tão dolorosamente constrangedoras que cada qual é obrigado a concluir que um erro grave foi cometido. Ele fala demais, depois durante meia hora nada diz. Ela permanece sentada numa cadeira junto à penteadeira, com a claridade se derramando sobre seus ombros. Atormenta-o a ideia de que ela, de repente e inexplicavelmente, não seja tão bonita quanto lhe pareceu em todos os encontros que tiveram na rua. Está usando um vestido branco bordado com flores vermelhas e cor-de-rosa. Será que combina com ela? E na parte superior do colo há uma marca, uma leve mácula que ela tentou disfarçar com pó de arroz. Ela fala — de um jeito que sugere pena dele — sobre isso e aquilo. Faz perguntas educadas a respeito do trabalho dele. O trabalho dele! Pouco melhor do que o de um ladrão de corpos. Será que ele deveria indagar sobre o *dela*?

A claridade do quarto desbota e adquire a tonalidade de água suja. De repente, ele se descobre muito zangado. Gostaria de emitir algum comentário azedo, idiota, sobre as mulheres, sobre cortesãs, prostitutas. Alguma observação imperdoável. Em vez disso, diz:

— Precisamos comer.

— Aqui?

— Onde mais?

— Você faz as refeições com os Monnard?

— É claro.

— Talvez esta noite fosse melhor jantarmos no quarto, não?

— Vai precisar conhecê-los em algum momento. Por que não agora?

Lá embaixo, na sala de estar, Madame Monnard está sentada sozinha junto à lareira. Desde que Ziguette partiu, ela perdeu boa parte da vitalidade. Há curtos períodos lacrimosos, soluços abafados em lenços, suspiros, olhares úmidos para o nada, um eventual gemido involuntário. Ela não recebe do marido — e talvez de mais ninguém — qualquer apoio

visível. Às vezes, dá a impressão de não tomar o menor conhecimento do mundo à volta, mas se mostra um tanto atônita ao ver Héloïse Godard adentrar o cômodo.

Marie poderia tê-la alertado, é claro; Marie optou por não fazê-lo. A visita que bateu à porta à tarde era, pelo que sabe, simplesmente algum conhecido de Monsieur Baratte, alguém do cemitério, sem dúvida. Talvez aquele indivíduo bastante assustador, Monsieur Lafosse. E agora isso. *Isso!* A repentina, quase sobrenatural aparição de uma mulher cujo nome em si (supondo-se que alguém saiba seu nome verdadeiro) não pode ser pronunciado diante de pessoas de bem.

— Madame Monnard, esta é Mademoiselle Godard. Mademoiselle Godard será hóspede desta casa — diz Jean-Baptiste.

— Espero, madame — acrescenta Héloïse —, que o fato não lhe cause grande incômodo.

— Vou acertar com seu marido — diz Jean-Baptiste — a questão do aluguel extra.

Madame Monnard assente. Olha de um para o outro, enrosca a orelha da almofadinha com recheio de lavanda que tem no colo.

— Que bela sala a senhora tem aqui — elogia Héloïse. — Elegante e acolhedora. Geralmente é uma coisa ou outra.

— É? — sussurra Madame.

— Não sou uma especialista — prossegue Héloïse, derramando sobre a mulher mais velha o brilho de um sorriso tão generoso, tão sincero, que Jean-Baptiste se vê obrigado a desviar o olhar por medo de gemer de ciúme. Pega na mesa o decantador, serve o líquido em dois copos, entrega um a Héloïse, que o passa a Madame Monnard, que o aceita como se jamais tivesse segurado um copo antes, como se jamais tivesse visto vinho tinto.

— A senhora borda? — indaga Héloïse, apontando para um trabalho medíocre de artesanato pendurado na parede ao lado da lareira.

— Se bordo?

— O quadrinho, madame. Fiz um como esse quando era menina, mas nem de longe tão perfeito.

— Minha filha bordou. Minha filha, Ziguette. — É a primeira vez desde a agressão que ela ousa mencionar o nome da filha na presença do engenheiro.

— Posso ver que ela é muito talentosa — comenta Héloïse.

Madame Monnard sorri. De pura gratidão, puro alívio. E uma onda de heroísmo brota nela. Das entranhas para o coração, do coração para a boca.

— Mademoiselle — diz ela, agarrando com mais força a almofada —, acaso acha que o

dia foi mais quente hoje? Mais que ontem?

Héloïse assente.

— Creio, madame, que talvez tenha sido.

* * *

Meia hora mais tarde — uma meia hora que passa como um pequeno regato de conversa feminina educada —, Monsieur Monnard se junta ao grupo na sala. Ele chega, como sempre, cheirando a algum ácido, a algum componente de odor acre utilizado no ofício de cuteleiro. É a esposa quem, quase eufórica, lhe apresenta Héloïse — “Uma amiga de Monsieur Baratte” —, mas fica a cargo de Jean-Baptiste informar ao senhorio que Mademoiselle Godard passará a ser hóspede da casa. Moradora. Com ele.

— Moradora, monsieur?

— Sim.

— *Aqui?*

— Sim.

— Na casa?

— Sim.

Este é o momento em que Monsieur Monnard pode encenar sua repulsa. O momento em que ele pode se recusar, ostensivamente e a plenos pulmões, a aceitar tanto um quanto outro em sua casa por um minuto que seja a mais, que pode, supostamente, se descontrolar e voar no pescoço do engenheiro, engalfinhar-se com ele... mas o momento passa, engolido talvez pela lembrança da filha deitada nua e inocente como um cordeirinho na própria cama, com um pedaço de metal ensanguentado a seus pés. Ele espana um cisco da manga, olha pela janela para o lugar onde as fogueiras de Les Innocents ardem com vigor na noite de primavera.

— Entendo — diz ele. — Com efeito.

Todos se sentam à mesa. Marie, entrando com a bandeja, serve Héloïse em primeiro lugar, parecendo já ter sido conquistada por ela. O primeiro prato é uma sopa de rabanete. Como prato principal, acompanhado de verduras e cebolas cozidas, são servidos pedaços pequenos de uma carne cinzenta num molho da mesma cor.

— É enguia, madame? — indaga Héloïse. Quando Madame Monnard confirma, Héloïse consegue dizer meia dúzia de coisas inteligentes, pertinentes, a respeito de enguias. — E elas são misteriosas, madame. Me disseram que ninguém sabe onde criam os filhotes.

— Quando eu era criança — emenda Madame —, eu gostava de observá-las nos baldes do mercado. Costumava me perguntar o que aconteceria se eu mergulhasse a mão na água. Se elas comeriam minha mão.

— Danem-se — rosna Monsieur Monnard.

— Pois não, senhor? — indaga Héloïse.

— Acho que eu não disse nada, mademoiselle.

— Meu marido — começa Madame Monnard — tem um grande estabelecimento comercial na rue Trois Mores. Vende lâminas de todo tipo, das mais simples às mais sofisticadas. Père Poupart, da igreja Saint-Eustache, corta sua carne com uma das facas do meu marido.

— Eu já o vi. O estabelecimento. Todos comentam sobre sua qualidade excelente.

— Mademoiselle conhece Père Poupart? — pergunta Madame, que parece ter conseguido dominar a arte de esquecer-se por completo de quem é a sua interlocutora.

— Cruzamos um com o outro na rua, madame.

— Ele tem uma bela voz empostada. A minha filha, acho eu, adorava ouvi-la.

— Precisa-se de uma voz potente numa igreja tão grande.

— Sem dúvida, mademoiselle. Acho, realmente, que isso é verdade.

— *Seu velhaco!* — grita Monsieur Monnard, levantando-se de um salto. Ragoût, contaminado pelo clima geral de anarquia malreprimida, pulou em cima da mesa e se apossou de um pedaço da enguia de Monsieur Monnard, com o qual foge para baixo do piano-forte. Monsieur Monnard, livre afinal para se expressar, atira o prato na direção do gato, mas com demasiada violência. O prato acerta a lateral do instrumento e se desintegra numa chuva de porcelana e molho cinzento. No silêncio que se segue, Jean-Baptiste se põe de pé. Um instante depois, Héloïse faz o mesmo.

— Deve estar cansada da viagem, mademoiselle — diz Madame Monnard, com expressão aérea.

— É muita gentileza tanta consideração — agradece Héloïse, embora não tenha viajado mais que a distância de meia dúzia de ruas. — Boa-noite, monsieur.

Monsieur Monnard assente, rosna, mas não ergue o olhar do chão — talvez não possa erguê-lo —, onde Ragoût, tendo engolido às pressas seu naco de enguia, cuidadosamente limpa com a língua os fragmentos maiores do prato, sujos de molho.

Os dois sobem para o quarto — o quarto deles, se é que o é. Nem a noite nem o quarto estão especialmente frios (algumas semanas antes, daria para ver a própria respiração lhes sair da boca), mas Jean-Baptiste se ajoelha no tapete defronte à lareira e se

ocupa acendendo o fogo. Quando a lenha começa a arder, põe-se de pé para contemplar as chamas e, ainda de olho no fogo, diz a Héloïse que precisa voltar ao cemitério.

— Agora?

— Vão carregar as carroças.

— Você vai demorar?

— Tanto quanto for necessário.

— E não há outra pessoa que possa fazer isso?

— A questão não é essa.

* * *

Ele sai, apressado. Ela olha para a porta fechada, ouve seus passos na escada. Logo, escuta o barulho da porta da frente. Durante vários minutos fica impassível, o rosto totalmente despido de expressão. Então, ergue uma das mãos, enxuga duas lágrimas que não deseja que escorram e vai até a penteadeira. Desata e torna a atar a fita de seda de madras que lhe prende o cabelo, descalça os sapatos, esfrega o peito do pé direito onde o sapato pinica e, depois, começa a desabotoar-se, a desamarrar-se, ocupa-se com ilhoses, laços e grampos até não restarem senão a anágua, a liga e as meias. Abre uma bolsa de tapeçaria — uma das três sacolas grandes em que levou tudo que é seu — e tira uma camisola acolchoada e um par de babuchas de couro, um frasco de água de laranjeira, um pano. Limpa o rosto com a água de laranjeira, passa o pano no pescoço, debaixo dos braços e entre os seios. O toalete fica no canto do quarto, encoberto por uma cortina de algodão pregueado presa a uma moldura de madeira. Ela se senta e, quando acaba, usa a água de laranjeira para a higiene das dobras das coxas. Seu período está próximo, consegue sentir nas entranhas aquele peso, aquele leve inchaço. Já conheceu homens que têm nojo do sangramento de uma mulher e outros que — mais estranhamente — sentem atração por isso. O engenheiro, suspeita ela, deve fazer parte da maioria masculina que tenta com afincão não pensar no assunto.

Ela abotoa a camisola, aviva o fogo com o atizador, começa a examinar o quarto. Parece óbvio que não é o quarto que ele costumava ocupar, pois não há nada que lhe pertença ali. O guarda-roupa está vazio (ela não vai, por enquanto, pendurar seus vestidos). Não há desordem masculina. Teria gostado de dar uma olhada naquele traje que uma vez o viu usar, aquela coisa cor de alface. Mas não há coisa alguma dele, nem mesmo uma camisa. De quem foi esse quarto, então, se não dele? Pode imaginar — corretamente,

é bem provável —, mas amanhã vai conseguir que a criadinha estranha lhe conte coisas. A criada há de saber de tudo.

Ao menos a janela dá para a rua, e não para o cemitério. E nunca teve cliente algum na rue de la Lingerie, ninguém de quem ela precise sentir vergonha caso encontre. Não que pretenda sentir *vergonha* seja do que for. Largou a vida antiga — antiguidade de um ou dois dias —, mas não se rebaixará a ponto de cometer a indignidade de fingir. Viveu publicamente, foi uma mulher pública durante quase quatro anos, exerceu, à vista da opinião pública, o ofício que os pais, por seus atos, e não por palavras, lhe ensinaram a exercer na estalagem da estrada Paris—Orléans. Mas quatro anos já bastam. Fez o que era preciso. Dor e raiva esgotaram seu curso; ela as extirpou como a um espinho de suas entranhas e ficou purgada, carrega milhares de pequenas cicatrizes, mas não morreu. E agora uma nova vida. Uma nova vida com um estranho esquisito de olhos cinzentos, que, não obstante, ela parece conhecer muito bem. Um estranho que a quer — não lhe resta dúvida quanto a isso —, e não apenas na primeira terça-feira do mês como o velho Ysbeau...

A lembrança do livreiro a faz voltar à bolsa de tapeçaria e dela tirar dois livros, que leva até a penteadeira. Senta-se e aproxima a vela. O que será? *O diabo enamorado*, de Cazotte? Ou *Newton para senhoras*, de Algarotti? Esta noite talvez deva ficar com Algarotti e Newton. Então, quando ele voltar, ela poderá acalmá-lo pedindo-lhe que explique coisas (ele há de gostar; todos eles gostam). Acomoda-se, encontra a página onde parou e está prestes a começar um capítulo sobre ótica quando ouve, na parte inferior da porta, um som de arranhões.

* * *

Ele não vai até o cemitério, nunca pretendeu ir. Toma a direção oposta, a do Palais Royal. Precisa andar, pensar, parar de pensar. Será que vai ter uma de suas dores de cabeça? Surpreendentemente, não.

Como ela deve estar arrependida de ter vindo! Aquele jantar! Grotesco! Pior ainda foi o comportamento dele — insensível, grosseiro. Como se sentisse raiva dela! Ela, por quem ele ansiou o inverno todo! Por que não é capaz de simplesmente almejar, simplesmente desejar, sem contradições, sem um “não” inexplicável em alguma dobra esquecida do coração? E agora ele fugiu, quando deveria estar fazendo o que qualquer homem decente estaria fazendo na companhia de uma mulher como Héloïse Godard.

Armand estaria na segunda vez a essa altura. As janelas explodiriam em seus batentes. Ideia desagradável essa, claro, a de Armand com Héloïse. Se algum dia o sujeito encostar um dedo nela...

No Palais, o ar noturno cintila com luzes supérfluas. Archotes, candelabros, feiras de lanternas chinesas. Se pudesse iluminar o cemitério desse jeito, seria possível cavar a noite toda. Mais trinta homens extras, um grupo dormindo, o outro cavando, e uma mudança de turno na aurora e no crepúsculo. Em Valenciennes, alguns veios eram explorados assim, homens e mulheres, bombas e cavalos, trabalhando vinte e quatro horas. Deus sabe que ele precisará pensar em alguma inovação se não quiser continuar desenterrando os mortos quando o novo século começar.

Progride com dificuldade, o casaco preto roçando em verdes e vermelhos, prata e ouro. Rostos se destacam na multidão. Um homem, usando uma camada pesada de pó de arroz, mostra a ponta da língua para o engenheiro. Duas mulheres, que podem ou não ser cortesãs com apartamentos no primeiro piso, lançam-lhe um olhar, enquanto brincam de provocar um macaco amarrado a uma estaca por um pedaço de corrente prateada...

Do lado de fora do Café Correzza, um jovem de cabelo louro equilibra-se precariamente sobre uma cadeira e faz um discurso. Sobre o quê? O de sempre. Os corações dos homens, as exigências da Natureza, a promessa da filosofia, o destino da humanidade, justiça indômita, virtude... Por acaso mencionou Bêche? Bêche, o Vingador? Impossível ouvir acima da algaravia, dos mexericos, das gargalhadas, da marcha irregular de meretrizes e burgueses, da meia dúzia de bandas que toca na esplanada.

Ele entra no l'Italien, consegue um lugar junto ao fogão de porcelana, pede um brandy. Vem sendo servido mais depressa ultimamente. Será por causa do casaco preto? Uma autoridade negra que o leva a parecer meio padre, meio funcionário do governo, um detentor de poderes ambíguos? Ou será alguma coisa que Zigette Monnard desenterrou? Uma disposição recém-descoberta para encostar uma chave na garganta de um homem? A violência é respeitada. Esse tanto ele aprendeu sobre o mundo. Talvez seja até uma dessas virtudes sobre as quais o jovem em cima da cadeira discursava. Cavalheiros mergulhados até a fivela do sapato em sangue, fazendo reverências um para o outro. *Un beau geste*. Violência virtuosa. A necessidade virtuosa dela. Violência como um dever. Provavelmente é o que entrará na moda.

Quando enfia a mão no bolso para pagar o brandy, puxa o acessório de cetim de Zigette. O garçom o brinda com um sorriso quase invisível de garçom. Do lado de fora,

ele passa no meio de uma família de bandolinistas, abandona o acessório de cetim no parapeito da entrada do Salon no 7 e torna a mergulhar no silêncio escuro e repentino das ruas que ficam atrás da Bolsa. Um pouquinho de brandy o deixou sóbrio. Ele agora sabe o que fazer. Quando alcança o arcobotante de Saint-Eustache, começa a correr.

* * *

Ao chegar em casa, ele se desaponta a princípio por encontrá-la tão menos infeliz do que imaginara. Com efeito, ela não parece nada infeliz. Sorri para ele, calmamente, estende-lhe o livro que está lendo por cima da cabeça de Ragoût, que aninhou com perfeição o corpanzil em seu colo. Aponta com o dedo uma palavra no meio da página.

— Não consigo ver — diz ele.

— Você não está olhando — diz ela.

— Você não pode ler para mim? — indaga ele.

— Refração.

— Ah! — exclama ele, rindo. — Sei o que é refração. Usar uma lente para alterar o ângulo da luz.

Ele carrega o gato para o corredor (posto no chão, o bichano treme, indignado), depois volta para o quarto, despe as botas, o casaco e o colete. Os dois se sentam lado a lado na cama. Ela umedece dois dedos e apaga a vela. A lareira provê claridade suficiente. Os dois se deitam. Beijam-se. As bocas, no início, parecem, a um e ao outro, frias, mas depois ganham calor. Ela é boa com botões, o que não chega a surpreender. Ele luta para despir o culote, aperta o rosto de encontro aos seios dela, cola-se ao seu corpo. Com delicadeza, ela lhe escapa e desce a combinação até enroscá-la nos quadris. Quando ousa olhar, ele vê a luz das chamas refletida nas coxas dela. Sob a camisa, ele está duro como uma garrafa, duro demais. Praticamente assim que ela o toca, ele estremece e deixa sair o tipo de meio grito estrangulado que deve ter lhe escapado na noite em que Ziguette Monnard o atacou com a régua de metal.

Passa-se mais uma semana antes que, num encontro inesperado no meio da tarde, sem que nenhum dos dois esteja muito despido, ele, enfim, a penetre. Baixa, então, a testa, encostando-a de leve contra a dela. Com o polegar, ela alisa a linha da cicatriz, o sulco de pele insensível. Desse momento em diante, no fundo do coração, ele passa a considerá-la sua esposa.

Em Les Innocents aumenta consideravelmente o número de ratazanas. Ratazanas visíveis. Na opinião de Guillotin, elas estão partindo. Os homens arrumam gatos. Cada barraca conta com pelo menos um, embora nem mesmo Lecoecur saiba como foram conseguidos. Talvez com as mulheres das noites de sábado, as suas teteias. Às vezes, o engenheiro tem a impressão de flagrar Ragoût no meio do bando, patrulhando ao crepúsculo, mas, visto de longe, um gato se parece muito com qualquer outro. À noite, os animais travam batalhas épicas. Um gato é morto, mas isso também acontece com uma quantidade enorme de ratazanas. Seus corpos, inteiros ou em pedaços, são encontrados na grama crescida ou deixados como troféus nos degraus das sepulturas.

Uma nova cova — a de número quatorze — é aberta nas proximidades do ossuário sul. Além disso, o engenheiro decide perfurar a primeira das criptas privadas. Reúne uma pequena equipe — Slabbart, Biloo, Block, Everbout —, a qual leva ao ossuário oeste, sob as janelas da rue de la Lingerie. Começarão pela da família Flaselle, lacrada em 1610. Com cinzel e marreta, eles quebram a argamassa, afrouxam a lápide e depois inserem por baixo dela uma barra de ferro com a extremidade em forma de cunha para forçar o deslocamento da pedra. Baixam uma escada, que mal alcança o fundo. A cripta, ao que parece, tem dimensões aristocráticas. Jan Biloo é o primeiro a descer. Durante o caminho, seu lampião começa a bruxulear. Próximo ao final da descida, ele se apaga. Gritam para Biloo; ele não responde. Jean-Baptiste e Jan Block descem para resgatá-lo. Prendem a respiração como mergulhadores em busca de mariscos. Encontram o mineiro pelo tato, arrastam seu peso morto escada acima até Everbout e Slabbart se incumbirem de segurá-lo. O homem volta a si quase imediatamente, mas, junto com o engenheiro e Jan Block, demora alguns minutos acororado na grama do lado de fora do ossuário, cuspidando e inspirando ar fresco.

Mais tarde, na cozinha do coveiro, Jean-Baptiste faz esboços de equipamento para respiração — máscaras com filtros feitos de lã de ovelha ou pó de carvão. Pensa, também,

em algo mais completo: um capuz fechado com um cano de ar e algum tipo de válvula-tranca para permitir que o ar seja expelido. Tenta despertar o interesse de Lecoeur nessas ideias, mas a cabeça de Lecoeur está noutro lugar.

— Monsieur Lecoeur anda exausto — diz Jeanne, talvez de forma mais incisiva do que pretendesse. — Todos estão exaustos.

Ele assente. Ela já sabe de Héloïse Godard, é claro; o bairro todo sabe, embora só Armand aborde o assunto abertamente. Dobrando o esboço, o engenheiro o guarda no bolso.

Lecoeur sorri, distante, para ambos.

— Nós, os Lecoeur — começa —, nós, os Lecoeur...

Então, dá de ombros e se vira para olhar novamente pela janela.

Toda manhã, na meia-luz das auroras outonais, ele acorda de um sono sem sonhos ao lado de Héloïse. Em certas manhãs, acorda e a descobre a observá-lo, acorda para o sorriso dela. Noutras, *ele* é o primeiro a despertar e fica deitado muito quieto, estudando as encantadoras imperfeições daquele rosto, a intimidade e os mistérios daqueles olhos fechados. Então, quando ela os abre, o olhar — profundamente ancorado no sono e nos sonhos — quase sempre tem um quê de tristeza, embora seja uma tristeza que ela nega sentir quando ele a menciona. Com as bocas secas, os dois ficam deitados um tempo, falando de coisas íntimas, triviais. Com os lábios secos, trocam alguns beijos. E isso é como um remédio para ele, esse bálsamo matutino, o calor aconchegante das cobertas, o canto dos pássaros nos telhados vizinhos, a nova respiração no travesseiro. Mal repara no quanto parou de reparar, no quanto o mundo que existe fora dessas quatro paredes parou de ser devidamente atendido por ele.

Quando Marie se lembra de levar alguma coisa para o casal comer, os dois tomam café juntos no quarto. Nas manhãs em que se esquece, Héloïse fica na cama e ele faz a refeição no cemitério, com Jeanne, Manetti e Lecoeur. Quanto à maneira como ela passa o dia na sua ausência, isso é uma fonte de fascínio contínuo para o engenheiro. Nenhum detalhe é trivial. Não basta que ela lhe informe que Madame Monnard rouba no jogo de gamão; ele faz questão de saber exatamente como. Nos dados? Na contagem? E, quando as duas passam uma tarde junto à janela bordando, ele quer que ela lhe diga que tipo de ponto e que desenhos usaram. Botões de rosas? Zigue-zagues? Caudas de pavão?

— Do que vocês falam?

— De você, é claro.

— De mim?

— Não. Jamais de você.

— De Ziguette?

— Às vezes.

— E de Monsieur Monnard?

— Vez por outra, dele também. E do preço do pão, da possibilidade de chuva, do que é melhor para constipação, se sena ou sanguineiro.

— Você devolveu a felicidade a ela.

— Não, Jean, não devolvi. Você sabe disso.

Um mês depois de chegar à casa da rue de la Lingerie, Héloïse está sentada na cama tomando café numa caneca pintada com rosas, quando diz que deseja ir ao teatro. Ele não lhe prometeu? Jean-Baptiste concorda. Vai falar com Armand. Armand decerto entende de teatros.

— O Odéon — diz Armand, enquanto os dois estão de pé sobre um losango de sol na grama, ao lado da cruz do púlpito. — Estão encenando uma peça de Beaumarchais. Beaumarchais é do partido.

— Do partido do futuro?

— Claro. E eu vou com vocês. Lisa também. Do contrário, você não saberá se comportar.

— Não faço objeções à sua companhia.

— Mademoiselle Godard não conhece você o bastante, não o estudou tanto quanto eu.

— Armand, você acha que Héloïse pertence ao partido do futuro?

— Héloïse? Ela e Lisa estarão entre suas rainhas.

— E a minha filiação ao partido?

— Ah, você será informado, meu caro selvagem.

— Informado? Por quem?

— Pelas circunstâncias. Pelo que você fará e não fará. Todos nós seremos encontrados no devido tempo.

— Quando fala assim, você me faz lembrar do pastor. Do pastor da minha mãe.

— E o que é que ele diz?

— Na cidade, não resta senão desolação, e o portão foi quebrado em pedaços. Se um homem correr do chocalho da serpente, cairá no fosso. Se escalar o fosso, será pego na armadilha...

Quatro dias depois, Jean-Baptiste e Héloïse se vestem para uma noite no teatro. Ele não possui nada mais alegre que preto. Ela o provoca. Onde foi parar o traje cor de sopa de ervilha? Pistache, diz ele, pistache descascado. E ele voltou para o lugar de onde saiu.

Ótimo, diz ela. Verde não lhe caía bem.

Cruzam o rio num cabriolé. Armand e Lisa, de costas para os cavalos, Jean-Baptiste e Héloïse, de frente. As duas mulheres, tendo se conhecido no vestibulo da casa dos Monnard, tendo observado uma a outra com cuidado entre as paredes revestidas de lambri, aparentemente resolveram se dar bem, para enorme alívio de Jean-Baptiste, que desenvolveu uma profunda fé na precisão do juízo de Lisa Saget.

As duas janelas do cabriolé se encontram totalmente baixadas. O sol de fim de tarde bate no rio. Na Pont Neuf, a multidão flui sobre si mesma, com lentidão. Toda vez que o cabriolé é obrigado a parar, estranhos espiam os passageiros lá dentro. Uma garota de chapéu de palha sobe no estribo e oferece buquês de flores. Armand insiste para que Jean-Baptiste compre os dois maiores, os mais bonitos. O cemitério está a milhas de distância; suas covas, seus muros ósseos, não passam de frutos da imaginação, algum velho problema do qual finalmente estão prestes a se verem livres. Por que não continuar assim? Uma mera semana, e estariam na Provence, deixando-se banhar pelo calor do sol. Ou cruzando os Alpes até Veneza! Os quatro numa gôndola, passando sob a Ponte de Rialto...

O cabriolé para diante da escadaria do teatro. Os dois casais se juntam à multidão que se espreme entre as colunas brancas. Jean-Baptiste jamais esteve no Odéon (que acaba de completar quatro anos). Também jamais esteve na Comédie-Française ou em qualquer outro grande teatro. A última vez que viu uma peça foi um daqueles espetáculos toscos encenados duas vezes por ano em Bellême por companhias de atores itinerantes que chegam ruidosamente (aos berros, tocando trompas de caça) e partem em silêncio (levando galinhas roubadas, maçãs surrupiadas e a honra de algumas raparigas locais).

Isso... bem, isso mais parece Versalhes, embora, é claro, seja menos teatral. Os quatro são conduzidos ao camarote que lhes cabe por um lacaio vestindo uma libré lavanda apertada que, com deselegância e atrevimento, não arreda pé enquanto não embolsa sua gorjeta. O camarote é apertado e não oferece uma boa visão do palco. O urinol lá atrás não foi esvaziado. Os pavios das velas não estão aparados, e uma das cadeiras dá a impressão de ter, ao longo de um espetáculo recente, sofrido um início de incêndio. Nada disso importa; a euforia deles é inquebrantável. O lacaio, feliz com o tamanho da gorjeta, sai para providenciar vinho e...

— O que tem para comer? — pergunta Armand.

— O que desejam? Laranjas? Galinha assada? Ostras?

— Sim — responde Armand. — Tudo isso.

O teatro começa a se encher. O alarido cresce. Os espectadores chamam uns aos outros, fazem sinais com chapéus e leques. Algumas mulheres cacarejam como galinhas. Um arranca-rabo tem início próximo ao pé do palco.

— Amigos do autor — explica Armand, do alto da sua experiência. — Inimigos do autor.

O lacaio de libré lavanda entra. Um sujeito é levado para fora, agitando pés e braços como um besouro caído de costas.

— O ministro está aí — diz Jean-Baptiste baixinho. — No camarote em frente ao palco.

— O sujeito com cara de machadinha? — indaga Armand.

— Ele mesmo — responde Jean-Baptiste. — Mas não fique olhando. Não quero que ele mande me chamar.

— Você tem tanto direito quanto ele de estar aqui — observa Héloïse.

— Ainda assim — diz Jean-Baptiste —, não quero pensar nele esta noite.

Os quatro se recostam em suas cadeiras. Atrás da cortina, os músicos afinam seus instrumentos. O engenheiro não menciona o outro homem presente no camarote do ministro, o jovem de casaco cintilante. O nome de Louis Horatio Boyer-Duboisson nada significaria para os demais.

* * *

Primeiro, tem lugar uma frenética pantomima; depois, vêm um longo intervalo e, finalmente, a peça. Sob a luz de quinhentas velas, a plateia assiste atenta, inquieta, meio entediada. O engenheiro, Armand, Héloïse e Lisa Saget chupam laranjas, roem ossos de galinha condimentada, jogam os ossos sob as respectivas cadeiras. Jean-Baptiste acha a peça indefinível, às vezes desconcertante. Quem é, exatamente, Marceline? Como Suzanne pode *não* se casar com Fígaro? E quem se esconde naquele armário? Héloïse, com os lábios grudados em seu ouvido, pacientemente explica tudo. Ele assente. Observa a plateia, observa os outros espectadores observarem. Mortos, despidos de suas penas e leques, das espadas, bengalas, fitas e joias, nus em pelo e empilhados como bacon, será que não seria possível fazê-los caber numa única cova? O pensamento brota em sua cabeça, perturba-o, e ele o afasta.

Mais uma galinha chega, e mais vinho, e amêndoas com gosto de serragem perfumada. O engenheiro está embriagado. Ajoelha-se para usar o urinol nos fundos do camarote, urina em cima da urina fria de outrem e retorna a seu lugar para descobrir que Suzanne,

afinal, vai se casar com Figaro.

— Então, todos vão ter o que queriam, não? — indaga, mas sua pergunta se perde no barulho de aplausos e na algazarra geral. Com cuidado, ele se inclina para a frente a fim de ver se o ministro gostou da peça. O ministro está de pé. A seu lado, Boyer-Duboisson sussurra em seu ouvido. O ministro ri. Boyer-Duboisson se afasta, também rindo. Na plateia, os espectadores se empurram para passar pelas portas como água com espuma correndo para o ralo. O ministro, ainda rindo, pouisa a mão no peito, parecendo querer recuperar a seriedade, e olha à volta, encontrando, casualmente, o camarote de onde Jean-Baptiste o observa. Terá visto o engenheiro? O seu engenheiro? Acaso se lembra do rosto dele? Ainda assim, não consegue parar de rir. É como se nada menos que a morte fosse capaz de pôr fim a tamanho surto de hilaridade.

Impossível, quando saem, encontrar um cabriolé. Caminham pelas ruas pequenas, quase indiferentes à direção que estão tomando. Descubrem-se, assim (justo quando os sapatos das mulheres começam a incomodá-las), na Ile de la Cité, onde comem tripas servidas numa carrocinha junto aos muros da Conciergerie, alugando depois um esquife que os conduz pela longa faixa negra do rio até os degraus sob a Pont Neuf.

Sobem, aos tropeços, esses degraus traiçoeiros e se veem na rue Saint-Honoré, onde, depois de abraços e promessas de repetir o encontro — logo! logo! —, os dois casais finalmente se separam.

Em casa, Jean-Baptiste acende uma vela e, com Héloïse às suas costas, ambos bocejando exageradamente, começa a subir a escada para o quarto. Quando passam pela sala de estar, a porta se abre. Marie sai.

— Uma moça veio procurar o senhor — diz ela.

— Uma moça? — pergunta Jean-Baptiste. — Que moça?

— Bem, não era Ziguette — responde Marie, sem conseguir conter um riso nervoso. À sombra da vela, seu rosto mais parece uma máscara enfiada às pressas.

— Talvez seja melhor — alerta Jean-Baptiste — não deixar que Monsieur Monnard saiba que você andou bebendo o vinho dele, embora só Deus saiba como conseguiu se embebedar com ele.

— O senhor é um cavalheiro — diz ela, antes de virar-se para Héloïse. — Quando a senhora não morava aqui, ele falava sozinho a noite toda. Resmungos, resmungos, resmungos. Fazia a pobre da Ziguette subir pelas paredes.

Marie funga. Héloïse se aproxima e toma suas mãos nas dela.

— Mas quem era a moça? — indaga. — A moça que veio até aqui?

— Ah, eu mandei embora — responde Marie. — Ele agora tem a senhora, não é mesmo?

— É — responde Héloïse baixinho. — Tem.

Ele havia pretendido — planejava isso enquanto deslizavam pelo rio — passar a noite, ou boa parte dela, devorando sua Héloïse, mas, pouco depois de se deitar na cama (deitou-se de lado para vê-la despir-se e ouvi-la especular sobre a identidade da misteriosa visitante), adormece, e, pela primeira vez desde a agressão, começa a sonhar.

Está de volta ao teatro, andando sobre o tapete vermelho puído no corredor margeado de camarotes. Procura o camarote do ministro. Tem um recado para ele, um recado importante, que precisa ser entregue pessoalmente, mas as portinhas de madeira polida não têm números, e não há a quem perguntar. Então, ao típico estilo repentino dos sonhos, vê alguém, uma figura magricela encostada à parede sob um candelabro... *Renard?* Renard, o enjeitado? Não há dúvida. O pescoço esquelético envolto numa gola de pele engordurada, um leve ricto de tensão no rosto. Ele faz uma reverência para Jean-Baptiste e aponta para a porta à sua frente, virando-se e se afastando apressado pelo corredor vazio. Silenciosamente — sem bater ou arranhar —, Jean-Baptiste abre a porta e entra sem fazer ruído. A única iluminação é uma luz baça, vermelha e pulsante, como se oriunda de um incêndio nas poltronas da plateia, mas ela é suficiente para deixá-lo ver o ministro e Boyer-Duboisson, suas cadeiras lado a lado na frente do camarote. Será que realmente não o ouviram entrar? Estarão tão concentrados? Do bolso, ele tira o recado. Um recado com peso, ponta e lâmina. Chega por trás da cadeira do ministro e tapa com delicadeza, porém de forma decidida, os olhos do homem, sentindo na mão o adejar de suas pálpebras. Chega de nervosismo. Basta de desassossego. Ele é um garoto do campo; já cansou de ver esse tipo de coisa; sentou-se com o irmão para observar o matador de porcos nos campos invernais com suas cordas, suas lâminas enroladas num pedaço de lona. Quando põe mãos à obra, os pés do ministro se debatem como os de uma criança agitada...

Quando acorda, emergindo à superfície de si mesmo como se atirado num lugar ainda mais confuso que o sonho, ele tenta se explicar, se desculpar. Olha para as mãos, para os lençóis, mas tudo está absolutamente limpo, impecavelmente normal. Héloïse está tentando despertá-lo. Ele pisca, balbucia, sonolento, mas ela não o escuta. Está tentando lhe dizer alguma coisa, quem sabe querendo falar do próprio sonho.

— Calma — diz ela. — Calma, Jean. Venha. Estão esperando você.

Ele se senta na cama. Marie, parada à porta, segura uma vela. Não está usando roupas

de dormir. Atrás dela, uma corrente de ar frio e indolente sopra do corredor.

Héloïse lhe entrega o culote. Obediente, ele o veste. Estranha o fato de não conseguir acordar por completo. Está doente? É isso? Uma ostra estragada que comeu no teatro? A galinha? Não. Ele não sente enjoo.

Ajoelhada, Héloïse abotoa as pernas do culote. Ele abotoa o colete. O relógio está no chão, junto à cama. Ele se inclina para pegá-lo, abre a tampa.

— São quatro e meia da madrugada — diz, observação que deveria gerar algum tipo de explicação, mas não gera.

— Muito bem. — Põe-se de pé, passa uma das mãos no rosto, aceita o chapéu que lhe estende Héloïse e, depois, segue Marie pelo corredor. Não lhe faz pergunta alguma. Conhece a criada o suficiente agora para saber que é bem provável que ela simplesmente invente alguma coisa.

No piso abaixo, Monsieur Monnard, com a touca de dormir malposta, está de pé à porta do quarto.

— Será que nunca mais teremos paz? — indaga com voz rouca, meio lacrimosa talvez. — Minha esposa, monsieur, minha esposa está muito...

— Volte para a cama — diz Jean-Baptiste.

No hall de entrada, um sujeito alto e esquelético aguarda, inquieto, no escuro. Jean-Baptiste pega a vela da mão de Marie e a ergue para enxergar.

— Ele não fala francês — explica Marie.

— É claro que fala — atalha Jean-Baptiste, mas, quando Jan Block começa, apressado, a tentar explicar o que faz ali às quatro e meia da manhã, só com muita dificuldade e recorrendo ao seu estoque pequeno, mas gradualmente crescente, de flamengo é que o engenheiro consegue acompanhar suas palavras. Houve um acidente no cemitério. Sim. Um acidente ou incidente de algum tipo. Jeanne foi ferida. Monsieur Lecoeur está cuidando dela... Não. Monsieur Lecoeur *não* está cuidando dela. Monsieur Lecoeur, com efeito... o quê? Fugiu?

— Já chega — diz Jean-Baptiste, pondo a vela na mesa da entrada e se dirigindo à porta. — Vou ver pessoalmente.

Do lado de fora, um vapor leitoso pré-aurora paira na rua, algo que lembra a pele descascada de uma nuvem, úmida, miasmática, cobre-lhe o rosto de gotículas de orvalho. Block já alcançou a esquina. Olha para trás, insistindo em silêncio para que o engenheiro se apresse.

— Nem morto vou sair correndo — diz Jean-Baptiste, embora mais para si mesmo que para Block. Tenta imaginar que tipo de acidente pode ter ocorrido com Jeanne no meio da noite. Quanto a Lecoeur, por que o safado teve que sumir? Ou será que Block quis dizer que ele saiu em busca de ajuda? Quem sabe até para encontrar Guillotin ou Thouret. Isso, afinal, faria algum sentido, embora, mesmo enquanto entretém essa ideia, ele saiba que a verdade é bem diferente.

O portão do cemitério, quando lá chegam, está escancarado, mas uma vez lá dentro tudo parece normal. A fogueira junto à cruz do púlpito arde como tem ardido há semanas. A igreja projeta a mesma sombra imponente de sempre. Então, ele vê, para os lados do ossuário sul, o movimento de tochas, ouve a algaravia de vozes masculinas.

Block corre nessa direção. Jean-Baptiste, murmurando impropérios, sai a passo acelerado atrás do mineiro. Os homens estão reunidos entre o ossuário e a casa do coveiro. Block fala com eles, e eles se calam, o encaram, olham para além do colega e veem o engenheiro. Então, a conversa recomeça, em tom mais alto agora, mais urgente. Alguns apontam para o ossuário, acenam com as mãos, com os punhos. Jean-Baptiste nunca os viu assim. Quanto a Block, perdeu-o de vista. Vê Jacques Everbout e lhe pergunta onde está Jeanne.

— Em casa — responde Everbout.

Em casa. É claro. Onde mais ela estaria? Assente para Everbout, dá uma ordem totalmente desnecessária para que os homens permaneçam onde estão e depois se dirige para a casa. Não deu mais que cinco passos quando se sente cair na grama escura, os braços se agitando no ar. Põe-se de pé e olha para ver o que o fez tropeçar, estende a mão para identificar o objeto. Será um saco de cal que algum idiota descuidado largou na grama? Então, seus dedos tocam cabelo, textura áspera de pele. Assustado, retira a mão. Um cadáver! Felizmente, graças a Deus, não é recente. Uma das garotas mumificadas? A Charlotte de Guillotin? Por que *aqui*?

Mais dez passos, e ele chega à casa do coveiro. Há um lampião na cozinha, e, à sua volta, um pouco da bruma reluz como uma nuvem azul. Jeanne — embora não fique óbvio *tratar-se* de Jeanne — está deitada sobre a mesa da cozinha. Um cobertor a protege. Seus olhos estão fechados. O avô está a seu lado, alisando-lhe a testa. Faz um som grave, mas terrível, um lamento agudo que se poderia esperar que brotasse da garganta de algum animal cujos filhotes tivessem sido levados pelo fazendeiro. Ao ouvir movimento às suas costas, o velho pisca os olhos embaçados e entreabre os lábios, mostrando os dentes estragados.

—Sou eu — diz Jean-Baptiste —, o engenheiro.

O coveiro gesticula. Um show de mímica, uma pantomima. Ele é absolutamente incapaz de encontrar palavras. Jean-Baptiste se aproxima da mesa. Um quarto do rosto da moça sumiu sob o inchaço do olho esquerdo. A boca... A boca deve ter sido golpeada várias vezes. Com um punho? Uma bota? Alguma ferramenta? Quaisquer outros ferimentos que tenha — e Jean-Baptiste não duvida que existam — se encontram escondidos sob o cobertor. Felizmente, pensa o engenheiro.

Ele se inclina, sussurra o nome dela. O olho machucado não se abre, mas o outro, sim. Ele se abre e encara o engenheiro, sem expressão alguma. Jean-Baptiste toca o ombro da moça, e todo o seu corpo se encolhe. Ele retira a mão.

—Lecoeur? — indaga.

O olho desinchado lhe diz que sim.

—Ele... ele atacou você?

E o olho lhe diz que sim.

— Vou buscar o médico — diz ele. — Vou buscar algumas mulheres. Vou mandar buscar Lisa.

O olho se fecha. Ele sai. Já clareou bastante, mas a bruma permanece no ar, grossas madeixas dela enroscadas nas grades das galerias que contêm o ossuário. Ao lado da porta da casa, uma pá com a lâmina em formato de coração está encostada à parede. Ele a pega — o cabo amaciado pelo uso — e caminha em direção aos homens. O primeiro que encontra é o alto, aquele que perdeu metade de um dedo. Pergunta-lhe se Monsieur Lecoeur está no ossuário.

— Está — responde o mineiro com serenidade. Então, quando já vai se afastando, o mineiro toca em seu braço para detê-lo. — Ele tem uma pistola.

— Eu me lembro — diz Jean-Baptiste. Por um instante, sente a tentação de pedir ao mineiro para acompanhá-lo, sente o desejo de ter a calma e a força do outro a seu lado. Depois se põe a caminho sozinho, passa pela oficina dos médicos e chega à primeira galeria do ossuário. Penetra a gélida imobilidade do lugar, para, vira a cabeça, aguça a audição. Do lado de fora, os homens se aquietaram. Também aguçam a audição.

Ele avança: é impossível, sem iluminação alguma além da que lhe oferece a escuridão que começa a se desfazer, caminhar sem fazer barulho num solo como esse. Há detritos demais. Pedras, pedaços de ossos, quem há de saber o que mais. Não resta esperança de surpreender Lecoeur, de surgir à sua frente de maneira imprevisível. Jean-Baptiste resolve anunciar-se.

— *Lecoeur!*

Ouve o eco, mas nenhuma resposta.

— *Lecoeur! É Baratte!*

Nada.

Ele prossegue, confiando tanto na memória do lugar quanto em seus olhos. À direita, as arcadas se destacam, num azul baço e luminoso, contra o negrume empoeirado da galeria. De um jeito ou de outro, será a claridade a responsável por encerrar tudo isso. A claridade fará dele um alvo. A claridade não permitirá que Lecoeur se esconda. E depois, quando Lecoeur *for* capaz de enxergá-lo? O único motivo que consegue imaginar para que Lecoeur não atire é o fato de saber que não terá tempo para recarregar a pistola antes da chegada dos mineiros.

Ele olha para trás, calcula o número de galerias. Logo esbarrará no portão que dá para a rue de la Ferronnerie, o portão onde as carroças aguardam para receber sua carga. Será por isso que Lecoeur foi naquela direção? Para chegar de forma mais furtiva até a saída? Pode ter pegado a chave na casa do coveiro, estando com ela no bolso quando atacou Jeanne, a fuga já planejada antes que o crime fosse cometido.

Segurando firme a pá numa das mãos, o engenheiro procura o muro com a outra, os dedos sentindo as inscrições, depois a pedra áspera e, sem dúvida, as arestas torneadas de uma dobradiça. Tateia em busca do aro de ferro da maçaneta, gira-o, puxa, volta a puxar com mais força. O portão está trancado. Ou Lecoeur teve a frieza, a presença de espírito, de trancá-lo depois de sair ou ainda se encontra ali, no cemitério, no ossuário.

Está prestes a tornar a gritar seu nome — seus nervos já se cansaram desse jogo de esconde-esconde —, quando percebe movimentos às suas costas. Alguém, alguma coisa, se aproxima, se aproxima com passos seguros, inquietos e rápidos. Seu primeiro pensamento é que não se trata de Lecoeur, mas da coisa de que falou o ministro, o cão-lobo. Não seria esse o momento ideal? Um homem sozinho na noite depois de invadir seu habitat secreto? Seja o que for, o engenheiro não tem esperança de evitá-lo. A energia derivada do propósito de enfrentá-la já o domina por completo. Ele gira a pá, ergue-a cegamente na escuridão, enquanto, ao mesmo tempo, ouve uma voz tropejar em seus ouvidos:

— *Violador!*

A força do esbarrão quase desequilibra Jean-Baptiste, que recua, vacilante, até colidir de costas com o muro. Então, apoiando-se nas pedras, ele golpeia três ou quatro vezes o escuro com furor, mas não há um segundo ataque. Ele espera, o coração disparado de

encontro às costelas, e depois avança a passos cautelosos, empunhando a pá como se fosse uma estaca. Ouve sob o pé esquerdo um estalido de vidro quebrado. Abaixa-se, toca um pedaço de arame, um caco de vidro liso. Óculos! Dá mais um passo e vê, ao lado de uma das colunas da arcada mais próxima, a silhueta da cabeça de um homem. Aproxima-se mais, encosta a pá no peito do homem e sente o movimento da sua respiração.

— Quem era?

O engenheiro se vira de um salto, a pá a postos.

— Quem você atingiu?

— *Lecoeur*? Onde você está? Não consigo ver.

— Não se preocupe com isso. Estou vendo você muito bem. Meus olhos já se habituaram ao escuro.

— Era o padre.

— Colbert?

— Isso.

— Ele está morto?

— Não.

— O que usou para atacá-lo? O que é isso que você está segurando?

— Uma pá.

— Ah! Ele confundiu você comigo, talvez. Ou, pensando bem, é possível que não.

A julgar pela voz, é evidente que *Lecoeur* não está a mais de quatro ou cinco metros de distância, embora, de certa forma, pareça estar falando de dentro do muro.

— Você machucou Jeanne, *Lecoeur*.

— Machuquei?

— Você sabe disso.

— E você?

— Eu o quê?

— Você também não a machucou? Não abusou da sua natureza prestativa? Tornou-a sua criatura. Não a obrigou a assistir à destruição do seu pequeno paraíso?

Ele já se situou agora. *Lecoeur* deve estar sentado ou agachado num dos degraus que levam até o osuário superior. Uma boa escolha. Um posto fácil de defender. Escuro até mesmo à luz do dia.

— Eu não a estupei — diz Jean-Baptiste.

— Quer dizer que sou um pouco pior que você. Parabéns. É tudo uma questão de gradação, Baratte. E posso lhe assegurar que ela não era nenhuma santa. Morei na mesma

casa que ela. Conheci a moça.

— Se os homens puserem a mão em você...

— Que homens? O que você sabe sobre os homens? Você não sabe coisa alguma sobre eles.

— Acho que não lhe farão mal se eu estiver com você.

— Você será o meu protetor? E o que virá depois? Um julgamento? Ou eu serei mandado para onde foi a maluca que partiu sua cabeça? Onde é mesmo?

— Dauphiné.

— Para que você me trouxe para cá, Baratte? Será que não podia me deixar apodrecer em Valenciennes? Por acaso acha que me *ajudou*?

— Então me deixe ajudá-lo agora.

— Seu idiota! Você não consegue nem ajudar a si mesmo. Olhe para você, no meio de um cemitério fedorento com essa pá, imaginando se pode chegar perto o bastante para me bater com ela. Quando chegou para trabalhar na mina, você era um sujeito terno. Tímido como uma garota. Quando pus os olhos em você, pensei... pensei que finalmente ali estava um homem com quem eu podia abrir meu coração.

— Este não é o momento, Lecoeur.

— Fomos amigos.

— Não me esqueci.

— Será que não havia nada de valioso nessa amizade?

— Está clareando. Isto não pode durar muito tempo mais.

— A claridade! Sim, a claridade. Me diga, então. Ela vai sobreviver?

— Sim, acho que sim.

— Já houve alguma bondade em mim um dia — diz Lecoeur com firmeza. — Não permita que digam o contrário.

Faz-se uma pausa de vários segundos — densa, carregada de silêncio oco. O engenheiro não se mexe. Espera, a silhueta delineada pela claridade que aumenta. O tiro, quando soa, é ao mesmo tempo ruidoso e abafado, como se numa das criptas um grande machado de pedra fosse atirado de encontro às lápides. Eco, reverberação, silêncio.

O engenheiro dá um passo à frente.

— Lecoeur? Lecoeur?

Não espera resposta.

Entre oito e nove horas da manhã, um temporal incessante reduz a fogueira da cruz do púlpito a um amontoado de lenha negra queimada que lembra os destroços de uma pequena cabana incendiada. Os homens permanecem em suas barracas. Há pão para comer, mas nada além disso, nada quente, até o final da manhã, quando Jean-Baptiste e Armand fazem dois grandes bules de café, batizam-no generosamente com brandy, e atravessam com eles a grama molhada.

Uma sonolência estranha tomou conta do cemitério. Ninguém imagina que algum trabalho possa ser realizado. Não hoje, talvez nem mesmo amanhã. E depois de amanhã? E depois?

Guillotin (que, para espanto divertido dos colegas, rotulou-se de “médico do cemitério Les Innocents”) examina Jeanne no quarto do andar superior, onde a cercaram de todo o conforto possível na cama do avô. Quando ele desce — seus passos soando pesados e sem pressa nos degraus nus de madeira —, os outros são informados de que o único perigo imediato vem do que se desenrola em sua própria mente, da morbidez que é a consequência inevitável de provações dessa natureza. Luto, pavor. A perda da virgindade em circunstâncias tão pesadas e daí por diante. As feridas da carne são superáveis. Uma provável fratura do maxilar esquerdo, lacerações no tecido sensível da boca — lábios, língua, gengivas, etc. Equimoses — múltiplas — em ambos os braços e boa parte do torso...

— Ela é jovem, é valente. Você, meu caro engenheiro, poderia solidarizar-se com ela sinceramente, embora eu ache que ainda não é hora. Talvez leve algum tempo para que ela volte a achar agradável a companhia dos homens. Madame Saget poderia ficar de vigília?

— Sem dúvida ela há de querer fazer isso — diz Armand.

— Ótimo. Quanto a saber se haverá algum fruto, algum... bem, esperemos que não. — Ele sorri de forma gentil para o coveiro, sentado junto ao fogão apagado, que pode ou não ter entendido boa parte do que foi dito. — Um pouquinho de paciência, monsieur.

Com o tempo as coisas se ajeitam. O senhor não perdeu a sua Jeanne.

O engenheiro acompanha Guillotin até a oficina dos médicos. Lecoeur está na mesa de cavalete mais próxima à entrada.

— Ele não era um sujeito desprezível — diz Guillotin, dobrando ligeiramente os joelhos para observar a cabeça de Lecoeur. — E ao menos teve a decência de providenciar a própria saída de cena.

— Equivoquei-me com ele — diz Jean-Baptiste.

— Equivocou-se? Talvez. Mas um homem pode ser uma coisa e depois se tornar outra. Ele não era um degenerado babão do hospício de Salpêtrière. Era trabalhador, instruído. Cortês.

— Se eu tivesse sido menos distraído... ou se tivesse convivido mais com ele. Fora daqui, quero dizer.

— Ah, você acha que o cemitério é o culpado? Que ele foi exposto demais a um ambiente lúgubre?

— É possível, não?

— Que tenha sido envenenado por isso tudo?

— Sim.

— E, então, alguma tendência criminosa se revelou?

— Sim.

— Ele me disse que vocês dois no passado planejaram uma cidade imaginária. Uma utopia.

— Quando trabalhávamos nas minas.

— E como se chamava a cidade de vocês?

— Valenciana.

— Por causa de Valenciennes?

— Foi... era um jogo — diz Jean-Baptiste.

— Dois idealistas. Sonhadores.

— Éramos jovens.

— Claro. E jovens inteligentes gostam desse tipo de jogo. Você está livre desse vício agora, suponho. — Guillotin ergue os olhos, sorri, depois vai até a outra mesa de cavalete e levanta a tampa do caixão. — Pobre Charlotte. Essas aventuras post-mortem não lhe foram benéficas. Você a trouxe para cá, não foi?

— Sim.

— É de presumir que ele tenha atacado Jeanne depois de se dar conta de que Charlotte

não serviria a seus propósitos — observa o médico, repondo a tampa e fechando o caixão com cuidado. — E o padre? Alguma notícia dele?

— Não.

— Ele sumiu?

— Ainda estava escuro e houve muita confusão. Imagino que esteja dentro da igreja.

— Recolhido à toca, hein? E você não está muito disposto a procurá-lo, não é? Ao menos não sem uma pá para se proteger. Uma manhã e tanto. Nada disso deve ter sido fácil. Mas, sem dúvida, o ministro viu que você é um homem em quem se pode confiar, um homem que sabe o que fazer nesse tipo de circunstância.

Durante alguns segundos, a dupla contempla o cadáver sobre a mesa. Os olhos de Lecoeur estão parcialmente abertos e dão ao rosto estropiado a expressão de alguém decidido a recuperar uma lembrança. Então, os dois desviam o olhar e viram-lhe as costas, como se o morto já não fosse mais relevante.

Héloïse vai até o cemitério. Jean-Baptiste não mandou chamá-la; ela chega com a autoridade que lhe conferem os próprios temores. Bate no portão. Um dos homens — Joos Slabbart — a deixa entrar. Embora tenha com frequência observado o cemitério das janelas da casa, é a primeira vez que se vê no interior de Les Innocents. Detém-se um instante para absorver o que a cerca — a cruz, as lanternas de pedra, os ossuários, o muro ósseo, as barracas —, antes que Slabbart a acompanhe até a casa do coveiro. Quando toma conhecimento do ocorrido, Héloïse pousa uma das mãos no braço do coveiro e depois tira do gancho junto à escada o avental de Jeanne. Recorda a Jean-Baptiste que foi criada numa estalagem, e fossem quais fossem os defeitos dos pais (entre eles não ter grande amor por ela), os dois conheciam seu ofício e fizeram questão de ensiná-lo à filha. Ergue as saias e se agacha junto ao fogão vazio.

— Primeiro isto — diz ela, enquanto os dedos longos remexem rapidamente a lenha.

Quem chega em seguida é Monsieur Lafosse, para cujo escritório em Saint-Germain o engenheiro enviou um estafeta com uma carta, tão logo foi capaz de pôr as ideias em ordem. A carta, escrita sobre a mesa da cozinha, pretendia ser um relato seco, quase técnico, dos acontecimentos da noite anterior, mas, quando a releu, ela mais lhe pareceu um desses dramas perturbadores cheios de mortais cegos e deuses intratáveis que às vezes se pegava folheando na biblioteca do Conde S., nos dias em que a chuva impedia os trabalhos de “decoração”.

Ele leva Lafosse para ver o corpo de Lecoeur, embora não o leve, é claro, para ver Jeanne, que dificilmente seria acalmada pela visão de um homem com cara de mensageiro da Morte ao pé da sua cama.

Quando os dois saem da oficina, Lafosse enxuga com um lenço a ponta pálida do nariz.

— E a moça? Vai ficar boa?

— Jeanne? Foi o que ele perguntou. Lecoeur.

— E você respondeu?

— Que sim. Ela vai ficar boa.

— Então não vejo qualquer dificuldade.

— Eu gostaria que o senhor me dissesse como proceder.

— Estamos em um cemitério, não estamos?

— Estamos.

— E quantos você retirou da terra?

— Não posso dizer precisamente. Muitos milhares, creio eu.

— Então, enterrar um não será grande problema. O saldo ainda pesará a seu favor.

— Enterrá-lo? Em Les Innocents?

— Enterrá-lo, enterrar seus pertences. Retirar seu nome de todos os documentos, de todos os registros. Jamais mencioná-lo novamente.

— Essas são as instruções do ministro?

— Essas são as suas instruções.

Os dois alcançam juntos o portão do cemitério. A chuva se foi, substituída por um estranho calor úmido, febril.

— Menos uma boca para alimentar — diz Lafosse. — Menos um salário para pagar. Isso lhe permitirá fazer uma economia. O país está falido, Baratte. O ministro paga tudo isso do próprio bolso. — Ele estuda o cemitério enquanto, em seu rosto, a repulsa floresce devagar. — Como você tolera isto aqui? — indaga.

O engenheiro abre o portão para ele.

— Achei que não tivesse escolha.

— E não tem, mas mesmo assim...

Ao cair da tarde — com uma lua se insinuando entre as nuvens —, ele acompanha Héloïse de volta à rue de la Lingerie. Ela cozinhou e faxinou. Trabalhou o dia todo. Ele lhe agradece.

— Amanhã farei o mesmo — diz ela. — Farei tudo que Jeanne fazia. Também irei ao mercado.

Ele quer objetar — era isso o que tinha em mente para ela, ser uma dona de casa de cemitério? —, mas sabe que não encontrará ninguém mais competente, mais confiável.

— Vou lhe pagar — diz ele.

— Vai, sim — diz ela. Os dois sorriem para a noite que cai. É o primeiro sorriso do dia.

Sobem até o quarto sem encontrar nem os Monnard nem Marie. Ela acende uma vela;

ele acende a lareira.

— Você vai voltar para lá — diz ela.

Ele assente:

— Alguns assuntos... Assuntos pendentes.

— É claro. — Ela olha para a vela, atiça a chama. — Estou com uma pontinha de medo de deixar você ir.

— E eu estou com uma pontinha de medo de que, se não for, jamais porei novamente os pés naquele lugar.

Ele já se decidiu pela cova quatorze. Recém-esvaziada, limpa, com a terra dela retirada num monturo ao lado e distante o bastante das barracas para que haja esperança de manter o assunto em segredo, a cova quatorze é o lugar óbvio.

Na casa do coveiro, a cozinha está deserta. O velho deve estar lá em cima com Jeanne. Lisa, provavelmente, já voltou para casa para passar a noite com a família. Não há ninguém para se mostrar curioso, para fazer perguntas. Fica parado à porta da sala de registros, incapaz, por um momento, de entrar, intimidado por algum espectral pós-sopro da vida que até tão pouco tempo habitava ali. Então, entra de chofre, põe a sacola de Lecoeur em cima da cama e começa a enchê-la rapidamente com os poucos objetos que o outro se deu ao trabalho de tirar dela. Um par de sapatos de bico quadrado. Uma peruca de crina de cavalo. Uma camisa dobrada sobre a mesa. O colete de tricô. Dois livros: *Os devaneios de um caminhante solitário*, de Rousseau, e *O homem máquina*, de La Mettrie. O frasco vazio de remédio. Um relógio barato. O embrulho atado com fita contendo os esboços de Valenciana.

Consulta o próprio relógio. Está cedo demais para o que tem em mente. Tira da sacola *O homem máquina* e se senta com ele à mesa da cozinha. Não leu o livro. La Mettrie não é lembrado com carinho. Provinciano como o engenheiro, velhaco esperto, um homem que morreu de tanto comer patê. Passado um instante, abre o livro e sobrevive a quase meia página antes de perder a primeira palavra. Desvia o olhar, torna a fixá-lo, ajusta o foco. Nada fica mais claro. Enrubescer: aquela vergonha dos bancos escolares que voltou a lhe ser familiar nesses últimos meses. Então, a vergonha é varrida por algo mais urgente. Um espasmo nas entranhas, lá no fundo do quadrante inferior esquerdo, uma cólica. A dor passa, mas apenas para ressurgir mais aguda, aguda o bastante para fazê-lo gemer. Ele enfia o livro num dos bolsos, levanta-se do banco, sai da casa e corre, uma corrida estranha, de lado, como a de um animal ferido. Dá a volta pelos fundos da igreja na direção da parede de lona que esconde as latrinas. Que estupidez ir até ali à noite sem um

lâmpião! Agarra uma das vigas, tateia com o dedo para achar o buraco, um dos buracos. Aqui? Tem de ser aqui: ele não pode esperar mais. Desce o culote (perdendo um botão na pressa) e deixa o muco lhe fluir das entranhas, ouve quando ele bate na superfície do muco que antecedeu o seu no buraco. Uma pausa: o corpo parece escutar a si mesmo; então, outro surto, que arde, quase queima. Agarra-se à viga, encosta a testa na madeira aplainada, sem fôlego, aguardando a convulsão seguinte. Vão batizar praças com os nossos nomes, disse Lecoeur naquela manhã em Valenciennes, enquanto a neve batia na janela. Os homens que purificaram Paris!

Um deles agora está morto com uma bala na cabeça; o outro, agarrado a uma viga acima da poça dos próprios dejetos.

Quando acaba, arranca algumas páginas de *O homem máquina*, limpa-se da melhor maneira possível, joga as páginas e, depois, o livro no buraco, e sobe o culote.

Na casa do coveiro, esfrega as mãos com vinagre. O fogo está quase apagado. Ele o atiza, põe mais lenha. Procura o brandy, mas pela primeira vez não há brandy. Lá em cima o assoalho estala, mas ninguém desce. Torna a sair, espia lá para o lado das barracas e depois volta à cozinha, acende um lâmpião e o leva com ele até a oficina dos médicos. Coloca o lâmpião em cima do caixão de Charlotte e depois segura firme as lapelas do casaco de Lecoeur. Tenta erguê-lo para sentá-lo, mas Lecoeur, morto há umas dezoito horas, está duro como um cachimbo de barro. Recua alguns passos e tenta equacionar a situação como se fosse um *problema*. Vai, então, até os pés de Lecoeur (onde uma meia se enroscou numa canela branca e fria), puxa-os para fora da mesa e escora o corpo de encontro à beirada. Funciona. Mais ou menos. Lecoeur fica na vertical, embora agora pareça menos com um cachimbo de barro do que com um tapete enrolado, um tapete pesado, encharcado. Ouve um baque surdo na terra entre ambos. A pistola? Voltará para pegá-la mais tarde. Em três movimentos, vira o corpo e o segura por baixo dos braços, com firmeza. Está no processo de arrastá-lo até a entrada da oficina quando ouve a lona ser afastada atrás dele.

— Você devia ter confiado em mim para ajudá-lo — diz Armand. — Ou achou que eu teria melindres?

— Pegue o lâmpião — atalha Jean-Baptiste. — E a pistola. No chão.

— A lua está clara o bastante para enxergarmos o caminho — retruca Armand. — E ele não vai sentir falta da pistola.

Os dois saem calados, levando o corpo de lado até a beira da cova e deitando-o no chão ao lado da grua. O engenheiro volta até a casa para pegar a sacola de Lecoeur. Manetti

está na cozinha agora, sentado em sua cadeira.

— Estou levando parte da bagagem dele — diz Jean-Baptiste.

O coveiro assente, solene. Sabe-se lá o que terá entendido.

Do lado de fora da porta, Jean-Baptiste estende outra vez a mão para a pá providencial. Na cova, ele atira a sacola, que aterrissa de maneira discreta lá no fundo. Os dois erguem Lecoeur e o depositam no balancim, no berço. Armand passa uma corrente em torno da cintura do morto, joga o peso para trás e assume o seu lugar, enquanto Jean-Baptiste empurra balancim e corpo para a boca da cova. Então, os dois começam a manusear a corrente, ouvindo a engrenagem da grua gemer como um ganso mecânico.

— Qual é a profundidade desta maldita cova? — sibila Armand.

— Dezesseis metros — responde Jean-Baptiste. — Ele bateu no fundo!

— Você quer que eu desça? — pergunta Armand.

— Prefiro saber que tem alguém cá em cima. Alguém em quem eu confie.

Jogando a pá dentro da cova, ele vai até a escada e pisa nela. Armand tinha razão: agora que as nuvens se dispersaram, há luar suficiente para o que precisam fazer. Escuridão também. Ele lança um olhar para a rue de la Lingerie, para os fundos das casas, para as janelas. Vê numa delas, uma janela alta — possivelmente a do seu velho quarto —, uma luz se mover da esquerda para a direita como um sinalizador. Desce os degraus, passa com cuidado para a segunda escada e chega ao fundo da cova. Leva um longo minuto para encontrar a pá (um minuto em que todo tipo de loucura ameaça irromper em sua cabeça). Vai, então, até o balancim, libera Lecoeur e o puxa na direção de uma poça de luar num dos cantos da cova. Começa a cavar ali, a beirada da pá afundando com facilidade na terra que a primavera amoleceu. Os homens talvez achassem instrutivo vê-lo labutar assim, o engenheiro, o mestre de obras, sem chapéu e curvado em sua tarefa, começando a suar.

Ele cava durante tempo suficiente para que a poça de luar se desloque um pouquinho; depois, recua. É difícil ver exatamente o que fez — o luar não chega a ser propriamente uma luz —, mas de repente descobre ser intolerável prosseguir. Encosta a pá na parede, se abaixa, agarra Lecoeur, deita-o ao lado do buraco e o rola para dentro. Joga a sacola a seus pés. Nem sacola nem corpo estão profundamente enterrados, mas também não é preciso. Amanhã, ele mandará encher a cova até a boca com terra e cal. Dezesseis metros: profundidade suficiente para qualquer um. Ajoelha-se por um instante ao lado do buraco, respira fundo e, num gesto que esconde até quase de si mesmo, estende a mão para tocar o ombro do morto. Depois, fica de pé, pega novamente a pá e começa, rapidamente, a cobrir o corpo. Primeiro as pernas, depois o torso. Por fim, o rosto.

CAPÍTULO IV

Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma.

Antoine Lavoisier

Eles cavam — cavam e tornam a encher, como se lhes faltasse imaginação para fazer outra coisa. A cova quatorze recebe seus dezesseis metros de terra e cal. Na cova seguinte, precisamente no centro do cemitério, os ossos estão empilhados de forma tão compacta que é possível retirá-los como se fossem fardos de lenha. Os mortos já não se surpreendem quando nos veem, pensa o engenheiro, de pé junto à boca da cova debaixo de um chuveiro primaveril. Se no início os ossos mais expostos pareciam afrontados, acovardados, como um homem ou uma mulher forçados a sair nus na rua, agora eles parecem tão passivos quanto noivas a esperar pelas mãos dos mineiros para trazê-los à luz de Paris. A Última Trombeta! Os finados, os falecidos, reagrupados por anjos barbudos fumando cachimbos de barro. É o bastante — quase o bastante — para fazê-lo abrir um amplo sorriso. Pobres caveiras crédulas que imaginam que a vigília no escuro terminou!

No fim do mês chegam ao total de dezenove covas — quase a metade daquelas identificadas por Jeanne no outono anterior. Começam a cavar a número vinte na primeira semana de maio, e é enquanto trabalham nessa, a oito metros de profundidade numa manhã quente (uma dupla de melros bica o solo à procura de minhocas bem ao lado), que Jeanne deixa a casa pela primeira vez desde a agressão. Está de braço dado com Lisa Saget. Parece meio cega pela luz do sol. Alguns passos atrás vem Héloïse, de avental, segurando um cutelo numa das mãos, enquanto, com a outra, protege os olhos contra a claridade. Os homens que estão em cima suspendem o trabalho. Jan Block, em seu posto junto ao muro ósseo, tem uma expressão meio demente, e pela primeira vez ocorre a Jean-Baptiste que o mineiro esteja apaixonado, genuinamente apaixonado. Aliás, considerando-se tudo que aconteceu, seria ele o pior partido para Jeanne? Block não precisa de explicações, sabe de tudo que precisa saber. Jeanne gosta dele? Ou a ideia de ser tocada de novo por um homem lhe causa repulsa, é impossível? O engenheiro ergue uma das mãos em saudação. Ela acena em resposta, cansada.

Nas ruas, nas pracinhas, entre as barracas no mercado tão grudadas umas às outras como os favos de uma colmeia, os boatos sobre o que aconteceu naquela noite de março ainda são muitos e correm livremente. Alguns dos mineiros, apesar das ordens expressas em contrário, devem ter andado falando com suas prostitutas, pois uma semana depois da morte de Lecoecur todos já estavam a par, sabiam que ele levava um tiro, sabiam sem sombra de dúvida que o engenheiro de olhos cinzentos — de cuja agressividade alguns haviam tido uma amostra naquela noite na rue Saint-Denis — devia ter puxado o gatilho. Fazia todo o sentido; eles não eram bobos. Quanto ao *porquê* desse ato havia menos certeza. Os mineiros, aparentemente, guardaram silêncio com relação a Jeanne. Em consequência, a explicação preferida era a de que o engenheiro alvejara o capataz numa briga por causa de sua mulher, a austríaca. O capataz talvez a tivesse chamado o nome que lhe cabia, pagando por isso com a própria vida. Algo monstruoso, claro, selvagem, mas, ainda assim, as mulheres do bairro — cujo veredicto seria decisivo — não se opunham por completo ao fato de um homem matar outro numa situação desse tipo. Por todo lado as mulheres sofriam insultos impunemente, insultos vindos de homens. Se alguns destes pagassem pela insolência, como acontecera com o capataz, talvez não fosse mais do que o merecido.

Quanto aos Monnard, embora não estivessem imunes aos boatos e não ignorassem as idas e vindas no cemitério na noite do incidente, sua imaginação era, talvez, menos excitável, menos ávida, que a dos vizinhos, e ambos ainda se achavam imersos nas lembranças de uma noite diferente, há mais tempo, de uma catástrofe muito mais próxima de seus corações. Assim, nenhum dos dois exigiu saber por que haviam sido acordados na ocasião por um dos operários do cemitério batendo à porta, ou qual o significado do ruído pouco antes do raiar do dia, um ruído que lembrava o de uma árvore sendo partida por um vendaval. O único momento constrangedor teve lugar no jantar depois do domingo de Páscoa, quando Madame Monnard — aparentemente com toda a inocência e sinceridade — perguntou se o encantador Monsieur Lecoecur gostaria de visitá-los de novo. Jean-Baptiste não foi capaz senão de encarar com expressão vazia os restos da sopa em seu prato. Coube a Héloïse dizer que Monsieur Lecoecur havia sido chamado de volta a casa. Casa? Sim, madame, de forma totalmente inesperada. Questões de família? Questões urgentes de família, madame.

Ao longo das primeiras semanas de maio, com as folhinhas novas desabrochando, as primeiras borboletas despertando da hibernação do inverno e florezinhas teimosas forçando passagem por entre as frestas dos muros enegrecidos, Jean-Baptiste tem

consciência de estar à espera. Não sabe o que espera. A chegada da irmã de Lecoœur, talvez, zangada, amedrontada, confusa. Ou a repentina aparição de algum funcionário público implacável, alguém que nem mesmo o ministro seria capaz de evitar confrontar. Precisa recordar a si mesmo, com uma frequência surpreendente, que não matou Lecoœur, que Lecoœur cometeu suicídio. Essa é a verdade. Não seria razoável que lhe parecesse mais convincente, mais tranquilizadora?

Nos dias 22, 23 e 24 de maio, ele é assaltado por uma das piores dores de cabeça que sentiu desde que foi ferido. Deita-se no velho quarto de Ziguette, na velha cama, com um pano dobrado sobre os olhos, abrindo e fechando os punhos. Dezesseis metros de terra a cal esmagam seu peito. A dor acaba se resolvendo com o habitual surto de vômito. Ele lava a boca, bebe água e sai cambaleando do quarto.

Está quente na cidade agora. As pedras emitem uma pulsação constante de calor durante uma hora ou mais após o pôr do sol. No cemitério, os homens querem mais água em seu brandy, precisam disso. Trabalham em mangas de camisa. Por volta do meio da manhã, o tecido se gruda à pele de suas costas. O trabalho desacelera. Andorinhas brincam no azul acima do ossuário. Durante todo o inverno, ao que tudo indica, eles se agarraram a alguma coisa, a alguma decisão que o calor agora fez esvair-se. O engenheiro sente o mesmo que os outros, mais até. Um desejo de largar tudo, de dar um basta à coisa toda. Para disfarçar, aqula os homens, anda, inquieto, para lá e para cá entre as covas, fala mais, grita mais. Quando o homem que maneja a grua luta com um berço cheio de ossos, o engenheiro empresta o próprio peso à corda. Quando surge a necessidade de fixar uma grade de escoramento, ele desce ao fundo da cova para orientar a operação. À noite, supervisiona o carregamento de cada carroça, desloca-se entre a rua e o cemitério, fala com os carroceiros e até mesmo com os jovens padres, que ainda vigiam a porta, nervosos, à espera de que Colbert apareça, embora ninguém veja Colbert há várias semanas.

Movido pelo que rotula para si mesmo de impulso, mas que talvez não passe do desejo de confessar *alguma coisa*, ele conta a Héloïse sobre sua cegueira para a leitura. É uma tarde de domingo, o casal está ajoelhado na cama, as partes íntimas meio esfoladas, os fluidos dele reluzindo no ventre dela, os corpos de ambos à sombra das venezianas dois terços fechadas. Na verdade, é difícil esconder tal segredo de Héloïse, de qualquer um, aliás, difícil e cansativo, razão pela qual ele explica que não é capaz de chegar ao fim de

uma página impressa sem tropeços, que ainda se desconcerta diante dos objetos mais triviais. Fala do caderno com a lista de palavras resgatadas.

Ela beija sua testa, torna a vestir a combinação, abre as venezianas e pega um livro. O livro é de um escritor inglês com nome francês. *A vida e as estranhas aventuras de Robinson Crusóé, marinheiro*. Segurando o livro diante de ambos, Héloïse lê uma página em voz alta, devagar. A seguinte é dele, a terceira, novamente dela. Passada uma hora, ele indaga:

— É verídico?

Ela ri.

— Você gostou?

Ele assente. Gostou. O naufrago. Sua solidão e ingenuidade. Tem apelo para ele.

— Como retribuição — diz ele —, vou fazer uma estante para você. Pode ficar ali naquela parede.

Ela agradece e depois acrescenta:

— Que não seja grande demais, de modo que passe pela porta.

— Porta?

— Não vamos ficar aqui para sempre, vamos?

Uma ração extra de bebida alcoólica; um punhado extra de moedas nas mãos dos homens (ele tem para distribuir o que usaria para pagar Lecoœur). Não funciona. Não pode funcionar. Não basta. E Guillotin adverte que, decididamente, cavar no calor é prejudicial à saúde. Vapores, contágio. O hálito azedo do lugar, exacerbado pelo calor do sol. Quatro homens — ocupantes da mesma barraca — já caíram doentes com uma febre baixa que os deixou apáticos, fracos, murchos como flores arrancadas da terra. O médico recomenda que o trabalho seja executado exclusivamente à noite ou, melhor ainda, suspenso até o tempo ficar mais fresco, no outono.

— Suspenso!

— Não seria a providência mais sábia?

— E, quando chegar o outono — atalha Jean-Baptiste —, estarei trabalhando aqui sozinho.

— Acha que os homens não voltariam?

— Você não se espanta com o fato de que eles permaneçam aqui?

Os dois estão caminhando juntos no final da tarde, enquanto os homens são alimentados. Tendo alcançado o extremo oeste do cemitério, dão meia-volta para regressar, à sombra do muro lateral.

— E quanto à igreja? — indaga o engenheiro.

— Como assim?

— Podemos trabalhar lá. É mais fresco.

— Começar a demolição da igreja?

— Eu precisaria de mais homens. Especialistas. Não muitos.

— Ela parece — observa Guillotin, fazendo uma pausa para contemplar o prédio, o rochedo negro e raído que é a face oeste da igreja — terrivelmente sólida.

— Qualquer prédio consiste, em sua maior parte, de ar — diz o engenheiro, citando o grande Perronet. — Ar e espaço vazio. E nada existe no mundo que não possa ser reduzido a seus componentes. Com um número suficiente de homens é possível transformar o Palácio de Versalhes em entulho no prazo de uma semana.

Quanto mais ele pensa nisso, mais se convence de que vem pensando a mesma coisa há muito tempo. Testa a ideia com Armand.

— Ah, a minha linda igreja — choraminga Armand, sorrindo de orelha a orelha.

— O órgão está incluído nisso — diz Jean-Baptiste.

— Naturalmente.

— Você não tem objeções?

— É como eu lhe disse na noite em que saímos para escrever nos muros. Não devemos nos ressentir do futuro ou de seus agentes.

— E o futuro é bom independentemente do que traga?

— Sim — responde Armand sem um segundo de hesitação.

— Não acredito nisso — retruca Jean-Baptiste.

— Pense na luz — diz Armand.

— Na luz?

— A igreja de Les Innocents vem entesourando sombras há quinhentos anos. Você vai libertá-las. Vai deixar a luz e o ar entrarem. Vai deixar entrar o céu. *Isso* é o futuro.

— Isso — rebate Jean-Baptiste — é uma metáfora.

— Uma metáfora? Que escola você frequentou?

— Nogent-le-Rotrou.

* * *

Aurora: ele está deitado na cama de testa franzida contemplando o espaço indefinido

acima, tentando descobrir a melhor maneira de demolir uma igreja. O que *exatamente* falou Maître Perronet a esse respeito? Será que estudaram demolição enquanto Jean-Baptiste estava em casa, em Bellême, ajudando a cuidar do pai? Se o prédio se encontrasse no meio de um campo, bastaria explodi-lo. Deus sabe que seria possível obter pólvora em quantidade suficiente a partir de todo o potássio do solo do cemitério. Mas uma igreja em plena rue Saint-Denis? Teoricamente, é claro, um prédio pode ser *implodido*: minado e derrubado sobre si mesmo numa nuvem ordenada de poeira e pedras. Na prática... bom, ele jamais ouviu um único relato de sucesso. Houve aquele caso em Roma, seis anos atrás, uma velha basílica da qual decidiram se livrar depressa. Encheram as criptas com barris de pólvora, espalharam os rastilhos, puseram fogo neles e riscaram do mapa a basílica, bem como a maior parte da vizinhança. Duzentos homens, mulheres e crianças esfaqueados. As janelas do Vaticano estremeceram. Ele não se lembra que fim levou o engenheiro. Será que ainda trabalha? Será que foi enforcado?

Para Les Innocents, será preciso uma abordagem mais metódica, mais prosaica. Tirar a cobertura, as telhas, os caibros e as terças, jogar tudo lá dentro. Fazer a igreja desaparecer como um lento esquecimento. Serão maciças as colunas ou preenchidas com entulho? E as fundações? Tão perto do rio como se encontra, a coisa toda pode estar flutuando na lama.

Vai precisar falar com Manetti. E, com Jeanne. Se a igreja vier a baixo, o mesmo acontecerá com a casa. E, se a casa vier abaixo, caberá a ele, conforme prometeu no início, encontrar uma nova moradia para os dois. Caixilhos e telhas, vendidos com cautela, deverão gerar recursos mais que suficientes para sustentar um velho e a neta, sustentá-los durante anos.

E como andaré essa garota cujo estuprador ele levou para morar com ela? Guillotin lhe contou que ela perdeu parte da visão do olho esquerdo, mas, de resto, vem se recuperando bem. No que lhe diz respeito, embora já se tenham passado quase dois meses, ele procura tomar cuidado para não ficar a sós com a moça. Não consegue se esquecer de como ela se encolheu para evitar que ele a tocasse na noite em que a encontrou sobre a mesa da cozinha. E quer deixar o assunto descansar, para que, quando os dois estiverem sozinhos, Lecoœur não se sente com eles, ensanguentado e malicioso. Ignorá-lo por mais tempo, porém, pode significar a necessidade de lidar com outro assunto, igualmente difícil de ignorar. Lisa Saget diz que Jeanne está grávida. Disse o mesmo a Héloïse. Ainda assim, não se tem certeza. Restam algumas comprovações técnicas, e a própria Jeanne não fez confidências a ninguém. É difícil imaginar, porém, que

uma mulher como Lisa Saget possa estar enganada. Será que uma criança tem alguma noção das circunstâncias da sua concepção? Muita gente acha que sim.

Ele inclina a cabeça para olhar para Héloïse, o cabelo macio espalhado no travesseiro. Em algum momento da noite, ela fez pequenos ruídos, disse uma dúzia de meias palavras sonhando, num tom magoadado, de censura, mas agora dorme aquele último sono que precede o despertar, a respiração não mais alta que um roçar de dedos, o peito subindo e descendo, de leve, sobre o lençol.

Serão as colunas maciças ou preenchidas com entulho? E as fundações? Será que a coisa toda está flutuando na lama?

* * *

Na companhia de Armand, ele desce a rue de la Verrerie, o sol da tardinha entre os ombros de ambos, suas sombras ondulando sobre as pedras à frente. Da rue de la Verrerie para a rue Roi de Sicile, depois para a Saint-Antoine e mais cinco minutos de caminhada em direção à Bastilha, um pavilhão real em um dos torreões, inerte em seu mastro. Então, é descer a estreita rue de Fourcy, passar diante dos muros do convento e virar novamente à direita para entrar na rue de Jardin... Esse é o bairro de Saint-Paul. Que ali ficam os pedreiros até um cego saberia dizer. Armand e o engenheiro param diante da porta aberta de uma oficina. Pó de pedra cintila no ar quente à volta da porta. Depois da claridade das ruas, o interior da oficina é negro como breu. Armand entra primeiro, tropeça numa espátula, vocifera um palavrão. O som de marteladas cessa. Um homem troncado, usando avental e touca branca, sai do negrume para olhar a dupla. Em seu rosto, cada poro, cada dobra ostenta uma camada de pó de pedra.

— Vocês são...?

— Baratte — responde Jean-Baptiste. — Engenheiro em Les Innocents. Estou à procura de Mestre Sagnac. Mandeí um recado.

— E eu sou o organista — apresenta-se Armand, com uma ligeira reverência.

— Do cemitério, hein?

— Isso.

— Sagnac sou eu. Seu bilhete dizia que você está demolindo a igreja. Que precisa de pedreiros.

— Um mestre e quatro ou cinco assistentes.

— E operários?

— Eu tenho.

— Habitados a trabalhar nas alturas?

— Eles são mineiros. Ou foram.

Sagnac ri.

— Então, levarei alguns dos meus. Ao menos até que os seus encontrem as próprias asas.

— Como quiser.

— Ouvi dizer que o rei em pessoa está por trás desse projeto — diz Sagnac.

— Recebo ordens do ministro — esclarece Jean-Baptiste.

Sagnac assente.

— Todos trabalhamos para eles de um jeito ou de outro, não é? Você quer que eu providencie a madeira nova para os andaimes? Meus contatos serão melhores que os seus.

— Mas tudo a bom preço — atalha Armand, rapidamente. — Meu amigo aqui pode ter sotaque do interior, mas eu sou de Paris e aprendi tudo sobre a vida no Hôpital des Enfants-Trouvés.

— Vai me achar honesto o bastante — diz Sagnac. — Não hei de engodar nenhum pobrezinho enfeitado.

Um dos aprendizes, um rapaz desengonçado e coberto de poeira como o patrão, põe três banquinhos do lado de fora e os três se sentam para beber vinho branco e negociar.

— Quase dá para confiar nele — diz Armand ao engenheiro no caminho de volta para o cemitério.

— Ele conhece o trabalho que faz — diz Jean-Baptiste. — E não lhe pagaremos pelo que não fizer.

— Você está se adaptando lindamente — elogia Armand.

— Obrigado.

— Ouviu a última novidade sobre Jeanne?

Na manhã do dia 10 de junho, às seis e meia, Sagnac chega com quatro assistentes: Poulet, Jullien, Boilly e Barass. Traz também uma dúzia de operários envergando casacos e chapéus modestos, alguns com ferramentas no cinto. O engenheiro faz um tour com Sagnac pelo local. Batem em paredes, futucam a terra, confabulam, batem e futucam mais um pouco. Encontram-se com o coveiro e a neta. Um dos aprendizes faz esboços minuciosos da igreja. Os outros vão olhar o ossuário, o muro ósseo, e balançam a

cabeça. Também olham os mineiros — aquele grupo desordenado de santos — e não fazem qualquer tentativa de esconder seu desagrado.

— E então? — indaga Jean-Baptiste.

— Para começar, vamos montar o andaime neste muro — responde Sagnac. — O que é aquilo ali?

— A oficina dos médicos.

— O quê?

— Pode ser desmontada.

— Está bem.

— Quando chega a madeira?

— A primeira leva vem amanhã. E, se os seus homens sabem martelar um prego, terão serventia para mim.

Varetas de madeira verde. Uma geometria simples, repetitiva, de quadrados e triângulos subindo pela lateral da igreja. Subindo rapidamente. Todo dia o engenheiro sobe junto, logo está acima do ossuário, de frente para a rue de la Ferronnerie, abarcando toda a rue des Lombards com vista para as janelas do primeiro, do segundo e, depois, do terceiro andar dos prédios.

Os mineiros não são tão ágeis quanto os operários do pedreiro; não pulam de barrote para barrote nem se debruçam despreocupados no ar estival, seguros apenas por uma das mãos a uma viga, mas nenhum deles demonstra medo de altura. Erguem, amarram, martelam, superam os colegas em força muscular, obstinação e na eficiência tranquila com que trabalham. No horário das refeições, os dois grupos se mantêm apartados. Os homens do pedreiro comem no andaime, levam a comida lá para cima, olham para baixo, sob os pés calçados em botas que balançam no ar, para os mineiros, que, reunidos em seu lugar de costume, fazem questão de jamais olhar para cima.

Uma semana de gritaria e marteladas, e o telhado da igreja é alcançado. Jean-Baptiste sobe para se juntar a Sagnac.

— O ar é um pouquinho melhor aqui, hein? — comenta Sagnac, com as costas largas empoleiradas no parapeito da borda do telhado.

— Se você acha... — diz Jean-Baptiste. Ele consegue ver o rio. O telhado do Louvre. Os quatro moinhos em Montmartre.

— Sugiro abrir caminho por aquela fenda — diz o pedreiro, indicando com um gesto.

— E ver o que encontramos.

— Está bem.

— Você vai querer ficar com as telhas?

— Tantas quantos pudermos poupar.

— Então, vai precisar de guindastes.

— Temos corda, correntes, rodas.

Sagnac assente:

— Para estrangeiros, seus homens trabalham direito.

— Eles não são todos estrangeiros — atalha Jean-Baptiste. — Mas você tem razão, são bons trabalhadores.

— É um trabalho duro, de qualquer forma — diz Sagnac, olhando para o engenheiro, examinando-o ali, do lado de fora, como se o visse pela primeira vez.

Na igreja, o ar parece água parada. Frio, estagnado. Depois de descer do andaime, o engenheiro entra com Armand e quatro mineiros. O pedreiro está em algum lugar acima do transepto sul. De pé, dentro da igreja, não se vê coisa alguma do telhado; tudo precisa ser imaginado. Os homens esticam o pescoço, aguardam, esfregam o cangote e tornam a olhar para cima. Um baque abafado provoca um repentino ruído de asas invisíveis. O primeiro golpe é seguido por uma longa série de outros, a intervalos de dois segundos.

— Isso deve acordar Colbert — observa Armand.

— Isso se ele estiver aqui — retruca Jean-Baptiste.

— Ah, ele está, pode ter certeza.

— Do que ele vive?

— Cera. Liturgia. Os próprios polegares.

Um mineiro dá um passo atrás, espanando alguma coisa do rosto.

— Está caindo poeira — alerta Jean-Baptiste. — Chegue um pouco para trás.

O barulho é menos abafado agora. Faz-se uma pausa. Então, tudo recomeça, uma batida dobrada, mais difícil de localizar.

— Será que eles estão diretamente acima de nós? — especula Armand.

— Não, não. Lá naquela ponta. Vão tentar abrir passagem entre as vigas perto da base da abertura.

Algo bate nas lajes. Já não é só poeira que vem lá de cima. Mais do mesmo cai cá embaixo, cai a cada golpe dos martelos. Flocos de gesso, entulho. Então, algo grande desaba, espatifando-se a sete, oito metros de distância de onde os dois estão. As pancadas em duo se transformam em trios. Ba-ba-bang, ba-ba-bang, ba-ba-bang. Um minuto de

silêncio; em seguida, dois golpes, muito precisos e objetivos, como se os homens lá em cima tivessem descoberto algum ponto vulnerável na cabeça do dragão, um alvo fácil. Mais um naco avantajado cai ruidosamente. O grupo logo abaixo recua. Na escuridão absoluta lá no alto, alguma coisa pisca. Um pequeno olho branco, pequeno e quase brilhante demais para ser encarado.

— Eles entraram! — exclama Armand. Uma sucessão de golpes, e o olho se abre mais. Um feixe de luz rodopiante penetra enviesado pelo telhado e chega ao chão, atingindo não um anjo dourado ou santo de gesso, mas a bota de um mineiro, que pula para trás como se tivesse sido queimado.

Timidamente, os homens estendem os braços para a luz, banham suas mãos nela. Mais uma dúzia de golpes lá em cima, e é possível banhar o peito e, depois, o corpo todo. Héloïse precisa ver isto, pensa o engenheiro. Héloïse, Jeanne... todos precisam ver isto.

— Aí embaixo! — grita uma voz. Sagnac. A cabeça do tamanho de uma moeda.

O engenheiro avança para a poça de luz, olha para cima.

— Estamos aqui — responde. É um diálogo estranho. Talvez fosse assim que Adão se comunicava com Jeová. — Algum problema?

— É como quebrar conchas de mariscos — diz Sagnac (“Conchas de mariscos...”, entoa o eco). — As vigas estão completamente podres. Mais vinte anos e tudo viria abaixo sem ajuda! — A cabeça some.

— Vou tocar — diz Armand, entrelaçando os dedos e estalando as juntas. — Uma dupla desses rapazes pode me ajudar com os foles.

— Você acha que é hora de *tocar*? — indaga Jean-Baptiste, acrescentando em seguida: — Tem razão. Você nunca teve tanta razão.

Meia hora mais tarde, enquanto Armand improvisa no órgão, o engenheiro lidera um tour pela claridade. Héloïse aperta seu cotovelo. O coveiro ergue os olhos e pisca como um prisioneiro mantido encarcerado durante cinquenta anos em alguma solitária, algum *cachot* úmido como aqueles que dizem existir na fortaleza da Bastilha. Lisa umedece os lábios, e seu rosto se abre como uma flor.

Guillotín diz baixinho:

— Mas... isto é filosofia!

Jeanne começa a chorar em silêncio. De início, se recusa a tocar a luz. Jean-Baptiste — munido da licença que lhe concede o momento — pega sua mão. Ela não se encolhe. Ele ergue a mão da moça e, quando a luz a alcança, a pele — a pele das mãos de ambos —

parece cercada por um etéreo fogo azul.

Ao longo dos dias que se seguem, inúmeros buracos são abertos um ao lado do outro em toda a extensão do muro sul. O ar se adensa com a poeira, mas à noite ela baixa ou se dispersa. Fachos de luz se espalham, e os raios de sol acabam por formar uma franja irregular que se move lentamente na direção da rue aux Fers. Quando chega o fim do mês, a claridade já toma as beiradas da nave, risca o coro, se empoça ao pé do altar. Quanta sujeira aparece agora! Como esse lugar era dependente da escuridão! Os bancos — a maioria tão infestada de besouros que chega a ser perigoso usá-los para sentar — estão amontoados numa grande pilha sob o cruzeiro. Agora que há claridade, fica óbvio que tudo de valor — valor monetário — já foi levado, oficialmente ou não. Com Armand, o engenheiro gasta uma hora procurando a relíquia mais famosa de Les Innocents, o osso do dedão do estilista em sua caixa de ferro, mas não há sinal dela, e algo, uma espécie de expressão careteira no rosto do amigo durante a busca, leva Jean-Baptiste a lhe perguntar se, de fato, ele a roubou.

Armand diz que sim.

— Foi para levantar recursos para o hospital — explica.

— Isso é verdade? — insiste Jean-Baptiste.

Armand dá de ombros.

Um grito vindo lá de cima significa que alguma coisa grande vai cair — um dente de engrenagem, uma cinta metálica, um barrote desabando sobre os detritos cá embaixo. Ou pedra, uma pedra deslocada, que se espatifa de encontro aos estandartes como munição de artilharia.

Metade dos mineiros trabalha dentro da igreja, quebrando. Eles portam marretas, picaretas e barras de ferro, e acrescentam, ao que parece, um certo sabor sectário à empreitada. Os outros trabalham no telhado ou operam os guindastes que baixam fardos de telhas e caixilhos recuperados. Jean-Baptiste começa a se sentir novamente um engenheiro. Pedra, poeira e madeira podre são mais que suportáveis depois de terra negra e ossos. Parece até que a destruição vicia, que ela satisfaz algum apetite obscuro, algum impulso infantil de golpear com uma ferramenta pesada aquilo que está silenciosa e estupidamente ali.

Ele escreve para a mãe: “Estou destruindo uma igreja!” Junta à carta a remessa habitual de dinheiro e sugere — apenas com um toque brincalhão — que ela possa querer usá-lo

para visitar Paris e ver o filho, de manga arregaçada, com o rosto coberto de poeira, botar de joelhos um elefante de pedra. E quem sabe o seu pastor não gostaria de acompanhá-la?

Ele risca essa última sugestão. Risca com todo o cuidado.

Trabalhando numa das capelas laterais, numa daquelas que a claridade tornou comum e secular, ele termina a estante. Uma estrutura independente com cinco prateleiras, construída, em grande parte, com a madeira da igreja, dos encostos e assentos dos bancos (aqueles poucos que os besouros não visitaram), embora no alto ele encaixe um entalhe retirado do retábulo atrás do altar. Ali estão pequenas figuras, apóstolos talvez, ou tão somente curiosos que com certeza sempre estiveram presentes na periferia de acontecimentos miraculosos ou terríveis. Convidados das bodas de Caná, aldeões assistindo à chegada dos soldados de Herodes. Héloïse enche três das prateleiras com livros que já possuía. Uma tarde com Ysbeau à beira do rio — ambos cortesões, dispostos a esquecer o passado — enche boa parte da quarta de livros novos, todos em boas edições, e não daquele tipo de quinze *sous* que se desmancha na mão da gente.

Por toda a cidade, nesses dias de pleno verão, pintura negra e pichações frescas não param de surgir.

Junto à igreja de Sainte-Marie, na rue Saint-Antoine: “BECHE HÁ DE COMER UM BISPO GORDO E CUSPIR SEUS OSSOS. E UM CARDEAL NA SOBREMESA.”

No cais de l’Horloge, abaixo da Conciergerie (pichado de dentro de um barco?): “M. BECHE AFOGARÁ OS RICOS NO SUOR DOS POBRES.”

No muro em frente à Companhia das Índias: “BECHE VÊ SEUS CRIMES! A PUNIÇÃO ESTÁ A CAMINHO!”

Na balaustrada — do lado esquerdo de quem segue na direção sul — da Pont au Change: “GOVERNANTES SANGUESSUGAS! M. BECHE TRANSFORMARÁ SEUS FILHOS EM ÓRFÃOS!”

Descobrir as pichações, descobri-las antes das autoridades, autoridades agora muito mais ágeis na tarefa de apagar tais expressões de sentimentos, torna-se uma espécie de esporte. As pessoas trocam informações, informalmente e com bom humor, embora também com uma dose de seriedade indagadora. E se esse Bêche existir, afinal? E se um dia ele cumprir essas promessas?

Jean-Baptiste, informado da existência dessas garatujas por Armand (que continua a negar qualquer envolvimento), dr. Guillotin ou Héloïse — (que não abriu mão por

completo do velho hábito de transitar livremente pelas ruas da cidade)—, e, numa ocasião, por Marie, assente e dá de ombros. O que elas significam para ele? Ainda assim, não pode negar um interesse mórbido por esse tal de Bêche, nem mesmo se impedir, às vezes, de fantasiar que ele exista, com efeito, em algum fétido *bâtiment* do *faubourg* Saint-Antoine, um homem com ideias afiadas como faca, um assassino filósofo, que mata em nome do povo. Acaso se disporia a confrontar um homem assim? Cometeria traição contra ele? Ou seria seu seguidor? Se tornaria, como ele, implacável? Sanguinário e implacável... Então, desperta da fantasia e volta a cuidar do seu trabalho. Pedras, suor, ordens que cortam o ar empoeirado. Ao que o mundo anda fazendo, ao futuro para o qual se prepara, ele dará atenção mais tarde. Sua prioridade é Les Innocents. A história terá de esperar um pouco.

Um local estratégico, um bom lugar, para apreciar o progresso na igreja é o seu velho quarto nos fundos da casa dos Monnard. Ele vai até lá quase todos os dias quando pode, fica de pé entre a cama e a mesa, e olha pela janela. O calor no quarto é sufocante. Deus sabe como deve ser no quarto de Marie, acima. Na cama, os vestidos de Ziguette jazem inertes como musgo arrancado de um rio. Pequenas traças douradas, do tipo que, quando espremidas entre o polegar e o indicador, deixam uma manchinha de ouro na pele, adejam, inquietas, entre sedas e cetins. Ragoût, talvez recordando a velha intimidade dos dois nesse quarto naquelas noites de inverno em que dormia aos pés do engenheiro, às vezes se junta a ele, acomoda-se no meio dos vestidos e adota o hábito de entrar, pela metade, dentro deles — um gato virando garota, uma garota virando gato.

No entardecer de um sábado do fim de julho, os dois estão no quarto. Ragoût aconchegado num traje de musselina, Jean-Baptiste encostado, sonolento, à mesa, contemplando a igreja, sua confortante aparência ferida. Um quarto do telhado ainda não veio abaixo — vão precisar de andaimes na rue aux Fers na semana que vem —, e ainda não foi cavada uma trincheira com profundidade suficiente para permitir que se examinem as fundações. Apesar de tudo, o progresso é aceitável, mais que isso. Até Monsieur Lafosse, em sua última visita, não conseguiu de todo esconder a própria aprovação e postou-se durante um minuto inteiro diante da janela da sala de estar, virando-se depois para dizer (num tom temperado com desconfiança) que o ministro não ficaria insatisfeito de saber que o seu projeto, finalmente, estava caminhando como devia.

Se os mineiros puderem ficar só um pouquinho mais, pensou Jean-Baptiste. Os mineiros e Sagnac. E ele, é claro, sobretudo ele. Conseguiu, ao menos, encontrar moradia para Jeanne e o avô. Quatro cômodos decentes, claros, no térreo de uma casa na rue

Aubri Boucher, em frente à igreja de Saint-Josse, a alguns minutos a pé do mercado. Conveniente para uma futura mãe — para uma mãe —, pois já não há dúvidas de que Jeanne está grávida. Sua cintura engrossou visivelmente; os seios cresceram. Ela parece mais jovem. Jovem, tímida, sonhadora. Não está infeliz. Sorri, fala pouco, parece ao mesmo tempo perdida e resgatada, talvez como a mãe de Cristo tenha parecido um dia. E, sempre por perto, sempre encontrando algo para mantê-lo nos calcanhares da sombra dela, aquele homem-estaca, de barba, de botas — Jan Block..

O engenheiro boceja. Esfrega os olhos com as palmas das mãos, sente a constância monótona das instruções que seu corpo lhe dá, as batidas compassadas do coração: isto, isto, isto... Quando abre os olhos, descobre-se olhando não para a igreja, mas para o quadro na parede, o desenho da Ponte de Rialto em Veneza, seu único arco alto o bastante para deixar passar os navios em qualquer maré, suas vinte e quatro casas estreitas com os telhados. O quadro pende do prego exatamente do mesmo jeito como ele o pendurou na noite em que chegou a essa casa, mas faz meses que não pensa nele, faz meses que não pensa naquelas velhas ambições que um dia foram emblemáticas. Pontes e estradas? Sim. Pontes e estradas cruzando a França, passando por cima de rios, unindo cidades e aldeias como pérolas num fio, e depois toda a empreitada, confiável, delicadamente emoldurada, ornamentando, como uma dádiva, as paredes de alguma cidade cintilante. Ele próprio a cavalo, grupos de homens atrás. Homens, cavalos, carroças, pedras. Nuvens de poeira. E, agora, ele pode. É perfeitamente crível. Não está inseguro, já não sente que precisa, por meio de algum exercício ansioso de vontade, manter todas as peças de si mesmo unidas ou deixar de existir. Mas serão suas ambições aquilo que foram um dia? Serão hoje, por exemplo, menos ambiciosas? Nesse caso, o que as terá substituído? Nada heroico, ao que parece. Nada de que valha a pena se gabar. Um desejo de recomeçar, mais honestamente. De testar cada ideia à luz da experiência. De se impor tão firmemente quanto possível sobre a fabulosa face da terra; de viver em meio à incerteza, à balbúrdia, à beleza. Viver bravamente, se assim puder. A bravura será necessária, não tem dúvida. A coragem de agir. A coragem de dizer não.

Na cama, o gato o observa com tranquilidade das profundezas do seu próprio mistério. Jean-Baptiste lhe sorri.

— Você acha, meu amigo, que eles me aceitariam de volta na fazenda?

Então, seu olhar é novamente atraído para a janela, para a igreja, onde uma fumaça preta sobe em espiral do telhado roto. Ela sobe, mergulha, rodopia em torno do andaime, dá um mergulho profundo até os muros do cemitério e depois torna a subir,

abrindo círculos e mais círculos no ar para, então, bater em retirada. Ele grita, chamando Héloïse. Ela vem correndo.

— Eles estão partindo! — exclama. — Voando... Raios me partam! Parecem ratos voadores.

— O quê? Morcegos?

— Sim. Centenas de morcegos! Milhares!

Ela olha para onde ele aponta. Semicerra os olhos, mas nada vê acima da igreja, exceto a própria noite.

Meados de agosto; o sol nasce às seis e vinte. Os dias já estão perceptivelmente mais curtos. Ele abre as venezianas, estuda as casas ainda na sombra do outro lado da rua, imagina se também é observado. Não dá para dizer. Na cama, às suas costas, Héloïse se mexe. Ele pergunta se ela quer uma vela, se deve acender uma vela. Não há necessidade, ela responde. Dá para enxergar bem o bastante. Tem água? Ele enche um copo, o qual põe nas mãos dela, e a ouve beber.

Vestindo apenas a camisa com que dormiu, enfia o culote, põe a camisa para dentro, encontra as meias e se senta na cama para calçá-las. Héloïse está pegando o penhoar no gancho onde o pendura durante a noite, no canto da tela que esconde o toalete.

— Céu limpo — diz ela.

— É.

— Não chove há semanas.

— Não.

— Eu gostaria que viesse um temporal, um aguaceiro para lavar as ruas.

A conversa dos dois transcorre mal acima de sussurros. Ele abotoa o culote, ela faz o que precisa atrás da tela. Do outro lado da rua, entre os topos das chaminés, uma linha fina e dourada de sol força passagem. Ouro rosado, ouro alaranjado.

— E se a gente viajasse? — pergunta ele.

— Viajar?

— Duas semanas.

— Você pode fazer isso?

— Posso pedir a Sagnac para cuidar de tudo aqui. O trabalho é basicamente dele, de qualquer modo.

— E para onde iríamos?

— Para a Normandia, para Bellême. Deve estar mais fresco por lá. Bem mais fresco. E já é hora de você conhecer a minha mãe, não acha?

— Sua mãe?

— É.

— E se acontecer alguma coisa aqui? — indaga Héloïse, saindo de trás da tela, molhando o rosto com a água de laranjeira. — E se os seus homens se recusarem a trabalhar para Sagnac?

— E por que se recusariam?

— Talvez não gostem dele.

— Não precisam gostar dele. Nem sei se gostam de mim. E seriam apenas uns quinze dias. Menos, se você preferir. Não quer conhecer a minha mãe?

— Quero — responde Héloïse. — Mas tenho um pouco de medo, só isso. Vivemos... irregularmente.

Ele se aproxima. Adora ver o rosto dela de manhã.

— Ela é boa — diz, segurando os dedos molhados e frios de Héloïse.

— Boa?

— Sim.

Ela começa a rir. Ele adere. É um riso suave, sibilante, cortado de súbito por um espirro provavelmente alto vindo do quarto abaixo, espirro este seguido por uma sequência de outros.

— Monsieur Monnard — diz Héloïse — pegou o resfriado de Marie.

— Ando pensando — emenda Jean-Baptiste — se Monnard... se ele e Marie... será possível?

— No sábado à tarde — responde Héloïse —, juro que ouvi sons bem estranhos lá em cima, no sótão.

— Sons?

— Como se alguém castigasse uma criança com palmatória.

— E agora eles estão resfriados juntos — diz Jean-Baptiste.

— Pobre da esposa — emenda Héloïse.

— Ela devia ir para Dauphiné — observa Jean-Baptiste. — Não sei por que não vai.

— Ou *ela* podia voltar para cá.

— O quê? Ziguette? Você conseguiria dormir tranquilamente com uma assassina em casa?

— Ela não é uma assassina, Jean. Mas não, eu não conseguiria morar na mesma casa que ela. Teríamos de achar outro lugar. Por exemplo, Lisa disse que tem um bom apartamento perto do deles na rue des Ecouffles. Um tabelião e a esposa são os inquilinos,

mas vão se mudar em setembro.

— E isso é o seu por exemplo, hein?

— Um lugar só nosso — diz ela.

— Seríamos vizinhos de Armand.

— Não vamos morrer por causa disso. Vai pensar no assunto, Jean?

— Vou — diz ele.

— Promete?

— Prometo.

Os dois se afastam e continuam a se vestir. Ele abotoa o colete junto à janela e baixa o olhar para o teto de lona balouçante de uma carroça que passa, uma carroça que ele conhece bem — M. Hulot et Fils, Déménageurs à la Noblesse.

E o que originou essa conversa repentina acerca de viagens? A luz do sol na coifa de uma chaminé? Foi isso? Na metade do tempo, ao que parece, as pessoas não sabem o que estão pensando, o que querem. Ainda assim, a ideia não é impossível. Sagnac gostaria de se mostrar prestativo, por um preço. Quanto aos mineiros, por que haveriam de criar objeções desde que recebam o que lhes é devido? Ele tenta imaginar essas férias, Héloïse despreocupada no campo verdejante, os passeios no bosque, os dois descansando as costas de encontro a um monte de feno enquanto contemplam trutas no córrego, a bênção da mãe em suas testas... Não é tão fácil de imaginar quanto ele gostaria. Mais fácil é se ver nervoso, o tempo todo pensando no cemitério e depois arranjando uma desculpa para voltar à cidade.

— Vou comprar rabo de boi hoje — diz Héloïse. — Sanson, o açougueiro, prometeu arrumar para mim. Os homens vão gostar. Vou fazer uma rabada com cebola, alho, tomate e tomilho, acompanhada de uma bela quantidade de vinho tinto. Talvez use pés de porco também. Pés de porco são um ingrediente excelente para um prato desses. O molho fica muito mais grosso. Sua mãe preparava pés de porco para você, Jean? Não é uma comida comum na Normandia? Jean... o que você está fazendo?

Tendo se afastado da janela, ele agora está sentado diante da penteadeira com o olhar fixo no brilho azulado do espelho.

— Uma das suas dores de cabeça? — indaga Héloïse, se aproximando e pousando as mãos com delicadeza de um lado e do outro da cabeça de Jean-Baptiste.

— Não — responde ele. — Em absoluto.

— Eu não devia ter mencionado Ziguette.

— Não faz mal.

— Mas você está com a testa franzida.

— Acabei de notar que estou começando a ficar parecido com o velho Dudo.

— Dudo? Quem é Dudo? — indaga Héloïse.

Seus olhares se encontram no espelho, e ele ri para ela.

— Um dos camponeses Baratte — responde o engenheiro. — O mais puro de todos.

Já faz um bocado de calor ao sol, que se derrama pela rue aux Fers e penetra os ossos da cabeça de Jean-Baptiste. No extremo oposto da rua, ele vê as silhuetas das lavadeiras ao lado da fonte italiana, a água cintilando como asas de abelhas. Abre a porta do cemitério, que não está trancada, que não é trancada desde a noite do incidente com Lecoeur. Uma porta trancada de nada lhe serviu então, não serviu de nada a ninguém. Decerto não a Jeanne. Quanto aos que se sentem inclinados a roubar um pouco de madeira, que roubem. A bem da verdade, esse é o tipo de gente, suspeita o engenheiro, que desdenha o uso de portas.

No telhado da igreja, os pedreiros e operários já se encontram em seus postos, embora, pelo barulho que estão fazendo, tudo indique que haja mais conversa que trabalho acontecendo lá em cima. Jean-Baptiste esquadrinha o andaime, as balaustradas, mas não acha Sagnac. Talvez ainda não tenha chegado, e os aprendizes procurem aproveitar ao máximo essa breve liberdade.

Uma dezena de mineiros se senta em círculo no parapeito que circunda a base da cruz do púlpito, as botas apoiadas sobre a grama crescida. Alguns fumam seus cachimbos, outros ainda estão comendo o pão que sobrou do café. O engenheiro lhes deseja um bom-dia ao passar na direção da casa do coveiro. A cozinha ali não tem mais coisa alguma, despida de tudo que não seja essencial para alimentar os homens. No antigo quarto de Lecoeur, os registros mofados do cemitério foram encaixotados, embora não haja indícios do que deva ser feito com eles, para onde mandá-los e quem há de querê-los. A cama avantajada no andar superior será desmontada amanhã ou depois de amanhã, e assim transportada para a rue Aubri Boucher. Todas as refeições serão preparadas no extremo oeste do cemitério. O perigo é grande demais para quem quer que permaneça na casa. Uma pedra deslocada na igreja pode perfurar o telhado como uma bala de canhão.

No extremo da mesa da cozinha, uma sombra se mexe, adquire consistência. O coveiro, com o cabelo escovado e muito bem-penteado, mas sem casaco nem colete, usa apenas uma camisa acinzentada de algodão desabotoada até a metade do tórax. Tem um ovo de galinha na mão, o qual descasca com cuidado.

— Sua missão já está praticamente cumprida aqui — diz o engenheiro.

Manetti assente sem levantar os olhos do ovo.

— Talvez vá sentir saudades, não? De algumas coisas?

— Do jardim — responde o coveiro. — Não teremos mais jardim.

— Jardim? Não. — Da janela da cozinha, Jean-Baptiste consegue ver a modesta meia-lua de papoulas junto ao túmulo Flaselle. E também tufos de folhinhas de salgueiro próximo ao ossuário da lateral oeste, bem como azedinhas, cujas folhas os homens gostam de mastigar. — É verdade que no passado cortavam a grama daqui para fazer feno? Que traziam animais para pastar?

— É verdade.

— Jeanne me contou. Logo que cheguei. Ela aprendeu tudo com as suas histórias.

— Existem histórias — observa o coveiro, com um olhar fixo e não totalmente amistoso — que não se podem contar a uma criança.

O silêncio entre ambos é quebrado quando o médico surge à porta.

— Que manhã gloriosa! — exclama para os dois homens. — Um ótimo dia para ambos. — Ele abre um sorriso para a dupla. A Jean-Baptiste ele diz: — Você vai até a igreja? E onde está aquela linda mulher que inexplicavelmente foi convencida a viver com você?

— Ela deve estar chegando — responde Jean-Baptiste.

Do lado de fora, enquanto caminham juntos, o médico comenta baixinho:

— Acho que a cabeça dele está começando a divagar.

— Manetti? Ele me parece bastante lúcido.

— É mesmo?

— E quanto a Jeanne? — indaga o engenheiro.

— Quer a minha opinião profissional?

— Sim.

— Para ela, a única realidade é o bebê. Acima de qualquer outra coisa. Me ofereci como parteiro para quando for a hora. Sem cobrar. Assumi por conta própria o papel de tio.

— O senhor tem uma sobrinha em Lyon, não?

— Minha amada Charlotte.

— E a outra?

— Como?

— A outra Charlotte. O que fez com ela?

— Ah, tivemos de queimar a moça. Não seria possível conservá-la.

Os dois fizeram a volta para chegar ao portão oeste. Já não é seguro entrar pelo transepto sul. Jean-Baptiste pergunta ao médico se ele deseja algo da igreja.

— Já que você tocou no assunto — responde Guillotin —, existe um par de quadros pequenos numa das capelas. Você conhece esse tipo de pintura. Paisagens indistintas, com um toque religioso inofensivo a distância. Depois de limpo, acho que ficará muito bem na parede do meu consultório. Você não faria objeções, suponho.

— Terei prazer em vê-lo ficar com eles. Do contrário, acabariam mesmo no fogo.

— Fogo! Meu caro engenheiro, você tem alguma coisa de Átila, o Huno. Queimar obras de arte, com efeito!

Uma vez no interior da igreja, os dois avançam em fila única. O sol já está acima da linha do telhado, e, no lugar em que não mais existe telhado, a claridade penetra em ângulo agudo na parede oposta, iluminando, com uma espécie de perfeição desnecessária, a canelura de uma coluna, a beirada chanfrada de um arco, um rosto de pedra contempla, de olhos esbugalhados, alguma maravilha no nada. Os operários e aprendizes de Sagnac continuam a falar como passarinhos. Alguma coisa cai, cintila ao passar da luz para a sombra e se espatifa em cima dos bancos empilhados com o barulho de um trovão.

A ala norte ainda permanece protegida, abrigada, escura como as fimbrias de uma floresta. Quando o engenheiro se aproxima com o médico, os dois veem Armand e dois dos mineiros, Slabbart e Block, abaixados ao lado do órgão, usando ferramentas para mexer no instrumento. Quando Armand fica de pé e olha para Jean-Baptiste, seu rosto está molhado de lágrimas.

— Esse provinciano miserável — diz ele para o médico, aproximando um dedo acusador do colete de Jean-Baptiste — me obriga a esquartejar meu próprio instrumento.

— Ora, monsieur — atalha Guillotin com ternura —, monsieur! Já o chamei de Átila, o Huno. E garanto que ele há de encontrar alguma bela recompensa para consolá-lo.

— O que está fazendo com o órgão? — indaga Jean-Baptiste.

— Retirando o teclado. Se ficar com o teclado, ainda vou poder praticar.

— Também vai querer os registros?

— Acha que consegue retirá-los?

— Claro — responde Jean-Baptiste, estendendo o braço para tocar a extremidade entalhada do mais próximo. Já sabe seus nomes agora, ao menos alguns: *cromorne*, *trompette*, *voix céleste*, *voix humaine*. — Eu o pouparia inteiro, se pudesse.

— Para fazer o que com ele? — pergunta Armand, cujo surto de luto parece já estar

passando. — A coisa já teve seus dias de glória. Milhares deles. Vai morrer com a igreja.

— Então, vá tocar lá em casa hoje à noite — sugere Jean-Baptiste. — Leve Lisa. Quem sabe conseguimos convencer Jeanne e o avô a ir também. O senhor será bem-vindo, doutor.

— Um pequeno sarau? — indaga Armand.

— Por que não? Garanto que os Monnard não farão objeções.

— Os Monnard? — repete Armand, entregando seu cinzel ao engenheiro. — Tenho certeza de que não. Os Monnard jamais criarão empecilhos, certo? Aliás, não está na hora de você pensar em deixá-los em paz? Os dois já foram castigados. Ouça Héloïse.

Durante meia hora no frio empoeirado da ala norte, Jean-Baptiste labuta com Slabbart, afrouxando o teclado e depois passando para o entorno dos registros. O mineiro tem uma habilidade precisa com as ferramentas, e é prazeroso trabalhar com ele. Quando, porém, fica claro que Slabbart é perfeitamente capaz de conduir o trabalho sozinho, Jean-Baptiste se afasta, caminhando bem rente à parede, e sai novamente da igreja. À sua frente, acima do ossuário, o sol bate em cheio nos fundos das casas da rue de la Lingerie, cegando todas as janelas com o seu brilho. Será que se trata realmente de *castigar* os Monnard? Castigá-los por terem uma filha louca? Conscientemente, ele jamais pensou dessa maneira. Ao contrário, seu comportamento com o casal — tratando-o com o mínimo possível de civilidade, mantendo Ziguette em seu exílio, fazendo rigorosamente o que queria na casa, morando ali com Héloïse — sempre lhe pareceu absolutamente razoável. Justo e razoável. Agora lhe ocorre que talvez tenha se comportado com os dois mais ou menos como Lafosse tem se comportado com ele, mais ou menos, talvez, como o ministro se comporta com Lafosse. Reduziu-os a pó. Humilhou-os.

No telhado, mais gritos e risos. Ele sai da sombra da igreja, semicerra os olhos para ver melhor o andaime, conclui que precisa subir até lá em breve para falar com Sagnac. Primeiro, porém, vai mandar os homens para separar os ossos que serão embarcados nas carroças à noite. Depois, eles poderão começar o trabalho de extrair as grades de ferro que guarnecem os sótãos de ossos. Já examinou a maioria, já viu (empoleirado numa escada) como a pedra está desgastada junto às grades e como estas se encontram enferrujadas. Removidas as grades, bastará puxar os ossos lá de dentro com um ancinho, tarefa muitíssimo mais simples do que carregá-los nos braços, em inúmeras idas e vindas pela escada estreita e enegrecida, até o nível térreo das galerias. Puxá-los para dentro de grandes lonas, depois embrulhá-los numa trouxa e arrastá-los até o portão. Um jumento seria útil. Uma dupla de jumentos melhor ainda. Será que Louis Horatio Boyer-

Duboisson lida com criaturas tão humildes? Difícil crer que não.

Ele reúne os homens à sua volta. Eles vão chegando em seu ritmo próprio, cadenciado, de mangas arregaçadas e colarinhos abertos. Pescoços morenos, braços morenos. Mais fazendo lembrar fazendeiros que mineiros. O engenheiro começa — em sua habitual mistura arrevesada de francês e flamengo — a lhes passar suas ordens, começa a explicar o seu raciocínio a respeito do sótão e das grades. Pelo canto do olho observa Héloïse chegar do mercado com duas cestas grandes nas mãos. Um dos homens, Elay Wyntère, corre para ajudá-la.

— O nosso jantar — diz o engenheiro. Sorri para os homens e depois vira o pescoço para olhar para a igreja.

Uma gritaria foi seguida por um silêncio estranho. Não há mais ninguém martelando nem serrando. Os operários no telhado, os que podem ser vistos do solo, parecem simplesmente imóveis, olhando fixamente para o interior da igreja. O dia vai passando. A luz tudo banha, admirável e imutavelmente. São os mineiros os primeiros a entender. O que foi que não aprenderam com o trabalho em Valenciennes a respeito dessas coisas? A catástrofe sentida na forma de uma leve vibração que sobe pelas botas, o silêncio que vem depois. Eles passam correndo pelo engenheiro, esbarram com ele, em direção à igreja. Após um momento de confusão, Jean-Baptiste também sai correndo atrás.

— O que foi? — grita Héloïse. — Não entre lá, Jean!

Ele grita de volta para ela:

— Espere!

— Jean-Baptiste!

— *Espere!*

No interior da igreja, os mineiros já fizeram um círculo em torno de um ponto a meio caminho entre duas colunas, do lado sul da nave. Jean-Baptiste precisa puxar com firmeza o braço de um deles, empurrar o ombro de outro, levantar a voz, forçar passagem. No chão, dentro do círculo, um homem jaz esparramado, um pedaço de viga serrada caído sobre as pedras. Já é possível ver um halo irregular de sangue em volta da sua cabeça, embora a localização do ferimento não esteja evidente. Será que o sangue vem da boca? Terá sido ferido no rosto? Um dos mineiros está acocorado junto à vítima. Jean-Baptiste se ajoelha do outro lado.

— Slabbart — diz o mineiro.

— Encontre Guillotin — ordena Jean-Baptiste. — E traga-o aqui. — O mineiro se põe de pé; os outros abrem caminho para deixá-lo passar. Há uma urgência na forma como se

movem, embora não passe da excitação vil do momento. Slabbart obviamente está morto, deve ter morrido na hora, em meio a um gesto, talvez quando ergueu os olhos para o teto, reagindo a algum aviso. A madeira o atingiu então, derrubando-o.

— Quem é? — indaga Armand, abrindo passagem com rudeza.

— Slabbart — responde Jean-Baptiste, que então olha para o telhado e para os rostos que espreitam das beiradas cá para baixo. Põe-se de pé. O tecido nos joelhos do culote, negro de sangue, lhe gruda na pele. Sai da igreja. Está meio surdo. Vê Héloïse, mas não consegue ouvir claramente o que ela lhe diz. Começa a subir no andaime, usa as escadas que vê, escala a própria estrutura quando não encontra outra maneira de ascender. Escalando com uma pressa inquieta, vê por um ângulo estranho, de cima, as ruas por trás dos muros do cemitério — uma carroça grandalhona fazendo a curva para entrar na rue Troufoevache, uma jovem usando chapéu de palha que caminha na companhia de uma mulher mais velha, uma viela que vai dar na rue des Lombards... Quando alcança o passadiço superior, o céu parece crescer. É como se tivesse escalado as paredes da cova mais funda de Les Innocents e chegado sem fôlego à superfície. À frente, rostos chocados, apavorados. Corpos tensos. E, mais adiante, na prancha que se estende por sobre a nave, dois rostos contraídos pelo horror do ocorrido, contraídos de medo, contraídos — segundo conclui mentalmente o engenheiro — pela culpa. Ele se alça para a plataforma e corre atrás dos donos desses rostos. Talvez jamais tenham visto um homem correr desembestado por uma prancha estreita a cinquenta metros de altura do solo. A surdez já passou agora. Pode ouvir todos eles gritarem. Um clamor, como o de gaivotas. A dupla no telhado tem uma expressão ensandecida. Os dois deslizam pelas telhas, cada vez mais próximos da beirada, da queda. Então, a voz de Sagnac se ergue acima de todas as outras:

— Baratte! Baratte! Você vai matá-los! Você vai matá-los, merda!

Provavelmente é verdade. Os dois vão cair, alguém vai cair. Cair ou ser atirado. É isso que ele pretende? Faz uma pausa e olha pra trás. Sagnac avança, desajeitado, pelo sulco profundo entre o telhado e a borda. O pedreiro tem os braços esticados, as palmas das mãos viradas para cima naquela postura — apaziguadora, defensiva — em geral adotada quando se lida com alguém de comportamento inteiramente imprevisível.

— Foi só um acidente — diz Sagnac. — Ninguém teve a intenção de causar mal algum. Mas eles serão castigados. Pelo descuido. Você tem a minha palavra. Eles aprenderão a lição. — Observa o engenheiro, observa-o atentamente, antes de baixar a voz. — Pelo amor de Deus, Baratte. Um deles é meu genro.

Com as coisas mais calmas agora, Jean-Baptiste se conscientiza do calor do sol. É

esquadrante ali em cima, um calor dobrado pela reverberação das telhas nuas. Não dá para ver direito o interior da igreja, onde estão os outros, onde está Slabbart. O genro e o amigo se abraçam como crianças aterrorizadas. O engenheiro perdeu o interesse por eles. No solo, no solo distante e reluzente, Héloïse e Jeanne, duas figuras diminutas na grama junto à cruz do púlpito. Ele assente para ambas, faz um ligeiro movimento com os braços, uma espécie de aceno, e se prepara para descer.

Ela o espera lá embaixo, junto ao andaime, e a primeira coisa que faz é lhe dar um tapa, um soco feminino e curioso em que a parte de baixo do punho lhe acerta o ombro. Não diz coisa alguma. Afasta-se dele, com os braços firmemente cruzados sobre o peito. Ele volta a entrar na igreja. Guillotin chegou. Slabbart foi virado de barriga para cima. O ferimento — um corte que sangra, tão comprido quanto o dedo anular de um homem — é quase precisamente no local onde, na cabeça de Jean-Baptiste, Ziguette golpeou com a régua, mas a madeira penetrou mais profundamente que o metal, encontrando não só o osso, mas a maciez abaixo, perfurando-a. Guillotin presta atenção para manter os bicos dos sapatos fora da poça de sangue. Olha para Jean-Baptiste e faz um movimento quase imperceptível com os ombros.

— Arrume um cobertor — diz Jean-Baptiste ao mineiro a seu lado. — Enrole o corpo e leve para a capela mais distante.

Gesticula na direção do local atrás do órgão e depois dá alguns passos adiante, como se pretendesse agachar-se ou ajoelhar-se novamente junto ao morto, mas é impedido de prosseguir por um punhado de mãos que o obrigam a se virar, que o pressionam, forçando-o a afastar-se do círculo. Guillotin vem depois, impelido pela mesma força respeitosa, seguido por Armand. O círculo se fecha.

Durante uns poucos segundos, os homens expulsos, patrões até um segundo atrás, ficam ali desconcertados, mudos, às costas dos mineiros. Então, deixam a igreja juntos, saem para a claridade berrante da manhã.

— Eles têm alguma religião? — indaga Guillotin.

Jean-Baptiste faz que não com a cabeça. A boca está seca como um osso, o coração ainda bate forte depois da escalada.

— Havia uma igreja na mina, mas nenhum deles sequer chegava perto. Os administradores achavam que eles não acreditavam em nada.

— Não existe no mundo um único homem que não acredite em alguma coisa — diz Guillotin.

— Preciso beber alguma coisa — diz Armand.

— Eu lhe faço companhia com prazer — emenda Guillotin. — E você, meu caro engenheiro, com certeza merece um copo. Ou melhor, dois ou três.

— Se eu contar isso a Lafosse — diz Jean-Baptiste —, ele vai me mandar enterrá-lo aqui.

— Como aconteceu com seu velho amigo — completa Armand com delicadeza.

— Você se refere a Monsieur Lecoeur? — pergunta Guillotin, olhando para os dois. — Fiquei me perguntando se ele estaria aqui. Jeanne sabe disso?

O engenheiro indica que não com um gesto de cabeça e ergue os olhos para o telhado da igreja. O que estarão fazendo os homens ali? Conversando? Aguardando?

— O morto pode ir para o cemitério em Clamart — diz Guillotin. — É para lá que a maioria dos que viriam para Les Innocents vai agora. Um lugar totalmente decente. Ou, então, para o cemitério protestante em Charenton, se for mais conveniente.

— Vou perguntar aos outros — atalha Jean-Baptiste. — Farei o que eles quiserem.

— Chorei por causa do meu órgão — observa Armand —, mas agora meus olhos estão secos. Não consigo imaginar que tipo de homem isso me torna.

— Não existe luto abstrato — diz o médico. — O que esse homem significava para você? Para qualquer um de nós? Ora, aí vêm as mulheres. — Esfregando as mãos, ele sorri para os vultos de Jeanne, Héloïse e Lisa Saget, que se aproximam. — Elas hão de saber o que fazer. Elas terão *ideias*.

A ideia das mulheres — ao menos de Lisa Saget — é preparar a comida. Rabada. Vinte broas dormidas o bastante para embeber a gordura. Vinho esfriado no ossuário.

A uma da tarde, quando Lisa bate na frigideira, Sagnac já levou seus homens embora, saindo furtivamente com eles pelo portão da rue de la Ferronnerie. Os mineiros deixam a igreja de forma ordenada. Nada em suas posturas, nas vozes que usam uns com os outros, sugere algo muito fora do comum. Pegam seus pratos e talheres de metal, fazem fila junto ao anexo da cozinha e levam a comida com eles para a cruz do púlpito, onde se sentam e comem.

— Desculpe, Jean — diz Héloïse a Jean-Baptiste, quando os dois ficam sozinhos sob a sombra da casa do coveiro —, mas você me assustou um bocado. Acho que nem Ragoût correria em cima de um muro daquele jeito.

— Então me desculpe também. É que perder um homem dessa maneira...

— Foi um acidente?

— Jamais provaremos o contrário.

— E o que você vai fazer com ele?

— Slabbart? Ele pode passar esta noite na igreja, mas precisamos descobrir o que fazer com ele amanhã. Neste calor...

— Ele tinha família? Esposa? Filhos?

— Não sei. Vou ver se descubro.

— Eles podem receber algum dinheiro.

— Dinheiro!

— Dinheiro vai ajudá-los, Jean. Você não tem outra coisa para lhes dar.

A tarde comprida de verão. Uma enorme quietude pairando no cemitério, em todo o bairro. O céu aberto e pálido tem algumas nuvens esparsas, o sol se põe na direção da rue de la Lingerie, e, assim que ele se esconde atrás dos beirais dos telhados, o tempo gradualmente esfria. Surge uma lua, gorda e alaranjada. As carroças chegam da pedreira. Os homens, que passaram a maior parte da tarde junto à entrada de suas barracas, põem mãos à obra sem ressentimento, sem um subtom queixoso. Ainda assim, Jean-Baptiste suspende os trabalhos tão logo considera a quantidade de ossos suficiente para calar eventuais observações desagradáveis do supervisor na Porte d'Enfer sobre o ócio no cemitério. Os padres começam sua marcha, as bainhas das batinas esbranquiçadas de poeira. O canto que entoam soa roto, desanimado. Se pudessem escolher, talvez atirassem todos os ossos no Sena. Agosto em Paris não é um mês pio.

São quase onze da noite quando Héloïse, Armand, Lisa e Jean-Baptiste deixam o cemitério. Guillotin já partiu há muito, e Jeanne e o avô não foram convidados para juntar-se ao grupo: está tarde e, é claro, não pode haver sarau agora, não pode haver alegria. Armand sugere uma ida até o Palais Royal para encontrar algum lugar para se sentarem e beber como soldados. Héloïse protesta. O Palais, em sua incansável euforia, há de deixá-los constrangidos. Podem muito bem beber em casa. Os Monnard provavelmente já se recolheram, e há brandy na cozinha e uma garrafa de aguardente lá em cima, no quarto. E vinho, naturalmente, o vinho de Monsieur Monnard. Será que isso não basta?

O grupo concorda. Quando entram em casa, o ar no corredor é denso como feltro, e a casa toda está escura e silenciosa. Os Monnard, com efeito, já se recolheram. Marie também, embora aparentemente tenha levado o brandy consigo para a cama, quem sabe como panaceia para o resfriado. Héloïse vai pegar a aguardente. Na sala de estar, Armand serve quatro copos de vinho pela metade e depois termina de enchê-los com a aguardente.

— Talvez tenha gosto de vinho agora — diz ele. — Um brinde a Slabbart. — Todos

erguem seus copos e bebem.

— Qual era o primeiro nome dele? — indaga Héloïse.

— Joos — responde Jean-Baptiste.

— Joos — repete baixinho Héloïse.

— Toque para nós, Armand — pede Lisa.

Armand balança a cabeça.

— A música provocará novas emoções. Devemos conservar as que já temos.

— Toque assim mesmo — insiste Lisa, pegando a mão do organista, afagando os pelos ruivos em seus dedos.

Ele dá de ombros, senta-se na banquetta, folheia as partituras acima do teclado — as peças que o Signor Bancolari tentou ensinar a Ziguette Monnard —, mas joga todas no chão e começa a tocar alguma coisa lenta que sabe de cor.

— Já está desafinado — comenta. — Tudo está, no mínimo, um semitom abaixo.

— Está perfeito — discorda Héloïse. — Por favor, não pare.

Jean-Baptiste atravessou a sala e se postou à janela. Fica ali, de braços cruzados, olhando para fora. Como só existe um par de velas na sala, ambas sobre o piano, ele consegue enxergar sem grande dificuldade. A lua está alta agora, quase diretamente acima deles, menor e não mais alaranjada. Armand toca durante vários minutos uma peça mais bonita que triste, mas triste mesmo assim.

Quando a música termina, Jean-Baptiste diz:

— Eles estão dentro da igreja.

— Os mineiros? — pergunta Héloïse.

— É.

— Uma vigília — diz Armand.

— Esqueça deles por ora — intervém Lisa. — Deixe-os em paz.

Jean-Baptiste assente e se junta aos outros junto ao piano.

Armand emenda uma música mais animada.

— Vocês se lembram da peça a que assistimos? Aquela dos criados e patrões? Esta é a ópera.

Ele toca a abertura e duas ou três árias. Conforme avisou aos outros, novas emoções surgem. O clima se altera e se torna — de um jeito perturbador, melancólico e inspirado pela bebida — quase alegre. Quando ele faz uma pausa, as mulheres aplaudem. Ele agradece com uma reverência.

— Eles continuam lá — comenta Jean-Baptiste, que, durante a interpretação da última

ária, foi incapaz de refrear o impulso de voltar à janela. — Eles têm luz. Fogo.

Armand se levanta da banquetta e se junta ao engenheiro próximo das venezianas.

— Não se pode esperar que eles fiquem lá no escuro — observa.

— O que você sabe sobre eles? — pergunta Jean-Baptiste calmamente.

— Sobre os mineiros?

— Sim.

— Tanto e tão pouco quanto você. São tão misteriosos quanto as enguias.

— Quero ir ver — diz Jean-Baptiste.

— Ver? Ver o quê?

— Ele quer ver o que estão fazendo — explica Héloïse. — Está preocupado, Jean?

— Mas que mal eles *podem* estar fazendo numa igreja destruída no meio da noite? — pergunta Lisa.

— Não faço ideia — responde Jean-Baptiste, pegando na mesa o chapéu. — Não me demoro.

— Vá com ele — diz Lisa a Armand.

— Como queira, minha pombinha — concorda Armand, revirando os olhos. Ele não tem chapéu. Segue o engenheiro em direção à porta. As mulheres se entreolham.

— O que somos agora? — indaga Armand, quando os dois param junto ao portão do cemitério. — Espiões?

— Silêncio... — diz Jean-Baptiste.

Eles atravessam a grama em direção à igreja. Uma onda de luz marulha nos vidros da janela acima da porta do lado oeste. Sob a cruz do púlpito os dois se detêm novamente, observando e ouvindo. Serão vozes aquilo que escutam, vozes que se elevam além das traves do telhado?

— Se vamos entrar — sussurra Armand —, pelo amor de Deus, entremos de uma vez.

A porta desse lado, aberta o dia todo, está fechada agora. Jean-Baptiste retira a tranca e empurra a madeira trabalhada. Em quatro passos eles cruzam o vestibulo. Encontram, então, uma segunda porta, com abas de couro gasto pendendo das dobradiças. Ela se abre sem alarde, mas imediatamente brota a sensação — a certeza — de que o que quer que esteja acontecendo dentro da igreja foi interrompido. Uma dúzia de pontos de luz marca o lugar onde os mineiros se acham reunidos em torno da pilha de bancos na nave. O primeiro homem que o engenheiro reconhece é Jacques Everbout. Atrás dele — quem é aquele? —, Rave? À sua esquerda, Dagua, Jorix, Agast. Nenhum deles se mexe. Todos

observam, observam atentamente os recém-chegados.

— Está sentindo o cheiro? — sussurra Armand.

— O quê?

— Cheiro de bebida. O lugar está fedendo a bebida.

— É etanol — diz Jean-Baptiste. Ele indica com o queixo dois jarros grandes envoltos em palha, os lacres rompidos, que foram postos, lado a lado, junto aos bancos.

Um movimento... Um homem dá um passo à frente, saindo de trás do grupo de um jeito quase despreocupado. Uma silhueta de branco. Camisa branca, calça branca, um pano branco no pescoço. Aproxima-se dos dois e fica a uma curta distância. Sua sombra, projetada à frente pelo círio nas mãos do mineiro às suas costas, escorre pelo chão de pedra e alcança os pés do engenheiro. É o mineiro do dedo aleijado. O mineiro dos olhos cor de violeta. O único que Lecoœur não conhecia. Hoornweder? Lampsins? Seja qual for seu nome, não há dúvida de que ele é o comandante aqui.

— Não era a nossa intenção — começa Jean-Baptiste, encontrando a voz com dificuldade — incomodar vocês. Vimos as luzes. Eu...

— Aquele é Slabbart? — pergunta Armand, apontando para uma espécie de trouxa sobre um banco no topo da pilha.

O mineiro de branco assente.

— Nosso irmão foi morto hoje. Esta noite, nós nos despediremos dele.

— Despedir? — indaga Jean-Baptiste. — Para onde vão levá-lo?

— Ele está onde precisa estar — responde o mineiro. — Vamos nos despedir dele aqui. — Olha para o engenheiro, espera pacientemente que o outro entenda, que junte as peças: a noite, o etanol, o cadáver embrulhado...

— Está falando em queimá-lo? Aqui?

— Este lugar o matou — diz o mineiro. — Matou o nosso irmão. Para nós está acabado.

— Mas, se vocês o queimarem aqui, a igreja toda vai pegar fogo! — argumenta Jean-Baptiste. — Vocês podem incendiar o quarteirão inteiro!

— É a igreja que vai queimar — diz o mineiro. — Pouparemos o resto.

— Quando a igreja começar a arder, o fogo escapará totalmente ao controle...

— Entendemos de fogo — diz o mineiro. — Entendemos muito bem.

— E quanto a Jeanne e o avô?

— Vou tirá-los daqui — atalha outra voz, uma voz que o engenheiro reconhece imediatamente. Jan Block

— Por favor, me ouçam — insiste Jean-Baptiste, buscando freneticamente um novo tom, algo melhor que mera incredulidade. — O irmão de vocês que morreu hoje... Sinto muito, sinceramente. O pedreiro me prometeu que os homens cujo descuido causou o acidente serão castigados. Ele me deu sua palavra. Talvez haja até... algum tipo de compensação.

— O que o pedreiro fizer — intervém o mineiro — é decisão do pedreiro. Não tem nada a ver conosco.

— Mas por que isso? Por que arriscar tudo?

— Você também arrisca. Arriscou na noite em que entrou no ossuário atrás de Monsieur Lecoœur, não foi? Vindo aqui agora, arriscou de novo.

— Deixe que eles façam o que quiserem — sussurra Armand, nervoso. — Você não tem autoridade aqui, neste momento. Não vão escutá-lo. Tudo isso acabou.

O mineiro já se afastou. Está dando ordens. Fala a própria língua agora. Não levanta a voz. Mais etanol é trazido da capela onde os jarros se encontram guardados. Os homens rompem os lacres, espalham o líquido sobre a madeira. Num último ato, dois dos mineiros escalam a pilha de madeira e derramam o restante do líquido em cima do corpo embrulhado. Quando descem, o mineiro de branco gesticula para que se afastem mais. Diz algumas palavras — uma oração ou despedida ritual — e depois pega o círio da mão do homem a seu lado, aproxima-se dos bancos, para, olha para o engenheiro, apossa-se de um segundo círio e vai até ele.

— Juntos — diz.

— O quê?

— Juntos.

— Queimar a igreja? Participar disto?

— Pegue o maldito círio! — diz Armand, preparando o corpo como se estivesse pronto, ansioso, para pegá-lo por conta própria. — Pegue antes que ele nos ponha lá em cima junto com o pobre do Slabbart.

No final não é tão difícil de fazer. Ele olha nos olhos do mineiro, nas profundezas frias e cor de violeta daqueles olhos, e não vê desafio, não vê ameaça. Vê o quê? Juízo? Filosofia? Loucura? Ou apenas ele mesmo, seus próprios olhos, o reflexo do próprio olhar? Estende a mão para aceitar o círio. No momento em que dele se apossa, no momento em que o segura nas mãos, tudo assume a natureza de um ritual, de algo ensaiado, algo cujo progresso é irresistível. Os dois homens se aproximam juntos da pira, ficam ali diante da madeira que se ergue além deles a uma altura de seis ou sete homens.

O mineiro atira seu círio primeiro, mirando para que aterrisse a dois terços de distância do topo da pilha. Jean-Baptiste, passado um derradeiro e breve momento de hesitação, joga o dele para que caia um pouquinho à frente. Durante um instante, os círios ardem serenamente, quase parecendo que irão se apagar sozinhos, mas, então, uma lufada de ar noturno, entrando pela abertura do telhado, os atíça, e chamas azuis brotam de seus pavios, erguem-se rapidamente e envolvem a cobertura de Slabbart, tornando a descer para seguir a trilha do etanol, chegando ao chão de pedra, aos próprios jarros, que se enchem imediatamente de chamas azuis.

O que foi que eu fiz?, pensa Jean-Baptiste. *O que foi que eu fiz!* Ainda assim tem vontade de rir, sente que tudo foi incendiado agora, não apenas essa igreja odiosa, mas tudo que um dia o oprimiu, ostensiva ou sutilmente. Lafosse, o ministro, o desdenhoso Conde S. O pai. Sua própria fraqueza e indecisão...

Eles aguardam; observam. A madeira, depois de banhada pelo sol de verão durante semanas, começa a estalar e refulgir. Em certos momentos, o próprio ar parece arder. Então, ouve-se uma pequena explosão — um dos jarros? —, e os mineiros começam a sair, a sair rapidamente, em silêncio. Não há algazarra ainda. O fogo precisa ser mantido em segredo até que fique incontrolável. Não há de demorar.

Armand agarra o braço de Jean-Baptiste, despertando-o do devaneio.

— Colbert — diz ele.

— Colbert? Nem sabemos se ele está aqui!

— Há quartos — explica Armand. — Atrás do altar.

Os dois contornam os bancos em chamas, pulam pequenos riachos de etanol chamejante, atravessam o coro, passam pelo altar. À direita, há duas portas. A primeira se abre para a escuridão: um quartinho rapidamente examinado. A segunda porta está trancada. Eles batem, chamam o padre pelo nome. Tentam arrombá-la, chutam.

— Use isto! — grita Armand, que derruba do pedestal uma estátua de madeira, uma daquelas peças que ninguém se daria ao trabalho de roubar, uma Joana D'Arc toscamente esculpida, a santa em armadura de madeira, segurando uma cruz diante do peito como se fosse uma flor. No segundo arremesso, ela racha a porta. No terceiro, a porta se escancara.

— Ele está aqui, não há dúvida — diz Armand com uma careta. — O lugar fede como um buraco de raposa.

O brilho do fogo orienta os dois, que também se utilizam das mãos para encontrar o caminho. Na extremidade do quarto existe outra porta, igualmente trancada, dando para a

rua. É Jean-Baptiste quem descobre o padre, quem consegue discernir um borrão branco enroscado numa cama na lateral do cômodo. A pele está pegajosa — coberta por uma camada de suor, seja de febre ou de inanição —, mas não é a pele de um morto. A dupla tira o padre da cama e o carrega, como um saco de avelã, para fora do quarto. Veem, então, que o homem está totalmente nu. Suas pálpebras estremecem, os olhos se abrem. A expressão nesse olhar é a de um homem que acordou e se viu nas mãos de demônios a caminho da fogueira.

Mais uma explosão. Os bancos e as vigas da pira de Slabbart começam a se deformar no calor. O próprio Slabbart está escondido atrás de paredes de chamas cujos topos cada vez chegam mais perto do teto aberto. Partes do coro queimam agora, as chamas encontrando passagem por entre os estreitos arcos de madeira. Com o padre balançando entre eles, duas vezes Armand e Jean-Baptiste são forçados a pular extensas fileiras de fogo serpenteante. Deus permita que os mineiros não tenham embarricado as portas! As portas não foram embarricadas, o caminho está livre. Depois de depositar Colbert no chão, eles enxugam as mãos na grama e tosse para expelir a fumaça da garganta. Será que foi dado o alarme? As chamas são nitidamente visíveis agora pela janela que dá para ali, e deve acontecer o mesmo com as janelas que se abrem para a rue Saint-Denis.

Jean-Baptiste procura o mineiro de branco, mas é Block quem ele vê primeiro, apressando Jeanne e Manetti a se afastar da casa. Ele corre até os três, tirando do bolso a chave da casa dos Monnard, a qual põe na mão de Block.

— Leve os dois para a rue de la Lingerie. Diga aos que estão lá para esperar. Você também. Se o fogo chegar perto, leve todos até o rio. Entendeu?

Block indica que sim com um gesto de cabeça.

Jeanne diz:

— Você precisa vir também!

— Não demoro — diz o engenheiro. — Andem logo!

Ela lhe estende a mão. Durante um segundo, Jean-Baptiste a aperta na sua.

— Me perdoe — murmura, embora não tenha certeza de que ela escute.

Observa o trio partir — o mineiro, o velho, a moça grávida —, observa seus vultos se afastarem, a fragilidade de suas silhuetas que aos poucos diminuem. Parece, pensa o engenheiro, o começo e o fim de todas as histórias jamais contadas.

Quanto tempo faz que jogaram os círios? Dez minutos? Meia hora? O incêndio já causa um barulho sobrenatural, gemendo, trovejando, sibilando. Que combustível o fogo terá descoberto naquele lugar? Que atmosfera incendiária estaria acumulada nas criptas

esperando uma fagulha? Flogisto! O fogo secreto de cada objeto, despertado e liberado! Na janela que dá para o cemitério, os vitrais bisotados começam a se quebrar. São tiros solitários a princípio, depois uma fuzilaria.

E, finalmente, um sino! O dobrar urgente e irregular de um sino. De Saint-Josse? Saint-Merri? Ele corre até o portão da rue aux Fers e sai para a rua. Há um bocado de gente ali que não precisou de sino para ser alertada, gente que perambula em roupas de dormir, alguns gritando, outros contemplando em silêncio a igreja, outros aparentemente felizes, como se estivessem numa festa de rua. Ele se junta à multidão que se acotovela, é levado de roldão por ela. Bem que lhe serviria agora ser mais alto do que é, mas, ainda assim, consegue ver o mineiro vestido de branco, consegue vê-lo de pé junto à fonte italiana, com uma das mãos pousadas na cabeça de um tritão de pedra e a outra gesticulando para orientar seus companheiros, seus irmãos. Eles lhe lançam olhares de vez em quando — os músicos para o mestre do coro —, mas parecem já saber o que precisam fazer. Empurram a multidão para trás, afastam-na dos muros, criam um cordão de isolamento. Alguns têm ferramentas, podadeiras artesanais prontas para neutralizar a ameaça de detritos abrasadores. Não há improviso nesses preparativos. Não há frouxidão em sua disciplina. *Entendemos de fogo*, dissera o mineiro. *Entendemos muito bem*. Será essa a primeira, a segunda, a terceira igreja que queimam? E o que mais? Uma fábrica? Um castelo?

Iluminada por baixo, a fumaça sobe numa torrente suja e alaranjada, e sai pelo telhado da igreja. Ele a segue com os olhos, vê como ela, enquanto sobe, toma a direção oeste... um vento leste! Não forte, mas talvez forte o bastante. Um vento oeste faria as chamas chegarem com facilidade à rue Saint-Denis. Do jeito como está — se o vento permanecer assim —, o fogo tem apenas o cemitério à sua frente. O cemitério, o ossuário. A rue de la Lingerie, também, é claro, embora decerto ele não vá chegar tão longe. E se chegar? Será que pode confiar que Block faça o que é preciso? Tem mais confiança em Héloïse e Lisa, não consegue imaginar que tipo de emergência estaria além da capacidade dessas mulheres.

Ele se vira para Armand, mas o homem a seu lado na multidão não é Armand. Está apontando para o céu, onde fagulhas do tamanho de pombas alçam voo em disparada por sobre as telhas. Fagulhas que *são* pombas — pombas ou pombos ou quaisquer que sejam essas coisas cegas que se agarraram a seus ninhos e agora, frenéticas e incandescentes, tentam futilmente escapar.

— Almas humanas! Almas humanas! — grita o homem, agarrando o braço de Jean-

Baptiste numa espécie de êxtase.

O engenheiro se liberta, abre caminho aos empurrões, força passagem entre dois dos mineiros (Rave e Rape, com os quais talvez não tenha de todo perdido a autoridade, o prestígio). Entra correndo pelo portão aberto do cemitério. Grita por Armand, corre, torna a gritar mais roucamente e, por fim, ouve uma resposta de algum lugar próximo à casa do coveiro. Devem ter posto fogo nela também. As telhas já fumegam, e a luz de chamas brilha atrás de uma das janelas do andar de cima. Armand está se afastando rapidamente da casa, o cabelo vermelho incandescente. Nas mãos, ele segura algum troféu. Uma garrafa verde reluzente.

— Eu sabia que ainda havia uma guardada lá — diz ele, fazendo uma pausa para expelir a fumaça dos pulmões. — Mas, se eu demorasse um pouco mais para encontrar...

Arrancando a rolha, ele puxa a garrafa com força e carinho para si.

— Ao partido do futuro! — brinda. Enxuga a boca e passa a garrafa para Jean-Baptiste. O engenheiro a aceita, bebe e depois aponta por cima do ombro de Armand com a mão que segura a garrafa. — A grama está pegando fogo.

É verdade. Centenas de lâminas de grama ardem entre a igreja e a cruz do púlpito, cada pontinha uma flor delicada que desabrocha apenas por um ou dois segundos. É de uma beleza inesperada. Não é fácil desviar o olhar.

Atrás deles, à sombra do fogo, o velho padre, nu como um verme, começa a berrar.

Um homem — um homem nem moço nem velho — está sentado na antessala de uma ala do Palácio de Versalhes. À exceção do reflexo do seu próprio vulto negro no verde saburroso dos espelhos, não há mais ninguém presente. Nenhum estranho elegante se senta dessa vez na poltrona estreita à sua frente. Mas estamos novamente em outubro, e há simetria suficiente aí.

Na extremidade do aposento, a porta da sala do ministro está fechada (há simetria nisso também). Logo, se nenhum criado de olhos encardidos aparecer para admiti-lo, ele vai se levantar e bater à porta ou arranhá-la, vai entregar seu relatório, as trinta páginas perfeitamente atadas com fita que se encontram em seu colo e que detalham — com várias omissões necessárias — a destruição da igreja e do cemitério de Les Saints-Innocents.

Ele alisa a capa do relatório com o lado da mão, espana dali alguma imperfeição imaginária, uma ou outra cinza, talvez. É instrutivo constatar quanta coisa pode conter um documento tão frio, de aparência tão inócua quanto um guardanapo dobrado! Um ano de ossos, de escavação de covas, de trabalho incessante. De corpos mumificados e padres cantores. Um ano diferente de qualquer outro que ele viveu. Que há de viver, quem sabe? Um ano de estupro, suicídio, morte súbita. De amizade, também. De desejo. De amor...

Quanto ao incêndio que lhe pôs fim, isso foi o assunto das últimas cinco páginas do relatório e, quando chegou a hora, não foi tão difícil de abordar quanto temera. Um punhado de mentiras sobre como e quando descobriu o fogo, algumas suposições espúrias quanto à sua causa. Em seguida, uma breve descrição do incêndio propriamente dito, como ele durou até o amanhecer do dia seguinte, como destruiu a igreja da maneira mais completa imaginável, destruiu a casa do coveiro, transformou em cinzas todos os ossuários (com exceção do ossuário oeste), danificou duas casas na rue Saint-Denis e uma na rue de la Ferronnerie, embora nenhuma delas por completo. Não houve — por que haveria o ministro de se interessar por isso? — necessidade de contar que a grama no dia seguinte se parecia com hastes de vidro negro, estalando sob as botas dos homens, que a

cruz do púlpito se destacava como um braço enegrecido dos destroços, que a fumaça pairou sobre o quarteirão durante dois dias antes que um grande aguaceiro a dispersasse, nem que o velho padre foi diagnosticado como insano pelo dr. Guillotin e levado de cabriolé pelo próprio médico para o hospício Salpêtrière.

Com relação aos mineiros, bastou relatar que a coragem e a vigilância deles salvaram do fogo muitas propriedades e que, depois do incêndio, todos trabalharam com afinco na limpeza. Levaram cinco semanas para derrubar o que teimava em permanecer de pé, para separar, quando possível, os ossos humanos do emaranhado de cinzas com que se misturaram... Mais dezenove comboios foram enviados para a pedreira até que ele, o mestre de obras, declarou que o que restara podia ficar e tornar-se parte do balastro sob as novas pedras que o mestre-pedreiro Sagnac viria a assentar, tendo o pedreiro sido formalmente encarregado de transformar o local no *Marché des Innocents*...

Pois isso foi o que se decidiu, o que ficou decretado. Um novo mercado em cima da velha terra come-carne do cemitério! O movimento do pequeno comércio, o pregão de mercadorias onde no passado havia apenas o som do sino do padre e o baque surdo da pá do coveiro. E Jeanne será dona de uma barraca, tendo declarado ser esse o seu desejo. De flores, flores secas e ervas, embora primeiro ela precise parir o que carrega naquela grande inchaço que ergue suas saias do chão. Guillotin mantém sua palavra de atuar como parteiro. Ele a visita com frequência e conta histórias divertidas e ternas da vida doméstica no apartamento da rue Aubri Boucher, da garota sonhadora, do velho coveiro, do mineiro. Na última dessas sessões, contou-lhes — a Jean-Baptiste, Héloïse, Armand e Lisa — do berço que Jan Block construiu, uma caminha sobre embaladeiras em forma de meia-lua, tudo, segundo o médico, feito à perfeição, com uma rosa gravada nos pés e um passarinho — um pardal — na cabeceira.

Os demais — os irmãos de Block — partiram já faz umas duas semanas, embora não se saiba para onde. Houve um último encontro entre Jean-Baptiste e o mineiro de olhos cor de violeta no jardim atrás de Saint-Sepulcre, onde os homens tornaram a montar suas barracas após o incêndio. Raiava a aurora, e uma camada de orvalho cobria as últimas flores de verão, as dalias e os gerânios. Jean-Baptiste foi até lá com o pagamento dos homens. O dinheiro foi aceito — a bolsa por um instante pesada na palma da mão do mineiro — e depois, com um ligeiro relaxamento do formalismo habitual, o mineiro informou ao engenheiro que todos partiriam na manhã seguinte.

Para Valenciennes?

Não.

Mas vocês permanecerão juntos?

Sim.

Então, eu desejo... sou grato a você. A todos vocês.

Um assentimento de cabeça.

Você é Hoornweder?

Lampsins.

Lampsins, então.

Moemus.

Moemus?

Sack, Tant, Oste, Slabbart...

Na manhã seguinte, os jardins estavam vazios. Nada além de um punhado de grama pisada para dizer que alguém andara por ali. Uma sensação estranha, perturbadora, de não tê-los mais por perto, ali ou em qualquer outro lugar. Héloïse o acusa de sentir saudades dos homens, e, apesar de rir para ela — como é possível sentir saudade de gente assim! —, há verdade no que ela diz. Dependeu deles, dependeu muito deles. Sem aquele misto específico de constância e rebelião, será que Les Innocents não estaria ainda espalhando sombra na rue Saint-Denis?

E de quem ele *não* dependeu? Quem foi que ele não onerou com tal fardo? O próprio relatório não poderia ser escrito sem Héloïse sentada a seu lado, página após página, na mesa em seu velho quarto. Quando a palavra necessária era uma palavra ainda não recuperada, ela a encontrava para ele, e, se preciso fosse, a escrevia para ser copiada (tendo ela aprendido a escrever com um clérigo lascivo, e ele, à ponta de vara com os irmãos da Congregação do Oratório). Os dois levaram três dias para redigir o documento, enquanto o calor do fim de setembro entrava pela janela aberta e os trovões rugiam sobre a cidade. Então, quando terminaram, os dois arrumaram seus pertences. Os dele mal levaram uma hora para caber no baú. Héloïse, com seus livros e chapéus, seus grampos, sapatos e fitas, gastou mais uma, embora pudesse ter levado menos tempo se Marie não estivesse sentada na cama em lágrimas e carecendo ser consolada a cada quinze minutos com a expectativa do retorno de Ziguette.

Ele não pretende ver Ziguette Monnard, não se puder evitar. É improvável, claro, que ela queira vê-lo — o que poderiam dizer um ao outro, afinal? —, mas sua chegada não é aguardada antes do final do mês, e a essa altura ele estará com Héloïse em Bellême e, depois disso, no novo apartamento da rue des Ecouffes.

E depois disso? O quê? O cemitério roubou alguma coisa dele, uma vitalidade que ele

terá de recuperar antes de ser capaz de seguir em frente. Vai ter de imitar os mortos durante um tempo; ou melhor, imitar aquelas sementes que permaneceram tanto tempo adormecidas e imperturbáveis na terra do cemitério. Então, quando estiver pronto — e quando aqueles *livres e louis* que guardou acabarem —, quem sabe visite seu velho mestre, Perronet, peça algum emprego decente, modesto, algum emprego que não o deixe à disposição de homens que ele não respeita, de homens que não o respeitam...

Olha para a porta da sala do ministro. Estranho como as portas fechadas não são todas iguais. Como, a seu jeito, são tão expressivas quanto as costas de um homem. Essa lhe diz que, ainda que fique sentado ali até o fim dos tempos, ela não se abrirá, a menos que ele mesmo se incumba disso. Põe-se de pé, puxa um cacho de cabelo, o qual prende atrás da orelha, coloca o chapéu debaixo de um braço, o relatório debaixo do outro, vai até a porta, bate duas vezes, escuta. Então, estende a mão para o metal frio, curvo, da maçaneta. A sala está vazia. Claro que está vazia. A mesa permanece ali, aquela mesma mesa grande, mas não há papéis sobre o tempo, não há migalhas de *macaron*, não há ministro. Será que alguém esteve ali nas últimas semanas? Meses? Ele pousa o relatório, com precisão, no centro da mesa. Fecha a porta, atravessa a antessala e chega ao corredor. Faz uma curva, desce um lance de escadas, percorre todo um segundo corredor, desce mais escadas e já vai entrar na boca de mais uma passagem ampla, margeada de portas e mal-iluminada, quando percebe que essa é a mesmíssima rota que seguiu no outono anterior, que está reprisando os mesmos enganos cometidos então, que de alguma forma se lembrou de como se perder exatamente da mesma maneira. Atrás *dessa* porta os cavalheiros poloneses jogavam cartas. Por *aquela* outra, ele viu a mulher ser carregada como se fosse um barco. E esta é a escada de serviço estreita e em espiral pela qual ele desceu, um ano atrás, e encontrou soldados, lavadeiras e garotos de uniforme azul. Hoje, salvo uma dupla de cãesinhos adormecidos num banco, ele está sozinho.

Abre a porta para o pátio de limoeiros. As árvores também foram parar em outro lugar. Um punhado de vasos de terracota vazios (todos grandes o bastante para esconder um homem), material de revestimento enrolado, uma fileira de ancinhos, enxadas e pás pendendo de pregos dispostos ao longo de uma parede... Vai até a janela, força a moldura úmida, sobe no parapeito, passa para o barril de água, pula.

Nenhuma badalada de relógio no palácio às suas costas — não é hora cheia —, mas o caminho se apresenta exatamente como há um ano, levando-o até o caramanchão, o banco e o cupido de pedra acima dele. Senta-se. Por que não? A tarde é quase quente, e ele não pretende ser um visitante frequente do Palácio de Versalhes. A sombra do cupido se

derrama sobre seus joelhos. Ele fecha os olhos, respira, é momentaneamente assaltado por uma sensação — bastante convincente — da eternidade do momento. Estará dormindo? Alguns passarinhos vão acordá-lo. Reúnem-se ao redor de seus pés, mas ele não tem coisa alguma para lhes oferecer. Eles se aproximam mais e mais, dando a impressão de que vão pular para suas mãos; então, ao ouvirem o ruído de botas pesadas correndo, alçam voo para o céu. Um homem surge, se detém junto ao caramanchão, olha para Jean-Baptiste por cima da echarpe que lhe cobre o nariz e a boca, murmura algumas palavras abafadas e incompreensíveis, e volta a correr. Alguns segundos depois, aparece outro homem, também mascarado, também correndo. Então, vem um terceiro, este usando o tipo de capuz de couro com um focinho pontudo que os responsáveis pela inspeção de casas costumavam usar durante surtos de peste. Depois de ver um quarto homem passar correndo, Jean-Baptiste se levanta para segui-los. É como seguir abelhas para a colmeia. Toda vez que se depara com uma encruzilhada no caminho e fica na dúvida sobre que direção escolher, basta aguardar um instante para que um homem passe correndo. Durante vinte minutos ele adere ao jogo de para e anda dentro de um labirinto de arbustos altos até chegar a um portão num muro de tijolos e, depois de atravessá-lo, a um pátio de areia. No extremo do pátio fica um grande barracão de pedra, o tipo de construção que se imagina servir para guardar carruagens de qualidade do tipo que existe em grande número em Versalhes.

Ele fica de pé encostado aos tijolos, observando. É pelas portas duplas abertas do barracão que os mascarados entram e desaparecem. Alguns reaparecem, saem correndo pelas portas e se apoiam sem fôlego de encontro a um muro antes de voltar relutantemente lá para dentro. Um deles, um garoto de azul, cambaleia até uma gamela, arranca a máscara e vomita.

Nitidamente é hora de partir. Nitidamente, também, será impossível partir sem saber o que há no barracão. Ele se aproxima das portas, andando em círculo, de lado, e então penetra o interior sombrio que elas abrigam. No centro do barracão, no difuso tumulto em seu núcleo, homens mascarados puxam cordas. Quatro grupos de homens, quatro cordas grossas. E, preso à extremidade das cordas, algo cinzento, vasto e solitário. Toda vez que os homens puxam e a massa cinzenta é balançada, ouve-se um tinido, como o de uma centena de sininhos tocando. Em pé sobre um balde emborcado, um homem supervisiona toda a operação. Ele não repara em Jean-Baptiste até que o engenheiro, furtivamente, se aproxime o bastante para afinal entender o que é que os homens tentam deslocar, aquele enorme e inchado peso morto em seu ninho de garrafas de vinho vazias,

um dos olhos vidrados grande como um prato de sopa, a ponta delicada de uma orelha canelada, uma presa curva e encardida... O supervisor bufa, então, enfurecido com o intruso, sua respiração fazendo inflar o pano que lhe cobre a boca. Ele aponta para a extremidade solta da corda mais próxima. Agita os braços: o desespero o enfurece. Durante vários segundos Jean-Baptiste encara o homem, sente por ele uma terrível pena fraternal, uma terrível repulsa fraternal. Então lhe vira as costas, espanta as moscas do próprio rosto e corre em direção àquela linha tênue que indica o fim do barracão e o começo da luz.

NOTA DO AUTOR

Esta é uma obra de ficção que combina o real com o imaginário, embora a Igreja e o cemitério certamente tenham existido, em boa parte conforme são descritos na história. Hoje, é claro, nada existe para ser visto do cemitério, salvo uma pequena praça cercada de restaurantes e lanchonetes junto ao shopping center subterrâneo de Les Halles. A velha fonte, a fonte italiana, foi deslocada, no século XIX, para o meio da praça, onde faz as vezes de ponto de encontro e lugar de descanso para os frequentadores do shopping. Os ossos do cemitério podem ser vistos nas Catacumbas de Paris, para onde mais tarde foram levados os ossos de outros cemitérios: inúmeros restos mortais arrumados ao longo de milhares de metros de corredores gotejantes muito abaixo do tráfego urbano. Vítimas do Terror que sobreveio, passados poucos anos, à destruição do cemitério supostamente também se encontram escondidas no terreno da velha pedreira. Acima da entrada das catacumbas, há uma inscrição gravada: “*Arrête! Cest ici l’Empire de la Mort.*” — “*Pare! É aqui o Império da Morte.*”

O mercado que passou a funcionar no local do cemitério, o Marché des Innocents, foi fechado pela última vez em 1858.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela
Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Puro

Resenha do livro:

<http://coleccionando-livros.blogspot.com.br/2013/03/news-puro-andrew-miller.html>

Página do livro no Skoob:

<https://www.skoob.com.br/livro/308156>

Página sobre o autor no Good Readers:

http://www.goodreads.com/author/show/142462.Andrew_Miller

Matéria sobre livro e autor no The Guardian:

<http://www.guardian.co.uk/books/2012/jan/24/costa-winner-andrew-miller-pure>

Perfil do autor no British Council Literature:

<http://literature.britishcouncil.org/andrew-miller>

Artigo sobre o autor na Wikipedia:

[http://en.wikipedia.org/wiki/Andrew_Miller_\(novelist\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Andrew_Miller_(novelist))

Matéria sobre o livro no The New York Times:

http://www.nytimes.com/2012/07/04/books/pure-a-new-novel-by-andrew-miller.html?_r=0

Entrevista em vídeo com o autor:

<http://www.youtube.com/watch?v=S3vbcizpLY8>

Sumário

Rosto

Créditos

Dedicatória

CAPÍTULO I

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

CAPÍTULO II

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

CAPÍTULO III

Carta

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

CAPÍTULO IV

1

2

3

NOTA DO AUTOR

Colofon

Saiba mais